



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP**

**Heloisa Helena da Fonseca Carneiro Leão**

**Amor e Criatividade: Ações Estéticas e Diversidade  
Na Construção do Futuro**

**DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**São Paulo**

**2009**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP**

**Heloisa Helena da Fonseca Carneiro Leão**

**Amor e Criatividade: Ações Estéticas e Diversidade  
Na Construção do Futuro**

**DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências sociais, sob a orientação do Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho.

**São Paulo**

**2009**

**Banca Examinadora**

---

---

---

---

---

## **Agradecimentos**

**Ao Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho um grande orientador e principalmente amigo**

**Ao CNPq que me possibilitou iniciar e concluir um sonho**

**Ao Prof. Dr. Jorge Albuquerque Vieira por seus conselhos e amizade**

**À minha filha Patricia e aos meus filhos**

**Às minhas amigas: Guti, Erica e Monica que me ajudaram e enriqueceram esta tese**

## **Dedicatória**

**Ao meu marido que me ensinou a amar com um amor incondicional.**

**Aos meus filhos, noras e netos que procuro dedicar e ensinar a força do amor.**

**Aos meus amigos, alunos e colegas que me permitem praticar o amor.**

**Aos meus pais e avós (*in memorium*) por terem me apresentado ao amor, à música, à poesia, às artes e à natureza.**

**À Frans Krajcberg por seu amor incondicional à natureza e a todo artista vivo ou morto que dedica sua arte à vida.**

**Ao Amor por ele mesmo por estar vivo e em processo.**

## SUMÁRIO

Resumo.....	1
Abstract.....	2
Resumé.....	3
1.Introdução.....	5
2. Síntese dos Capítulos.....	7
3. Capítulo I - A Criatividade no universo e nos seres vivos.....	10
3.1. A criatividade em um sistema aberto na construção do futuro.....	19
3.2. A criatividade em busca do admirável do ideal supremo <i>Summum bonum</i>	29
3.2.1. Estética e criatividade.....	29
3.2.2. Mudança de hábito: Um percurso valido para as Ações Estéticas.....	33
3.2.3. A criatividade do <i>Ágape Amor Criativo</i> .....	42
3.3. A criatividade no <i>homo Sapiens sapiens Demens</i> .....	45
3.4. Amor criativo Ação na construção do futuro.....	48
4. Capítulo II – A criatividade na arte e na vida.....	61
4.1. A criatividade na arte: arte como ação e política de libertação.....	65
4.2. A criatividade: O corpo como memória da vida.....	71
4.3. A criatividade: A arte na defesa da natureza.....	77
5. Capítulo III – Criatividade e sentidos da vida.....	90
5.1 Explicação de alguns tópicos.....	93
5.1.2. A criatividade por meio da educação estética do homem.....	93
5.1.3. Transdisciplinaridade – Complexidade – Classificação das Ciências Arquitetura Filosófica de Peirce.....	95
5.1.4. A criatividade por meio da sensibilidade: na sala de aula.....	104
5.1.5. A Criatividade por meio da sensibilidade: na participação em exposições.....	109

5.1.6. A criatividade por meio da sensibilidade e exemplos do cinema.....	122
6. Capítulo IV – Criatividade na Vida e nos Exemplos das Ações Estéticas.....	131
6.1. Inconclusão para o Futuro.....	139
7. Bibliografia.....	155
8. Glossário.....	162
9. Anexo 1- .....	170
10. Anexo 2 - Reportagens.....	188

## **Amor e Criatividade: Ações Estéticas e Diversidade Na Construção do Futuro**

### **Resumo**

Este trabalho reflete a preocupação atual sobre o homem, suas invenções e seu ambiente. A destruição da natureza e o futuro do planeta estão em jogo. No entanto, as novas descobertas tecnológicas têm a possibilidade de aproximar homem e natureza uma vez que utilizadas de forma racional e, ao mesmo tempo sensível. As ações do homem moderno são conseqüências da ciência tradicional que coloca a razão como o caminho único da verdade. Hoje, percebemos que as verdades absolutas não existem. Em conseqüência disso, pela ausência dessas verdades, o ser humano se sente desamparado. À medida que procuramos entender questões como a diversidade, as mutações e as novas tecnologias, o mundo se torna mais complexo para nós. Para resolver isso, o ser humano precisa olhar a seu redor e procurar por novas soluções. O embate entre o homem e o objeto de forma consistente é fundamental para a criação de um futuro diversificado. A busca por um mundo diferente é defendido por Ilya Prigogine, Charles Sanders Peirce e Edgar Morin. Prigogine afirma que o futuro não é algo estabelecido *a priori* e, sim, em constante construção. Enfatiza que outro futuro é possível, basta agir para modificá-lo. Em sua "Carta às Futuras gerações, ele convoca os jovens a agir por um amanhã diferente. Por estar presente em todas as manifestações do ser humano, a arte é fundamental para o resgate da sensibilidade que se perdeu na tirania da razão. Ao longo da existência da humanidade, homem e arte sempre foram parceiros e isso não pode ser esquecido. Apresentamos três artistas que ampliaram o fazer artístico. Lygia Clark propõe ao homem contemporâneo a redescoberta do corpo por meio de sua memória sensorial, Frans Krajcberg faz de seu percurso de vida um alerta contra a destruição da natureza. Joseph Beuys investe na ação dos indivíduos, pois considera todos os indivíduos artistas. Pensadores, artistas mostram as possibilidades do "Reencantamento do Mundo" por meio da criatividade e do amor como construtores do futuro. Além, deles, pessoas de sensibilidade apurada se dedicam a modificar o amanhã, por meio de ações estéticas.

**Palavras-Chave:** Amor, Criatividade, Construção, Ação Estética

## **Abstract**

### **Love and Creativity: Aesthetics Actions and Diversity in the construction of the Future**

This work reflects the present concerns of the humankind, their inventions and their habitat. The destruction of the nature and the future of our planet are in deep jeopardy, however the new technologic discoveries has the possibility to approach man to the nature, of course, if applied rationally, at the same time sensible. The actions of the modern man are consequences of the traditional science, which places the reason as the sole and only way to the truth. Today, we noticed that the absolute truth does not exist. In consequence, by the absence of the truth, the human been, feels abandoned. As long as we try to understand questions such as diversity, the mutation and new technologies, the world becomes more complex to us. To resolve this paradox, the man needs to look deeply around the world and try to find new solutions. The confrontation between man and object on a consistent way is fundamental to build a diverse future. The search for a different world is founded in Ilya Prigogine, Charles Sanders Peirce and Edgar Morin sources of in exhaustive reflection. Prigogine affirms future is not something established in advance, yet in constant construction, he emphasizes that future is possible, if we act properly to change. In his letter, "the future generations", he convoked youngsters to act for a different tomorrow. The art is present in all human being manifestations, it is crucial to redeem the sensibility that has been lost in the tyranny of the reason. Since the beginning of humanity, man and art always been partners, this cannot be forgotten or ignored. We presented 3 artists that amplified the artistic savoir-faire. Lygia Clark proposed to the contemporary man the re-discovery of the body by the sensorial memory, Frans Krajcberg, directed his life to alert against nature destruction, Joseph Beuys invests in the individuals actions, as he considers that all individuals are artists. Thinkers, artists have shown the possibilities of the "re-enchantment of the world" utilizing the creativity and love as "future constructors". Not only them, but also people with refined sensibility are dedicating themselves to modify the future, using esthetics actions.

**Keywords:** Love, Creativity, Construction, Aesthetics Actions.

## Resumé

### **Amour et Créativité: Les Actions Esthétiques et la Diversité dans la Construction de L'Avenir**

Cet thèse reflète la préoccupation actuelle sur l'homme, ses inventions et son environnement. La destruction de la nature et l'avenir de la planète sont en jeu. Par contre, les nouvelles inventions techniques montrent la possibilité d'approcher l'homme et la nature si celles-ci sont utilisées de façon rationnelle et au même temps sensible. Les actions de l'homme moderne sont les conséquences de la science traditionnelle, laquelle élégit la raison comme un chemin unique de la vérité. Aujourd'hui, nous voyons que les vérités absolues n'existent pas et par conséquent l'être humain est devenu déprotégé. Au fur et à mesure que nous cherchons à répondre à des questions comme la diversité, les mutations et les nouvelles technologies, plus le monde est devenu complexe. Pour résoudre cela l'homme a besoin de regarder autour de soi et de chercher des solutions nouvelles. Le choc entre l'homme et l'objet, d'une façon consistante, est fondamental pour la création d'un avenir diversifié. Le désir d'un monde différent est défendu par Ilya Prigogine, Charles Sanders Peirce et Edgar Morin. Celui-ci affirme que le futur n'est pas donné *a priori*, au contraire, c'est une construction permanente. Il souligne qu'un autre futur est possible et on doit agir pour le modifier. Dans la "Lettre aux Futures Générations", il incite les jeunes à agir pour changer l'avenir. L'art est une présence constante dans l'histoire de l'humanité et maintenant nous aidons à récupérer la sensibilité perdue à cause de la tyrannie de la raison. Nous évoquons trois artistes qui ont élargi les frontières de l'art, Lygia Clark, Frans Krajcberg et Joseph Beuys. Ceux-ci avec l'association des penseurs à ce sujet et des actions esthétiques ont la possibilité de "Reenchanter le Monde" par la créativité, l'amour et le désir de transformer l'avenir.

**Mots-Clés:** Amour, Créativité, Construction, Action Esthétique.

## O que é uma tese?

É refletir sobre a vida ou  
seguir passo a passo  
o percurso acadêmico?  
Eu sempre me pergunto  
sobre a vida e se é possível  
organizá-la *a priori*?  
Onde ficam os imprevistos que nos  
levam a deriva?  
Se o mergulho na vida  
exige saltos aleatórios  
Como uma tese pode ser  
construída linearmente?  
Como pode ser edificada a  
margem da vida?  
Uma tese é  
um caminho múltiplo  
que precisa antes de tudo  
estar em diálogo  
com a vida  
O que adianta uma tese  
mofando nas prateleiras  
a espera de um intelectual  
alienado?  
Uma tese deveria ser  
antes de tudo  
Leve como  
um romance  
Melódica como os sons da natureza  
ou uma sonata  
Bela como o por de sol  
ou uma tela  
Sonora como a poesia  
Sólida como a escultura  
Saborosa como o chocolate  
Deveria transparecer a carícia da mão amada e amiga  
Uma tese antes de tudo deveria  
refletir sobre o amor a amizade  
a tolerância à vida  
Em uma tese não poderia estar presente  
qualquer tipo de pedantismo  
Deveria estar impregnada de amor à vida  
Enfim!!! Uma tese deveria possuir  
a atração da lua para os amantes  
o brilho infinito das estrelas  
que guiam os viajantes  
em noites escuras

## 1. Introdução:

A tese que apresentamos é composta de duas partes: texto e vídeos. O texto é a parte teórica do processo e os vídeos são as experiências como pesquisadora e professora. A tese escrita tem o desejo de transformar o percurso acadêmico em um passeio de descobertas de ações e sentidos. Os vídeos mostram pesquisas artísticas realizadas sobre o tema e seus desdobramentos em sala de aula. O foco é direcionado à criação, à poesia, ao amor como incentivos às ações estéticas. Encontram-se no vídeo alguns exemplos de e-mail que investem na defesa do planeta e no amor ao próximo. A principal intenção é apontar para a necessidade de uma nova postura do homem frente aos problemas da atualidade. Esses problemas revelam a predominância de atitudes, por parte dos indivíduos, na procura incessante pela ascensão social em detrimento do amor ao próximo. O que nos conforta são as atitudes magnânimas de pensadores, artistas e indivíduos que procuram nadar contra uma corrente já institucionalizada. A arte a ciência a ação e a própria vida são as armas que possuímos para reverter um caminho traçado por nossos antepassados.

Nossa visão tem caráter transdisciplinar<sup>1</sup> entende o pensamento complexo como o entrelaçamento das diversidades e foca o homem e a vida por meio de uma constelação de possibilidades. Uma tese que enfoca a criatividade precisa do suporte de pensadores otimistas e visionários, que vejam o homem e a natureza

---

<sup>1</sup>Transdisciplinaridade: tem várias definições nos dias atuais. Neste trabalho usaremos a definição do prof. Dr. Ubiratan D'Ambrosio: A disciplinaridade, resultado do reducionismo cartesiano, desenvolveu métodos e objetos de estudo específicos. A multidisciplinaridade, já antecipada no discurso de Fontenelle na Académie des Sciences de Paris, no final do século XVII, que é a reunião de conhecimentos obtidos no quadro das disciplinas, logo se mostrou insuficiente para tratar problemas mais complexos. No curso do século XIX a interdisciplinaridade começa a se mostrar importante no ataque a fenômenos complexos e na própria formulação de novas visões da realidade. Mas igualmente, a crítica gerada pela própria interdisciplinaridade desde o início do século XX, estimulado pela mecânica quântica e por desenvolvimentos da biologia e por uma visão mais abrangente e universal da história do conhecimento, mostrou a necessidade de um novo enfoque ao conhecimento. A transdisciplinaridade é uma resposta a essa necessidade. O método de pesquisa transdisciplinar é holístico, abordando todo o ciclo do conhecimento, desde sua geração, organização intelectual e social, e difusão, comparativamente nas várias culturas do passado e do presente. A transdisciplinaridade se utiliza de todos os instrumentos materiais e intelectuais disponíveis.  
[http://www.cfh.ufsc.br/~aped/ubiratan\\_d.htm](http://www.cfh.ufsc.br/~aped/ubiratan_d.htm)

como um único bloco. A base teórica encontra em Edgar Morin, Ilya Prigogine, Charles Sanders Peirce e outros pensadores subsídios importantes no que diz respeito à unidade do homem, à ética e à estética. Peirce, por ser o mais antigo dos teóricos não foi entendido, quando criou sua filosofia, pois o ambiente da época não estava propício a perceber a importância de seus pensamentos e colocações. No entanto, Prigogine e Morin encontram, no momento presente, solo fértil para desenvolverem o tema.

Lembramos que na mesma época de Peirce o discurso do Cacique Seattle<sup>2</sup> (1855), procurou chamar a atenção sobre a transitoriedade da vida. O Cacique diante da ameaça da perda das terras dos índios Suquamish<sup>3</sup> para o governo americano escreve uma carta<sup>4</sup> de amor a terra e a natureza, na qual apontava, já naquela época, a necessidade de integrar homem/natureza. As palavras do Cacique Seattle naquele instante, assim como as de Peirce, foram palavras ao vento. Talvez hoje elas fossem entendidas, assim como as dos outros pensadores já o são.

É possível constatar que o novo ambiente e clima estão prósperos para “corações sensíveis” escutarem assimilarem e agirem na direção de um futuro mais justo. Além dos pensadores citados, a pesquisa encontra contribuições valiosas nos trabalhos de vários artistas, entre eles, Lygia Clark sobre a redescoberta do corpo, Frans Krajcberg com ações sobre a natureza e Joseph Beuys na divulgação da arte como ação ou ação como arte. A investigação tem encontrado pessoas diferenciadas que compõem a comunidade de interessados em melhorar a vida do

---

<sup>2</sup> A carta do Cacique Seattle pode ser lida na íntegra em Perry 2006

<sup>3</sup> **Cacique Seattle.** Francis Pierce, presidente dos Estados Unidos, propôs em 1854(5) comprar as terras dos índios Suquamish. O Cacique Seattle, chefe da tribo, sabedor de suas limitações frente ao governo resolve aceitar o pedido, no entanto, faz um belíssimo discurso em que mostra a transitoriedade da vida, uma transitoriedade que faz parte da continuidade, uma vez que está repleta de memórias, de hábitos e de mudanças de hábitos. As mudanças de hábitos e as ações indígenas levam sempre em consideração o respeito a natureza.

O discurso mais tarde foi transformado em carta por Perry (2006) e é um apelo em defesa da mãe natureza.

<sup>4</sup> Na realidade o Cacique não escreveu uma carta, ele proferiu um discurso no dia de entregar as terras ao governo, mais tarde esse discurso foi transformado em carta por Ted Perry.

próximo. Aos indivíduos, que movidos pelo amor atuam na existência, denominamos suas interferências de “ações estéticas”<sup>5</sup>.

Sabemos que escolher três teóricos do porte dos citados aqui é uma tarefa que impõe recortes, uma vez que conhecê-los, em profundidade, é impossível em um só trabalho. Nosso argumento se prende a alguns pontos de convergências existentes entre os pensadores e não tem a intenção de desenvolver um estudo profundo sobre eles. A pesquisa desenvolve e apresenta a criatividade e o amor como possibilidades de iluminar o trajeto escuro de ações, do passado e do presente, baseadas simplesmente na razão. Acreditamos que, no momento em que o lado sensível do humano dialogar efetivamente com o racional, o caminho do futuro será outro. Ressaltamos que não é o caso de colocar o lado sensível como predominante, porque, assim, estaríamos cometendo o mesmo erro daqueles que colocaram a razão. Defendemos o diálogo efetivo entre razão e sensibilidade para chegar à unidade e não a outra divisão. Afirmamos que não podemos saber *a priori* o resultado de tal assertiva, pois é impossível, em um caminho de incertezas, prever antecipadamente seus resultados. Estamos somente jogando sementes e desejando que ocorram mudanças significativas no amanhã. O trabalho divide-se em cinco partes: Introdução, 1º. capítulo: A Criatividade no Universo e nos Seres Vivos – Visão Otimista do Futuro. 2º. Capítulo: A criatividade na Arte e sentido da Vida. 3º. Criatividade na Vida, no Cinema e na sala de aula. 4º. Capítulo: Criatividade na Vida e nas Ações e Inconclusão para o Futuro.

## **2. Síntese dos Capítulos:**

### **2.1. Introdução**

---

<sup>5</sup> Ações estéticas esse termo é um neologismo foi criado por nós para explicar ações que transbordam de sentimento e amor ao próximo, ao ambiente, à natureza e à vida.

**2.2. capítulo I:** A Criatividade no Universo e nos Seres Vivos – Visão Otimista do Futuro. Esse capítulo apresenta como a ciência e alguns pensadores defendem a criatividade por ser uma característica de um mundo não determinado *a priori*. A criatividade é fruto da liberdade que existe em um mundo a ser construído e se o futuro não é dado, sempre há a possibilidade de modificá-lo. Entre os diversos pensadores destacamos: Ilya Prigogine, Edgar Morin e Charles Sanders Peirce, por possuírem uma visão otimista do homem e da vida. Esses pensadores, cada um na sua particularidade, entendem que a vida em um sistema pré-definido é irreal, pois a natureza é incerta. Acreditam na ação como força de mudanças. Defendem o amor como totalidade do homem e da vida. Entendem que a estética e a ética constroem o futuro.

**2.3. Capítulo II:** A criatividade na Arte e na Vida – Esse capítulo aborda as ações e reflexões de artistas preocupados com o homem e sua relação com natureza. Entre os artistas atuantes nessa linha apresentamos: Lygia Clark, Joseph Beuys e Frans Krajcberg. O trabalho dos artistas elencados se posiciona como ação e, da mesma forma que os pensadores constroem o futuro. Estamos em uma encruzilhada em que a criatividade e o amor serão a dominância do futuro.

**2.4. Capítulo III.** Criatividade na Vida, no Cinema e na sala de aula – Esse capítulo aponta para a pertinência do cinema como divulgador de sensações e de exemplos de conduta. Entre os vários filmes que abordam esse tema destacamos: A Corrente do Bem, A Última Grande Lição e Escola da Vida.

A lista de filmes é enorme e pode ser consultada no anexo. Entre eles têm alguns que foram tirados da realidade e outros que são fruto da ficção. Estamos conscientes que uma história real, um livro etc., quando vai para as mãos de um diretor ganha luz própria. Real ou não esse detalhe não é o importante, o que vale

para nosso trabalho são os exemplos abordados. Lembramos que a busca pela verdade<sup>67</sup> encontra diversas visões no seu percurso. Por isso mesmo é inatingível. Além dos filmes, o capítulo aborda também alguns trabalhos e manifestações de alunos. Como professora universitária divulgo aos meus alunos “A Carta as Futuras Gerações” de Prigogine e a “Carta do Cacique Seattle”. Desenvolvo com eles trabalhos artísticos no sentido de ação com o intuito de melhorar a relação homem/homem e homem/ambiente.

**2.5. Capítulo IV:** Criatividade na Vida e nos Exemplos das Ações. Sementes de Amor Visando o Futuro e Inconclusão para o Futuro. Esse capítulo aborda os exemplos de ações estéticas e éticas de pessoas empenhadas em modificar o futuro. Termina com uma conclusão que não conclui – inconclusiva, em virtude da impossibilidade de se determinar resultados *a priori*. O nosso trabalho é no caminho da distribuição de sementes utópicas e **agathópicas**.

## **2.6. Bibliografia**

## **2.7. Glossário**

## **2.8. Anexo 1**

## **2.9. Anexo 2 - Reportagens**

---

<sup>6</sup> Sobre a verdade encontramos em um mito africano a explicação da possível consistência da verdade de uma determinada verdade:

Uma lenda africana sobre a criação do mundo diz que Olofi, o senhor que criou tudo: o bem e o mal; o bonito e o feio; o claro e o escuro; o grande e o pequeno; o cheio e o vazio; o alto e o baixo; criou, também, a verdade e a mentira. A verdade era forte, marcante, bela, luminosa e a mentira era fraca, feia, opaca. Ao perceber a fragilidade da mentira, o senhor deu-lhe uma foice, para que ela pudesse se defender.

A mentira sentia inveja da verdade e, por isso queria eliminá-la. Certa ocasião quando a mentira defrontou-se com a verdade, desacatou-a. Elas brigaram e a mentira empunhando sua foice degolou a verdade, de um só golpe, esta, ao se sentir sem cabeça começou a procurá-la tateando a sua volta. De repente, ela apalpou um crânio e supondo ser o seu agarrou-o e arrancando-o de onde estava colocou-o sobre o seu pescoço. Mas, acontece que aquela não era a sua cabeça e sim a da mentira. Desde então, a verdade anda por aí enganando a todas as pessoas.

<sup>7</sup> Infelizmente, não tenho a referência sobre essa lenda. Quando recebi alguns livros de presente, de uma pessoa falecida, veio um com a dedicatória da lenda.

### 3. Capítulo I:

#### **A Criatividade no Universo e nos Seres Vivos:**

As artes levam-nos à dimensão estética da existência e – conforme o adágio que diz que a natureza imita a obra de arte – elas nos ensinam a ver o mundo esteticamente. (...) Trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana.

Morin. 2000:45

A questão real é que a arte é forma de conhecimento e todo conhecimento é função vital, todo conhecimento garante vida e complexidade. [...] Da mesma forma, a boa ciência envolve a qualidade do ato criativo científico. O belo modelo. A equação elegante. O experimento sofisticado.

Vieira. 2002:52

A Ciência é, e continua a ser, uma aventura. A Verdade da ciência não está unicamente na capitalização das verdades adquiridas, na verificação das teorias conhecidas. Está no caráter aberto da aventura que permite, melhor dizendo, que hoje exige a contestação das suas próprias estruturas de pensamento. Bronovski dizia que o conceito da ciência não é nem absoluto nem eterno.

Edgar Morin

Pretendo que a poesia tenha a virtude de, em meio ao sofrimento e o desamparo, acender uma luz qualquer, uma luz que não nos é dada, que não desce dos céus, mas que nasce das mãos e do espírito dos homens.

Ferreira Gullar

O homem só ensina bem o que para ele tem poesia.

Rabíndranáth Thákhur

Importante para desenvolver um paradigma efetivo para a PAZ é o movimento de abandono das hierarquias<sup>8</sup> lineares.

Amit Goswami

Estamos num universo predeterminado, somos, como escreveu Popper, espectadores de um filme já feito, do qual ignoramos o fim. Ou, como dizia Paul Valéry, estamos num universo em construção, onde o futuro ainda não existe e onde participamos na criação do futuro?.

Prigogine 1991:226

O saber científico, extraído dos sonhos de uma revelação inspirada, quer dizer, sobrenatural, pode descobrir-se hoje simultaneamente como “escuta poética” e processo natural nela, processo aberto de produção e invenção, num mundo aberto, produtivo e inventivo. Chegou o tempo de novas alianças, desde sempre firmadas, durante muito tempo ignoradas, entre a história dos homens, de suas sociedades, de seus saberes, e a aventura exploradora da natureza.

Prigogine 1991:226

---

<sup>8</sup> Se pudéssemos isolar um único conceito histórico que tenha impulsionado o ser humano e a sociedade para tanta violência e guerra, ele seria o de hierarquia. (Goswami.2007:260 )

A tese caminha na direção de levantar possibilidades na construção de um mundo melhor, por meio das ações estéticas. Nesse percurso os teóricos escolhidos possuem em comum, além de suas idéias avançadas e a ênfase na ação e na criatividade, visões otimistas sobre o futuro. Faço minhas, com pequenas mudanças, as palavras de Prigogine na "Carta às Futuras Gerações": Escrevo este trabalho na mais completa humildade. Meu trabalho é no domínio da arte. Não me dá qualquer qualificação especial para falar sobre o futuro da humanidade. As decisões humanas dependem das ações do presente e das expectativas para o futuro. A perspectiva sob a qual vejo o problema da transição da cultura da guerra para uma cultura de paz, embora, tenha se obscurecido nos últimos anos, não eliminou minha fé no ser humano. Continuo otimista e acredito na ação do homem para modificar o futuro.

Antes de adentrarmos nos temas: criatividade, arte e ação estética é necessário desenvolver poucas palavras sobre estética. A estética desde a Grécia Antiga até os dias de hoje sempre esteve presente na relação do homem com a sociedade, a cultura e a natureza. No entanto, como ciência surge somente por volta de 1750 com Alexander Gottlieb Baumgarten. A partir dessa data, os filósofos cada vez mais amplificam os limites da estética. No final do séc. XIX Charles Sanders Peirce amplia a abrangência da estética ao propor que esta assuma o direcionamento da vida, por meio da busca de um ideal admirável – *Summum Bonum*.<sup>9</sup>

Vários filósofos, ao longo do tempo, explicaram a estética de diferentes formas, mas o importante para este trabalho é o entendimento das mudanças que ocorreram no séc. XX. O ponto fundamental é refletir sobre a criação estética, não como a ciência do belo ou como um procedimento de arte, mas como um instrumento que permita um olhar abrangente do sistema vida. O olhar estético é que permite o alargamento e o entrelaçamento dos sub-sistemas que estão conectados ao sistema maior que é o universo. O diálogo entre todos os sub-sistemas agrega informação nova e permite novas descobertas. Como disse

---

<sup>9</sup> *Summum bonum* - ideal admirável é, segundo Peirce, o ideal estético da vida humana.

Marcel Proust<sup>10</sup>: “Uma verdadeira viagem de descobrimento não é encontrar novas terras, mas ter um olhar novo.” (Proust *apud* Morin. 2000:107) A estética em Peirce e em outros pensadores do séc. XX é fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa.

O importante é esclarecer que a criatividade defendida por Prigogine, Morin e Peirce está apoiada na ética. Prigogine aponta para a criatividade como descoberta, construção e novos direcionamentos. Na semiótica, de Peirce, a ética não se separa nem da estética e nem da lógica o que configura a totalidade. Morin defende a emergência da antropológica, que, segundo ele, seria um manifesto para a conduta ética assumir o destino humano. Os três teóricos defendem, em suma, uma nova postura do homem por intermédio da comunicação sistêmica e da inter-relação entre os subsistemas. Quando utilizamos a palavra estética, como criadora de um novo processo evolutivo, estamos incluindo a ética e a lógica. Em Peirce a estética representa o sentimento, a ética a ação e a lógica o pensamento. O sentir, o agir e o pensar não se separam e constituem a soma do indivíduo a unidade.

A intenção desse capítulo é refletir sobre a criatividade pelo caráter de descoberta. A união da arte e da ciência são os pilares de novas atitudes na busca de um futuro diferente. Não podemos esquecer que tanto a arte quanto a ciência possuem a liberdade em dialogar com a vida e produzir diferenças, sendo o grau de liberdade da primeira o diferencial no caminho do novo. Enfatizamos que tanto a arte quanto a ciência contêm no seu âmago a preocupação com a realidade e com a projeção do futuro.

A emergência da criatividade por ser fruto de um sistema aberto, aponta às visões multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar. A ação dos artistas e suas

---

<sup>10</sup> **Marcel Proust.** 1871 - 1922 intelectual francês, escritor de romances, de ensaios e crítico literário. É conhecido pela obra "Em busca do tempo perdido" (*À la recherche du temps perdu*). Publicada entre 1913 e 1927, em oito volumes: No Caminho de Swann, À Sombra das Raparigas em Flor, O Caminho de Guermantes (1 e 2), Sodoma e Gomorra, A Prisioneira, A Fugitiva e O Tempo Redescoberto.

reflexões ampliam as possibilidades de quebrar hábitos adquiridos e apontar para mudanças substanciais na relação homem/vida. A ocorrência dessas transformações é fruto do rompimento de ações e hábitos enraizados. Ao longo do trabalho apresentaremos reflexões de pensadores e artistas sobre arte, ciência e indivíduos. A meta é refletir sobre a probabilidade de o amor emergir como gerenciador de diversidades e atitudes. A importância da criação surge como elemento diferencial em um mundo complexo e unificado por ações estéticas.

Para Jorge Albuquerque Vieira<sup>11</sup> a arte tem a função de elaborar complexidade, pois possui vínculo e compromisso com a realidade, diferentemente do que tem sido dito. Assevera: "A questão real é que arte é forma de conhecimento e todo conhecimento é função vital, todo conhecimento garante vida e complexidade". (2002:52)

Vieira defende sua assertiva com base em Hans Vaihinger e na teoria do conhecimento<sup>12</sup>. Realça que a emergência do conhecimento possui várias formas diferentes de conhecer o mundo. Neste trabalho utilizamos o Ficcionalismo de Vaihinger, por ser pertinente no que se refere ao aspecto das criações artísticas.

Vaihinger defende que é possível formular pensamentos corretos, sobre o mundo e sobre a realidade, mesmo partindo de representações falsas.

*O conhecimento se forma no esforço da adaptação do indivíduo ao meio e é, conseqüentemente, - em seu momento inicial - uma forma criada pela espécie para sua conservação. Este tipo de 'pragmatismo' não só aspira a restabelecer a situação concreta do pensar como também reconhece o que Wilhelm Wundt chamou 'a heterogênese dos fins' e que Vaihinger qualifica de 'proliferações dos meios com relação aos fins', vinculando-se a elas, como motivo central, a tese das ficções conscientes. A heterogênese admite que, tendendo todo meio a tornar-se independente de seu fim, o conhecimento chega, finalmente, a constituir-se numa finalidade independente, a pretender descobrir por si e em si a realidade. Esta pretensão é, não obstante, injustificada quando levada a suas últimas conseqüências; o que o conhecimento faz é apenas, respondendo à sua finalidade biológica, criar ficções para a compreensão e domínio das situações problemáticas. (Vaihinger apud Vita. 1965:94)*

---

<sup>11</sup> **Jorge Albuquerque Vieira.** Engenheiro de telecomunicações, Astrofísica, Mestre em Física de Reatores pela COPPE/UFRJ e Dr. Em Comunicação pela PUCSP.

<sup>12</sup> A teoria do conhecimento defende: o Dogmatismo, o Criticismo, o Relativismo, o Perspectivismo, o Pragmatismo, o *Ficcionalismo* e o Cepticismo.

Vieira vai ao encontro de Vaihinger e esclarece que a necessidade de permanecer do ser humano é que o obriga a se adaptar ao meio e a construir ficções conscientes. Pode-se afirmar que, quando acontece uma descoberta, a qual, num primeiro momento, é entendida como relacionada aos objetos ideais (fora da realidade), com o passar do tempo, essa descoberta, mostra-se real, o que comprova o Ficcionalismo. Essa explicação é importante para mostrar que a criação existe de início só na imaginação e, muitas vezes, necessita de tempo para se concretizar. Um exemplo nos é dado por Leonardo da Vinci, pois diversas descobertas atuais vêm dos estudos feitos, por ele, no Renascimento. Fazer ficção é deixar a mente aberta para criar e ser impedido de concretizar seus devaneios por falta de tecnologia apropriada, mas o passar do tempo mostra a pertinência da ficção elaborada.

Mais um exemplo do ficcionalismo é encontrado em Ray Kurzweil cientista e um dos maiores nomes na criação de novas tecnologias. As suas invenções são diversificadas e investem em um futuro que presenciará a convergência do homem com a máquina. Kurzweil por seu desempenho ganhou a maior medalha que o governo dos Estados Unidos oferece a um homem da ciência. Aposta que em 2045 "o homem fundido com a máquina irá multiplicar em bilhões de vezes a sua inteligência, comparado ao que somos hoje." A possibilidade do homem em fazer backup do que não sabe vai ao encontro da ficção científica e encontra exemplos em filmes como: Matrix, Minha Noiva é uma Extraterrestre e muitos outros.

Kurzweil, atualmente, está afastado das criações e dedica-se a escrever e a dar conferências sobre suas idéias repletas de ficções para o futuro. A capacidade de criar ficções continua mais forte do que nunca, mas concretizá-las no tempo presente está difícil, ou melhor, quase impossível. Kurzweil explica os motivos de sua decisão:

Eu vi que o tempo não era bom para eu continuar estabelecido como inventor. Prevendo o que será feito, eu posso 'inventar' as tecnologias do futuro. Hoje eu ainda não posso inventar esses mecanismos, mas ao menos eu posso falar e escrever sobre eles.

O documentário Transcendent Man<sup>13</sup>, do cineasta Barry Ptolemy, apresenta ao grande público as idéias desse grande cientista e o elogio de Stevie Wonder à suas invenções: “Ray tem um dom, que foi dado a ele para o bem da humanidade”. Wonder se refere à máquina leitora de Kurzweil, um computador, que tem o poder de ler para os cegos. No youtube pode ser visto o Trailer do documentário. No anexo a reportagem do Estado de São Paulo sobre o cientista que projeta: seres humanos imortais, robôs com alma e cérebros descarregados na internet.

O ser humano tem a necessidade de internalizar informações do mundo e de aprender com elas para sobreviver, para tanto complexifica algumas alucinações. O ser vivo recolhe diferenças do mundo elabora uma organização de alguma maneira coerente com a realidade, faz ficção. O homem e a ciência fazem ficção consciente e a arte, por sua liberdade, faz ficção coerente (realidade) e fantasiosa (possibilidades). Depois de certo estágio de complexidade evolutiva, é possível fazer ficções de forma mais livre e planejada. Essa liberdade diz respeito à arte. Vieira acredita que o conhecimento artístico, por sua liberdade, antecede ao científico, fazendo da arte uma fonte, sem a qual a ciência não poderia viver.

Ao explicar as ficções elaboradas e a permanência, Vieira defende o conceito de *Umwelt* do biólogo Jakob Von Uexküll (1864 – 1944) que é a maneira como as espécies interagem com o ambiente. Uexküll defende a unidade do processo da vida como sistêmico. Um sistema coerente que dialoga sujeito e objeto. O pensador não defendia nem o objetivismo e nem o subjetivismo; sua defesa se dirige ao encontro da interação de ambos.

*Entendia o processo vital como um sistema coerente em que sujeito e objeto se definem como elementos inter-relacionados em um todo maior. (...) A definição de objeto por Uexküll antecipa a definição de 'sistema aberto'. (...) Cada processo de observação implica interações entre o observador e o sistema observado. (...) Nenhuma afirmação definitiva pode ser feita sobre eles, nem mesmo se existem ou não. Portanto, é impossível examinar*

---

<sup>13</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=ntY01qoIdus>

*objetos isolados de seu ambiente. (...) Desenvolveu seu conceito da 'Umwelt específica da espécie' – o segmento ambiental de um organismo, que é definido por suas capacidades específicas da espécie tanto receptoras quanto efectoras (definidas por Uexküll como 'percepção' e 'operação'). (Uexküll. 2004:20-22)*

Vieira enfatiza que o diálogo entre sujeito e objeto gera crise e, esta, criação. Criar é consequência de uma crise, “o ato de criação visa, entre outras coisas mais específicas, a permanência do vivo”. (2006:58).

Ao falar de crise e criação, Vieira assinala para a possibilidade de haver um padrão no ato criador. Cita o conceito de *Evolon* de Mende, *Evolon* seria um passo evolutivo<sup>14</sup>, a passagem de um nível de estabilidade a outro.

*Uma seqüência de **evolons** constitui uma escada evolutiva, pela transição repetitiva de um estado estacionário ao próximo. Atingir o estacionário, na verdade o metaestável, é uma imposição da permanência. As órbitas históricas que descrevem a evolução do sistema tendem à regiões de estabilidade em seu **espaço de estados** histórico: os extremos do *evolon* são regidos por **atratores**. A idéia de **evolon**, por conter as crises típicas das estruturas dissipativas de Prigogine (a rota do caos para a organização) e as crises típicas de processos de caos determinista (a rota da organização para o caos) contém fenomenologicamente a fusão de idéias ainda não bem conciliadas. (Mende apud Vieira.2006:60)*

Na mesma direção de Vieira, Amit Goswami<sup>15</sup> afirma que o desenvolvimento humano é gerido pela natureza, educação e criatividade. Cita Freud e diz que a natureza é regida por instintos inconscientes: Libido<sup>16</sup>. A educação está ligada ao ambiente que por sua vez possui uma parte inconsciente. A criatividade defendida por ele diz respeito ao impulso que tem origem no inconsciente coletivo. “A criatividade é a gestação de algo novo em um contexto inteiramente novo. O caráter de novo do contexto é o elemento fundamental.” (Goswami. 2007:265).

---

<sup>14</sup> Passo evolutivo diz respeito a patamares, a mudanças de nível e não a evolução no sentido de progresso. Muitas vezes, o progresso torna-se um retrocesso.

<sup>15</sup> **Amit Goswami**, físico, doutorado em física nuclear, nasceu na Índia, filho de um guru hinduísta. Pesquisador e professor titular de física teórica da Universidade de Oregon, nos EUA, por 32 anos a partir de 1968. Pesquisa a cosmologia quântica e aplicações da mecânica quântica ao problema da relação mente-corpo. Procura a convergência entre as tradições místicas e a científica, busca unificar a espiritualidade e física quântica.

<sup>16</sup> Embora, inicialmente, Freud definisse libido inteiramente em termos do impulso sexual, em trabalhos posteriores ele parece usar a palavra para indicar toda a “força vital”. Uso a palavra libido neste sentido freudiano mais geral. (Goswami.2007:341)

Argumenta que a diferença entre o homem e o computador é que o primeiro tem a natureza de criar novos contextos enquanto que o segundo trabalha em contextos preestabelecidos. O ser humano tem a capacidade de criar ao saltar para fora do sistema:

*A criatividade é, fundamentalmente, um modo não local de cognição. (...) A descoberta simultânea da mesma idéia científica<sup>17</sup> por indivíduos não conectados localmente, em diferentes tempos e lugares, fornece prova impressionante da não-localidade dos atos criativos. (Goswami. 2007:265-266)*

Goswami explica que existem:

*três estágios distintos no processo criativo. O primeiro é o estágio de preparação, de coleta de informações. O segundo é o grande estágio do processo criativo - a germinação e comunicação da idéia criativa. O terceiro e final estágio é o da manifestação, no qual uma forma é dada à idéia criativa. (2007:266)*

Assevera que a criatividade não é fruto de um diálogo ordenado entre as partes e que o ato criativo "é fruto do encontro do *self* clássico<sup>18</sup> e das modalidades quânticas". (Goswami.2007:266)

*A criatividade, portanto, é o encontro hierárquico entrelaçado entre as modalidades clássica e quântica do self: informação e comunicação, transpiração e inspiração. O ego tem de agir – mas sob orientação de um aspecto do self que não conhece. Em especial, ele tem de resistir ao desejo de reduzir o processo criativo a uma hierarquia simples de programas aprendidos. Essa redução na causa da eficiência é uma tendência natural, mas infeliz, do ego. (Goswami.2007:268-269)*

Goswami lembra os versos de Rabindranath Tagore:

*A melodia procura agrilhoar-se no ritmo,  
Enquanto o ritmo flui de volta para a melodia.  
A idéia procura seu corpo na forma,  
E a forma sua liberdade na idéia.  
O infinito procura o toque do finito,  
E o finito a sua libertação do infinito.  
Que drama é esse entre criação e destruição –  
Essa oscilação infundável entre idéia e forma?  
A servidão luta para obter a liberdade,  
E a liberdade procura repouso na servidão.*

---

<sup>17</sup> Este fenômeno não se restringe ao reino da ciência. Semelhanças no trabalho criativo de artistas, poetas e músicos que vivem em diferentes épocas e lugares são tão notáveis que sugerem também correlação não local. (Goswami.2007:266)

<sup>18</sup> *Self* clássico – termo usado neste livro para denotar a modalidade condicionada do *self*, o ego.

*Self* quântico – A modalidade do sujeito primário do *self*, além do ego, na qual reside a autentica liberdade, a criatividade e a não-localidade da experiência humana. (Goswami. 2007:332)

A criatividade por permitir novos caminhos representa a ruptura de idéias pré-concebidas e aponta para a visão sistêmica. O sistema criativo é aberto e não delimitado, pois se remete a totalidade e não as partes isoladamente. O processo criativo rompe com as visões lineares e condicionadas e possibilita a trama complexa. Stephen Nachmanovitch vem ao nosso encontro e explica bem a natureza da criatividade:

*Nenhum tipo de organização linear pode fazer justiça a esse tema; por sua própria natureza. (...) Olhar para o processo criativo é como olhar dentro de um cristal: Quando fixamos os olhos numa face, vemos todas as outras refletidas. (...) Os pré-requisitos da criação, são a alegria, o amor, a concentração, a prática, a técnica, o uso do poder dos limites, o uso do poder dos erros, o risco, a entrega, a paciência, a coragem e a confiança. (...) A criatividade é a harmonia de tensões opostas. (Nachmanovitch.1993:23)*

O olhar a totalidade em diálogo com as partes em uma visão sistêmica, em que todas as partes de um sistema dialogam entre si, faz emergir o mistério da vida. Acaba com a tranqüilidade de ações conhecidas para obrigar a atitudes novas. A criação surge do embate entre a transitoriedade e a eternidade da vida. É necessário abandonar as crenças estabelecidas e partir na direção de novas crenças.

*Improvisar é aceitar, a cada respiração, a transitoriedade e a eternidade. Sabemos o que **poderá** acontecer no dia seguinte ou no minuto seguinte, mas não sabemos o que vai acontecer. Na medida em que nos sentimos seguros do que vai acontecer, trancamos as possibilidades futuras, nos isolamos e nos defendemos contra surpresas essenciais. Entregar-se significa cultivar uma atitude de não saber, nutrir-se do mistério contido em cada momento, que é certamente surpreendente, e sempre novo. (Nachmanovitch.1993:30)*

Para entendermos como a criatividade é fundamental nas ações para o futuro é importante sabermos a diferença de sua ação em um sistema aberto e em um sistema fechado. O sistema fechado, por ser determinista, não permite a emergência da criatividade, por outro lado, o sistema aberto, por ser indeterminado, possui uma dinâmica que permite a emergência de visões novas e atitudes novas. O pensamento complexo<sup>19</sup> é fruto de um sistema aberto, pois permite as visões inter, multi e transdisciplinares.

---

<sup>19</sup> A complexidade é fruto de um sistema complexo e possui uma parábola que pode ser lida no final do texto, no anexo – Parábola da Complexidade.

### 3.2 A Criatividade em um Sistema Aberto na Construção do Futuro

$$\frac{\partial x}{\partial t} = L(\lambda) x + H(x, \lambda)$$

A noção de sistema aberto encontra em Ilya Prigogine<sup>20</sup> as bases necessárias para sua compreensão. Prigogine escreveu, com Isabelle Stengers, "A Nova Aliança", 1984, no qual levanta o problema da flecha do tempo. Defende a criatividade na construção do futuro e explica a nova visão de ciência. A mudança que ocorreu na ciência clássica é fundamental para se entender o pensamento de Prigogine.

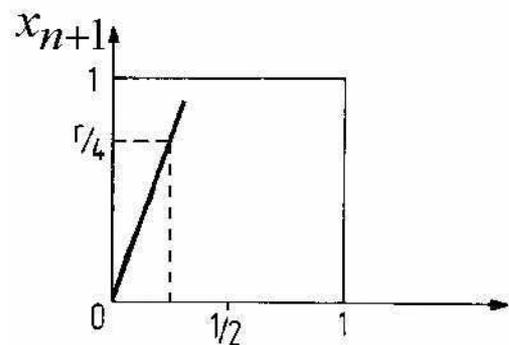
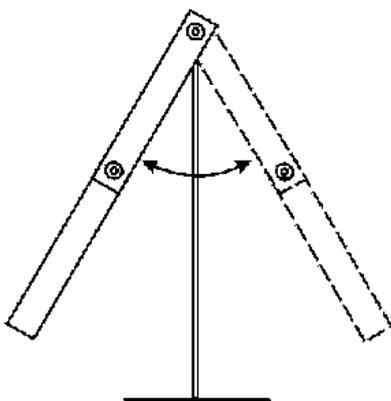
A fim de tornar acessível as explicações de Prigogine desenvolvemos a tabela abaixo com as diferenças existentes entre os dois tipos de universos: Universo simples, clássico – sistema em equilíbrio que representa a ciência tradicional e o Universo complexo – sistema longe-do-equilíbrio que representa a ciência contemporânea:

<b><u>UNIVERSO SIMPLES – CLÁSSICO</u></b>	<b><u>UNIVERSO COMPLEXO – PRIGOGINE</u></b>
<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Pessimismo;</li><li>▪ Determinismo (passado e futuro equivalentes);</li><li>▪ Reversível;</li><li>▪ Contínuo – linear – Estável e sem rupturas e grandes flutuações;</li><li>▪ Verdades;</li><li>▪ Universo Estável;</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Otimismo;</li><li>▪ Indeterminismo (futuro em Construção);</li><li>▪ Irreversível;</li><li>▪ Descontínuo – Acontecimentos – Bifurcações;</li><li>▪ Flutuações (quando são grandes as Estruturas Dissipativas) – Múltiplo – Instável e com rupturas;</li><li>▪ Possibilidades;</li></ul>

<sup>20</sup> **Ilya Prigogine** - Rússia 1917 - Bruxelas 2003. Ganhou o Premio Nobel de Química em 1977 pelos seus estudos em termodinâmica de processos irreversíveis e a formulação da teoria das **estruturas dissipativas**. Prof. Dr. da Universidade Livre de Bruxelas. Foi co-fundador do atual Centro Para Sistemas Quânticos Complexos.

<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sistema em equilíbrio – sem flutuações que interfiram na trajetória – simétrico no tempo;</li> <li>▪ Ordem Matéria inerte;</li> <li>▪ Universo geométrico intemporal, sem história, sem liberdade e criatividade;</li> <li>▪ Antropocêntrico (homem se- parado da natureza);</li> <li>▪ Mundo autômato.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Universo Instável;</li> <li>▪ Sistema longe do equilíbrio – com flutuações que modificam a trajetória – assimétrico no tempo;</li> <li>▪ Entropia – A Entropia (do grego εντροπια) é uma grandeza termodinâmica associada ao grau de desordem de um sistema ma-croscópico;</li> <li>▪ Universo orientado no tempo – fluxo do tempo;</li> <li>▪ História – Narrativo;</li> <li>▪ Matéria dinâmica;</li> <li>▪ Cosmocentrismo – união do homem e da natureza;</li> <li>▪ Liberdade e criatividade;</li> <li>▪ Mundo dinâmico.</li> </ul>
---	---

As pesquisas de Prigogine explicam que essa nova racionalidade é fruto da noção de sistemas abertos e da física do não-equilíbrio. Para explicar essa mudança é necessário compreender que, um sistema quando está perto do equilíbrio, embora, sofra flutuações e seu equilíbrio fique momentaneamente abalado, ele consegue voltar a sua posição estável anterior. Um sistema estável é semelhante ao pêndulo que ao sofrer um abalo sempre volta a sua antiga posição. A seguir exemplos de sistemas - um baseado no pêndulo e um de crescimento linear:



$$x_{n+1} = r x_n \text{ crescimento linear}^{21}$$

<sup>21</sup> <http://www.fsc.ufsc.br/.../fig-pendulo-modos.html>

Para se entender como atuam os sistemas<sup>22</sup> é importante saber que eles estão conectados internamente e externamente. O todo sistêmico é o responsável pela reestruturação do sistema por possuir determinados elementos e regras.

Na organização sistêmica, “os sistemas conectam-se internamente e na realidade, regidos pelos chamados *Parâmetros Sistêmicos*: Permanência, Ambiente, Autonomia, Composição, Conectividade, Estrutura, Integralidade, Funcionalidade e Organização”<sup>23</sup>. No momento em que ocorre uma flutuação todas essas etapas do processo atuam para a auto-organização do sistema. O processo de reorganização do sistema é o responsável pelo surgimento do novo ou, se não ocorrer uma auto-organização, por sua morte. Pode-se concluir que o elemento ativo na organização sistêmica diz respeito a permanência. Como define Vieira: “Todas as coisas tendem a permanecer”. (Vieira.2000:5)

É importante lembrar que a termodinâmica clássica é a responsável pelas explicações das estruturas em equilíbrio, que operam em sistemas isolados e em um determinado espaço de tempo relativamente longo e compreendido por sua estrutura de equilíbrio. Entretanto, no momento em que o sistema deixa de ser isolado e, torna-se aberto, ele começa a trocar matéria e energia com o ambiente e passa a ser compreendido por suas estruturas dissipativas. As estruturas dissipativas não possuem a ordenação defendida por Ludwig Boltzmann<sup>24</sup> na

---

<sup>22</sup> um agregado (m) de coisas (qualquer que seja sua natureza) será um sistema S quando por definição df existir um conjunto de relações R entre os elementos do agregado de tal forma que venham a partilhar propriedades P.

(m) S = df [ R (m) ] P - Definição de Uyemov

A vantagem dessa definição é que nos permite uma leitura direta da noção de sistema a partir de um de seus parâmetros mais simples, a idéia de composição, como expressa pela notação (m), o agregado que formará o sistema, além de explicitar a emergência do todo, a partir de P.

<sup>23</sup> VIEIRA, Jorge de Albuquerque. Sistemas e significação. In: FELTES, Heloisa Pedroso de Moraes. “Produção de sentido estudos transdisciplinares”. (Caxias do Sul: Educs, 2003. pp. 342)

<sup>24</sup> Boltzmann, (1844-1906) Físico austríaco, estabeleceu as bases da física clássica estatística, e relacionou a teoria cinética à termodinâmica. A física teórica sofreu mudanças importantes nos anos 1860-1870, após o estabelecimento da Segunda Lei da Termodinâmica, efetuado por Clausius e Kelvin; da teoria cinética dos gases por Clausius e Maxwell e da teoria do eletromagnetismo por Maxwell. Boltzmann estendeu a teoria cinética, desenvolvendo a lei de equipartição da energia das partículas pelos graus de liberdade, e calculando

termodinâmica clássica, ao contrário, estão ligadas a uma ordem por meio da flutuação.

Acontece que as estruturas dissipativas são o resultado da amplificação das flutuações ou flutuações gigantes “que resultam de uma instabilidade do ramo termodinâmico”. (Prigogine.1976:95) A estrutura dissipativa é fruto da amplificação da flutuação, sendo, portanto, a ligação entre a função e a estrutura. Em comparação a ordenação de Boltzmann, na qual as flutuações têm seu papel reduzido à uma simples ligação, as flutuações nas estruturas dissipativa são essenciais, porque permitem o surgimento da ordem e do novo.

A diferença da visão tradicional para a contemporânea encontra nas estruturas dissipativas o foco de mudanças. As estruturas dissipativas nascem:

*de um desvio do equilíbrio. (...) O caminho evolutivo singular compassado por uma sucessão de bifurcações. (...) Pode-se afirmar que sua atividade é produto da sua história e contém, portanto, a distinção entre passado e futuro. O Anel fica, assim, fechado, (esquema) e o mundo microscópico é, por sua vez, capaz de nos fornecer o ponto de partida de que tínhamos necessidade para toda e qualquer e qualquer observação. Resumamos esse esquema circular: (1991:214)*

A nova ciência está aberta a um futuro histórico:

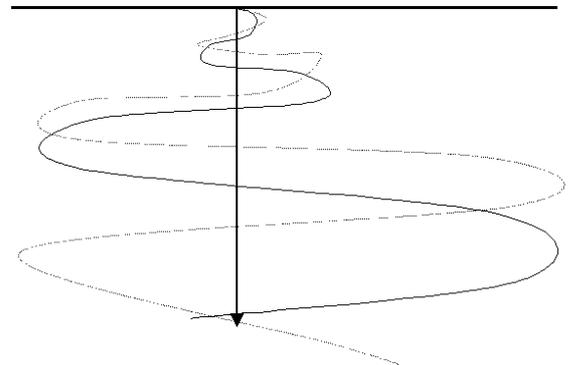
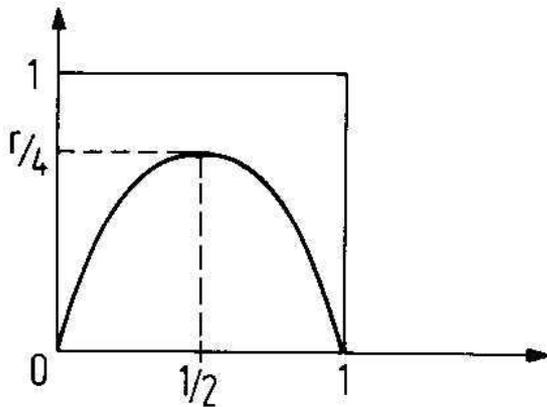
*É o das estruturas dissipativas que constituem a chance das singularidades aleatórias. Esse esquema não traduz, pois, uma verdade de ordem lógica ou epistemológica, mas a da nossa condição de seres macroscópicos num mundo mantido longe-do-equilíbrio. (1991:214)*

*O ponto mais importante é que, longe do equilíbrio, não existe nenhuma garantia que o sistema voltaria ao seu estado inicial quando perturbado. Ao contrário, o sistema, começa a explorar novas estruturas, novos tipos de organizações espaço-temporais, que denomino de estruturas dissipativas. (...) Muitas vezes descrevo esse comportamento dizendo que a matéria perto do equilíbrio é cega; cada molécula pode enxergar tão somente suas vizinhas. Longe do equilíbrio, porém, temos correlações de longo alcance que são essenciais à construção de novas estruturas. A vida seria impossível sem esses processos em estados de não-equilíbrio. (Prigogine 2001:70)*

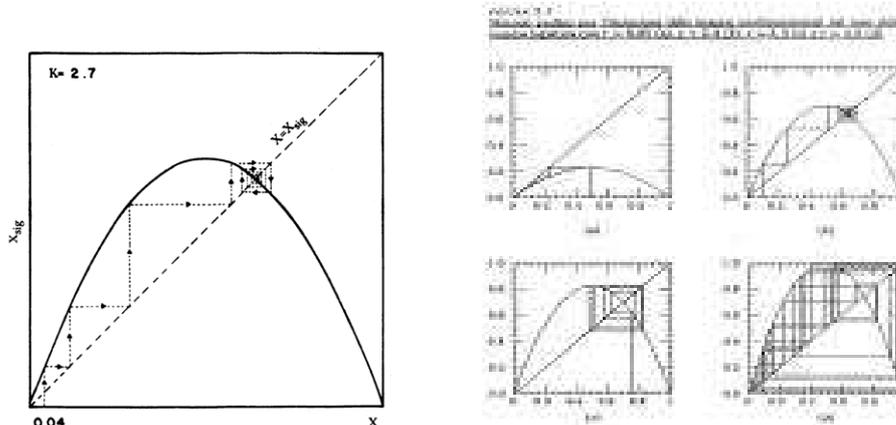
---

quantas partículas possuem uma determinada energia, originando a chamada distribuição de Maxwell-Boltzmann. (<http://www.fem.unicamp.br/~em313/paginas/person/boltz.htm>)

Alguns exemplos de sistemas longe do equilíbrio – Caóticos:



$x_{n+1} = rx_n(1-x_n)$  crescimento não-linear



As imagens acima mostram os comportamentos dos sistemas não lineares, caóticos e imprevisíveis. O mundo em que vivemos é regido por probabilidades e não por certezas. Verifica-se que as afirmações de Prigogine são importantes para o entendimento do mundo regido pela indeterminação: “Escolhas, possibilidades, incertezas são simultaneamente, uma propriedade do universo e da existência humana”. (Prigogine *apud* Carvalho 2001:12)

*Se concordarmos com Trin Xuan Thuan que o caos se incumbe de liberar a matéria de inércia, e o acaso e a indeterminação impregnam, galáxias e estrelas, é possível até supor um reencantamento da natureza, da vida, do amor e da própria temporalidade. Aqui reside a transição com a qual a ciência vem defrontando, ao assumir a probabilidade e a irreversibilidade como pontos de partida nevrálgicos para uma visão mais otimista da natureza e dos seres humanos, e a arte como a metáfora mais convincente a esse tipo de cosmovisão. (Carvalho 2001:11-12)*

A frase acima retrata o ponto primordial do trabalho: "a arte como a metáfora mais convincente a esse tipo de cosmovisão". As artes e as ciências juntas para encontrar uma visão mais otimista, global e agir com amor na consolidação do diálogo entre homem/homem/ e homem/natureza.

Prigogine afirma a pertinência da criatividade tanto na ciência como nas artes. Afiança que elas não estão separadas, uma vez que a ciência não pode estar separada do homem. Enfatiza que a criatividade científica não se limita a grupos isolados, mas está na vida. "Vemos mais claramente como a criatividade humana prolonga a da natureza." (2001:17) Portanto, é possível falar de criatividade no homem e na vida.

Ao defender a criatividade como fonte de mudanças, Prigogine aponta para a liberdade e a responsabilidade do homem frente ao futuro. Esclarece que a emergência da criatividade é fruto da complexidade e dos sistemas abertos. Em suas pesquisas, constatou que o sistema vida não é fechado e não está em equilíbrio, como se pensava no passado, ao contrário, é aberto e está longe-do-equilíbrio. É um sistema instável em consequência, de sua abertura ao ambiente e por sofrer perturbações do sistema como um todo. Prigogine argumenta sobre a importância do fluxo do tempo, de um tempo que não é reversível e, sim, irreversível. Ao explicar que não existe uma equivalência entre passado e futuro aponta um novo caminho. Essa nova direção não é linear e possibilita a emergência da criatividade como um elemento construtivo do futuro. Chama atenção para o acontecimento, àquilo que chega sem ser esperado, o contingente, o acaso, o imprevisível. E afirma a impossibilidade de se incluir a criatividade em um mundo já determinado.

É possível que a construção do futuro, regida pela criatividade e pela ação estética, seja uma alternativa evolutiva para o século XXI. A nossa tese é que o conceito de criação estética se ampliou, com o passar dos tempos, sofreu

mutações e chega ao momento presente com a probabilidade de modificar o caminho evolutivo.

Para focar a necessidade da criatividade na visão otimista de Ilya Prigogine, as reflexões de Edgard de Assis Carvalho<sup>25</sup>, explicam o sentimento de amor pelo universo de Prigogine. Carvalho cita William Blake<sup>26</sup> em *Agrúrias da Inocência*: “Para ver o mundo num grão de areia e todo o firmamento numa simples flor silvestre, pegue o infinito na palma de suas mãos.” Certamente esse verso de Blake consegue antecipar a visão de universo em Prigogine. Carvalho lembra que “Ilya Prigogine nos transmite exatamente uma visão de totalidade que, exige novas alianças entre o homem e a natureza, entre a ciência e a filosofia”. (Carvalho 2001:12)

Em virtude dos questionamentos sobre o comportamento de sistemas longe-do-equilíbrio, perguntaram a Prigogine sobre a finalidade de seu trabalho. O Prêmio Nobel respondeu “que suas pesquisas pretendiam apenas demonstrar um universo em construção contínua, crivado de explosões de novidades e criatividade”. (Prigogine *apud* Carvalho 2001:11)

É importante ressaltar que a arte possui exatamente a função de direcionar, no presente, o percurso de um dos caminhos possíveis para o futuro. Mostrar a ação do invisível é a meta do artista, pois ele consegue visualizar na situação caótica da realidade possibilidades de percursos. Como afirmou Prigogine é impossível incluir a criatividade em um mundo já determinado.

---

<sup>25</sup> **Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho.** Prof. Dr. do Departamento de Antropologia, Pós-Graduação e Graduação da PUC-SP, onde coordena um curso sobre Edgar Morin. Tem vários livros publicados é um dos grandes defensores do Pensamento Complexo no Brasil. Coordena o Complexus, grupo de Estudos do Departamento de Ciências Sociais na PUCSP.

<sup>26</sup> **William Blake** Primeiro dos grandes poetas Românticos ingleses, como também pintor, impressor, e um dos maiores gravadores da história inglesa.

Pode-se ver nas frases de Willian Blake, abaixo, a necessidade de haver uma abertura humana para o invisível, a visão de criatividade como fator construtivo. “Existem coisas conhecidas e coisas desconhecidas. Entre elas existem portas. (...) O que hoje está provado, ontem era apenas um sonho. (...) Se as portas da percepção fossem abertas tudo pareceria ao homem como realmente é infinito.”

Observa-se, atualmente, que a obra de arte contemporânea provoca uma troca e um jogo entre o que é visível e o que é invisível, sendo, por isso, os sentidos tão importantes nesse processo. Para enfatizar o real e o irreal ou o tangível e o intangível o poema: *A Atuação do Invisível no Visível* de Lao-Tsé<sup>27</sup> é pertinente na função criativa.

*Trinta raios convergentes no centro  
Tem uma roda,  
Mas somente os vácuos entre os raios  
É que facultam seu movimento.  
O oleiro faz um vaso, manipulando a argila,  
Mas é o oco do vaso que lhe dá utilidade.  
Paredes são massas com portas e janelas,  
Mas somente o vácuo entre as massas  
Lhes dá utilidade –  
Assim são as coisas físicas,  
Que parecem ser o principal,  
Mas o seu valor está no metafísico.*

Prigogine argumenta sobre o direito de escolhas que o homem possui e mostra que a ciência clássica ao criar as leis deterministas e reversíveis, não respeitou o fluxo do tempo e não permitiu a emergência das escolhas. “O materialismo clássico, que assimila o universo a uma máquina, pede um relojoeiro! Ao passo que um universo que se auto-organiza é um universo no qual você tem direito de escolher!”. (2002:74)

---

<sup>27</sup> **Lao-Tsé** Filósofo e alquimista chinês. É possível que tenha vivido aproximadamente no Século IV a.C ou no VII a.C. A ele é atribuída a autoria de uma das obras fundamentais do Taoísmo: o Tao Te Ching. A influência deste livro é tão disseminada que tornou-se na atualidade um dos livros mais traduzidos em todo o mundo.

**Lao-Tsé** explica que: “O invisível age pelo visível. (...) A aparente passividade da alma se manifesta pela atividade do corpo. (...) A essência se revela em todas as existências. Quando o Todo, que é, age pelo Nada, que não é – então Algo começa a existir. Os fatos não criam valores, mas o valor produz os fatos.” (Lao-Tse 1989:46)

A complexidade é a possibilidade de mudança de rumo. É entender que um sistema simples é regido pela escassez de liberdade (leis deterministas e reversíveis). Os sistemas complexos comportam aberturas e liberdades (leis indeterministas e irreversíveis). Acontece que muitos sistemas aparentemente simples estão impregnados de complexidade.

Na complexidade do universo é importante observar o papel da entropia<sup>28</sup> (desordem). No momento em que o sistema se desorganiza emerge a criatividade. Surge, então, o elemento narrativo do sistema que está vinculado à flecha do tempo. Esse elemento é fundamental por possuir, ao mesmo tempo, unidade e diversidade.

Prigogine diz que tanto Einstein quanto Borges<sup>29</sup> foram ambivalentes ao negar o tempo<sup>30</sup>. E afirma: “O tempo e a realidade estão irredutivelmente ligados. Negar o tempo pode parecer um consolo ou aparecer como o triunfo da razão humana, é sempre uma negação da realidade.” (1996:197)

Prigogine adverte que o mundo regido pelo tempo, pela história é uma narrativa que nos remete a Sherazade e as “Mil e uma noites”. Enfatizando a complexidade e a irreversibilidade afirma:

*O universo não faz lembrar agora aqueles contos árabes em que cada história se encaixa em outras histórias? A história da matéria encaixa-se na história cosmológica, a história da vida na história da matéria. E por fim, nossas próprias vidas estão mergulhadas na história da sociedade. (1996:192)*

---

<sup>28</sup> “A noção de entropia é uma etapa essencial. Permite sair da geometria intemporal clássica e introduzir um elemento narrativo na concepção que temos do mundo. A entropia exprime a flecha do tempo, estreitamente ligada a dois outros aspectos que são a importância das flutuações e a imprevisibilidade ligada as duas ações.”

<sup>29</sup> **Jorge Luis Borges.** Argentina 1899 - Suíça 1986 escritor, poeta, tradutor, crítico e ensaísta internacionalmente conhecido por seus contos e histórias curtas.

<sup>30</sup> Prigogine questiona Borges sobre o tempo em: “Uma nova refutação do tempo” – “E, no entanto, no entanto... negar a sucessão do tempo, negar o eu, negar o universo astronômico são desesperos aparentes e consolos secretos.... O tempo é a substância de que sou feito. O tempo é um rio que me arrebatou, mas eu sou o rio; é um tigre que me destroça, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo. O mundo desgraçadamente, é real; e eu, desgraçadamente, sou Borges.” (Borges *apud* Prigogine.1996:197)

A possibilidade de mudança é resultado da criatividade e responsável pela visão otimista de Prigogine. "Estas novas estruturas estão ligadas a bifurcações que, introduzindo um elemento histórico na descrição, permitem que o sistema passe espontaneamente de um estado não organizado para um estado organizado." (1998:233)

A repetição dos acontecimentos na visão clássica impede a ação criativa. "O universo é uma realização num universo das coisas possíveis. (...) Essa visão de um universo evolutivo, assimétrico no tempo, reintroduz um elemento narrativo, uma história." (1998:235-136)

A ação da arte pode conseguir o retorno da união homem/natureza. Como conseqüência dessa união, o homem percebe a complexidade<sup>31</sup> do futuro. A

---

<sup>31</sup>Complexidade: é a escola filosófica que vê o mundo como um todo indissociável e propõe uma abordagem multidisciplinar e multireferencial para a construção do conhecimento.

Edgar Morin: A **Complexidade** é um tecido de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. A complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal. Mas então a complexidade, apresenta-se com os traços inquietantes da confusão, do inextricável, da desordem, da ambigüidade, da incerteza... Daí a necessidade, para o conhecimento, de pôr em ordem nos fenômenos ao rejeitar a desordem, de afastar o incerto, isto é, de selecionar os elementos de ordem e de certeza, de retirar a ambigüidade, de clarificar, de distinguir, de hierarquizar... (Morin.2001:20).

Parábola da Complexidade:

A questão da complexidade está na moda, mas no sentido em que vou utilizá-la, ela é antiga. Lichtenberg, que vivia no século XVIII, já a tinha colocado na forma de uma parábola, num texto que o põe em cena como químico sonhando (Lichtenberg era a um só tempo químico, escritor, físico, crítico literário, etc.). Lichtenberg-químico sonha que um Ser sobrenatural, ao qual ele não dá nome, mas que é evidentemente Deus criador, confia-lhe uma bola mineral. Pede-lhe para analisá-la e lhe designa um laboratório bem equipado. Lichtenberg pensa que esta é a oportunidade de sua vida: - ele vai descobrir um corpo desconhecido, com propriedades surpreendentes. Começa a trabalhar... A bola está com um pouco de poeira e ele a sopra; ela está úmida, ele a enxuga; testa suas propriedades em relação à eletricidade friccionando-a. Nada de particular, não é âmbar. Depois ele a analisa quimicamente e não encontra nada interessante, nada senão compostos conhecidos... Decepção. O Ser sobrenatural reaparece e pergunta: "analisou?", e Lichtenberg, perplexo, atônito, lhe dá a lista dos constituintes. - "Você sabe o que analisou, mortal? Esta bola é o globo terrestre" (é um sonho; devemos imaginar uma terra sem âmagos ardentes, evidentemente). E o Ser sobrenatural descreve para o químico como, desde as primeiras operações, desde que se "apropriou" da bola soprando-a, enxugando-a com seu lenço, ele suprimiu tudo o que na terra tem de interessante, de singular. Os oceanos foram "soprados", os Andes são essa poeira que está ainda agarrada em seu lenço, etc... O primeiro gesto de Lichtenberg, que ele acreditava ser neutro, insignificante, que fez sem pensar, e que era realmente o gesto de apropriação, reduziu a terra a um composto mineral qualquer. No final do sonho, Lichtenberg, ainda químico, mas jurando tomar todas as precauções possíveis e imagináveis, pede uma nova chance. O Ser sobrenatural lhe concede a nova chance e lhe diz: "Analise quimicamente o que encontrar nesse saco". Lichtenberg abre o saco e cai de joelhos para pedir perdão, enquanto químico, por sua arrogância. Dentro do saco há um livro, e ele sabe que poderá analisá-lo sem que, evidentemente, a análise química lhe permita dizer o que quer que seja de interessante.

complexidade potencializa a força do momento presente em construir o amanhã, uma vez que produz diversidades e bifurcações. As bifurcações são frutos da liberdade de criar caminhos e a complexidade é o caminho otimista e intermediário entre as visões deterministas, céticas de um passado pessimista. A criatividade negada no mundo determinista torna-se o centro refletor no mundo indeterminado. Prigogine assevera que a noção de complementaridade entre a repetição e a criatividade construirá o futuro.

A união da razão com a sensibilidade enfatiza o diálogo entre os pensamentos objetivo e poético e potencializa a reflexão humana e a expansão da mente. A pesquisa defende a ação de artistas e de indivíduos do mundo como propositores e executores de ações estéticas. Os artistas, por meio das Performances, Instalações perceptivas etc., contribuem para o aumento da sensibilidade e o desenvolvimento da relação homem/natureza pelo viés da complexidade<sup>32</sup>.

Prigogine em sua visão otimista sabe que não é fácil se chegar a um futuro feliz. Sabe das dificuldades em direcionar positivamente o uso das novas tecnologias, uma vez que interesses comerciais estão em jogo. No entanto, deve-se ter esperança e olhar o futuro de forma doce e não amarga. Para Prigogine, o futuro é uma construção e sempre há a possibilidade de se reverter o caminho destrutivo. Sonha e investe no reencantamento do mundo por acreditar nos jovens. Com esse espírito otimista, Prigogine escreve uma Carta às Futuras Gerações<sup>33</sup> com o intuito de alertar a juventude sobre o amanhã e a instigá-los a uma tomada de decisões coerente e construtiva:

---

O sonho de Lichtenberg é a própria parábola da complexidade: a maneira pela qual abordamos aquilo com que lidamos é pertinente relativamente ao problema que nos é colocado por aquilo com que lidamos?" (p.151, 152) Procurei essa referencia e não encontrei.

PRIGOGINE, I. & STENGERS, I., 1991.: Quinto dia: Da complexidade (Outras Histórias para a ciência), In: *A Nova Aliança*. - Brasília: Universidade de Brasília.

<sup>32</sup> Complexidade está ligada a multiplicidade de comportamentos, a sistemas cujo futuro não se pode prever. (Prigogine. 2003:49)

<sup>33</sup> A carta na integra encontrasse no anexo deste trabalho.

*"Cabe às futuras gerações construir uma nova coerência que incorpore tanto os valores humanos quanto a ciência, algo que ponha fim às profecias quanto ao "fim da ciência", "fim da história" ou até quanto ao advento da pós-humanidade"<sup>34</sup>.*

Na mesma direção de Prigogine, Charles Sanders Peirce investe na criatividade. A potencialidade da criação está contida na capacidade de visualizar o novo e de ir além do visível. Essa procura exercida incessantemente pela criatividade em procurar outros rumos é explicada por Peirce que assevera se tratar da busca por um ideal admirável. Esse ideal é o *Summum Bonum* e é fruto da estética.

### **3.2. A Criatividade em Busca do Admirável do Ideal Supremo - *Summum Bonum*:**

#### **3.2.1. Estética e Criatividade:**

Charles Sanders Peirce<sup>35</sup>, filósofo e lógico americano, dá uma dimensão diferente à estética. A estética em Peirce não é uma filosofia do belo, mas uma forma de direcionar a vida para se alcançar o admirável. No final do séc. XIX, Peirce propõe uma estrutura filosófica, uma visão científica da filosofia, na qual a estética tem o papel de direcionar a vida. A importância de Peirce, para este trabalho, não diz respeito somente a sua estética diferenciada, mas, igualmente, por sua visão sistêmica. A abrangência da estética, em Peirce, adquire contornos epistemológicos e aponta na direção da transdisciplinaridade. A estética como um ideal a ser seguido traz consigo toda a complexidade do homem e da natureza, conseguindo, assim, sintetizar no ideal último, o múltiplo.

A pesquisa de Peirce não se limita, somente, ao pensamento racional vai além, ao procurar outras "razões" para explicar sua filosofia científica. O filósofo afirma que o pensamento racional não é completo, pois esquece o lado sensível e, não atinge

---

<sup>34</sup> **Abbagnano**, Nicola. Dicionario de filosofia. Ed. Fondo de Cultura. México. P. 27.

<sup>35</sup> **Charles Sanders Peirce** 1839-1914, Considerado por muitos historiadores da Filosofia como o maior e mais original pensador americano, deixou contribuições em múltiplas áreas do conhecimento: lógica, semiótica, astronomia, geodésia, matemática, teoria e história da ciência, econometria e psicologia. Ressaltamos: A semiótica, Agapismo, Arquitetura das Ciências e o Pragmaticismo.

a totalidade da unidade humana. Afirma que o pensamento racional, isoladamente, não está apto a responder por todos os problemas existenciais. Peirce assevera a estética como responsável pela busca de um ideal admirável, sendo esse ideal admirável o fim último da ação<sup>36</sup>. O ideal admirável diz respeito ao crescimento e à corporificação da razão criativa do mundo. A estética, a ética e a lógica ou semiótica por serem ciências normativas fornecem subsídios à metafísica e assim, respondem pelos ideais que orientam os sentimentos, as ações e os pensamentos.

No seu percurso Peirce estuda a lógica de todas as ciências e chega a conclusão que não existe pensamento sem signo. A partir dessa constatação, pesquisa todos os tipos possíveis de signos e de raciocínios. É nesse panorama peirceano que surge a estética, uma das disciplinas filosóficas e científicas, com a função de procurar e “atingir” o admirável. Esse admirável é o fim último da ação, com o propósito de fazer crescer e dar corpo a razão criativa do mundo.

A intenção de Peirce é mostrar que a filosofia tem como meta descobrir o “verdadeiro” e direcionar para as categorias mais universais do ser humano. No diagrama das ciências encontra-se a fenomenologia que é responsável por caracterizar os fenômenos, que não podem ser abandonados pela razão. O pensamento racional, não pode excluir os fenômenos, ao contrário, deve observá-los e dialogar com eles. O diálogo entre os elementos do sistema aponta para a relação interdisciplinar que é uma dinâmica processual. No momento em que o todo dialoga com as partes, não há perda das partes, ao contrário, surgem novas possibilidades de relações e criações. Esse sistema é um processo evolutivo *in* futuro.

---

<sup>36</sup> A idéia de criar o termo: “Ações Estéticas” como a ação que tem origem na estética e no amor vem de Peirce, da noção de ideal admirável - *Summum Bonum*, fim último da ação. Estética diz respeito à beleza que essas ações contem. E a beleza por sua vez é fruto do amor. Em resumo, Ações estéticas são ações repletas de amor e beleza.

Como a filosofia de Peirce tem uma visão científica, a criação estética, goza de liberdade, possuindo o papel de direcionar a existência. Peirce chega, ao final de sua pesquisa, a conclusão de que a lógica sozinha não consegue resolver todos os problemas da vida, por ser incompleta. Argumenta que a lógica precisa da ética e que por sua vez, a ética precisa da estética. Essas ciências que são normativas têm a função de analisar “os ideais” “os valores” e “as normas” da existência. A estética procura responder: “Que ideais orientam os sentimentos”. A ética “Que ideais orientam as condutas”. E a lógica “Que ideais orientam os pensamentos”. Um dos exemplos pertinentes a esse ideal pode ser visto no anexo, na reportagem “Aposentada amplia farmácia comunitária no quintal de casa”. Transcrevo o diálogo entre a enfermeira e a aposentada: - “Que graça a senhora vai receber no céu”. – Não faço pensando no céu, mas nos que estão aqui na Terra”. responde ela.

Peirce profetiza que as ciências normativas (estética, ética e lógica) são a chave do seu pragmatismo. E que seu pragmatismo não poderia ter um caráter estático, ao contrário, deveria ser dinâmico. Define o bom estético como: “À luz das categorias, devo dizer que o objeto, para ser esteticamente bom, deve ter uma multiplicidade de partes relacionadas umas as outras de um modo tal que confere uma qualidade imediata, simples e positiva à sua totalidade”. (Peirce *apud* Santaella. 1994: 136)

A visão de Peirce sobre a estética agrega um caráter transdisciplinar e multidisciplinar a ciência, porque, no momento em que a multiplicidade das partes consegue a qualidade imediata do todo, a transformação do múltiplo aponta para o admirável (único), havendo um processo dinâmico de transversalidade. Nesse raciocínio, o ideal estético tem uma função evolutiva. Lucia Santaella<sup>37</sup> esclarece que o ideal estético tem: “seu significado pleno apenas num futuro distante sempre concretamente adiado. Um futuro idealmente pensável, mas materialmente inatingível”. (Santaella. 1994:137)

---

<sup>37</sup> **Profa. Dra Lucia Santaella.** Livre docente em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora titular na PUC-SP, coordenadora da pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital e Presidente da Charles S. Peirce Society, USA.

Podemos perceber a existência do princípio de incerteza no ideal estético. Esse estado não pode ser nem imposto e nem determinado com antecedência e vai ao encontro de Prigogine e Morin, quando esses explicam a emergência da criatividade como fruto da incerteza e da irreversibilidade na construção do futuro.

Encontramos em Peirce, além de sua estética como detonadora de novas idéias, o conceito de hábito ligado a necessidade da mudança de hábito. A mudança de hábito é responsável por novos caminhos e é fundamental para a procura sistemática de um ideal admirável.

### **3.2.2. Mudança de Hábito: Um Percorso Válido Para as Ações Estéticas?**

Ao ressaltarmos a necessidade de novas ações por parte dos indivíduos, vamos ao encontro da noção de Hábito e mudança de hábito de Peirce.

Peirce desenvolveu uma classificação das ciências a fim de mostrar a dependência existente entre elas. Essa visão de totalidade é fundamental, pois a classificação mencionada com as devidas correlações promove a emergência da visão sistêmica e complexa. Ao apontar a interdependência das ciências e ao descartar análises isoladas, Peirce comprova a impossibilidade de se analisar uma delas sem que se mostre a relação com as demais. Da mesma forma em que quebra a crença da dualidade<sup>38</sup> entre mente e matéria, ao propor a continuidade entre elas.

---

<sup>38</sup> O Dualismo, na Filosofia, é um termo que se aplica ao contrário de Monismo. René Descartes propôs o dualismo das substâncias (que seriam uma entre duas coisas: *res cogitans* ou *res extensa*). Para ele o espírito e o corpo seriam nitidamente distintos. Espírito e matéria constituiriam dois mundos irreduzíveis, assim não seriam nunca uma substância só, mas sempre duas substâncias distintas. Espírito seria do mundo do pensamento, da liberdade e da atividade; e matéria seria do mundo da extensão, do determinismo e da passividade.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mente>

Peirce, ao contrário, é um monista na medida em que ele não separa Mente e Matéria, Ódio e Amor, uma vez que tudo evolui porque os Signos evoluem. Matéria é Mente cristalizada.

Para o monista Peirce não há separação - Dualismo - mas uma íntima relação pela evolução, o que já está implícito nas relações de primariedade/segundidade/terceridade. Essa relação entre mente e matéria é um *continuum*. No texto “A Lei da Mente de 1892, Peirce postula a continuidade entre o mundo físico e mental.

Na direção da visão total investimos na mudança de hábito, a fim de conseguirmos que as ações estéticas modifiquem a face do futuro. Ressaltamos que esse conceito é gerido por uma ambigüidade, pois o mesmo hábito que é necessário para a conservação da vida pode ser contrário a ela. Isso significa que, muitas vezes o hábito se solidifica de tal forma que leva a cegueira e impede, assim, novos questionamentos e conseqüentemente o surgimento de novos hábitos. Em Peirce, hábito e mudança de hábito fazem parte da sobrevivência, da adaptação e das mudanças dos seres da natureza. A crença, um sentimento de "certeza", nos leva ao hábito e a dúvida, um sentimento de incerteza, nos leva a questionamentos que, como conseqüência, provocará uma mudança de hábito. Nosso trabalho investe, exatamente, no inter/jogo hábito/mudança de hábito.

Enfatizamos e explicamos: que "o sentimento de crença é uma indicação mais ou menos certa de que se estabeleceu em nossa natureza algum hábito que irá determinar nossas ações. A dúvida nunca produz tal efeito" (CP 5.370-371). "... a crença não nos faz agir de imediato, mas nos coloca em condições de nos comportarmos de certo modo quando surgir a ocasião. A dúvida não produz sequer minimamente tal efeito, mas estimula-nos a investigar até que ela seja destruída" CP 5.373. "A essência de uma crença é o estabelecimento de um hábito; e crenças diferentes são distinguidas pelos diferentes modos de ação a que dão origem" CP 5.398.

As dúvidas e as crenças nos moldam, mas elas têm características diferentes. As crenças nos dão calma, bem estar, sendo um convite a tranquilidade. Como conseqüência de uma crença aparece um hábito, e esse será responsável por um modo de agir e um condicionamento para uma determinada ação em outras situações semelhantes. Reenfatizamos "O sentimento de crença é uma indicação mais ou menos segura de que se está estabelecendo na nossa natureza um hábito que determinará as nossas ações. As dúvidas, por outro lado, nos agitam nos

---

Argumenta que a matéria é uma forma especial de mente, com hábitos enrijecidos no tempo, mas que, no entanto, mantém um elemento de diversificação e vida.

desconfortam e, assim, nos levam a buscar soluções adequadas para terminarmos com esse desconforto e novamente voltarmos à tranquilidade de uma nova crença (um hábito). A dúvida não é um hábito adquirido e nem uma ação de conduta futura, ao contrário, é a responsável pela procura da aquisição de um novo hábito". (Peirce.1998: 64)

A crença gera um hábito, e no momento em que fizermos uma determinada escolha de algo, deixamos de escolher outras possibilidades contidas nesse mesmo algo. Ao mesmo tempo em que as crenças nos levam a adquirir hábitos de conduta elas não têm um caráter definitivo e estão sujeitas às dúvidas. Peirce declara: "O objetivo do raciocínio é descobrir, a partir da consideração daquilo que já conhecemos algo que ainda não conhecemos". (Peirce.1998:61)

A busca por novos hábitos é a finalidade do signo, uma vez que, por ser dinâmico, tende a mudança de hábito para conseguir seu crescimento, sua evolução.

"A doutrina da Lei, da continuidade no pensamento e no cosmos é o sinequismo. (...) Toda ação pressupõe fins e os fins são o modo de ser do pensamento porque estes são gerais. (...) Um hábito é um alvo ou ideal que se solidifica". Peirce propõe que o crescimento do saber passa pelo desenvolvimento do signo. (Santaella.2000:96;99) Seguindo a finalidade sîgnica, que é a mudança de hábito, citamos Santaella que explica o crescimento dos signos no mundo como resultado de uma tendência das coisas vivas e não vivas em adquirir hábitos.

*(...) há propensão de todas as coisas vivas, e mesmo das não vivas, para adquirir hábitos, não é apenas uma lei entre outras, mas a lei governando todas as leis. São as leis gerais que tornam os fenômenos regulares e inteligíveis, sendo, por isso mesmo, os fenômenos mais completamente reais do universo. (...) O Summum Bonnum da espécie humana. À medida que a evolução progride, a inteligência humana vai desempenhando um papel cada vez maior no crescimento da razoabilidade por meio de sua característica mais peculiar e inalienável, o autocontrole. (...) Para Peirce, a investigação científica é algo que vale a pena porque ela é o meio privilegiado de conversar com a natureza em todas as suas formas macroscópica e microscópica, inorgânica, biológica e humana – em todas as multiplicidades de suas aparições. (Santaella apud Bacha 2003: 123)*

A continuidade entre mente e matéria e o conceito de hábito como sendo uma lei geral estão na base de Peirce:

*De 1884 em diante, conceito antropomórfico de hábito da natureza tornou-se o conceito central do sinequismo peirceano. (...) No contexto metafísico do sinequismo, mente é sinônimo de continuidade, é a tendência do universo para aquisição de hábitos. No contexto lógico da semiótica, mente é sinônimo de semiose. Mente, portanto, é continuidade e semiose. (Santaella. 2002:100;103)*

A relação contínua entre mente – matéria se evidencia na colocação de Dib (2008:63) ao citar definições de Peirce (CP 6.25) nos estudos feitos com base em Ivo Ibri<sup>39</sup> (1992: 58) e Maria de Lourdes Bacha<sup>40</sup> (2002:294/5/6), ambos, pesquisadores e comentadores de Peirce:

A relação entre mente e matéria, de foco peirceano, diferente do cartesianismo, possibilita-lhe afirmar: “A única teoria inteligível do universo é aquela do idealismo objetivo em que matéria é mente exaurida, hábitos inveterados se tornando leis físicas”. E “A matéria é mente quase morta, constituída fundamentalmente por hábitos arraigados”. Ibri e Bacha afirmam: “a chave da relação entre mente e matéria está na admissão de que, se o universo material é provido de hábitos de conduta na forma de leis naturais, há que o conceber como uma forma de mente”.

O argumento acima é central para se entender a doutrina que Peirce “denomina Idealismo Objetivo, concebendo um universo cujo pano de fundo é eidético<sup>41</sup>”. (Ibri.1992:58)

Nossa trajetória parte das idéias de Peirce de hábito e de mudança de hábito para inferir um novo mundo. Utilizamo-nos da frase abaixo, que faz parte da 7ª palestra

---

<sup>39</sup> **Prof. Dr. Ivo Assad Ibri.** Professor do Departamento de Filosofia da PUCSP. Pesquisador de Peirce e coordenador do Centro de Estudos do Pragmatismo da PUCSP.

<sup>40</sup> **Profa. Dra. Maria de Lourdes Bacha.** Pós doutora em Comunicação e Semiótica da PUCSP. Professora da Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

<sup>41</sup> Eidético 1. Segundo Edmund Husserl é relativo à essência das coisas e não à sua existência ou função (Novo dicionário Aurélio – Dicionário eletrônico 2004).

Eidético 2 . Termo introduzido na filosofia contemporânea por Husserl a partir de “Investigações Lógicas” (1900-01) para indicar tudo o que se refere às essências, que são objeto de investigação fenomenológica. (Abbagnano.2000:308)

de Cambridge Conferences<sup>42</sup>, na qual Peirce explica sua concepção de Hábito: “A ocorrência repetida de uma idéia geral e a experiência de sua utilidade resultam na formação ou fortalecimento da concepção de Hábito”.

Nessa frase está explícita a necessidade de haver a repetição de uma idéia e nessa idéia conter uma utilidade para que o hábito seja implantado. Como defender e mostrar as ações estéticas isoladas de forma que incorporem a utilidade necessária para se transformar em hábito? Nesse sentido, precisamos do auxílio da criatividade, da arte, do amor para indicar o sensível como necessário e útil. Precisamos mostrar que o pensamento racional dá conta da metade do homem<sup>43</sup> e que a outra metade precisa ser gerida pela sensibilidade. Acreditamos que a divulgação permanente de ações movidas pelo sentimento seja fundamental para a absorção de novos hábitos ligados ao sentimento.

Defendemos as ações estéticas<sup>44</sup> como armas<sup>45</sup> para promoverem as mudanças necessárias e possibilitarem um futuro diferenciado. Enfatizamos o perigo da existência de hábitos enraizados que impeçam a criação do novo. Lembramos que as ações do homem moderno, por estarem impregnadas de crenças oriundas do império da razão, são responsáveis pelo declínio do pensamento sensível. Esse declínio é o responsável por uma sociedade mais individualista, egoísta e menos altruísta. No entanto, acreditamos no homem e na sua capacidade criativa.

Nossa preocupação com o futuro ocorre em virtude de alguns hábitos muito consolidados. Acreditamos que as ações estéticas, por estarem repleta de sentimento, mostrem a saída dessa condição de caos egóico em que vivemos. O

---

<sup>42</sup> Em Cambridge Conferences, Charles Sanders Peirce proferiu uma serie de oito palestras em fevereiro e março de 1898. Essas palestras foram publicadas no 7º volume, livro III, capítulo 3º dos seus “Collected Papers”.

<sup>43</sup> Edgar Morin defende o *homo sapiens* como sendo: 100% *sapiens* e 100% *demens*.

<sup>44</sup> Defendemos que todas as ações que transmitam a preocupação com o outro, com a vida e o coletivo são ações estéticas.

<sup>45</sup> Utilizamos a palavra armas não com o sentido bélico, mas com o sentido de determinação de ação, a fim de conseguir mudanças significativas no homem. O que mais interessa ao nosso trabalho é a ênfase na mudança do período guerra para o de paz.

que nos anima é saber que há a possibilidade de mudança pela propagação de idéias.

As explicações sobre a forma como os hábitos se consolidam vem ao nosso encontro no que diz respeito a sementes a serem germinadas. Se entendermos que um determinado hábito é falível, seremos acometidos pela dúvida e procuraremos modificá-lo. O problema maior é a expectativa de resultados, mas na lei da mente de Peirce encontramos a saída desejada. Peirce ao defender a lei da mente está preocupado e atento às diretrizes da conduta dessa mente e das idéias que fazem parte do todo:

*A análise lógica aplicada a fenômenos mentais mostra que há apenas uma lei da mente, a saber, que as idéias tendem a se propagar continuamente e afetar outras que estão para elas numa relação peculiar de afetabilidade. Nessa propagação, elas perdem intensidade e, especialmente, o poder afetante, mas ganham generalidade e vinculam-se com outras idéias. (Peirce apud Ibri.2005:189)*

Precisamos colocar os indivíduos frente a atos de sentimento, de amor e compreensão, acreditando na possibilidade de que os nossos atos irão se multiplicar por afetabilidade como ocorre com as idéias.

Um exemplo poético da necessidade do sentimento para gerenciar o homem é a explicação que o professor dá aos seus alunos no filme "Sociedade dos Poetas Mortos": A poesia se escreve, não por ser bonita e sim porque somos membros da raça humana e a raça humana está impregnada de paixão. A medicina, o direito e a engenharia são ocupações nobres e necessárias a vida, mas, a arte, a poesia, a beleza, o romance e o amor, são a essência e por isso, nos manténs vivos.

A citação do filme tem o intuito de chamar a atenção para o lado sensível, no entanto, a nossa intenção não é enfatizar o lado sensível em detrimento do racional. Nós procuramos a unidade entre eles um diálogo consistente. Não queremos cair na armadilha do dualismo valorizando um lado e esquecendo o outro.

A busca por um amanhã menos egoísta e mais altruísta encontra refugio nos conceitos de amor Agápico, hábito e mudança de hábito. Peirce, ao mostrar que as dúvidas quando se instalam em nossas mentes são responsáveis por mudanças de hábitos, faz com que acreditemos que as ações estéticas possam operar mudanças de hábitos significativas na relação homem/homem e homem/natureza.

Defendemos as ações repletas de sensibilidade para agirem como sementes de reflexão para possíveis mudanças. Vemos, hoje, a forma como o mundo funciona e, por não aceitarmos o descaso com o pensamento sensível, questionamos: Como poderíamos colaborar para reverter às ações que condenamos? Como poderíamos contribuir para o aperfeiçoamento de um novo mundo? Encontramos em Peirce e na sua busca pelo ideal supremo, o *Summum Bonum* respostas otimistas para um mundo pessimista e cruel. Defendemos a arte e uma aproximação significativa do homem com a sensibilidade. Reafirmamos que a experiência da ação estética caminha analogamente à ação da Razão.

Lauro da Silveira<sup>46</sup> aponta para a pertinência do encontro da estética e da razão como sendo:

*A grande síntese do poder do espírito e de suas exigências, registrando a plenitude do aspecto estético (...) e do aspecto ético, inclusive o prazer de seu próprio lugar entre as outras coisas – a experiência intelectual já prenuncia o papel da ciência e seu destino no seio da realidade.*

*Se a Razão não se esgota em nenhuma de suas realizações, ela é ação e, como tal, é afirmativa e deve manifestar-se:*

*A criação do universo, (...) constitui-se no trabalho e na realização total da humanidade. (...) A Razão se apresenta como pleroma<sup>47</sup> do universo e ideal a ser buscado pelos homens (...). A Razão se apresenta ao sujeito como possibilidade espontânea e insuperável de perfeição. (...) A Razão, assim compreendida, apresenta-se como ideal, não para uma mera contemplação passiva, mas como significado último da totalidade da conduta e de cada ato que a constitui. (2007:131-132)*

Essa é a Razão de que fala Peirce no *Evolutionary Love*, uma razão sensível, que não desconsidera o sentimento.

---

<sup>46</sup> **Prof. Dr. Lauro Frederico Barbosa da Silveira.** Dr. em Filosofia (epistemologia e estética) pela PUCSP. Prof. no programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP Marília.

<sup>47</sup> Pleroma. Tudo que completa

Peirce ao defender a função última da razão, coloca-a impregnada de uma totalidade diferente da razão iluminista. A Razão em Peirce é o fim último por conter a ética e a estética. Silveira reafirma:

*Peirce não somente explica a função última da Razão no universo como também constitui um quase poema do destino do Homem na totalidade do Real. Como propõe o Pragmatismo de Peirce, o pensamento é ação criadora e em verdadeiro hino à reconciliação universal. A ciência é profundamente ética e finalmente poética. (...) ela exige todas as matizes das sensações, inclusive o prazer de seu próprio lugar entre as outras coisas. (...) Se a razão não se esgota em nenhuma de suas realizações, ela é ação e, como tal, é afirmativa e deve manifestar-se: A criação do universo, (...) que prossegue hoje e nunca terminará é o próprio desenvolvimento da razão. Ultrapassando os limites da individualidade, a razão constitui-se no trabalho e na realização total da humanidade e, conseqüentemente, de cada indivíduo. (Peirce apud Silveira 2007:130)*

Se insistirmos em mudanças de hábitos em prol do matizar o mundo com novas cores, através das ações estéticas, é porque entendemos que os hábitos do homem contemporâneo estão impregnados de individualismo impedindo o altruísmo. A famosa frase de Descartes: "Penso, logo existo", colocou o homem em uma encruzilhada: É possível ser pensante e ser sensível? O estado de racionalismo exacerbado fez com que o ser colocasse a sensibilidade em segundo plano e conseqüentemente perdesse a amplitude da poesia da vida. O uso exagerado da razão cega o indivíduo e impede que ele contemple o outro e a vida na sua plenitude. Além do mais, o agravamento da influência do poder e das realizações individuais contribuiu para o sentimento de vazio do homem. Um mundo onde vencer, vencer e vencer é o que define o ser, provoca nesse ser angustia e desencantamento.

Peirce nos mostra como as crenças, responsáveis pelos nossos hábitos, agem para que possamos movimentar o pensamento e a vida, ao questioná-las. Entretanto, esse suposto estado de tranqüilidade promovido pelas crenças, se não for questionado pode nos alienar e nos transformar em autômatos. Peirce ao defender a transitoriedade das verdades defende uma vigilância constante sobre nossos pensamentos e atos para conseguir crescer. Inferimos, portanto que as dúvidas têm uma função primordial, isto é, nos ajudam a sair do condicionamento das crenças e dos hábitos instalados e, assim, propiciar o crescimento dos signos.

Peirce aponta para a necessária atenção à emergência do erro, pois somos humanos e falíveis. Nessa direção se vale da doutrina do Falibilismo<sup>48</sup>. O falibilismo, segundo Peirce, explica que um determinado conhecimento não é definitivo. Peirce, ao defender a falibilidade do ser, aponta para a necessidade dos questionamentos e para a benéfica ação das dúvidas. A relação conflituosa entre crença/dúvida é que promove novos caminhos e ações. Acreditamos que as ações estéticas possam representar a concretização do sonho<sup>49</sup> de Peirce em transformar o evangelho da ganância em evangelho do amor<sup>50/51</sup>.

Como foi dito no início desse capítulo a criatividade é a mola mestre para um futuro diferenciado. Nessa direção procuramos encontrar em Peirce, Morin e Prigogine os recursos necessários para a base deste trabalho:

*O estado de coisas admirável não pode ser determinado aprioristicamente, pois, se assim fosse, haveria nele algo de impositivo e opressivo que lhe esvaziaria, imediatamente, o caráter de admirável. Nem poderia ser, muito menos, fruto de uma imposição externa, de qualquer tipo que seja, por mais disfarçada que seja. Trata-se, pois, de uma meta ou ideal que descobrimos porque nos sentimos atraídos por ele como tal, e nele ficamos imantados. Sendo uma adoção deliberada, ela dá expressão à nossa liberdade no seu mais alto grau. (...) Não há nada mais profundamente enraizado no espírito humano do que os hábitos de sentir. (...) os hábitos de sentimento só se modificam através do sofrimento ou da exposição constante do sentimento a objetos ou situações capazes de produzir sua regeneração. (Santaella.2005:128;129;131)*

Ao ampliar e dar nova vida a estética, de mostrar como os hábitos nos confortam e ao mesmo tempo escravizam, Peirce investe na possibilidade de um amor criativo e evolutivo. Abaixo a oração proferida pelo filósofo em 1863:

---

<sup>48</sup> Falibilismo é a doutrina filosófica segundo a qual não podemos ter a certeza absoluta de qualquer (ou apenas algumas) forma(s) de conhecimento. Contudo, o falibilista não incide nem no cepticismo radical (segundo o qual nenhuma forma de conhecimento é válida) nem no relativismo radical (segundo o qual qualquer forma de conhecimento é válida). Para o falibilista existem formas de conhecimento mais válidas, legítimas e frutíferas que outras, mesmo que não tenhamos certeza absoluta delas.

<sup>49</sup> O uso da palavra Sonho é de nossa responsabilidade e representa a síntese que fizemos do texto Evolutionary Love.

<sup>50</sup> No texto Evolutionary Love encontramos o confronto feito por Peirce de dois tipos de princípios de conduta aparentemente antagônicos para os quais ele denominou evangelho da ganância e evangelho do amor.

<sup>51</sup> As nossas reflexões, sobre o possível desejo de Peirce na transformação do Evangelho da ganância em Amor, encontram ecos nas afirmações de Ilya Prigogine que defende na “Carta as Futuras Gerações” a transição da cultura da guerra para uma cultura de paz.

*Quando nossa era chegar ao termo, e o ceticismo e o materialismo tiverem alcançado o ápice de sua perfeição, então teremos mais fé do que jamais antes tivemos. Pois o Homem conhecerá a sabedoria e a compaixão de Deus, não apenas em cada evento de sua própria vida, mas também da vida do gorila, do leão, do peixe, do pólipó, da árvore, do cristal, da partícula de poeira, do átomo. Ele perceberá que cada uma dessas entidades tem uma vida interior particular, amada por Deus, e à qual Deus concedeu uma natureza de perfeição sem fim. Ele constará a loucura de acreditar que a natureza foi criada para seu uso próprio. Mas, próximo está o momento em que não haverá mais a poesia, pois aquilo que é poeticamente divinizado será cientificamente conhecido. É verdade que o progresso da ciência pode fenecer, mas sua essência terá sido apreendida. (Peirce apud Bacha. 2002:135)*

### **3. 2. 3. A Criatividade do Ágape - Amor Criativo<sup>52</sup>**

Peirce na sua pesquisa científica vai além e defende a possibilidade da evolução ocorrer por meio do amor, Ágape – amor criativo. Na citação de Peirce é possível perceber a abrangência da estética e a base para o que chamamos de ações estéticas:

*Numa passagem muito clara Peirce dizia que a estética 'lida com o ideal em si mesmo, cuja mera materialização cativa e absorve a atenção da prática [ou ética] e da lógica' (CP 5.5551) (...) Em outra passagem, ainda, Peirce diz que a estética 'considera aquelas coisas cujos fins são os de encarnar qualidades de sentimento' [CP5.129]. Avançando nessa mesma idéia, o que deixou aí claro é que há coisas que têm por finalidade corporificar qualidades de sentimento, dar ocasião para que qualidades de sentimento se atualizem no mundo. (...) O ideal estético é nutrido pelo cultivo de hábitos de sentimento. Sendo as obras de arte aquelas coisas que encarnam qualidades de sentimento, os hábitos de sentimento só podem ser cultivados através da exposição de nossa sensibilidade às obras de arte. (Peirce apud Santaella.2005:129-130)*

Peirce nos abre caminhos para o entendimento da arte e das ações estéticas tanto pelos seus escritos nas Ciências Normativas como no Amor Evolucionário. Filósofo, lógico e metafísico desenvolveu trabalhos relevantes em diversas áreas do conhecimento. Pensador sistemático e sistêmico, rigoroso e apaixonado pelo processo da vida e do conhecimento, conforme podemos observar no *Philosophy and the Conduct of Life*<sup>53</sup>. Peirce opõe-se à tendência dos filósofos, desde os clássicos gregos, em misturar filosofia com prática. Defende que a verdadeira

---

<sup>52</sup> 1- Nessa parte do trabalho tivemos a ajuda fundamental das contribuições e reflexões da Dra. Maria Augusta Dib - defendeu tese sobre Agathotopia na PUCSP - e das discussões do grupo de estudos: Leituras básicas de Peirce da PUCSP.

2- Quem tiver interesse de estudar esse o tema “Agathotopia” em Peirce sugerimos a tese de Dib, Maria Augusta. “A Agathotopia” de Charles Sanders Peirce.

3- O esquema da Agathotopia pode ser visto no anexo.

<sup>53</sup>MS 437, publicado no CP 1.616-48, em parte, e RL 105-22.

investigação científica não deve ser conduzida por questões de utilidade. O propósito da filosofia não deveria ser com o intuito de melhorar a vida de seus adeptos. Na primeira Conferência de Cambridge no ano de 1898, Peirce expôs suas crenças a respeito de assuntos de importância vital ao progresso gradual do conhecimento. Sustenta que a razão é um pobre substituto para o sentimento e o instinto.

O embate sobre as questões de cunho utilitarista adentrando o universo das ciências e da filosofia parece ter sido um dos fios condutores da reflexão peirceana. Peirce, 1904<sup>54</sup>, cunha o termo pragmatismo para sua doutrina, a intenção era protegê-la das doutrinas ligadas as práticas e denominada de pragmatismo. Nesta diferenciação explícita ficou a crença peirceana nas possibilidades evolutivas para o cosmos e tudo ao que ele diz respeito. Tudo que existe faz parte do universo evolutivo e não só ao que diz respeito ao homem.

No *Evolutionary Love*<sup>55</sup> no ano de 1893, Peirce esclarece sua crença evolucionária, e ao mesmo tempo explora o desenvolvimento evolutivo tanto do próprio conceito de evolução quanto do conceito de amor. Para ele a condição necessária para que as correlações entre os elementos do universo aconteçam, cresçam e evoluam está no amor ágape. Em Peirce o Agapismo é a doutrina segundo a qual há uma lei do amor evolutivo operando no universo, e em virtude da qual a evolução cósmica tenderia a incrementar o amor fraterno entre os homens<sup>56</sup>.

Peirce, evolucionista, não se esqueceu da interpretação primeira do nascimento, da relação da vida e da filosofia com o amor Eros. No entanto, dá um salto e passa a discorrer sobre a possibilidade da evolução por intermédio do amor Ágape – o amor criativo. Pondera, também sobre a possibilidade de evolução do próprio

---

<sup>54</sup>What Pragmatism is. 1904. The Monist 15 – abril 1905:161-81.

<sup>55</sup> The Monist 3 – janeiro 1893: 176-200. CP 6.287-317. EP vol. 1. Utilizamos a tradução para o português feita por Basílio João Sá Ramalho Antônio, na Dissertação de Mestrado defendida no ano de 2006 na PUC/SP – O Todo e as Partes: Subsídios para a Leitura do Ensaio Amor Evolucionário de C. S. Peirce.

<sup>56</sup> **Abbagnano**, Nicola. Dicionario de filosofia. Ed. Fondo de Cultura. México. P. 27.

conceito evolução nos seus três modelos: 1. por acaso, *tिकास्मा*; 2. por necessidade, *अनिकास्मा*; 3. por amor, *अगपस्मा*.

Nos seus estudos sobre o assunto, Peirce se utilizou de uma pesquisa exploratória das etapas da história da humanidade marcadas pelas descobertas científicas, pelas escolas filosóficas e pelos episódios da história. Levou em consideração os personagens históricos enquanto individualidades pessoais, segundo épocas e grupos de pessoas representativas destas diversas etapas. Analisa as teorias evolutivas surgidas na sua época: Lamarck e Darwin e desenvolve uma teoria na qual as duas são complementares. Reflete sobre a mentalidade social econômica de sua época para a qual dá o nome de Evangelho da Ganância. E em contra partida dá o nome de Evangelho do Amor a mentalidade cristã segundo São João Evangelista.

Nos três tipos de evolução por Peirce analisados: 1. pela variação fortuita, 2. pela necessidade mecânica, e 3. pelo amor criativo, este último ele considerou o mais importante, por ser o tipo de evolução que o sinequismo busca, conforme sua citação "Amor, embrião que reconhece a amabilidade no ódio, acolhe-o gradualmente à vida, e torna-o amável".

Segundo Silveira (2000:118), Peirce denominou Sinequismo à concepção do real como um *continnum* em constante crescimento, o que vai ao encontro da efetivação de sua Semiótica e Pragmaticismo. Esses conceitos supõem a representação da realidade que os constitui como conduta racional num universo fenomênico em busca do Bem como seu fim último. Essa prática deve assumir uma natureza ela mesma evolutiva e inteligível.

Importante salientar que, se Peirce não se mostrou favorável às ações individuais mesmo que heróicas na história dos povos, das ciências, das religiões. Acreditava que somente no *continnum* em constante crescimento e mediante as correlações semióticas é que a vida, o crescimento e a evolução se dariam. No entanto, Peirce

defendia que tais correlações poderiam ocorrer por simpatia e, ou por afectabilidade. Defendemos que pensamentos, ações individuais e sentimentos de pequenos e de grandes grupos poderiam ser considerados, no que denominamos "ações estéticas". Acreditamos que essas possam fazer parte da lei operativa do amor evolutivo que atua no cosmos, enquanto se incrementa nos homens e contribui na evolução em busca do Bem ou do *Summum Bonum*.

Nosso percurso encontro subsídios valiosos em Edgar Morin que defende a valorização do *homo demens* na formação do *homo sapiens sapiens*.

### **3. 3. A Criatividade no *Homo Sapiens Sapiens Demens***

Edgar Morin<sup>57</sup>, após pesquisar por longo tempo a relação do homem com a existência e a natureza, propõe a necessidade da emergência do pensamento complexo<sup>58</sup>. O pensamento complexo é sistêmico e responsável por uma reforma ativa do pensamento, com o intuito de ligar o que foi separado: o homem e a natureza; o racional e o sensível. O que estava ligado no passado se separou e a visão de todo deu lugar às partes desconectadas. Morin propõe a mudança na forma de pensar em resposta ao homem oriundo do período iluminista, defensor do predomínio do pensamento racional sobre o sensível. Alerta para o fato de que a racionalidade excessiva provoca a fragmentação e a divisão do homem, argumenta que a atitude de valorizar unicamente a razão não condiz com a história do homem. Porque se o homem é *homo sapiens* é, também, *demens*. No entanto, Morin afirma que o jogo entre ligar e separar é uma constante no processo evolutivo:

*Um mundo só pode advir pela separação e só pode existir na relação entre o que é separado. (...) Desde a agitação térmica inicial, uma dialógica indissociável acontece entre aquilo que separa, dispersa, aniquila e o que religa, associa, integra. (...) Num minúsculo*

---

<sup>57</sup> **Edgar Morin** – 1921 – Pesquisador emérito do CNRS nasceu em Paris, em 1921. Formado em História, Geografia e Direito, migrou para a Filosofia, a Sociologia e a Epistemologia, depois de ter participado da Resistência ao nazismo, na França ocupada, durante a Segunda Guerra Mundial. Autor de mais de trinta livros, tornou-se um dos pensadores mais importantes do século XX. (Morin.2005)

<sup>58</sup> Pensamento complexo - um pensamento que busca distinguir (mas não separar), ao mesmo tempo em que busca reunir. (Morin. 2003:71)

*planeta perdido, feito de um agregado de detritos de uma estrela desaparecida, fadada aparentemente às convulsões, tormentas, erupções terremotos, a vida surgiu como uma vitória inusitada das virtudes da religião. Um turbilhão interligando macromoléculas, gerando a sua própria diversidade ao integrá-lo à sua unidade, teria criado a partir de si mesmo uma organização de complexidade superior: uma auto-eco-organização, de onde emergiram todas as qualidades e propriedades da vida.” (Morin.2005:31-32)*

Ao propor a quebra das fronteiras entre as disciplinas, Morin incentiva um olhar extra disciplinar com o intuito de reformular o pensamento e fazer dialogar arte e ciência. Defende o amor como uma totalidade por aglutinar loucura e sabedoria. Nessa direção mostra que a evolução do homem é regida pelo ambiente e que o *Homo* é formado pelo *sapiens* e pelo *demens*.

Esclarece que o ser humano é definido pela espécie em parceria com o ambiente. E explica as conseqüências operadas nos ancestrais do homem quando esses mudaram da floresta para a savana. Morin mostra que as sociedades que viviam nas florestas, como, por exemplo, os chimpanzés, tinham mais segurança e por isso não havia uma centralização rígida de poder. As lideranças eram regidas por qualidades “*hedônicas*” baseadas no exibicionismo. Por outro lado, as sociedades das savanas, dos babuínos, possuíam o poder centralizado de forma hierárquica e regido por qualidades “*agônicas*”, em que o poder era representado pela agressividade.

Os ancestrais do homem, nesse percurso evolutivo, para a hominização tiveram a substituição da selva, que lhes dava segurança e alimentação tranqüila, pela savana que era desafiadora e obrigava-os a uma atitude mais agressiva. A savana, por suas características, impôs as “aptidões bípedes, bímanas e cerebrais”. Esse novo ambiente forneceu a esses ancestrais do homem os elementos para uma adaptação alimentar, uma vez que eles deixaram de ser vegetarianos para se tornar carnívoros e foram obrigados a desenvolver agilidades, habilidades e técnicas para conseguir alguma caça e sobreviver.

Morin, a partir do percurso evolutivo, defende a tese do aumento de complexidade, no cérebro do *Homo sapiens*, como responsável pela sua evolução: "A passagem da hominização à humanidade, corresponde a novo salto qualitativo, que é o da hipercomplexidade" (1976: 122). No entanto, aponta para as idéias errôneas do passado, que faziam do homem o senhor e o criador de tudo. Mostra que não é só o homem o responsável pela criação, as mudanças operadas eram fruto, também, da ação do ambiente sobre o homem. Portanto, há uma relação recursiva entre homem e ambiente:

*No ponto onde se via o Homo sapiens desprender-se da natureza com um salto majestoso e produzir, com sua bela inteligência, a técnica, a linguagem, a sociedade, a cultura, vê-se, pelo contrário, a natureza, a sociedade, a inteligência, a técnica, a linguagem e a cultura co-produzirem o Homo sapiens no decurso de um processo que durou alguns milhões de anos. (Morin.1973: 53)*

Critica a prepotência do homem em se intitular racional, mostrando que o fato de se valorizar somente o lado *sapiens* é uma idéia pouco racional. O *Homo* deveria ser entendido como 100% *sapiens* e 100% *demens*<sup>59</sup>:

*(...) podemos assumir, mas com plena consciência, o destino antropológico do homo sapiens-demens, que implica nunca cessar de fazer dialogar em nós mesmos sabedoria e loucura, ousadia e prudência, economia e gasto, temperança e consumação, desprendimento e apego. (...)*  
*A sabedoria deve saber que contém em si uma contradição; é inteiramente loucura viver muito sabiamente. Devemos reconhecer que na loucura, que é o amor, há a sabedoria do amor. No amor da sabedoria, ou da filosofia, falta amor. O importante na vida é o amor. Com todos os perigos que ele contém". (Morin.2002:10-11, 66)*

A intenção de Morin é enfatizar que pela visão sistêmica ocorre o diálogo da diversidade. Assim, o amor, que é a junção da loucura com a sabedoria, engloba o todo do sistema homem. Ser, somente, racional é não olhar o *demens* que existe no *homo*, o que implica na perda da visão de totalidade e transforma o racional em irracional.

Os três teóricos apresentados neste ensaio pesquisaram as conseqüências de uma visão estreita. O homem e o ambiente precisam dialogar e travar uma diretriz para

---

<sup>59</sup> **Morin** utiliza o percentual de 100% no sentido de eliminar o dualismo. Se dissesse 50% *sapiens* e 50% *demens* implicaria admitir a separação e não a unidade.

o futuro. Ao defendermos a criação estética vamos ao encontro dessa totalidade e desse diálogo entre homem/natureza. Enfatizamos a possibilidade de a criação estética ser uma alternativa para se vislumbrar a totalidade do sistema vida e, permitir que a diversidade ocorra.

Na busca da reconciliação entre homem/homem e homem/natureza, Morin defende a necessidade da emergência da antropoética. A antropoética é o resultado do pensamento complexo e uma atitude ética necessária para a construção do futuro:

*(...) assumir a condição humana. (...) A antropoética contém o caráter trinitário do circuito indivíduo/espécie/sociedade e assim nos faz assumir o destino humano nas suas antinomias e na sua plenitude. (...) A antropoética liga a ética do universal e a ética do singular. (Morin.2005:159-160).*

Morin manifesta o desejo de ver a reforma ética em um sentido lato:

*A reforma não pode ser solitária. (...) A reforma ética só pode realizar-se numa polireforma da humanidade. As reformas devem ser concebidas em circuito recursivo, cada uma sendo produzida → produtora*

↑ ← ↓

*A regeneração ética depende de uma regeneração geral, que depende da regeneração ética. (Morin.2005:176-177)*

Na defesa da visão sistêmica, Morin cita Pascal: "(...) considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo sem conhecer, particularmente, as partes..." (Pascal *apud* Morin.2000:25). É conveniente enfatizar que o sistema aqui não se resume a uma mera soma de suas partes. O sistema, por ser aberto, pode ser mais ou menos do que a soma de suas partes constitutivas.

### **3. 4. Amor Criatividade Ação na Construção do futuro**

Os teóricos apresentados neste trabalho possuem em comum a defesa da ação ética e estética na construção do futuro e cronologicamente podemos afirmar a

atualidade do pensamento de Peirce. Em relação a Prigogine e Morin entendemos que esses pensadores avançaram e deram corpo as idéias peirceanas.

A criatividade, nesta pesquisa, tem a função de ser o ponto de união entre os teóricos e artistas. A possibilidade de criar tem como ponto de partida a liberdade que, segundo Morin, vem da loucura do *homo demens* e é gerenciada pelo amor. A criatividade é defendida por Peirce na interligação entre a estética, a ética e a lógica, essa união possibilita que novas idéias apareçam. O pensamento estético por ser gerenciado pela curiosidade e pelo olhar primeiro permite a emergência de múltiplas descobertas. As descobertas, para Prigogine, são fruto da liberdade existente em um mundo não determinista. Em: "A criatividade da Natureza e a Criatividade Humana", Prigogine adverte: a criatividade é inerente a vida. "Nada impede de pensar que a criatividade do homem prolongue a da natureza." (2003:23) Exemplifica obras e artistas e afirma que os artistas como os cientistas estão preocupados com os mistérios da vida. Ao visitar a exposição "O Homem que Anda" fez uma analogia da escultura de Rodin de 1877, mesmo nome da exposição, com o avanço da vida. A vida encontra-se sempre em movimento. Explica:

*A existência é antecipação, avanço em direção ao futuro – criatividade, da qual os escultores aqui expostos exprimem a vitalidade. Qual seria a fonte dessa criatividade? Valéry dizia: o inesperado é minha essência, a angústia meu verdadeiro ofício, ninguém exprimiu ou pode exprimir a estranheza do existir. Por que assim e não de outra forma? A questão parece absurda, mas colocá-la testemunha alguma outra coisa. Einstein também entendia que o inesperado residia na base da atividade científica. (...) Magritte também enfatiza o mistério da natureza humana, insistindo, entretanto, sobre o fato de que é necessário explicá-la pela obra de arte e não tentar apenas decifrá-la ou analisá-la. Qualquer tentativa de intelectualizar o segredo da criação leva-o à destruição. (2003:21)*

No que diz respeito à arte, como fonte inesgotável para um novo mundo, encontramos a mesma tendência entre os pensadores. Prigogine na Carta às Futuras Gerações, ao discorrer sobre seu otimismo explica: "Um sinal de esperança é o de que o interesse pela natureza e o desejo de participar da vida cultural jamais foi maior do que hoje. (2001:20) A visão da vida como um sistema agrega a diversidade e valoriza as manifestações artísticas.

Em Morin é a união do *homo sapiens* com o *demens* que acarreta a emergência da criatividade. Morin defende o trabalho artístico e afirma:

*As artes levam-nos à dimensão estética da existência e – conforme o adágio que diz que a natureza imita a obra de arte – elas nos ensinam a ver o mundo esteticamente. (...) Trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana. (2000:45)*

Os três teóricos investem na ação e nas mudanças. São otimistas e acreditam no futuro. Peirce defende o evangelho do amor em detrimento ao evangelho da ganância e aponta para o *summum bonum*, um ideal estético, admirável e evolutivo. Prigogine acredita que o período de paz possa emergir sobre o da guerra e fala no “Reencantamento do Mundo”. Morin ao defender a pertinência do *homo demens* investe na integração do homem, por meio de uma reforma completa do homem, da ética e do pensamento:

*Uma reforma do próprio ser humano, a sociedade-mundo será vítima de tudo o que até agora ensangüentou e deu um caráter cruel à história da humanidade, dos impérios, das nações. Como ocorreria tal reforma que pressupõe uma reforma radical dos sistemas de educação, uma grande corrente de compreensão e de compaixão no mundo, um novo evangelho, novas mentalidades? (...) De um lado, o progresso científico-técnico oferece possibilidades de emancipação, até então desconhecidas, em relação às limitações biológicas da doença e da morte. Por outro lado, a morte coletiva por armas nucleares, químicas, biológicas, por degradação ecológica traz sua sombra sobre a humanidade: a idade de ouro e a idade do horror apresentam-se ao mesmo tempo para o nosso futuro. (2003:19-20)*

Morin, mesmo ciente de todos os problemas que mostrou acima, tem esperança no futuro e acredita que possa surgir algo inesperado. Explica:

*A superação da situação exigiria uma metamorfose totalmente inconcebível. No entanto, essa constatação desesperante comporta um princípio de esperança; sabemos que as grandes mutações são invisíveis. (...) Além disso, a metamorfose não é impossível, mas improvável. Aqui surge um segundo princípio de esperança: freqüentemente, o improvável surge na história humana. (...) É possível, portanto, manter a esperança na desesperança. (...) Acrescentamos a isso o apelo à vontade face à grandeza do desafio. Embora quase ninguém tenha ainda consciência, jamais existiu causa tão grande, tão nobre, tão necessária quanto a causa pela humanidade para poder, ao mesmo tempo e inseparavelmente sobreviver, viver e humanizar-se. (2003:20)*

Prigogine explica que “a história é uma sucessão de bifurcações<sup>60</sup>. (...) Toda bifurcação tem beneficiários e vítimas.” (2001:17). Ao defender a ação e a construção do futuro explica:

*O crescimento populacional transfere a iniciativa do indivíduo para a coletividade. (...) Minha mensagem as futuras gerações, portanto, é de que os dados não foram lançados e que o caminho a ser percorrido depois das bifurcações ainda não foi escolhido. Estamos em um período de flutuação no qual as ações individuais continuam a ser essenciais. Uma carta as gerações futuras é sempre e necessariamente escrita de uma posição de incerteza, de uma extrapolação arriscada do passado. No entanto, continuo otimista. (2001:18-20)*

Os pensadores tem a mesma postura no que diz respeito a impossibilidade de se prever *a priori* os resultados de determinadas ações. A convergência é fruto do entendimento da indeterminação da vida. Eles vão de encontro às noções de um mundo determinado aprioristicamente. Morin afirma que “as grandes mutações são invisíveis e logicamente impossíveis, antes de aparecerem. (...) Elas aparecem quando os meios de que dispõe um sistema tornaram-se incapazes de resolver seus problemas.” (2003:20).

Morin defende escola c/arte e os trabalhos artísticos:

*As artes levam-nos à dimensão estética da existência e – conforme o adágio que diz que a natureza imita a obra de arte – elas nos ensinam a ver o mundo esteticamente. (...) Trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana. (Morin.2000:45)*

Nosso trabalho investe nas ações estéticas e se utiliza do cinema como divulgador de boas ações. Acreditamos que as ações em prol do bem da sociedade estão sendo feitas a fim de melhorar o amanhã. Defendemos a importância de se investir na mudança de hábitos destrutivos e de agir para transformar os hábitos aliados ao individualismo em hábitos de amor a si, ao próximo e ao planeta. Felizmente, é possível ver, atualmente, um cuidado acentuado com o meio-ambiente e a vida.

---

<sup>60</sup> As bifurcações aparecem em pontos especiais nos quais a trajetória seguida por um sistema se subdivide em “ramos”. Todos os ramos são possíveis, mas só um deles será seguido. No geral não se vê apenas uma bifurcação. Elas tendem a surgir em sucessão. (Prigogine.2001:16)

Observamos em diversos meios de comunicação a dedicação crescente de pessoas quer individualmente, quer em grupo no respeito pela natureza. Vemos políticos, empresários, intelectuais e artistas preocupados com o futuro dos filhos e netos por causa do tratamento negligente que foi dispensado ao meio-ambiente. O aquecimento global e algumas catástrofes naturais estão servindo de alerta para as novas ações. O que desejamos não é uma relação de medo com a natureza e, sim, uma convivência fraterna, uma vez que somos parte integrante dessa natureza.

A preocupação com o futuro, com a natureza e com a falta de amor entre os indivíduos é tão grande, que o 20ª Fórum Nacional<sup>61</sup> terminou falando do amor. Evento organizado pelo economista João Paulo dos Reis Velloso teve como tema: Brasil - "Um novo mundo nos trópicos": 200 anos de independência econômica e 20 anos de fórum nacional (sob o signo da incerteza). O evento aconteceu na sede do BNDES, no Rio de Janeiro, e o tema de encerramento foi "O Amor em Tempos de Desamor":

Apresentação: Maria Adelaide Amaral, escritora: "Grandes Amores Universais"

Conferência: Amor Romântico (à la Século 21):

- - Maria Clara Bingemer, professora da PUC - Rio: "A Bossa Nova e o Amor"
- - Renato Mezan, Filósofo: "Amor Romântico e Filosofia"
- - Danilo Marcondes, filósofo: "Amor e Amizade"
- - Gilberto de Mello Kujawski, filósofo: "Amor à Pátria"

Exposição final: Miriam Nunes, professora de Letras da UFRJ: "Amor em Escala Universal"

Se um Fórum Nacional organizado por um economista - disciplina esta denominada por Peirce como representante do evangelho da ganância - termina

---

<sup>61</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u404993.shtml>  
[http://www.macaenews.com.br/ver\\_not.php?id=31535&ed=Cultura&cat=Not%C3%ADcias](http://www.macaenews.com.br/ver_not.php?id=31535&ed=Cultura&cat=Not%C3%ADcias)

seus trabalhos enobrecendo o amor, é o vislumbre de novos tempos. Acreditamos que podemos ter esperanças em que as ações estéticas promoverão mudanças de hábito e matizarão o mundo com novas cores.

Imaginar um mundo em que gestos ou pensamentos de amor fazem parte da rotina do indivíduo mais parece um sonho, mas acreditamos que este sonho possa se realizar. À medida que esse novo hábito for incorporado e se propagar pela vida, teremos um caminho diferenciado. Sonhar, imaginar, projetar o período de guerra cedendo lugar ao de paz, é possível ao mudarmos hábitos tão profundos. Devemos jogar sementes e trabalhar para que essa nova visão floresça. Estaremos, também, cuidando de nosso imenso jardim<sup>62</sup>.

Ressaltamos e acreditamos que a fusão da sensibilidade com a razão e os desdobramentos desta fusão são fundamentais para que ocorra uma mudança de hábito. As reflexões de Peirce sobre o hábito e o amor Agápico, como base construtiva, nos ajudam profundamente e otimistamente a projetar uma nova direção para a realidade. Surge, portanto, a função do artista como propositor de sensações diversas, atuando com ardor para que se opere essa mudança. Ressaltamos que a ação estética é um instrumento capaz de possibilitar transformações de vidas.

Vivemos em um sistema aberto, complexo, que permite por meio de uma consciência sensível, emergir hábitos guiados pela poesia da vida. As obras de arte, as reflexões e as ações estéticas investem na mudança de hábito.

Prigogine na "Carta às Futuras Gerações"<sup>63</sup> faz um apelo aos jovens para agirem na construção do futuro e transformarem o período de guerra em paz.

---

62 'Precisamos cultivar nosso jardim' é a última frase do livro 'Cândido o Otimista' de François-Marie Arouet (1694-1778), mais conhecido pelo pseudônimo **Voltaire**. O que significa? Cultivar, em francês, tem o significado agrário de "cultivo", mas há ainda o sentido figurativo de 'tornar-se culto', participar do mundo cultural a sua volta. "Cultivar" em um sentido de educação, razão, tolerância, etc."

<http://pontedeluz.blogspot.com/2007/03/luz-do-iluminismo-no-meu-jardim.html>

<sup>63</sup> **Carvalho**. 2001 ou pode ser consultada no site <http://hps.infolink.com.br/peco/p000130a.htm>.

Reafirmamos aqui sua importância, para indicar a ação estética como arma pacífica em prol de matizar o mundo com novas cores. Peirce, Prigogine e Morin defendem a liberdade de agir e mostram a responsabilidade inerente a essa liberdade.

Sobre o amor os três teóricos estão de acordo. Morin adverte que o amor está submetido ao:

*segundo princípio da termodinâmica, que se define como um princípio de degradação e desintegração, combatendo-a pela regeneração. (...) cita Heráclito: 'Morrer de vida, viver de morte'. Nossas moléculas se degradam e morrem, sendo substituídas por outras. Vivemos utilizando o processo de nossa decomposição para nos rejuvenescer. (...) Acontece o mesmo com o amor, que só vive renascendo incessantemente. (...) O amor implica a regeneração permanente do amor nascente. (2002:24)*

Na defesa do amor como uma visão geral, Morin define:

*O amor faz parte da poesia da vida. A poesia faz parte do amor da vida. Amor e poesia engendram-se mutuamente e podem identificar-se um com o outro. Se o amor expressa o ápice supremo da sabedoria e da loucura, é preciso assumir o amor. O sentido do amor e da poesia é o sentido da qualidade suprema da vida. Amor e poesia, quando concebidos como fins e meios do viver, dão plenitude de sentido ao "viver por viver". (2002:9 -10)*

Ao concluirmos esse capítulo, enfatizamos que um diálogo pertinente entre os segmentos da vida estão embasados na visão multi, inter e transdisciplinar. Entender o diálogo entre os diversos segmentos da vida encontra em Jorge Vieira a explicação de como a teoria de sistemas, segundo Uyemov, elucida as relações entre as diferentes disciplinas:

**(m) S = df [R(m)] P**

**(m) multidisciplinar S sistema = df [R relações comuns entre elas interdisciplinar (m)] P**  
propriedades partilhadas — Transdisciplinar

Quando se aplica a definição de Uyemov é possível se compreender em P a emergência da transdisciplinaridade, algo novo que é fruto das relações no sistema. A preocupação em dialogar saberes foi o responsável pelo surgimento da Carta da Transdisciplinaridade, 1994, no I Congresso Mundial de

Transdisciplinaridade. Essa carta defende o crescimento do conhecimento pelo diálogo das diversas disciplinas que são responsáveis pela vida. O Prof. Dr. Ubiratan D'Ambrósio, um dos teóricos da carta da transdisciplinaridade, define a vida como uma tríade:

*O fenômeno da vida é inclusivo e complexo, está em permanente transformação e sujeito a uma dinâmica da qual sabemos muito pouco. Identifico três elementos fundamentais para que a vida se realize, que represento no que chamo de triângulo da vida (subentende-se "indivíduo" e "outro" como da mesma espécie, e "natureza" como a totalidade planetária e cósmica): os três componentes, o indivíduo, o outro e a natureza, são mutuamente essenciais. Vida significa a resolução desse triângulo indissolúvel. Nenhum componente tem qualquer significado sem os demais.  
(<http://www.sociologia.org.br/tex/educacaoparaapaz.htm>)*

D'Ambrósio faz um alerta ao palestrar no II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade. Explica que o uso indiscriminado da palavra transdisciplinaridade poderá comprometer a sua eficácia. Faz uma analogia das disciplinas com gaiolas, explicando que cada gaiola seria uma disciplina e que as diversas gaiolas corresponderiam a multidisciplinaridade. A interdisciplinaridade seria o diálogo entre as gaiolas e o resultado do diálogo entre elas seria a transdisciplinaridade. O grande risco é da transdisciplinaridade, por sua banalização, se tornar um grande viveiro, ao invés de abrir suas portas.

Avisa que o momento presente da sociedade é de transição e da busca por novos paradigmas. Cita Boaventura de Sousa Santos: "construir, na verdade, uma utopia tão pragmática quanto o próprio senso comum, não é uma tarefa fácil, nem uma tarefa que alguma vez possa concluir-se. É este reconhecimento, à partida, da infinitude que faz desta tarefa uma tarefa verdadeiramente digna dos humanos."<sup>64</sup>

O amor é uma tarefa inerente e digna aos humanos, por isso, defendemos que esse sentimento ocupe posição de destaque para gerar, alimentar e semear os futuros comportamentos. Insistimos nas ações para mudar hábitos tão solidificados, por entendermos a dificuldade de mudanças em hábitos ligados ao

---

<sup>64</sup> [http://vello.sites.uol.com.br/responsabilidade.htm#\\_edn12](http://vello.sites.uol.com.br/responsabilidade.htm#_edn12)

sentimento. Como Peirce definiu “o ideal estético é nutrido pelo cultivo de hábitos de sentimentos”.

*Não há nada mais profundamente enraizado no espírito humano do que os hábitos de sentir. Enquanto que o pensamento e a ação podem se modificar através de argumentos lógicos ou da força do bom-senso, os hábitos de sentimento só se modificam através do sofrimento ou da exposição constante do sentimento a objetos ou situações capazes de produzir sua regeneração. (...) As obras de arte não são apenas ambíguas encarnações de qualidades de sentimento, mas são formas de sabedoria, de um tipo que fala à sensibilidade, ao mesmo tempo em que convida a razão a se integrar ludicamente ao sentir. (Santaella.2005:131)*

Ressaltamos o poder transformador da arte “por afetabilidade”, o que fica evidenciado nas palavras de Santaella: “A arte regenera os hábitos”<sup>65</sup>. Palavras essas que nos permitem acreditar que uma mudança de Hábito é possível.

A unificação do homem, pelo diálogo entre razão e sentimento, é defendida pelos três teóricos. Prigogine concorda e cita Richard Tarnas: “Porque a paixão mais profunda da mente ocidental tem sido a de reunir a base do ser.” Vai mais longe e afirma que vivemos um período de reunificação e da busca pela unidade. (2001:97)

É possível que essa nova postura impulsionada pelas ações estéticas e por preocupações constantes com o todo da vida, sejam movidas pela atração de um ideal admirável. Esse ideal é admirável por encarnar qualidades de sentimentos.

Estamos confiantes, pois vislumbramos e sentimos ventos favoráveis a incorporação do amor nas atitudes. Acreditamos que a procura pelo admirável concretize o desejo dos três pensadores. Pensamento, ação e sentimento se completam e direcionam as ações do homem para novas atitudes frente ao mundo. Estamos cientes que o ideal em Peirce, Prigogine e Morin não pode ser programado e nem definido *a priori*, estamos somente jogando sementes. O

---

<sup>65</sup> Citação feita em classe no dia 10/10/2005 na disciplina: Semiótica Peirceana, da área de concentração Signos e Significação nas Mídias, da linha de pesquisa: Epistemologia da Comunicação e Semióticas das Mediações, no Departamento de Comunicação e Semiótica da PUCSP.

resultado só o tempo dirá. Como disse Machado de Assis: "Cada qual sabe amar a seu modo; o modo pouco importa; o essencial é que saiba amar". Nelson Rodrigues diz que "se o amor acaba é porque não era amor". Ou como afirmou Santo Agostinho: "A medida do amor é amar sem medida". Ou Madre Teresa de Calcutá<sup>66</sup>: "Não é o quanto fazemos, mas quanto amor colocamos naquilo que fazemos. Não é o quanto damos, mas quanto amor colocamos em dar."

Temos convicção que a mesma criatividade, que faz parte do homem e da natureza e se apresenta como um dom seja fruto da sensibilidade. Acreditamos que da mesma forma que se possa desenvolver e educar para aflorar a sensibilidade, se possa também educar para o amor. O amor é um dom, inerente ao homem e pode ser cultivado. Cabe a todos nós desenvolver estratégias que consigam despertar esse sentimento vivo em potencialidade, mas, que muitas vezes encontra-se em estado latente. Depositamos nas ações estéticas a esperança do estímulo e do afloramento desse sentimento.

Na busca pela divulgação e estímulo da sensibilidade nos utilizamos dos artistas, uma vez que esses conseguem perceber com antecedência o que ocorrerá no futuro. Como explicou Baudelaire<sup>67</sup> no poema "Os Faróis"<sup>68</sup>: "Os artistas que interpretam a linguagem misteriosa da natureza e traduzem as inquietudes humanas são os "phares"<sup>69</sup> que iluminam a rota dos homens dando-lhes a intuição de uma dignidade que está fora da sua condição mortal." (Baudelaire.1969: 432)

---

<sup>66</sup> **Madre Teresa de Calcutá.** Nasceu em 1910 e morreu em 1997. Foi uma missionária católica albanesa, nascida na República da Macedônia e naturalizada indiana, beatificada pela Igreja Católica. Algumas frases de Madre Teresa que enriquecem a tese: "O senhor não daria banho a um leproso nem por um milhão de dólares? Eu também não. Só por amor se pode dar banho a um leproso". "O que eu faço, é uma gota no meio de um oceano. Mas sem ela, o oceano será menor". "A falta de amor é a maior de todas as pobrezaas". "Não devemos permitir que alguém saia da nossa presença sem se sentir melhor e mais feliz". [www.pensador.info/.../Madre\\_Teresa\\_de\\_Calcuta](http://www.pensador.info/.../Madre_Teresa_de_Calcuta)

<sup>67</sup> **Charles Baudelaire.** Nasceu em 1821 e morreu em 1867. Foi poeta e teórico de arte francês. É considerado um dos precursores do Simbolismo. Sua obra teórica influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX.

<sup>68</sup> Veja a poesia completa no anexo.

<sup>69</sup> Significa "Faróis". Baudelaire se preocupa com a ação dos artistas e propõe que eles tirem a eternidade do presente, para tanto explica: "A modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente e a metade da arte, da qual a outra metade é o eterno e o imutável." (1997:25)

O capítulo II aborda alguns artistas que acreditamos serem “phares”, pois deram novos caminhos a arte. Marcel Duchamp inicia um período de reflexão e após suas idéias a arte não foi mais a mesma. Não incluímos Duchamp nos artistas elencados pelo trabalho, mas não poderíamos deixar de tecer algumas linhas sobre suas idéias que serviram para iluminar os outros artistas. Escolhemos como exemplos: Lygia Clark, Joseph Beuys e Frans Krajcberg, embora estejamos cientes que a lista de artistas que investem em um mundo melhor seja enorme, mas por ser inviável escrever sobre a totalidade de artistas, fizemos um recorte. Todo recorte está fadado a fazer algumas ou muitas injustiças.

Os artistas escolhidos concretizam os pensamentos dos filósofos apresentados no capítulo I. Investir em um futuro diferente pode ser o caminho dos artistas, que da mesma forma que os cientistas, entendem o mistério da vida.

Enfatizamos a necessidade da prática do pensamento sensível, ao construir e participar de um futuro diferenciado. O nosso trabalho por investir no diálogo com a vida e na transdisciplinaridade utiliza-se de diversos exemplos do cotidiano como se fosse uma viagem pela diversidade do homem. Um exemplo apaixonante, repleto de esperanças é o tema da Escola de Samba Portela<sup>70</sup>:

*A Portela foi buscar símbolos históricos do amor em livros, lendas e no cinema para a disputa do Carnaval de 2009 no Rio de Janeiro. A idéia era mostrar a importância desse sentimento para o ser humano no decorrer da história. A escola quis mostrar diversos “tipos” de amor, como entre namorados, familiares e amigos. A comissão de frente, por exemplo, representava a relação de coragem e lealdade existente entre o rei Arthur e os cavaleiros da Távora Redonda.*

*Depois, o carro abre-alas trazia a tradicional águia que é símbolo da escola, porém na cor dourada, acoplada a figuras que remetem ao filme “O Feitiço de Águila”, estrelado por Michelle Pfeiffer, sobre um casal de amantes que é alvo de uma maldição para nunca mais se encontrar.*

*Também foram representados os amores de “Tristão e Isolda”, matriz das narrativas do amor romântico, e Romeu e Julieta.*

*No segundo carro, a Portela mostrou a história do palácio indiano do Taj Mahal, construído em Agra pelo imperador mongol Shah Jahan, em memória de sua esposa favorita, Mumtaz Mahal, que morreu em 1631 ao dar à luz seu 14º filho.*

---

<sup>70</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u504649.shtml>

*Depois, a escola levou à avenida um carro sobre os africanos que vieram para o Brasil, deixando naquele continente os seus entes queridos. Na alegoria Vozes do Brasil, a Portela lembrou o amor dos brasileiros pela pátria.*

*Em um dos carros, a agremiação fez uma crítica à família moderna, que tem dificuldades de comunicação, apesar de os novos aparatos tecnológicos, como internet e celular, terem o potencial de melhorar essa interação. Uma das alas se chamava Plugado no iPhone, em referência ao celular inteligente da Apple. Bonecos de costas uns para os outros demonstravam essa distância entre os familiares.*

### **Samba Enredo da Portela: "E por Falar em Amor, Onde Anda Você?"<sup>71</sup>**

*Brilha Portela! Das trevas renasce o amor  
Doze cavaleiros se uniram  
Um rei a lealdade conquistou  
Lendas do povo europeu  
Feitiços, mistérios, magia  
A lua vem beijar o astro-rei  
A noite se encontra com o dia  
Lágrimas, nos olhos do Imperador  
Na Índia, o palácio da saudade  
Mãe África negra! O amor cruza o mar!  
Liberdade!  
Meu coração guerreiro  
É raça, é filho desse chão  
Meu canto tem raiz, é brasileiro  
É natureza e miscigenação  
Cenas de cinema, lindos temas de amor  
A união da família, momentos que o vento levou  
O homem tem que usar a consciência,  
As maravilhas da Ciência  
Para viver em harmonia  
Vem recordar... Ranchos, blocos e cordões  
Os mascarados nos salões  
As fantasias do Municipal  
Embarque nesse bonde é Carnaval!  
São vinte e uma estrelas que brilham no meu olhar  
Se eu for falar da Portela não vou terminar  
Lá vem minha águia no céu da paixão!  
O azul que faz pulsar meu coração!  
Oh! Majestade do samba  
Meu orgulho maior é a tua bandeira  
Chegou minha Portela! Meu eterno amor  
A luz de Oswaldo Cruz e Madureira*

---

<sup>71</sup> Compositores: Ciraninho, Wanderley Monteiro, Diogo Nogueira, Luiz Carlos Máximo e Júnior Escafura.

Ao finalizar este capítulo argumentamos por meio das reflexões de Antoine de Saint-Exupéry<sup>72</sup> que vão ao encontro das nossas preocupações:

*O futuro não é um lugar onde estamos indo, mas um lugar que estamos criando. O caminho para ele não é encontrado, mas construído e o ato de fazê-lo muda tanto o realizador quanto o destino.*

---

<sup>72</sup> **Antoine de Saint-Exupéry** [http://www.pensador.info/autor/Antoine\\_de\\_Saint-Exupery/](http://www.pensador.info/autor/Antoine_de_Saint-Exupery/)

## 4. Capítulo II –

### A Criatividade na Arte e na Vida

A vida do artista não poderia deixar de ser cheia de conflitos, porque duas forças estão em guerra dentro dele – por um lado, o anseio natural do homem por felicidade, satisfação e segurança, e por outro lado uma paixão cruel pela criação, capaz de ir tão longe a ponto de anular qualquer desejo pessoal. (...) Quase não há exceções à regra de que uma pessoa deve pagar caro pelo divino dom do fogo criativo.

Carl Jung

"A arte é cúmplice do amor. Tire o amor, e não existe mais arte."

Remy de Gourmont

Improvisar é aceitar, a cada respiração, a transitoriedade e a eternidade. Sabemos o que **poderá** acontecer no dia seguinte ou no minuto seguinte, mas não sabemos o que vai acontecer. Na medida em que nos sentimos seguros do que vai acontecer, trancamos as possibilidades futuras, nos isolamos e nos defendemos contra surpresas essenciais. Entregar-se significa cultivar uma atitude de não saber, nutrir-se do mistério contido em cada momento, que é certamente surpreendente, e sempre novo.

Stephen Nachmanovitch

A complexidade reclama uma verdadeira reforma do pensamento. (...) Mas esta nova abordagem e compreensão do mundo, de um mundo que se <autoproduz>, dá também um novo sentido à ação: é fazer apostas, o que significa que com a complexidade ganhamos a liberdade.

Morin (1998:239)

O modo complexo de pensar não é útil apenas para os problemas organizacionais, sociais e políticos. O pensamento que enfrenta a incerteza pode ensinar as estratégias para o nosso mundo incerto. O pensamento que reúne, ensina uma ética da aliança ou da solidariedade. O pensamento da complexidade possui, igualmente, seus prolongamentos existenciais, postulando a compreensão entre os humanos.

Morin (2003:77)

E depois temos aquele movimento artístico de um só homem, Marcel Duchamp – para mim, um movimento verdadeiramente moderno porque subentende que cada artista pode fazer o que pensa que deve fazer – um movimento para cada pessoa e aberto a todos.

Willem de Kooning

Chega sempre um tempo onde é preciso escolher entre a Contemplação e a ação.

Albert Camus

Minha arte é política de libertação.

Beuys

Assim como o ser humano não existe, mas tem que surgir primeiro, a arte também tem que surgir, pois ainda não existe.

Beuys

Se é arte ou não, é assunto para outros. Não me interessa se as pessoas gostam ou não do que faço...  
O meu trabalho é a única maneira de me expressar.

Krajcberg

Esse capítulo é dedicado aos artistas que comungam com os pensadores a visão de preservar e construir o futuro. A escolha tem como base o fato dos artistas convergirem à noção de arte com a vida. A estética para eles vai ao encontro dos pensadores elencados, no que diz respeito à ação. Ressaltamos que a idéia de ação é um dos focos principais do trabalho.

Os artistas criam objetos artísticos que têm o poder de fazer o receptor sentir, fruir e se extasiar quando defrontado com ele. A ação de usufruir a obra de arte é uma ação natural, ocorre sem esforço e desperta sensações instintivas e profundas. Quando o objeto artístico se apresenta ao receptor, inunda seu corpo e o mantém vivo. Mesmo a obra de arte mais estranha provoca reações de vida. O estar vivo é reagir é movimento. Discorrer sobre os efeitos profundos da arte, explicar de forma segura, o poder do objeto artístico ao estimular o homem, é uma tarefa árdua, complexa e fadada a erros se houver a intenção de encontrar uma definição precisa. A ambigüidade é a chave do objeto artístico.

As ações estéticas, no mesmo sentido que a arte, inquietam o interior mais profundo dos homens e servem de sementes de informação para futuros atos. É bem provável que o ato de amor seja regido por sentimentos estéticos, uma vez que está impregnado de qualidade de sentimento. Kandinsky afirma que "toda arte é filha do seu tempo" e o artista retrata esse tempo. O artista ao mostrar de forma sensível o momento em que vive enfatiza, com seu trabalho, o mistério da vida. Por outro lado, a ação estética, por ser um ato de amor, é a concretização da sensibilidade e do sentimento de agir em determinados momentos. Esse fluxo no tempo alimenta a corrente sígnica com qualidade de sentimento.

O artista ao criar está preocupado em propor visões e abrir os olhos do público aos sentidos, a sensibilidade. O mesmo acontece quando uma pessoa pratica uma ação estética. Como as duas ações jogam com os sentimentos há a convergência entre elas. A criação artística e a ação estética constroem o indivíduo e ajudam-no nas suas limitações frente à vida.

Peirce ao afirmar que a estética, juntamente com a ética e a lógica são responsáveis pela busca de um ideal admirável, abre caminho para ações estéticas, movidas pelo amor, para construir o amanhã. O amor está presente nos outros pensadores e passa a ser um elemento primordial para o retorno à sensibilidade perdida em virtude do domínio da razão. Esse sentimento vai além e surge como elemento de unificação, por agregar a diversidade e agir para a aquisição de novos hábitos de ação.

Os artistas, como um todo, têm se preocupado com o futuro da humanidade e muitas obras enfocam a situação do homem pós Iluminismo. No cinema, várias óticas da vida têm sido exploradas, mas é possível visualizar que essa diversidade e suas repercussões apontam para uma visão sistêmica. O amor seria, portanto, o elemento aglutinante das variadas facetas da vida. A relação da criatividade e do amor humanitário com a vida pode ser vista nos artistas e roteiristas que dedicam sua vida a lançar reflexões sobre a existência e o momento presente.

Um ponto de partida para se entender a arte atual como ação foi dada por Marcel Duchamp. Em, 1917, Duchamp afirma estar mais "interessado nas idéias do que no produto final" e sua irreverência fica explícita ao transportar um mictório público e colocá-lo em uma galeria de arte, como se fosse uma escultura. A esse objeto dá o nome de "Fonte" e assina R. Mutt. Esse trabalho foi recusado o que permitiu o surgimento dos *ready-made* (arte como idéia), nome dado por Duchamp ao objeto que "questiona deliberadamente e irreverentemente seu próprio *status* como arte." (Smith.1991:182)

Em meados dos anos 60 surge a arte conceitual<sup>73</sup> que representa a concretização das idéias de Duchamp.

---

<sup>73</sup> A arte conceitual é uma tentativa de revisão da noção de obra de arte arraigada na cultura ocidental. A arte deixa de ser primordialmente visual, feita para ser olhada, e passa a ser considerada como idéia e pensamento. Muitos trabalhos que usam a fotografia, xerox, filmes ou vídeo como documento de ações e processos, geralmente em recusa à noção tradicional de objeto de arte, são designados como arte conceitual. Além da crítica ao formalismo, artistas conceituais atacam ferozmente as instituições, o sistema de seleção de obras e o mercado de arte. George Maciunas (1931 - 1978), um dos fundadores do Fluxus, redige em 1963

Duchamp foi um gênio visionário e, a arte, depois de suas ações, não foi mais a mesma. O artista amplia os limites artísticos ao defender a arte como manifestação do artista e fora do circuito acadêmico.

*Duchamp deu a entender que a arte podia existir fora dos veículos convencionais e manuais da pintura e da escultura, e para além das considerações de gosto; seu ponto de vista era que a arte relacionava-se mais com as intenções do artista do que com qualquer coisa que ele fizesse com as próprias mãos ou sentisse a respeito de beleza. (Smith.1991:182)*

Willem de Kooning, ao definir o trabalho de Duchamp, afirma que esse estava correto em se interessar mais com idéias do que com o produto final. Afirma que Duchamp conseguiu abrir as fronteiras do fazer artístico. E é essa abertura que irá propiciar mais tarde a ênfase dada pelos artistas à recepção da obra de arte. É a mudança da platéia passiva em ativa, de simples contemplação para a participação e interação. A grande contribuição da arte conceitual é sem dúvida:

*O sentimento de libertação que ela gerou como efeito secundário. (...) uma geração de artistas nova e estilisticamente diferente surgiu gradualmente: esses artistas estão desenvolvendo e aperfeiçoando novos métodos para dar forma às suas idéias em termos visuais extravagantemente complexos e coloridos, sem perder a seqüência do pensamento. (Smith.1991:192)*

Após a abertura do fazer artístico por Duchamp, vários artistas contribuíram para ampliar a trajetória da arte, entre eles, os artistas escolhidos para este trabalho: Lygia Clark, Joseph Beuys e Frans Kracjberg.

---

um manifesto em que diz: "Livrem o mundo da doença burguesa, da cultura 'intelectual', profissional e comercializada. Livrem o mundo da arte morta, da imitação, da arte artificial, da arte abstrata... Promovam uma arte viva, uma antiarte, uma realidade não artística, para ser compreendida por todos [...]". A contundente crítica ao materialismo da sociedade de consumo, elemento constitutivo das performances e ações do artista alemão Joseph Beuys (1912 - 1986), pode ser compreendida a arte conceitual é uma tentativa de revisão da noção de obra de arte arraigada na cultura ocidental. A arte deixa de ser primordialmente visual, feita para ser olhada, e passa a ser considerada como idéia e pensamento. Muitos trabalhos que usam a fotografia, xerox, filmes ou vídeo como documento de ações e processos, geralmente em recusa à noção tradicional de objeto de arte, são designados como arte conceitual. Além da crítica ao formalismo, artistas conceituais atacam ferozmente as instituições, o sistema de seleção de obras e o mercado de arte. George Maciunas (1931 - 1978), um dos fundadores do Fluxus, redige em 1963 um manifesto em que diz: "Livrem o mundo da doença burguesa, da cultura 'intelectual', profissional e comercializada. Livrem o mundo da arte morta, da imitação, da arte artificial, da arte abstrata... Promovam uma arte viva, uma antiarte, uma realidade não artística, para ser compreendida por todos [...]". A contundente crítica ao materialismo da sociedade de consumo, elemento constitutivo das performances e ações do artista alemão Joseph Beuys (1912 - 1986), pode ser compreendida como arte conceitual.  
[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbet e=3187](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbet e=3187)



### Fonte

[www.students.sbc.edu/.../Marcel%20Duchamp.jpg](http://www.students.sbc.edu/.../Marcel%20Duchamp.jpg)

## 4. 1. A Criatividade na Arte - Arte como Ação e Política de Libertação

Na visão de arte como ação e política de libertação encontramos o artista Joseph Beuys<sup>74</sup> que fez de sua trajetória artística uma forma de incutir a ação nos indivíduos. Algumas frases marcantes de Beuys:

*"Todo mundo é um artista."*

*"Libertar as pessoas é o objetivo da arte, portanto, a arte para mim é a ciência da liberdade."*

*"Tornai os segredos produtivos."*

Beuys Explica o que entende por criatividade:

*[...] a criatividade não é monopólio das artes. [...] Quando eu digo que toda a gente é artista eu quero dizer que cada um pode concentrar a sua vida nessa perspectiva: pode cultivar a artisticidade<sup>75</sup> tanto na pintura como na música, na técnica, na cura de doenças,*

---

<sup>74</sup> **Joseph Beuys.** Nasceu em 12 de janeiro de 1921 e morreu em 23 de janeiro de 1986. Beuys foi um dos pioneiros do movimento ambientalista alemão e teve participação ativa na política. Ele fundou várias organizações políticas, como o Partido Alemão dos Estudantes, em 1967 (alemão: Deutsche Studentenpartei DSP), e a Organização para a Democracia Direta, em 1970. Em 1979, ele se tornou um dos membros fundadores do Partido Verde Alemão. Mesmo tendo até arriscado uma candidatura em uma eleição pelos verdes, Beuys expressou no fim da vida desgosto pela política partidária e havia se afastado das atividades do PV.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph\\_Beuys](http://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_Beuys)

<sup>75</sup> A artisticidade de Beuys é o cotidiano, acessível a toda a gente, processo contínuo, obra aberta para todos os imaginários que na participação, no debate e na ação solidária vão criando mudança de vida. O artista é o

*na economia ou em qualquer outro domínio [...]. O nosso conceito de arte deve ser universal, terá que ter uma natureza interdisciplinar com um conceito novo de arte e ciência. (1979 - entrevista a Franz Hak. BEUYS, 2005)*

Joseph Beuys, na Documenta de Kassel - 1979, fez uma apresentação com o nome de *7000 Carvalhos*. Para conseguir que carvalhos fossem plantados na cidade, o artista espalhou sete mil pedras e determinou que para cada pedra retirada pela Prefeitura fosse plantado em seu lugar um carvalho. Abaixo algumas fotos.



---

sujeito capaz de evocar o significado, apenas grosseiramente enunciado por aquele simples expediente com que toda a gente pode provocar a arte nos outros, ou seja, viver criativamente a vida "desocultando" o que está apenas escondido. Com materiais e instalações simples, Beuys pretende provocar interpretações simbólicas e culturais singulares, reações de todos os que são capazes de construir a visão artística do que apenas foi enunciado. O "artista" fazedor apaga-se para enaltecer o artista decifrador, que ocupa agora o lugar na divina criação daquilo que foi apenas a modesta aparência ou sombra da realidade que é a vida quotidiana. Trata-se da inversão do mito da caverna de Platão. Antigamente o artista era o personagem que, através do "ícone sublime", fazia aparecer a divindade no público considerado como incapaz de compartilhar da beleza dos deuses, própria aos divinos artistas. Agora, trata-se de uma demissão do papel divino do fazedor de arte, para que caiba aos outros o papel de criadores autônomos. Mas não se pretende apenas essa reviravolta do sujeito objeto. Trata-se agora da possibilidade de toda a gente poder participar neste duplo jogo de produzir e usufruir da arte, transpondo este passo que separa o artista do não artista.

[http://www.ipv.pt/millennium/Millennium25/25\\_24.htm](http://www.ipv.pt/millennium/Millennium25/25_24.htm)



A ação de Beuys em Eichen – *Stadtverwaldung statt Verwaltung 1979* – tinha como finalidade o incentivo ao reflorestamento urbano. Acreditava e depositava suas esperanças na proliferação dessa ação e pretendia que essa idéia se espalhasse por outras cidades.

A atitude de Beuys duplicou o número de árvores de Kassel. Essa "escultura social", era composta por cinco tipos de carvalho e mais de 36 outras espécies de árvores. Além de criar o verde, Beuys provocou grandes polêmicas e resistências entre os moradores da cidade. Afinal, isso acarretou menos vagas para estacionar, mais folhas para varrer e mais motivos para acidentes de carro. Algumas árvores recém-plantadas chegaram até a ser destroçadas.

Hoje, uma ação como *7000 Carvalhos* não seria uma provocação tão grande. O grau de institucionalização das intervenções artísticas é tal que atualmente existe até uma associação para cuidar somente do futuro da escultura social de Beuys. Alertamos para o perigo de associações tornarem-se soberanas das obras de artes, pois deve-se ficar atento e não permitir que esse grau de institucionalização modifique a intenção do artista. Muitas vezes fala-se em nome da arte e do artista, mas se age de forma contrária. Não se pode esquecer que a liberdade é o motor da arte e do artista.

Em relação às atitudes efetivas de Beuys lembramos que ele foi um dos fundadores do Partido Verde Alemão. Essa iniciativa foi precursora do surgimento de diversos partidos políticos voltados para o ambiente e, atualmente, em vários países a bandeira verde é hasteada. A nossa intenção não é defender e nem fazer propaganda de partido político, esta tese é partidária, mostramos a arte como ação e política de libertação, como foi defendida por Beuys.

Um exemplo magnífico da arte como ação, ou melhor, da ação como arte, encontramos no violista Joshua Bell<sup>76</sup> que, em sua passagem pelo Brasil, dedicou

---

<sup>76</sup> Reportagem sobre a visita de Joshua Bell ao Brasil. O Estado De São Paulo 24 de Junho de 2009. João Luiz Sampaio

**"Adotem a música!"**

O violinista Joshua Bell conversa, e toca de improviso, com jovens de Heliópolis

Os jovens da Sinfônica de Heliópolis mal acabaram de fazer soar os acordes finais da Abertura Hebrides de Mendelssohn e um Joshua Bell de olhos arregalados curvou-se para cumprimentar o spalla do grupo. "Vocês tocam de maneira entrosada, olham uns para os outros, têm energia, excitação. Já toquei com as maiores orquestras do mundo e, acreditem, essa energia não é fácil de ver, não. Eu adoro Mendelssohn, é um dos meus compositores favoritos. Talvez um dia, quando vocês estudarem o concerto para violino dele, a gente possa tocá-lo juntos, que tal?" O riso maroto surgiu primeiro no rosto do maestro Roberto Tibiriçá e logo se espalhou pela orquestra, formada por jovens de 18 a 24 anos. Rapidamente, eles começam a tirar as partituras das mochilas. "Agora?", perguntou Bell, já sacando da mala seu Stradivarius.

Bell é hoje uma das maiores estrelas do violino internacional, com quase 30 anos de carreira (ele não gosta de revelar a idade, mas vai fazer 41 anos em 2009) e mais de 35 gravações reconhecidas por prêmios como o Grammy. Está na cidade desde domingo, quando tocou com a Orquestra Sinfônica Brasileira na Sala São Paulo. Segunda e terça, fez recitais com o pianista Frederic Chiu no Teatro Alfa, parte da temporada do Mozarteum Brasileiro. Esteve em Heliópolis na manhã de ontem por conta de uma parceria da entidade com o Instituto Baccarelli, antigo trabalho de formação musical realizado na favela, a maior da cidade, do qual a Sinfônica de Heliópolis é o chamariz mais atraente.

Bell chegou pouco antes da 11 horas e foi recebido pelos alunos da classe infantil de violino do instituto. Tocaram para ele Brilha, Brilha, Estrelinha, mas acoplando à melodia tradicional americana ritmos brasileiros que fizeram o violinista ensaiar uns passinhos. "Sempre que vou encontrar crianças eles tocam para mim essa peça, mas nunca tinha ouvido assim, com esse ritmo." Depois da tradução, risinhos. "Vocês

sua arte a vida. Joshua foi visitar Heliópolis e, para incentivar os meninos tocou com eles. A atitude de Joshua representa a importância da ação para o artista.

---

querem ver meu violino?" A professora contou a história do instrumento, de 1713, que já foi roubado duas vezes e vale US\$ 5 milhões. E Bell tocou uma peça de Bach para os rostos atentos dos meninos e meninas de 7 a 11 anos. Do que gostaram mais, aliás? Dele ou do violino? Mayara, de 10 anos, pensa um pouco, põe o dedinho no queixo. "Dele... mas o violino é legal também. Achei bonito, deu até vontade de chorar." Israel, de 12 anos, há quatro estudando violino, diz que não sabia que ele ia tocar. "Achei que ele ia só ouvir. A gente estava até com um pouco de medo."

De volta à sala de ensaios da sinfônica, o primeiro movimento do concerto de Mendelssohn vai chegando ao fim. Bell inicia a cadência, parte dedicada ao solo do instrumento, hesita um pouco. "Acho que esqueci. E olha que essa cadência fui eu que escrevi", diz ele, sorrindo, enquanto toca. O maestro Tibiriçá vai conduzindo os músicos até a parte final do movimento, da qual emerge o solo do fagote, sozinho sobre a orquestra. Bell relaxa, vira-se. Mas não é este o solo de fagote que abre o segundo movimento? Não, eles não pretendem deixar Bell escapar assim tão fácil. Ele ri, empunha uma vez mais o violino. As cordas da orquestra introduzem o tema. "Mais doce, mais doce", pede Bell. É atendido. E o segundo movimento do concerto segue seu curso.

Bell diz que não gosta de dar master classes. Prefere conversar com os estudantes, trocar experiências. E que troca pode haver entre um jovem nascido no bucólico interior de Indiana, nos Estados Unidos, onde iniciou seus estudos aos 4 anos, e jovens carentes que enfrentam os desafios diários de uma metrópole como São Paulo? Um estudante pergunta a ele: "Ao se deparar com uma situação complicada, uma enorme dificuldade, você pensou em abandonar o violino?" Quem começa a responder é o pianista Frederic Chiu, também presente no bate-papo. "Quando comecei minha carreira, fui morar em Paris. Não tinha dinheiro, ficava em um quarto sem banheiro, sem nada, sem piano. Como eu ia estudar? Eu parava as pessoas nas ruas e perguntava se tinham piano em casa, se me deixariam ensaiar nele. Tenho amigos chineses que foram proibidos de tocar pelo governo, não podiam ter piano, então desenhavam em um papel as teclas para poder estudar. Com isso, você se transforma. No meu caso, comecei a ver a música também dentro de mim, com a cabeça, pensava nas peças já que não podia tocá-las. Isso fez de mim um músico muito melhor. A dificuldade pode ser professora." Bell pede a palavra, vai direto ao ponto. "Eu sei que muitos de vocês já passaram ou passam por enormes dificuldades. Mas aprendam a usar isso na música de vocês. Música é sofrimento, é conflito, mas é também a trajetória da superação em direção à alegria, à beleza. O sofrimento pelo qual vocês passam deve ser colocado na música de vocês. É isso que fará de vocês artistas e pessoas únicas. E, nunca, nunca, abandonem a música. Adotem a música. Tenham ela perto de vocês. Sempre. Para mim é claro que não existe vida sem música e tenho certeza de que com vocês é igual."

Mendelssohn, Concerto para Violino, terceiro movimento. Bell olha para os violinos da orquestra enquanto seu solo emerge da malha sonora por eles produzida. Sorri, muito. "Pianíssimo, pianíssimo", pede e logo vira o rosto na direção dos violoncelos. Não diz nada, mas eles reagem. "A gente não esperava poder tocar com ele. Estávamos ensaiando essa peça porque vamos interpretá-la na semana que vem. Mas foi incrível. Ele pega o violino e, de repente, do nada, sai fazendo música junto com a gente", diz a estudante Carolina de Moraes, de 26 anos. "Nunca estive tão perto de um Stradivarius assim", acrescenta Jessé Siqueira, de 21 anos, desde os 13 estudando violino. "Mas eu fiquei meio nervoso, trocando as notas, queria ficar prestando atenção no som maravilhoso do instrumento dele."

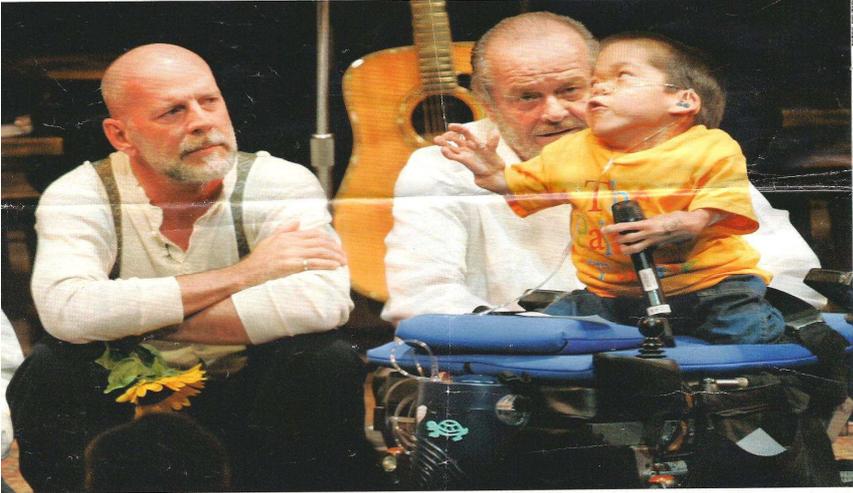
Mais tarde, durante a conversa com os músicos, Bell fala de tudo um pouco. Adora videogame, seria psicólogo se não fosse músico, se bem que também tem fascinação por matemática e computação. Além, claro, de adorar comer e beber. "Ontem estivemos em um... como fala? Rodízio. Uau." A conversa, no entanto, logo volta para a música. Na pauta, Mendelssohn. "Vejam o que acabamos de fazer. Este concerto pode ser a coisa mais entediante e chata do mundo, mas pode também ser algo fascinante. O que faz a diferença é o prazer de fazer música, é o diálogo entre vocês, como percebi enquanto tocávamos. Não percam essa energia, de jeito nenhum. É ela que fará de vocês grandes músicos. É preciso ter prazer quando tocamos. Foi o que senti agora. E tenho certeza de que muitos de vocês serão grandes artistas e espero reencontrá-los mundo afora em boas orquestras." Ele empunha o violino mais uma vez. Toca, como despedida, Yankee Doodle. Os músicos querem mais, porém, já saíram de lá com um extra. Na semana que vem, quando receberem o violinista Erik Schumann, com quem se apresentam, e ouvirem a pergunta: "Vocês já tocaram essa peça antes?", poderão responder: "Já, com Joshua Bell." Precisa mesmo de mais?

Transformar os problemas da vida difícil dos meninos em momentos de alegria e esperança para o futuro. Depois de tocar com os pequenos disse:

*Eu sei que muitos de vocês já passaram ou passam por enormes dificuldades. Mas aprendam a usar isso na música de vocês. Música é sofrimento, é conflito, mas é também a trajetória da superação em direção à alegria, à beleza. O sofrimento pelo qual vocês passam deve ser colocado na música de vocês. É isso que fará de vocês artistas e pessoas únicas. E, nunca, nunca, abandonem a música. Adotem a música. Tenham ela perto de vocês. Sempre. Para mim é claro que não existe vida sem música e tenho certeza de que com vocês é igual." "O que faz a diferença é o prazer de fazer música".*

Muitos artistas, de cinema, estão engajados em deixar um mundo melhor, por meio de ações estéticas. Só para ilustrar Angelina Jolie depois que fez o filme "Amor Sem Fronteiras" iniciou ações em prol dos mais necessitados. Poderíamos citar inúmeros artistas, mas escolhemos Paul Newman que criou uma indústria de alimentos em que todo o lucro é revertido para a caridade. Além disso, auxiliou crianças doentes e dependentes químicos. Depois da morte de Newman foi feita uma homenagem ao trabalho desempenhado por ele em vida. No anexo tem uma reportagem sobre o artista.

## UM TRIBUTO A PAUL NEWMAN ASTROS DE HOLLYWOOD EM PROL DE CRIANÇAS



**Bruce Willis e Jack Nicholson no evento em prol da fundação de Newman para crianças, em São Francisco. Acima, Sean Penn, Julia Roberts, Billy Cristal e o casal Annete Bening e Warren Beatty.**

**"É a primeira vez que estamos neste palco sem Paul. Sem dúvida, existe um vazio. Viemos aqui por ele", disse Julia Roberts. O encontro foi realizado no San Francisco's Davies Symphony Hall, Califórnia, e reuniu 2.500 pessoas.**

**P**ouco mais de um mês após a morte do ícone do cinema mundial Paul Newman (1925-2008), a elite de Hollywood subiu ao palco para homenagear o ator que se imortalizou nas telas por desempenhos magistrais e se destacou na vida pessoal por obras em favor de grandes causas humanitárias. O encontro de notáveis visou levantar fundos para a The Painted Turtle, instituição médica fundada por Newman na Califórnia com o objetivo de dar apoio e esperança a crianças com doenças de alto risco. Astros como Jack Nicholson (71) e Bruce Willis (53) apoiaram a causa e se comoveram com a presença de crianças assistidas pela entidade. Os dois atores, além de Sean Penn (48), Julia Roberts (41), Billy Cristal (60) e o casal Annete Bening (50) e Warren Beatty (71), participaram da leitura do texto *The World of Nick Adams*, de A.E. Hotchner (88), baseado num conto do escritor americano Ernest Hemingway (1899-1961). "Esta é a primeira vez que estamos neste palco sem Paul. Sem dúvida, existe um vazio. Viemos aqui por ele", disse Julia Roberts. O encontro foi realizado no San Francisco's Davies Symphony Hall, Califórnia, e reuniu 2.500 pessoas.

#### 4. 2. A Criatividade: O Corpo como Memória da Vida:

O Corpo como memória da vida encontra em Lygia Clark<sup>77</sup> seu maior expoente. Lygia faz de sua pesquisa artística um caminho para entender o homem e traçar possibilidades para conhecê-lo. O homem moderno, na sua trajetória evolutiva, concentrou na visão, sua importante porta de percepção. A audição foi a segunda porta e as outras entradas de percepções foram relegadas a planos inferiores. Lygia percebeu a importância dos sentidos para complementar o ser. Por que não resgatar as sensações adormecidas? Se o homem é composto pela união do *homo sapiens e demens*, segundo Morin, por que esquecer sua porção *demens* e se concentrar somente no *sapiens*? Lygia traz para o artista a responsabilidade de mostrar os caminhos alternativos, para equilibrar e unir esse corpo dividido e nostálgico.

Desde 1976, Lygia propõe que o ser humano solte sua sensibilidade e viva o instante. Para libertar o indivíduo de suas amarras, propõe: "O viver o presente, a arte sem arte". (Milliet.1992:100). Vai além ao dizer que "O homem moderno deve descartar-se desse excesso de racionalismo que está no coração do pensamento contemporâneo" (Milliet.1992:102). O trabalho vanguardista de Lygia representa o olhar do indivíduo para si mesmo, pela redescoberta de sensações perdidas. Lygia ao enxergar o corpo na sua totalidade faz dialogar o interior e o exterior e antecipa a preocupação atual do homem que, ao mesmo tempo em que modifica o ambiente, é recursivamente modificado por ele. O corpo por ser único aponta para a inexistência de uma parte interior e outra exterior, pois uma completa a outra e cria uma totalidade.

"Na Fase sensorial do meu trabalho, que denominei *Nostalgia do Corpo*, o objeto ainda era um meio indispensável entre a sensação e o participante. O homem

---

<sup>77</sup> **Lygia Clark.** Nasceu em 23 de outubro de 1920 (minas Gerais) e morreu em 25 de abril de 1988 (rio de Janeiro).

encontra seu próprio corpo através de sensações táteis realizadas em objetos exteriores a si". (Milliet.1992:119)

O caminho escolhido por Lygia na "Estruturação do *Self*" parte da obra para a poética.

*"A poética clarkiana supera a obra e elege o corpo como espaço experimental para uma expressão não codificada, 'não há necessidade de objeto: é o ato que engendra a poesia'. (...) na realidade arte e vida sempre estão imbricados: de vivências, extrai pensamentos aplicados no fazer artístico; da prática da arte, deriva reflexões revertidas para a vida." (...) A atuação de Clark no campo da arte ou fora dele não é regida por dogmas, é antes fundada em motivações pessoais profundas articuladas às circunstâncias externas em contínuas e múltiplas adaptações."*

*"A importância de Lygia Clark no panorama cultural brasileiro não se prende exclusivamente ao estético, mas, sobretudo à determinação de atravessar os territórios minados da arte e da terapia. Seu legado é a ousadia de querer mudar a si, mudar a linguagem e 'mudar o mundo': sua obra é o trajeto". (Milliet.1992:177-179)*

Lygia Clark chama atenção para a necessidade de ampliar as artes na direção da exploração de todos os sentidos, não só do visual. Essa procura por novas significações do eu é um caminho para uma poética do corpo. Lygia afirmou que não era uma artista e sim uma propositora e, em 1968, escreveu o seguinte manifesto sobre o artista, o fazer arte e a participação do público:

*Somos os propositores: somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido de nossa existência.*

*Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos; estamos a vosso dispor.*

*Somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação.*

*Somos os propositores: não lhe propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora. (Lygia apud Milliet.1992: 156)*

Nesse manifesto é possível entender como a obra de arte provoca a ação e cria o indivíduo. É quase como uma ação divina. Como se fosse um sopro de vida. É a experimentação sensorial que transforma o corpo. Lygia expande as fronteiras do fazer artístico, ao interagir com as diversas linguagens, o público e o pensar o corpo. Exemplo dos objetos relacionais:



Lygia promove nos anos 70/80 uma nova relação entre o artista e o espectador que é, antes de tudo, o responsável pelo resultado da proposta do artista. A artista apresenta uma nova postura de ação, que vai ao encontro do desejo dos artistas que, nessa época, começavam a se preocupar com o objeto artístico, pela ótica da recepção.

Os "Objetos Relacionais" de Lygia foram utilizados como terapia nas experiências de Lula Wanderley<sup>78</sup>. Guy Brett<sup>79</sup>t ao ler o livro de Wanderley "O Dragão pousou

---

<sup>78</sup> **Lula Wanderley** nasceu em Recife, Pernambuco. Além de artista gráfico formou-se em medicina na UFP. Migrou para o Rio de Janeiro em 1976, onde se ligou a Nise da Silveira, trabalhando na Casa das Palmeiras e

no Espaço” define-o: “Talvez a melhor maneira de caracterizar este livro seja dizer que ele é sobre vidas humanas, já que este é o modo mais verdadeiro de unir as experiências dos que sofrem, dos artistas e dos terapeutas.” (Wanderley.2002)

Na última pagina do livro encontramos seguinte:

*“E assim a **Vida** lentamente ocupa o lugar  
do que há muito tempo  
se chamava **Arte**”, que ocupa o lugar  
do que antes  
se chamava **“Loucura”**.*

Brett explica a pertinência do trabalho terapêutico de Wanderley apoiado nos objetos de Lygia. Mostra sua alegria pelo reconhecimento internacional, mesmo que tardio, da competência de Lygia como artista e propositora. Enaltece o livro, por ele construir “uma nova e surpreendente conexão entre arte e o tratamento da loucura. (Wanderley. 2002:7) Sobre Wanderley elogia seu trabalho pioneiro para os distúrbios mentais graves, nos quais se utiliza de diferentes terapias:

*Incluindo procedimentos médicos, mas a preocupação central da clinica de Wanderley tem sido a utilização dos Objetos Relacionais de Lygia como parte do processo terapêutico. Wanderley nunca fala de obtenção de uma “cura” através do método de Lygia, mas de trazer um “melhor contato afetivo com a realidade”, ou um “desbloqueio de nossa relação com o mundo. (Wanderley.2002:8-9)*

As pesquisas de Lygia representam a visão de ação que defendemos nesta tese. A arte sai da esfera das artes como representação de uma imagem real, para se manifestar e atuar na vida. A possibilidade de se tratar a loucura pelos objetos de Lygia é gratificante. Wanderley teve seu percurso profissional dividido entre a psiquiatria e a arte. Após se formar foi para o Rio de Janeiro e trabalhou com a Dra. Nise da Silveira<sup>80</sup>, quem o aconselhou a continuar na medicina e usar a

---

no Museu de Imagens do Inconsciente. Colaborou com Lygia Clark na transposição do Objeto Relacional para uma proposta psicoterápica, desenvolvendo um trabalho junto a esquizofrênicos em hospitais psiquiátricos.

<sup>79</sup> **Guy Brett**. escreve sobre arte desde a década de 1960. Seus artigos, ensaios e livros têm revelado, no contexto da crítica internacional, uma posição singular voltada para a produção mais experimental, à revelia de todos os formalismos, e caracterizada por um repertório de conceitos que se baseiam na convivência com os artistas e suas obras.

[http://www.contracapa.com.br/Guy\\_Brett\\_Brasil\\_experimental.htm](http://www.contracapa.com.br/Guy_Brett_Brasil_experimental.htm)

<sup>80</sup> **Nise da Silveira** nasceu em Maceió, 15 de fevereiro de 1906 e morreu no Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1999. Foi uma renomada médica psiquiatra brasileira, aluna de Carl Jung. Dedicou sua vida à psiquiatria e manifestou-se radicalmente contrária às formas agressivas de tratamento de sua época,

sensibilidade como instrumento de trabalho. Teve contato com os objetos relacionais de Lygia e mostra a possibilidade da convergência entre a arte e a psicanálise. O que enfatiza a potencialidade da ação do artista.

Wanderley, em uma entrevista<sup>81</sup> a Máira Novoa, explica seu trabalho como coordenador do Espaço Aberto ao Tempo – IMAS Nise da Silveira no Engenho de Dentro.

*Para tomar a sensibilidade como instrumento de trabalho, o meu mecanismo subjetivo de captar a realidade é estético. Embora eu dê uma resposta a isso na passagem da estética para a ética, meu mecanismo subjetivo é estético. O que eu fiz foi entrar nesses ambientes de psiquiatria e me deixar impressionar pelos clientes em uma época em que deixar-se impressionar era proibido, deveria cultivar um olhar de neutralidade.*

*(...) Quando eu falo em juntar arte e clínica não é só colocar os clientes para pintar, desenhar, fazer música... é tomar a arte como um acontecimento clínico.*

*(...) Os Objetos Relacionais eu comecei a usá-los logo que fui para a enfermaria. Por ser uma coisa mais visível, eu me interessei pela vivência de corpo dos clientes. Isso foi logo cedo e me fez chegar até a Lygia Clark que tinha uma arte voltada para o corpo. Comecei a experimentar quase que por acaso em pessoas com vivências esquizofrênicas. Antes de vir para cá comecei a fazer algumas experiências que foram muito encorajadoras e contei para o Jurandir Freire que estava trabalhando aqui no Nise da Silveira dando supervisão em um dos hospitais. No hospital Gustavo Riedel havia um caso de uma mulher extremamente grave, que não comia, pesava uns 32Kg e já não tinha forças para nada. O hospital clínico de apoio dizia que era uma Neoplasia. Jurandir, acreditando ser um sofrimento psíquico, disse para tentarmos uma aproximação com ela com três ou quatro terapias diferentes ao mesmo tempo. Alguém fazia as experiências medicamentosas, eu fazia essas experiências com o corpo e outro fazia experiências com*

---

tais como o confinamento em hospitais psiquiátricos, eletrochoque, insulino-terapia e lobotomia. Por sua discordância com os métodos adotados nas enfermarias, recusando-se a aplicar eletrochoques em pacientes, Nise da Silveira é transferida para o trabalho com terapia ocupacional, atividade então menosprezada pelos médicos. Assim em 1946 funda nesta instituição a "Seção de Terapêutica Ocupacional".

No lugar das tradicionais tarefas de limpeza e manutenção que os pacientes exerciam sob o título de terapia ocupacional, ela cria ateliês de pintura e modelagem com a intenção de possibilitar aos doentes reatar seus vínculos com a realidade através da expressão simbólica e da criatividade, revolucionando a Psiquiatria então praticada no país. Em 1952, ela funda o Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro, um centro de estudo e pesquisa destinado à preservação dos trabalhos produzidos nos estúdios de modelagem e pintura que criou na instituição, valorizando-os como documentos que abrem novas possibilidades para uma compreensão mais profunda do universo interior do esquizofrênico.

Poucos anos depois da fundação do museu, em 1956, Nise desenvolve outro projeto também revolucionário para sua época: cria a Casa das Palmeiras, uma clínica voltada à reabilitação de antigos pacientes de instituições psiquiátricas. Neste local podem diariamente expressar sua criatividade, sendo tratados como pacientes externos numa etapa intermediária entre a rotina hospitalar e sua reintegração à vida em sociedade.

Foi uma pioneira na pesquisa das relações emocionais entre pacientes e animais, que costumava chamar de co-terapeutas. Percebeu esta possibilidade de tratamento ao observar como um paciente a quem delegara os cuidados de uma cadela abandonada no hospital melhorou tendo a responsabilidade de tratar deste animal como um ponto de referência afetiva estável em sua vida.

<sup>81</sup> <http://rubedo.psc.br/08outub/entlula.html>

*linguagem e comunicação. Conseguimos resgatar essa mulher de uma forma belíssima. Resgatar essa mulher para a vida porque ela poderia morrer com aquela anorexia com idéias puramente delirante. Lembro alguma coisa da história: ela bateu nos filhos e disse palavras contra Deus pela vida miserável que estava vivendo; teve a idéia de que Deus a castigou tampando toda a sua víscera e por isso não poderia comer. Jurandir chegou para mim e disse: "é o momento de você experimentar isso". Eu tinha uma experiência muito pequena, estava cheio de dúvidas e levei uma bronca dele porque era grave o estado da cliente e eu não tinha que ficar pensando. Se eu já tinha algumas experiências boas com os Objetos Relacionais, por que não?*

*(...) Eu trouxe os Objetos da Lygia como instrumento para a transformação da enfermaria. São objetos de específica sensorialidade tátil, que não trazem uma linguagem visual que lhe dêem significado fora da relação que estabelece com o corpo. Eles ganham significação na relação que estabelece com o corpo através de uma linguagem específica do corpo e, se você estabelece essa relação, você subjetiva, você sai de sua posição psicótica. Porque você dá significado aos objetos, você dá significado ao seu corpo e à sua própria vida. Essa é, em síntese, a experiência da Estruturação do Self. E foi muito bom, porque aprendi também através dessas experiências a fazer leituras não só da experiência, mas da vivência dos clientes, o modo deles vivenciarem o tempo e o espaço, os objetos. Através desse tipo de leitura fui ajudando a criar o Espaço Aberto ao Tempo.*

*(...) Eu ofereço um objeto, fenomenologicamente desconstruído para que você aproprie-se dele e o reconstrua, reconstruindo seu próprio corpo. Cabe ao cliente fazer isso ou não e a mim seguir qual é a construção que ele faz com aquele objeto e se ela é válida para ele ou não. Não é como uma psicoterapia que tenha um tempo próprio, onde eu digo alguma coisa e espero que o sujeito responda para colher outra. É uma relação que ele estabelece com o objeto, da qual eu sou apenas um mediador.*



*(...) Não existe um objeto, existe um conjunto de objetos que envolvem o corpo. Cada um tem uma sensorialidade diferente, cada um causa estímulos no corpo de maneiras distintas, mas um complementa o outro. Isso que os caracteriza e por isso não é um objeto qualquer. Essa unidade que eles formam tem uma relação particular com o corpo. É sempre uma película, por onde corre uma matéria pura dentro. Existe aquela sensorialidade do objeto que vai para além do seu corpo, para um interior imaginário do seu corpo. Muito difícil falar sobre isso, mas toda a experiência do Espaço Aberto ao Tempo foi muito forte. Eu não tenho dúvidas de sua utilidade.*



<http://rubedo.psc.br/08outrub/entlula.html>

Enfatizamos que entender a arte somente como a criação do belo é minimizar sua potencialidade, assim como a do artista. A função maior do artista é despertar sensações é criar momentos de reflexão pelos sentidos em relação a si e a vida.

Reafirmo aqui a importância da reflexão de Augusto Boal sobre a função da arte: "Sinto sincero respeito por todos que dedicam suas vidas à arte (...). Mas prefiro àqueles que dedicam sua Arte à Vida"

#### **4. 3. A Criatividade: A Arte na Defesa da Natureza**

Como exemplo de arte na defesa da natureza, escolhemos o artista Frans Krajcberg<sup>82</sup> por sua dedicação ao ambiente. Krajcberg, polonês naturalizado brasileiro, sentiu na carne as dores e a destruição da guerra e, acreditou que encontraria paz além das fronteiras da terra mãe. Triste esperança!!! Ao ver as queimadas no Brasil percebeu que o homem não vive na paz, ao contrário, sempre arranja um motivo para destruir. A partir dessa experiência dedicou sua arte e vida na defesa da natureza que, segundo ele, agoniza como os homens vencidos pelas mãos dos próprios homens.

---

<sup>82</sup> **Frans Krajcberg.** Nasceu em 12 de abril de 1921 na Polônia. Pintor, escultor, gravador e fotógrafo, naturalizou-se brasileiro. Fugiu da guerra e Chegou ao Brasil em 1948. Participou da primeira Bienal de São Paulo, em 1951. Em 1964, executou as suas primeiras esculturas com troncos de árvores mortas.

Afirmou diversas vezes que sua intenção vai além da arte, pois deseja contribuir na manutenção da complexidade da vida e da natureza. Em seu trabalho usa os resíduos dos campos devastados pelo homem, que, segundo ele, mais parecem campos de batalha. As esculturas de Krajcberg são monumentos feitos de troncos, galhos e detritos de queimadas e desmatamentos. Seu trabalho é manipular resíduos da destruição e do caos e transformá-los em objetos artísticos.



Krajcberg dá vários depoimentos sobre suas andanças pela destruição do homem. "Vou para a floresta e me sinto tão queimado quanto à árvores." (Sant'Anna, 2007)

*O Brasil cuja maior riqueza é a natureza, está próximo de se tornar um país de caatinga e cerrados, com exceção de alguns parques e monumentos ecológicos. Estamos próximos do completo esgotamento dos nossos recursos naturais. Precisamos urgentemente distinguir o uso do abuso, a exploração da esfoliação, a conservação da devastação. Só assim os recursos naturais poderão continuar sendo usados pelo homem. (2008:14-15)*  
*Existe hoje uma consciência mundial em favor do meio ambiente. Graças a ela, reforça-se a idéia de que a sobrevivência da humanidade depende diretamente da sobrevivência do planeta. Essa dependência não é só de ordem física. Ela é também uma fonte de inspiração espiritual, que nos permite antever um tempo infinito e dar mais sentido a vida. (2008: 60-61)*

Artista engajado com o futuro da vida argumenta sobre o seu trabalho: "Se é arte ou não, é assunto para outros. Não me interessa se as pessoas gostam ou não do que faço... O meu trabalho é a única maneira de me expressar. Se começo a gritar na rua, me botam num hospital de doidos". (Frans Krajcberg)

Além de seus trabalhos artísticos que mostram os desatinos da raça humana, Krajcberg atua como defensor do verde e, em particular, da floresta amazônica. O artista em parceria com Pierre Restany<sup>83</sup> e Sepp Baendereck<sup>84</sup> são os responsáveis pelo "Manifesto do Rio Negro", que foi assinado em 1978. No Manifesto são disseminadas as bases conceituais para uma consciência ambiental diferenciada, denominada de naturalismo. "A idéia é que a arte, assim como a visão ambiental

---

<sup>83</sup> **Pierre Restany.** Escritor e crítico de arte contemporânea nasceu, em 1930 na França e morreu em maio de 2003.

[http://www.infopedia.pt/\\$pierre-restany](http://www.infopedia.pt/$pierre-restany). Restany propõe: "... A arte de vanguarda não é mais uma arte de revolta, mas uma arte de participação popular. Como assegurar as condições dessa participação? Voltando à realidade direta, a do nosso presente. Arte de comunicação de massa, arte da Segunda Revolução Industrial é uma arte popular por necessidade histórica.

<http://worldartnow.blogspot.com/2007/06/pierre-restany.html>

<sup>84</sup> **Sepp Baendereck.** Pintor, desenhista, gravador, ilustrador, fotógrafo, ilustrador, teórico de arte, professor, publicitário. Nasceu em 1944/1945 em Zagreb (Iugoslávia, atual Croácia) naturalizado brasileiro, morre em 1988 em São Paulo. Em 1978 Realiza expedições ecológicas com Franz Krajcberg e Pierre Restany pelos rios Amazonas, Tapajós, Solimões, Jutai e Negro. Dessa experiência resulta o *Manifesto do Rio Negro - Naturalismo Integral*, firmado pelo trio, com texto do crítico francês Pierre Restany.

[http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://img.mercadolivre.com.br/jm/img%3Fs%3DMLB%26f%3D87228303\\_1216.jpg%26v%3DE&imgrefurl=http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-87228303-sepp-baendereck-paisagem-magnifica-gravura-serigrafia-pa-\\_JM&usg=\\_\\_k2XhyORU8t2-tee8A5vRIT6riwA=&h=280&w=280&sz=11&hl=pt-BR&start=1&um=1&tbnid=Axg7j2oCe1woyM:&tbnh=114&tbnw=114&prev=/images%3Fq%3Dsepp%2Bbaendereck%26hl%3Dpt-BR%26lr%3Dlang\\_pt%26sa%3DN%26um%3D1](http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://img.mercadolivre.com.br/jm/img%3Fs%3DMLB%26f%3D87228303_1216.jpg%26v%3DE&imgrefurl=http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-87228303-sepp-baendereck-paisagem-magnifica-gravura-serigrafia-pa-_JM&usg=__k2XhyORU8t2-tee8A5vRIT6riwA=&h=280&w=280&sz=11&hl=pt-BR&start=1&um=1&tbnid=Axg7j2oCe1woyM:&tbnh=114&tbnw=114&prev=/images%3Fq%3Dsepp%2Bbaendereck%26hl%3Dpt-BR%26lr%3Dlang_pt%26sa%3DN%26um%3D1)

do ser humano, seja destituída da busca pelo poder, em qualquer âmbito que isso possa ser encontrado (social, político, religioso), para encontrar uma nova sensibilidade aguçada, livre de julgamentos e diretamente ligada à limpeza e prontidão da percepção.”<sup>85</sup>

Restany, Krajcberg, Baendereck e os pensadores, aqui elencados, comungam a preocupação com o futuro. E na mesma direção acreditam que é necessário agir para melhorar o amanhã. Ao final do manifesto defendido por eles, Restany escreve:

*O naturalismo integral é uma resposta. E justamente por sua virtude de integracionista, de generalização e extremismo da estrutura da percepção, ou seja, da planetarização da consciência, hoje ela se apresenta como uma opção aberta - um fio diretor dentro do caos da arte atual. Autocrítica, desmaterialização, tentação idealista, percursos subterrâneos simbolistas e ocultistas: essa aparente confusão se organizará talvez um dia, a partir da noção do naturalismo - expressão da consciência planetária.*

*Esta reestruturação perceptiva refere-se à uma real mudança e a desmaterialização do objeto de arte, sua interpretação idealista, a volta ao sentido oculto das coisas e sua simbologia constituem um conjunto de fenômenos que se inscrevem como um preâmbulo operacional à nossa Segunda Renascença - etapa necessária para uma mutação antropológica final.*

*Hoje, vivemos dois sentidos da natureza: aquele ancestral, do "concedido" planetário, e aquele moderno, do "adquirido" industrial e urbano. Pode-se optar por um ou outro, negar um em proveito do outro; o importante é que esses dois sentidos da natureza sejam vívidos e assumidos na integridade de sua estrutura antológica, dentro da perspectiva de uma universalização da consciência perceptiva - o Eu abraçando o mundo, fazendo dele um uno, dentro de um acordo e uma harmonia da emoção assumida como a única realidade da linguagem humana.*

*O naturalismo como disciplina de pensamento e da consciência perceptiva é um programa ambicioso e exigente que ultrapassa de longe as balbuciantes perspectivas ecológicas de hoje. Trata-se de lutar muito mais contra a poluição subjetiva do que contra a poluição objetiva - a poluição dos sentidos e do cérebro contra a queda do ar e da água.*

*Um contexto tão excepcional como o do Amazonas suscita a idéia de um retorno à natureza original. A natureza original deve ser exaltada como uma higiene da percepção e um oxigênio mental: um naturalismo integral, gigantesco catalisador e acelerador das nossas faculdades de sentir, pensar e agir.*

Na Oca em 2008 foi apresentada ao público a exposição: Frans Krajcberg: Natura – 16 de outubro a 14 de dezembro - na qual a ação dos artistas e de Restany foi mostrada por fotos, filmes e esculturas. A emoção que a exposição provocava na

---

<sup>85</sup> <http://www.mam.org.br/2008/portugues/exposicaoDetalhes.aspx?id=73>

platéia não pode ser descrita por palavras. O cheiro das queimadas dava pra ser sentido. Eu nunca fiquei tão emocionada em uma exposição como nessa, realmente indescritível. Krajcberg consegue mostrar o grito da natureza e nos leva a gritar por ela.

A exposição de Krajcberg é a concretização das idéias defendidas pelos pensadores aqui tratados. No convite do MAM as palavras abaixo vão ao encontro da tese.

*O homem deve abrir sua sensibilidade para o papel soberano da natureza como estrutura que abrange a tudo, inclusive ao domínio humano, a partir do que se torna livre para interagir tanto com o meio ambiente quanto com as demais pessoas de forma direta e afetiva. A estrutura social e as preocupações cotidianas com questões materiais e "científicas", ou seja, o realismo (como é conceituado no Manifesto) deixam de ser necessárias para que as pessoas possam experimentar uma nova consciência ambiental, que não é somente uma preocupação com a produção de poluentes e a auto-sustentabilidade, mas sim uma nova maneira de interagir com o mundo e com o outro.*  
<http://feaznar.multiply.com/calendar/item/10572>

Na exposição da Oca no Ibirapuera Frans Krajcberg deu uma entrevista à Sílvia Czapski<sup>86</sup>. Falou de suas inquietações em relação ao planeta e disse que as preocupações estéticas estão ausentes de sua obra e do âmbito de sua reflexão, e que vê seu trabalho artístico como manifestação do horror da humanidade ante a destruição da natureza.

Quando perguntado por Czapski: O que seria o ideal, que o senhor sonha para suas obras? Respondeu: "Não faço nada se não for ecológico, não faço nada se não se discutir sobre a saúde do planeta".

Czapski: A educação ambiental está em moda. Como acha que se deve trabalhar para alertar as pessoas, especialmente as crianças?

---

<sup>86</sup> Sílvia Czapski é jornalista e entrevistou Krajcberg para a Revista 18. A reportagem completa pode ser consultada em: <http://revista18.uol.com.br/visualizar.asp?id=1639>

Krajcberg recebeu a reportagem da Revista 18 na Oca, e caminhou entre suas esculturas e fotografias com a jornalista Sílvia Czapski e a artista plástica Sara Rosenberg, enquanto contava suas memórias e falava, em frases curtas, muitas vezes truncadas, mas sempre muito emocionado, sobre sua visão de mundo e suas idéias.

Krajcberg: Eu estou vendo a juventude muito sensibilizada. Minha exposição sempre está cheia. Isso é muito positivo. Precisamos dar mais consciência.

Czapski: O que o senhor mostraria de sua obra a uma criança que vem da escola?

Krajcberg: Não é mostrar a obra, mas a natureza, que é riquíssima. A criança costuma ver e respeitar. Isso se chama educar. Não tem no mundo outro país com tanta riqueza como nas florestas da Amazônia. Precisa destruir? Expulsar os habitantes? Não. O país poderia facilitar para que brasileiros conheçam o Brasil. São muito raros os que conhecem. Os políticos, nem a região deles, eles conhecem. E fazem as leis mais absurdas do mundo. E nós somos passivos. O mundo, o planeta precisa da Amazônia. Precisamos de oxigênio.

Essa pequena parte da reportagem com Krajcberg mostra a grandiosidade desse artista. Krajcberg é exemplo de amor incondicional à natureza e é motivo de orgulho para todos nós humanos. Os brasileiros, principalmente, deveriam agradecer o privilégio em ter o grande artista polonês como filho do Brasil. A nossa pátria está sendo defendida por ele que não é um simples filho por nascimento, mas um filho muito mais importante, por escolha de amor. O privilégio em tê-lo como arauto na defesa de nossa pátria nos obriga a agir na divulgação e amplificação de atitudes estéticas tão maravilhosas. **Nós temos a obrigação moral de ajudar e continuar seu trabalho. O amor é contagiante, assim como, as ações estéticas.**

Na mesma direção da exposição de Krajcberg, o mesmo espaço expositivo – Oca, apresentou a exposição Intempéries – Fim do Tempo 87. Na qual os artistas contemporâneos mostram, também, suas reflexões em favor do futuro. O

---

<sup>87</sup> A exposição reúne obras de 29 artistas, de 16 nacionalidades distintas, apresentadas em vídeos e fotografias. Com coordenação de Marcello Dantas, curadoria internacional de Alfons Hug e nacional de Alberto Saraiva, a exposição está estruturada a partir de 4 elementos - fogo, água, ar e terra - que dividem os 7 mil metros quadrados nas 4 plantas da OCA. De 07/03 até 12/04.

coordenador Marcello Dantas ao dar uma entrevista, a Bianca Ramoneda, do programa Starte na Globo News, explica que o planeta não vai desaparecer por causa das loucuras humanas, pois sempre existiu, a raça humana é que corre o risco de perecer.

*A temática do evento pretende mostrar a arte que expressa o distanciamento dos homens diante das transformações climáticas que assolam o mundo. Artistas dos cinco continentes expressam o estranhamento do homem diante das transformações climáticas*

*Fogo, água, ar e terra. Os quatro elementos da natureza dividem os 1.700 metros quadrados da OCA e são o leitmotiv para esta exposição sobre o tempo, as mudanças climáticas e a interdependência entre natureza e atividade humana. Reunindo obras de 28 artistas de 16 nacionalidades, apresentadas em grandes projeções de vídeos e fotografias, a mostra procura, mais do que uma abordagem científica, dar um tratamento artístico ao tempo e à paisagem.*

*Como categoria estável e atemporal, o tempo perdeu sua poesia e estética ao se transformar em clima, uma entidade anônima e amedrontadora que a qualquer momento é capaz de deflagrar uma catástrofe. As mudanças climáticas causadas pelo homem ou pela natureza sempre vêm acompanhadas de mudanças culturais e de atitude. O corpo e os sentidos são expostos a novas experiências. As mudanças climáticas fizeram do tempo intempérie.*

*Do Equador até o Pólo Sul, os artistas da mostra encontraram intempéries. O nigeriano George Osodi pesquisou as condições apocalípticas na produção de petróleo no delta da Nigéria. Os alemães Michael Sailstorfer e Jürgen Heinert incendiaram uma cabana até que sobrasse apenas a estufa incandescente. O holandês Guido van der Werve mostra como um navio quebra-gelo persegue um andarilho solitário no congelado Golfo da Finlândia, enquanto o brasileiro Thiago Rocha Pitta é testemunha de um naufrágio. Assim, a arte que expressa o estranhamento do homem diante das transformações climáticas que assolam o mundo, pode contribuir para a preservação do tempo e da paisagem.*

*Com curadoria internacional de Alfons Hug, diretor do Goethe-Institut Rio de Janeiro, e curadoria nacional de Alberto Saraiva, a exposição é realizada pelo Goethe-Institut, Oi Futuro (Rio de Janeiro) e a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo e é organizada em colaboração com a 2ª Bienal do Fim do Mundo, que acontecerá nos meses de abril e maio de 2009 em Ushuaia e em El Calafate (Argentina) e na Antártida.*

Abaixo algumas imagens da exposição:



Mais uma instalação importante e emocionante da Exposição Intempéries foi a Escultura de gelo de Marcello Dantas<sup>88</sup>. A idéia era de ver em quanto tempo a escultura iria desaparecer. O derretimento de escultura de gelo levou uma multidão de receptores à Oca.



*Mais de 2.800 pessoas compareceram ao prédio da Oca, no Parque do Ibirapuera, neste domingo (8), para ver o derretimento de uma escultura. Feita com 8,7 toneladas de gelo, a obra Degelo, do artista multimídia Marcello Dantas, foi o centro das atenções dos visitantes. Montada na sexta-feira à noite, como parte da mostra Intempéries - O Fim do Tempo, a torre de 9 metros de altura durou apenas 56 horas.*

Mais imagens da exposição Intempéries podem ser vistas no site do Instituto Goethe.<sup>89</sup>

---

<sup>88</sup> Marcello Dantas é conhecido por ter criado a ambientação do Museu da Língua Portuguesa e da mostra *Bossa na Oca*, queria fazer o público entender os efeitos do aquecimento global. "Como a mostra discute as mudanças climáticas, achei que seria uma boa idéia mostrar o impacto da elevação de temperatura", afirma. O derretimento da escultura lavou o piso da Oca com mais de 8.000 litros de água. "Em nenhum outro museu eu poderia contar com um sistema de escoamento tão bom", diz Dantas, que conhece cada milímetro do espaço devido à curadoria da exposição sobre Bossa Nova.

A partir desta quarta-feira (11), no lugar da escultura derretida, Dantas deve instalar um televisor e um aparelho de DVD, que vão ficar exibindo um filme sobre o derretimento. Assim, quem for à exposição *Intempéries - O Fim do Tempo*, que vai até 12 de abril, poderá ter uma idéia do que perdeu...

<http://vejasaopaulo.abril.com.br/red/blogs/redacao/2009/03/derretimento-de-escultura-de-gelo-leva.html>

<sup>89</sup> Imagens da exposição podem ser vistas no site:

<http://megmamede.blogspot.com/2009/03/intemperies-o-fim-do-tempo.html>

Na mesma direção de Marcello Dantas a Secretaria da Cultura montou uma instalação no Parque do Trianon, a fim de conscientizar a população para agirem contra o aquecimento global.

**A Instalação<sup>90</sup>, com barras de gelo, chama a atenção de quem passa pela Av. Paulista:**

Iniciativa tenta conscientizar população para o aquecimento global. Biblioteca temática do meio ambiente será inaugurada neste sábado (30).



*Instalação de gelo idealizada pela Secretaria da Cultura para a conscientização da população sobre o aquecimento global, no Parque do Trianon, promove a inauguração da biblioteca temática do Meio Ambiente Raul Bopp, neste sábado (30) no Parque da Aclimação (Foto: Denis Freire de Almeida/G1)*



---

<sup>90</sup> - 29/05/09 - 10h15 - Atualizado em 29/05/09 - 10h22 O Globo on line

*Escultura feita com barras de gelo chama a atenção dos pedestres na Av. Paulista, em frente ao Museu de Arte de São Paulo (MASP), na manhã desta sexta-feira (29), e divulga a inauguração da biblioteca temática do meio ambiente no Parque da Aclimação (Foto: Denis Freire de Almeida/G1)*

A ação, com amor para melhorar o mundo, feita por artistas e pessoas sensíveis nos permite mostrar outros exemplos de arte engajada com a vida. O artista Frances Jean Paul Ganem transformou um lixão em jardim - LandScape Art, vertente que cria novas paisagens utilizando a jardinagem. Além desses exemplos, queremos frisar que os animais, ditos irracionais, também praticam ações repletas de amor – ver anexo.

Os exemplos a seguir podem ser classificados na “contramão” deste trabalho, embora, possamos fazer algumas considerações sobre. O artista multimídia, Cildo Meireles, em 1970, ao participar da ‘Semana da Inconfidência’ em Belo Horizonte, apresentou a seguinte obra: “Tiradentes: totem-monumento ao preso político”, na qual dez galinhas amarradas a uma estaca foram queimadas vivas. A reação do público foi de indignação e Cildo argumentou que a dor maior era o que ocorria na sociedade e que ninguém fazia nada. O ato de Cildo contra a repressão militar representou a indignação de todos nós que passamos por uma ditadura. No entanto, acreditamos que a forma escolhida foi totalmente equivocada. Existem maneiras e maneiras de se mostrar uma revolta. Cildo, em uma entrevista recente, confessou que não se perdoa por ter feito essa crueldade com as galinhas e que até hoje escuta os seus gritos. O artista pediu perdão ao público e, principalmente, as galinhas.

A pesquisadora Maria Amélia Bulhões explica a obra de Cildo: Um de seus primeiros e mais polêmicos trabalhos foi “Tiradentes: Totem Homenagem ao Preso Político”. Ele instalou em uma praça pública, em Belo Horizonte, um poste de madeira onde amarrou 10 galinhas vivas e ao qual ateou fogo. A morte dos animais, seus ruídos desesperados e o fogo ardendo eram imagens de uma violência total para dizer ao público estupefato da violência de sua sociedade. A dor pela morte dos animais colocava-os frente a uma dor maior, pelas mortes

terríveis a que foram submetidos muitos homens em diferentes momentos da história brasileira. Se muitas pessoas reagiam encolerizadas contra a morte dos animais, com duras críticas ao seu trabalho, porque então se submetiam calados às agressões que estavam sendo cometidas, quotidianamente, contra inúmeros setores da população? De certa forma, Cildo colocava o espectador frente a frente com a denegação permanente da violência que a sociedade brasileira realiza, no ocultamento de seu passado.

A mesma atitude equivocada de Cildo foi repetida por um artista da Costa-Rica. Guillermo Habacuc Vargas<sup>9192</sup>, 2007, pegou um cachorro na rua levou-o para uma galeria de arte, deixou-o amarrado e sem comida até sua morte. Intitulou seu "trabalho" de "instalação perecível".

Defendemos a liberdade total do artista, mas dentro de certos limites humanos. Ao tomarmos conhecimento do trabalho de Vargas, levamos o tema à sala de aula. O nosso argumento em defesa do artista, em face à repercussão negativa de seus trabalhos, foi que vemos diariamente situações semelhantes de miséria e de abandono de muitas pessoas que vagueiam pelas ruas e não nos manifestamos. Acreditamos que a atitude desumana de Vargas tenha tido como finalidade acordar-nos para as injustiças e para darmos o real valor à função da vida. Se foi essa a intenção, o artista é vitorioso, pois conseguiu levar o público à reflexão. O estranhamento na arte defendido por muitos teóricos, para quebrar o automatismo da recepção, ficou explícito no trabalho de Vargas. No entanto, a forma utilizada por ele é cruel. Hoje temos ao nosso dispor várias tecnologias que permitem **simular** situações para tocar o público. Acreditamos que uma instalação perceptiva, um vídeo e outros recursos que simulassem a inanição e o sofrimento do cão conseguissem de forma virtual algum impacto sem precisar realmente torturar o pobre animal<sup>93</sup>. Não concordamos com o sofrimento de

---

<sup>91</sup> Anexo, carta de Ferreira Gullar que reflete sobre essa "obra".

<sup>92</sup> No site: <http://www.diegomiguelartes.blogspot.com/> há uma comparação entre essa obra com as ações estéticas de pessoas que lutam pelos animais.

<sup>93</sup> 1 - <http://www.casthalia.com.br/periscope/mariaameliabulhoes/identidadeumamemoriaaaserenfrentada.htm>

qualquer ser vivo para se conseguir afetar outros. Para nós os fins **não** justificam os meios e o artista tem a obrigação de impedir o sofrimento e, não se utilizar dele.

Cildo e Vargas agiram na corrente de Duchamp e de alguns teóricos, mas de forma, para nós, irresponsável e desumana. Abaixo a imagem do pobre cachorro que transformou com seu sofrimento, um artista desconhecido em astro. Não temos imagens do sacrifício das galinhas de Cildo.



Da mesma forma que os artistas nos ajudam a perceber e a desenvolver o sentimento, a sétima arte torna essa tarefa mais simples, pois tem a capacidade de iluminar nossas visões. O cinema joga com as possibilidades da concretização do sonho e da realidade.

---

2 - **Cildo Meireles**. Nasceu no Rio de Janeiro em 1948 é artista Multimídia de reconhecimento internacional. Inicia seus estudos em arte em 1963, na Fundação Cultural do Distrito Federal, em Brasília, orientado pelo ceramista e pintor peruano Barrenechea (1921). Começa a realizar desenhos inspirados em máscaras e esculturas africanas. Em 1967, transfere-se para o Rio de Janeiro, onde estuda por dois meses na Escola Nacional de Belas Artes - ENBA. Nesse período, cria a série *Espaços Virtuais: Cantos*, com 44 projetos, em que explora questões de espaço, desenvolvidas ainda nos trabalhos *Volumes Virtuais* e *Ocupações* (ambos de 1968-69). É um dos fundadores da Unidade Experimental do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM/RJ, em 1969, na qual leciona até 1970. O caráter político de suas obras revela-se em trabalhos como *Tiradentes - Totem-monumento ao Preso Político* (1970), *Inserções em Circuitos Ideológicos: Projeto Coca-cola* (1970) e *Quem Matou Herzog?* (1970). No ano seguinte, viaja para Nova York, onde trabalha no projeto *Eureka/Blindhotland*, no LP *Sal sem Carne* (gravado em 1975) e na série *Inserções em Circuitos Antropológicos*. Após seu retorno ao Brasil, em 1973, passa a criar cenários e figurinos para teatro e cinema e, em 1975, torna-se um dos diretores da revista de arte *Malasartes*. Desenvolve séries de trabalhos inspirados em papel moeda, como *Zero Cruzeiro* e *Zero Centavo* (ambos de 1974-1978) ou *Zero Dollar* (1978-1994). Em algumas obras, explora questões acerca de unidades de medida do espaço ou do tempo, como em *Pão de Metros* (1983) ou *Fontes* (1992). [www.itaucultural.org.br/.../index.cfm?...](http://www.itaucultural.org.br/.../index.cfm?)

## 5. Capítulo III

### **Criatividade e Sentidos da Vida**

**Cinema – Sala de Aula – Ações Estéticas.**

#### **Uma Proposta Para a Missão do Artista**

**Estamos aqui reunidos  
para lutar pela nossa terra  
nosso espaço  
A nossa luta não é com armas  
nem com palavras de ordem  
A nossa luta é com amor**

**As nossas palavras  
não se perderão ao vento  
ecoarão em reflexões e ações  
As palavras sem ação podem ser  
bonitas, mas são incompletas**

**Precisamos agir!!!  
Se os outros não entenderem nossos  
trabalhos  
Não importa!!!**

**O importante é agirmos!!!  
Somos como as gotas d'água que buscam  
o oceano para não morrer.  
Se o nosso trabalho não for reconhecido  
Não importa!!!**

**Continuaremos mesmo assim a lutar  
por ele.  
O artista tem o dom de sofrer pelo amor  
a arte que é o amor a vida  
De lutar por seu espaço com amor  
De dedicar sua vida ao amor  
O artista tem como meta  
deixar o mundo com mais amor  
Se ele não conseguir  
Não importa!!!**

**O importante é viver mergulhado  
nos seus sonhos e transbordar de amor sua vida  
para melhorar a humanidade!!!**

"Há dois modos de bloquear o caminho do conhecimento: presumir a impossibilidade de se conhecer a verdade ou assumir que a verdade já é conhecida".

C. S. Peirce

"Concluo por achar sagrada a desordem de meu espírito."

Rimbaud

## Monte Castelo

Legião Urbana – Composição: Renato Russo (recortes do Apóstolo Paulo e de Camões).

Ainda que eu falasse a língua dos homens  
E falasse a língua dos anjos,  
Sem amor eu nada seria.

É só o amor, é só o amor  
Que conhece o que é verdade  
O amor é bom, não quer o mal  
Não sente inveja ou se envaidece.

Amor é fogo que arde sem se ver  
É ferida que dói e não se sente  
É um contentamento descontente  
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer  
É solitário andar por entre a gente  
É um não contentar-se de contente  
É cuidar que se ganha em se perder.

É um estar-se preso por vontade  
É servir a quem vence, o vencedor;  
É um ter com quem nos mata a lealdade.  
Tão contrário a si é o mesmo amor.

Estou acordado e todos dormem todos dormem todos dormem  
Agora vejo em parte  
Mas então veremos face a face.

É só o amor, é só o amor  
Que conhece o que é verdade.

<http://www.youtube.com/watch?v=AkqLU7aMU7M>

Outra música de Renato Russo - "Como Nossos Pais":

É preciso amar as pessoas  
Como se não houvesse amanhã  
Por que se você parar  
Prá pensar  
Na verdade não há...

<http://letras.terra.com.br/legiao-urbana/22488/>

Esse capítulo aborda a sensibilidade da vida, enfatiza o poder transformador da visão transdisciplinar na educação e do cinema ao propalar ações e sentimentos. A finalidade maior é mostrar que é possível conscientizar os indivíduos a exercerem atitudes éticas para com o próximo e que essas atitudes contêm no seu bojo a estética, por estarem repletas de beleza. Além do cinema, divulgamos a pertinência de trabalhar o tema na sala de aula e angariar, assim, adeptos na luta por um futuro mais consistente. Ao nos mobilizarmos em busca de um mundo melhor precisamos ter em mente a reunião da razão/emoção e da ação/reflexão.

Ressaltamos que não temos respostas e nem soluções predeterminadas. Nosso percurso é permeado pela utopia<sup>94</sup>, pois não queremos um caminho pré-resolvido ou definido *a priori*. Investimos em um caminho dinâmico que se recrie a cada passo dado. Não queremos que a nossa utopia, se é possível dizer nossa, se transforme em função utópica, pois na história temos muitos exemplos de aplicações “utópicas” de forma tirânica. Não queremos ver engessada a utopia inicial, nem que ela adquira força de imposição. Investimos em um ideal inatingível em virtude de sua liberdade.

Na direção desse ideal escolhemos um percurso no qual convergem as artes, as ações, a educação e o cinema. Ao colocarmos nossos filhos e alunos frente a situações de amor à vida conseguimos inseri-los no caminho da defesa da própria vida. Devemos propor estranhamentos de atitudes e não acomodações. Viver é agir, é batalhar, é lutar para mudar as atitudes conformadas. Não se pode aceitar um comportamento passivo e alienado. Acreditamos na posição privilegiada da sensibilidade para promover mudanças, como os exemplos dos pensadores e

---

<sup>94</sup> Utopia – Thomas More (Morus) deu esse nome a uma espécie de romance filosófico, no qual relatava as condições de vida numa ilha desconhecida denominada Utopia, nela teriam sido abolidas as propriedades privadas e as intolerâncias religiosas. Depois disso, esse termo passou a designar não só qualquer tentativa análoga, mas também qualquer ideal político, social ou religioso de realização difícil ou impossível. (...) Representa a correção ou integração ideal de uma situação política, social ou religiosa existente. Como muitas vezes aconteceu, essa correção pode ficar no estágio de simples aspiração ou sonho genérico. (...) Mas também pode tornar-se força de transformação da realidade, assumindo corpo e consistências suficientes para transforma-se em autêntica vontade inovadora e encontrar os meios da inovação. (Abbagnano. 2000:987)

artistas aqui mostrados. Asseveramos, novamente, que não estamos diminuindo a força da razão, mas procurando criar um diálogo permanente entre sentimento e razão. Utilizamos a conjunção **e** que é aditiva e aceita possibilidades e não a **ou** que é uma alternativa limitada de escolhas.

## **5. 1. Explicação de Alguns Tópicos:**

### **5.1.2. A Criatividade Por Meio da Educação Estética do Homem**

A nossa abordagem do desenvolvimento da sensibilidade pela educação encontra vários defensores. Não poderíamos deixar de escrever algumas palavras sobre o filósofo Friedrich Von Schiller<sup>95</sup>, que em 1795 propôs a necessidade da educação estética do homem.

A base da filosofia de Schiller é a estética como um caminho convergente entre os sentidos e a razão. A visão cosmológica do homem em Schiller tem origem na Grécia, no mundo helênico. Schiller aposta na arte como base da educação do homem, uma vez que o próprio homem é uma obra de arte. Ser estético é conseguir a junção do individual e do coletivo:

*É realizar em si e no coletivo a própria natureza do homem que é o apetite pela liberdade, onde reside a justeza e o divino do caráter humano. (...) A liberdade é um ideal a ser conquistado pela razão e fruído. (...) A liberdade é anterior ao homem e está impressa no mundo como força promotora do aperfeiçoamento da máquina do universo que tem em seus desígnios o acaso. (...) Na possibilidade de sua humanidade plena, o homem está por princípio determinado pelo desequilíbrio natural entre esses impulsos<sup>96</sup> e, embora sendo o domínio da razão a sua maior conquista, está ainda sujeito à prevalência do sensível porque a condição humana é a da contradição. (Silva.2005:156 )*

*Para o entendimento de Schiller o homem deve ser lido como uma obra de arte porque é nesta que está manifesta a totalidade de todo o saber livre, fazendo vibrar no contingente logicamente produzido, a universalidade da transcendência. (...) A qualidade estética no homem é aquele bem novo que lhe permite a auto-determinação, porque lhe restitui a*

---

<sup>95</sup> **Friedrich Von Schiller** – 1759 – 1805 Alemanha. Poeta, dramaturgo, filósofo e historiador, foi um dos grandes homens de letras da Alemanha do século XVIII. Uma de suas mais famosas poesias *Ode à Alegria*, inspirou Ludwig van Beethoven a escrever, em 1823, o quarto movimento de sua nona sinfonia.

<sup>96</sup> São potencias coexistentes na mente (impulso sensível e impulso formal) e separadas pelo próprio ato humano de se estar inteligentemente no mundo. É pulsão natural no sujeito e somente nele existe. São as duas possibilidades para abarcar p fenômeno, a sensibilidade e a forma racional. A eles Schiller agrega uma terceira instância; o impulso lúdico, com intermediação estética. (Silva.2005:162)

*liberdade de fazer de si instrumento em evolução constante. (...) O homem físico deve tender ao moral, passando pelo estético. (2005:154-155)*

O caminho estético como a junção do racional e do sensível é o gerenciador do equilíbrio. As ações racionais e sensíveis devem configurar o homem livre, por isso a necessidade da arte e da poesia fazerem parte do cotidiano dos homens. Os indivíduos, que tem o hábito de trabalhar a sensibilidade, desenvolvem a capacidade de contagiar suas ações com sentimentos.

*Se a arte está contaminando toda a ação humana, ela pode ser um princípio ético a todo procedimento, agregando no mundo da diversidade e de fragmentos, um princípio e um fim de beleza totalizadora. Nada mais adequado a todas as épocas, pois todas as épocas e todos os povos, ainda que na dureza da vida primitiva, desenvolveram sistemas de representações artísticas. (Silva.2005:160)*

Na mesma direção de Schiller, os pensadores que pregam o pensamento complexo sabem da importância da estética, no seu sentido amplo, em construir o amanhã. Acreditamos que suas colocações enfatizem a educação estética do homem.

Na prática é possível observar várias ações que mostram a pertinência da educação sensível. Os bons exemplos têm a capacidade de instigar o próximo a agir de forma semelhante. É importante lembrar que a educação estética do homem, defendida por Schiller, pode vir a ser um ato freqüente de conduta. Além dos artistas citados no capítulo dois, o cinema tem investido em filmes que propõe atos éticos e estéticos como defendido nesta tese. Citamos a força da poesia de Schiller "Ode a Alegria"<sup>97</sup> que em 1823 foi musicada e é conhecida como a 9ª Sinfonia de Ludwig van Beethoven.

Na direção de uma educação sensível, encontramos o filósofo e escritor espanhol José Antonio Marina<sup>98</sup> que, não troca as aulas nos colégios pela universidade. Argumenta que estamos perdendo a capacidade de amar e defende a inserção do

---

<sup>97</sup> O poema e letra da 9ª. Sinfonia encontra-se no anexo.

<sup>98</sup> **José Antonio Marina**, espanhol, catedrático, filósofo e ensaísta, elaborou uma teoria da inteligência que começa na neurologia e acaba na ética. É autor de numerosos livros nos quais estuda os sentimentos, a linguagem, e as criações humanas.

afeto no campo da sexualidade. Marina explica que a revolução sexual dos anos 60 teve um lado positivo e um negativo. O positivo foi o de terminar com a repressão sexual e o negativo foi de ter excluído da liberdade sexual a afetividade. Afirma:

*Durante muitos séculos, em todo o âmbito da cultura ocidental, houve uma sobrecarga de moralidade na sexualidade. E a primeira revolução sexual tentou eliminar todos os significados repressivos e excessivamente moralizantes que tinham sido relacionados com o sexo. Mas, ao tentar purificar ou tornar as relações sexuais mais naturais, acabou excluindo a afetividade, que era uma parte muito positiva da sexualidade<sup>99</sup>.*

Marina na direção dos filósofos apresentados fala em criatividade e se preocupa em transmitir a seus alunos que são crianças e adolescentes conceitos éticos. Adverte que:

*Normas morais são mecanismos para permitir a dignidade da convivência, e servem não só para evitar choques ou para resolver conflitos, mas também para ampliar as possibilidades de felicidade de toda a sociedade. Há escravidão onde não há moral<sup>100</sup>.*

Se filósofos, pensadores, poetas e artistas defendem a estética como um complemento fundamental do homem. Por que as escolas não investem maciçamente na educação sensível de seus alunos?

### **5. 1. 3. Transdisciplinaridade – Complexidade e Classificação das Ciências – Arquitetura Filosófica de Peirce**

Entendemos que é premente a religação dos saberes e que a visão da totalidade da vida implica em diversidade, e essa por sua vez nos leva à complexidade. A transdisciplinaridade integra o homem na sua totalidade como ser humano, como parte da natureza e como ser racional e cultural. A preocupação em investir na compreensão da trama da vida não é uma inquietação dos filósofos e cientistas da atualidade, vem da antiguidade com Xenófanes<sup>101</sup>. O poeta e filósofo pré-socrático

---

<sup>99</sup> Reportagem “Estamos perdendo a capacidade de amar” do Jornal O Globo de 19 de julho de 2008 pag. 4 do caderno Ela.

<sup>100</sup> *Ibidem* Reportagem “Estamos perdendo a capacidade de amar” do Jornal O Globo de 19 de julho de 2008 pag. 4 do caderno Ela.

<sup>101</sup> **Xenófanes** (cerca de 570 a.C. - 460 a.C.) filósofo grego pré-socrático.

foi considerado por Karl Popper como o fundador da tradição científica e em 500 a.c, escreveu:

*Os deuses não nos revelam tudo desde o início,  
Mas no curso do tempo, buscando,  
Podemos aprender algo  
E conhecer um pouco melhor de tudo.  
Quanto à verdade, nenhum homem a conhece  
E, mesmo se por acaso pudesse anunciá-la,  
Ele próprio não poderia ter certeza  
Pois tudo é apenas  
Uma teia de suposições entrelaçadas.<sup>102</sup>  
Ou trama de adivinhações*

Entender a vida como uma “teia de suposições entrelaçadas” é o foco da transdisciplinaridade e dos pensadores escolhidos por nós. Reiteramos que quando investimos na sensibilidade procuramos a unidade e, em momento algum, abandonamos a racionalidade. Nossa preocupação é com o todo e está pautada na complementabilidade entre o homo *sapiens sapiens* e o *demens*, que segundo Morin é 100% um e 100% outro.

Com os mesmos propósitos dos teóricos da complexidade, voltamos no tempo e encontramos Peirce que, já no século XIX, questionava:

---

<sup>102</sup> A afirmação acima de Xenófanés representa seu entendimento sobre o pensamento dos homens. “Xenófanés entendeu de modo profundo que as opiniões humanas das coisas são criações humanas, incluindo o que consideramos ser nosso conhecimento. Aprendendo cada vez mais e mudando nossas idéias à luz do que aprendemos, podemos nos aproximar cada vez mais da verdade, mas nossas idéias permanecem sempre nossas, e há sempre um elemento de conjectura envolvido. Xenófanés era mordaz, sarcástico até, a respeito dos deuses:

‘Os etíopes dizem que seus deuses têm nariz chato e são negros, enquanto os trácios, dizem que os seus têm olhos azuis e cabelo ruivo. Ora, se os bois, os cavalos ou os leões tivessem mãos e pudessem desenhar, e pudessem esculpir como os homens, então os cavalos desenhariam seus deuses como cavalos, e os bois como bois, e cada um moldaria corpos de deuses à semelhança, cada genero, do seu próprio.’

Essa tradução de Xenófanés e a colocada acima foram feitas por Karl Popper, filósofo do século XX. A idéia de que todo o nosso, assim chamado, conhecimento científico é na verdade conjectura, em princípio sempre substituível por algo que pode estar mais perto da verdade, é central na filosofia de Popper. Ele considerava Xenófanés a primeira pessoa a ter expressado essa noção. (Magee.1999:16-17)

Xenófanés ensinara que, embora possamos sempre aprender mais do que sabemos, nunca podemos ter certeza de haver alcançado qualquer verdade final. (Magee.1999:42)

Xenófanés dizia que o ser absoluto, essência de todas as coisas, era o **Um**. E de acordo com Teofrasto, uma das fórmulas contidas nos ensinamentos de Xenófanés era: “Tudo é o **Um** e o **Um** é Deus”. O conceito Deus, criado por Xenófanés, como sendo um ser mais alto: com uma identidade abstrata, não possuindo nenhum atributo conhecido pelos homens, e tão pouco sendo semelhante a estes - nem quanto à figura, nem quanto ao espírito. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Xen%C3%B3fanés>

*Por que o homem, um ser no qual o impulso natural está primeiro na sensação, depois na razão, depois na imaginação, então no desejo, então na ação, teve de parar na razão, como ele tem feito há 2.500 anos? Isso é inatural e não pode durar. O homem deve continuar para usar todos esses poderes e energias que lhe foram dadas, a fim de que ele possa imprimir a natureza com seu próprio intelecto, conversar com a natureza e não meramente ouvi-la. (apud Vieira. 2008:102)*

Ao procurar respostas ao seu questionamento, Peirce investe no estudo e no mapeamento das ciências. E inicia-o ao criar uma definição sobre ciência:

*(...) nossa noção de ciência é uma noção de ciência como coisa viva e não mera definição abstrata. Não nos esqueçamos de que a ciência é uma busca realizada por homens vivos e sua característica mais marcante é que quando ela é genuína está permanentemente em um estado de metabolismo e crescimento. (...) A maior parte das classificações das ciências têm sido classificações de conhecimentos estabelecidos e sistematizados – o que não é senão a exsudação da ciência viva. (...) Encarar a ciência de tal ponto de vista classificatório é promover o caos no seio da ciência moderna. (...) Observemos a ciência – a ciência de hoje – como coisa viva. (Peirce.1983:139 -140)*

Peirce parte da idéia de ciência viva em direção a existência de uma lógica inerente a todas as ciências. Ao encontrar a lógica pesquisada cria uma estrutura em que as ciências dialogam, em virtude da inter-relação existente. A semiótica – estudo dos signos – entende que todo pensamento é feito por meio de signos. E se o pensamento é guiado por signos, o fundamento do signo, não será outra coisa que outro signo. Esse dinamismo cria uma cadeia sógnica evolutiva, na qual os signos crescem e se multiplicam constantemente.

O passo de Peirce vem ao encontro dos teóricos da complexidade que lutam pela religação dos saberes. A classificação das ciências de Peirce teve como base as necessidades de sua época, mas, por possuir uma estrutura aberta permite desdobramentos e atualizações como fruto de uma ciência viva dinâmica e em processo. Pode-se fazer um paralelo entre o pensamento de Peirce e a defesa da transdisciplinaridade dos filósofos atuais que investem no homem total livre da fragmentação.

Jorge Albuquerque Vieira chama atenção para esse fato:

*Junto com a busca dos novos paradigmas, vem sendo conclamada com muita ênfase a urgência da inter, multi e transdisciplinaridade. Não são poucos os cientistas que tem*

*atualmente chamado atenção para a necessidade da inter e transdisciplinaridade, pois sem elas, a ciência está destinada a estagnar. (...) Como enfrentar a impossibilidade do diálogo entre as disciplinas científicas provocado pela babel da fragmentação do saber? (...) o escritor Walker Percy propôs enfaticamente que a monumental obra C. S. Peirce pode funcionar como antídoto contra as separações entre as ciências, pois nessa obra são encontradas as vias mais sofisticadas e complexas para se pensar e realizar uma inter-multi-transdisciplinaridade que vai muito além das meras cartas de intenções a que essa questão costuma ficar restrita. Na mesma linha da proposta de Percy, pode-se acrescentar que a cartografia transdisciplinar de Peirce está suportada por uma filosofia da ciência, esta sintonizada com uma filosofia da natureza, ambas capazes de dar conta dos desafios apresentados pelo avanço tecnocientífico contemporâneo. (...) Newton da Costa afirmou que "uma das coisas a se fazer para entendermos bem o espírito que norteia a ciência é procurar uma classificação razoável das numerosas disciplinas científicas". (2008: 102-103)*

Vieira explica a importância da classificação de Peirce: "(...) está no fato dela estar suportada por uma filosofia científica capaz de fornecer para as ciências os princípios ontológicos e epistemológicos fundados em uma lógica concebida como semiótica, esta por sua vez, alicerçada na fenomenologia". (2008:103)

Abaixo o diagrama da arquitetura filosófica de Peirce

#### 1.1. Ciências da Descoberta

##### 1.1.1 Matemática

##### 1.1.2. Filosofia : Absorve da matemática e dá Substancia às ciências

1.1.2.1 Fenomenologia (Quase ciência, porque não trabalha sobre nenhum pressuposto; quer saber como se dá a apreensão dos fenômenos e está na base da filosofia);

1.1.2.2 Ciências Normativas: valores e ideais – guia – finalidade última do sentimento, da ação, e do pensamento humano

1.1.2.2.1. Estética

1.1.2.2.2. Ética

1.1.2.2.3. Lógica ou Semiótica

1.1.2.2.3.1. Gramática Especulativa

como se articula o raciocínio humano

1.1.2.2.3.2. Lógica Crítica propriamente dita

2.3.2.1 Abdução

2.3.2.2 Indução

2.3.2.3 Dedução

1.1.2.2.3.3. Retórica Especulativa ou Metodêutica

##### 1.1.2.3. Metafísica

### 1.1.3. Ciências Especiais

Físicas dominadas pela ação externa: física, química geologia

Biologia fica entre as físicas e as psíquicas.

Psíquicas dominadas pela ação interna: psicologia, sociologia, lingüística

Acreditamos no estudo da Classificação das Ciências, da Transdisciplinaridade, do Pensamento Complexo como o caminho possível ao exercício das ações estéticas.

As ações estéticas podem representar a concretização da união de todas as possibilidades humanas. Estudar por meio de fragmentos é conhecer de forma incompleta, pois acarreta a perda da visão de totalidade. Interpretar o mundo por meio de disciplinas separadas não decifra a complexidade humana. Carvalho completa: "não contribui para a construção da democracia cognitiva." (Carvalho.2009:2)

A transdisciplinaridade torna-se um caminho de reflexão e discussão sobre a vida e o homem. Carvalho enfatiza:

*É um domínio cognitivo que se localiza além das disciplinas e visa construir meta pontos de vista sobre o homem, a terra, a vida, a natureza, o cosmo. (...) A transdisciplinaridade exige conhecimento amplo da área-tronco do pesquisador, prolonga-se, porém, para além dela, a fim de construir um conhecimento complexo da cultura, mesmo sabendo que só decifrará um pequeno grão de areia dessa extensa rede de conversações, cujo acesso jamais será inteiramente apreendido. (2009:2)*

Defendemos que o problema da especialização nas ciências e o determinismo sejam os responsáveis pela falta de criatividade. Prigogine observa que não há criação em um mundo determinado *a priori* e que a vida é um sistema aberto longe do equilíbrio, o que impossibilita certezas. Morin explica:

*Até metade do século XIX a maior parte das ciências tinha a redução como método de conhecimento (do conhecimento de um todo para o conhecimento das partes que o compõem), e o determinismo como conceito principal, ou seja, a ocultação do acaso, do novo, das invenções, e a aplicação da lógica mecânica da máquina artificial aos problemas vivos, humanos e sociais.*

*A especialização abstrai, isto é, retira um objeto do seu contexto e da sua totalidade, rejeitando suas ligações e intercomunicações com o seu ambiente, o insere no compartimento da disciplina, cujas fronteiras destroem arbitrariamente a sistematicidade (a relação de uma parte com o todo) e a multidimensionalidade dos fenômenos.*

*(...) O modo complexo de pensar não é útil apenas para os problemas organizacionais, sociais e políticos. O pensamento que enfrenta a incerteza pode ensinar estratégias para o nosso mundo incerto. O pensamento que reúne, ensina uma ética da aliança ou da solidariedade. O pensamento da complexidade possui, igualmente, seus prolongamentos existências, postulando **a compreensão entre os humanos**. (2003:69;77)*

A abrangência da transdisciplinaridade nos permite esperar por atitudes diferenciadas e a sala de aula pode agir no incentivo de novas ações<sup>103</sup> e exemplos. O projeto é levar aos alunos a preocupação constante com o futuro da vida. É desenvolver a observação e a preservação do ambiente, com o intuito de preservamos, no limite, a nós mesmos.

A procura pelo todo da vida encontra eco nas explicações de Morin sobre a finalidade da tríade "Liberdade, Igualdade e Fraternidade" são pertinentes ao nosso desafio:

*Nossas finalidades não nos são impostas, no sentido que, nas nossas sociedades individualistas, a ética não se impõe imperativamente nem universalmente a cada cidadão; cada um terá de escolher por si mesmo os seus valores e ideais, isto é, praticar a auto-ética. (...)*

*Sabemos que nossas finalidades não vão inevitavelmente triunfar, e que a marcha da história não é moral. Devemos visualizar seu insucesso possível e até mesmo provável. Justamente porque a incerteza sobre o real é fundamental, é que somos conduzidos a lutar por nossas finalidades. A ecologia da ação não nos convida à inação, mas ao desafio que reconhece seus riscos, e à estratégia que permite modificar a ação empreendida. (Morin.1998: 67-69)*

Não é possível esquecer que fazemos parte de um todo. Lembramos a contribuição do ecólogo americano Edward O. Wilson<sup>104</sup>, ao propor a "hipótese da

---

<sup>103</sup> "O ensino deve favorecer **a arte de agir**" - Edgar Morin

<http://www.escoladosaber.xpg.com.br/AnotePensar.htm>

<sup>104</sup> **Edward O. Wilson** nasceu nos Estados Unidos em 1929. biólogo, Etnólogo Fundador da Teoria da Sociobiologia, é reconhecido mundialmente por seus estudos sobre insetos - principalmente formigas - que auxiliam o entendimento dos conceitos ecológicos e genéticos da evolução dos animais e do homem. Afirma que "Se o *Homo sapiens sapiens* está caminhando para ter o mesmo fim dos dinossauros, a responsabilidade é toda nossa".

biofilia”<sup>105</sup>. Wilson defende a existência de uma ligação emocional entre os seres humanos e os outros organismos vivos, a natureza como um todo. Acredita que essa ligação é inata e está nos nossos genes. Defende a Consiliência<sup>106</sup> unidade do conhecimento

Mais um teórico engajado Fritjof Capra<sup>107</sup> defende a alfabetização ecológica. Esses pensadores vão ao encontro dos filósofos elencados no trabalho e nos ajudam a refletir sobre o problema atual que, se for abandonado a si mesmo, será ampliado no futuro. A educação dos nossos jovens e crianças precisa ser direcionada para integrá-los no universo. Repetimos aqui as reflexões de Marina que não troca as aulas nos colégios pela universidade, pois acredita que estejamos perdendo a capacidade de amar. Marina defende a inserção do afeto no campo da sexualidade.

O questionamento de Morin é fundamental: Quem vai ensinar nossos educadores? E em Carvalho que investe nos quatro pilares da educação para o século XXI da UNESCO. Os pilares da educação defendidos são: conhecer, fazer, viver junto e ser, essa empreitada não será fácil, pois o ensino é complexo e deve transpor os muros da escola e se manifestar no mundo.

Carvalho, ao apontar a abrangência da educação em uma visão multicultural, cita o poeta francês Yves Bonnefoy<sup>108</sup> por sua resposta a seguinte questão: Por que a

---

<sup>105</sup> “Biofilia” — Este termo foi popularizado por E. O. Wilson, num livro com o mesmo nome publicado pela Harvard University Press 1984. A biofilia é o amor (philia) à natureza (bio). Vem do grego bios, vida e philia, amor, afeição — significa literalmente “amor pela vida”. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Biofilia>

<sup>106</sup> Consiliência. É um termo que não se encontra nos dicionários, mas, no século passado, Consiliência era um termo popular que significava a unidade de conhecimento, a ligação entre os saberes. Edward Wilson, um biólogo de Harvard, recuperou esta idéia, e hoje em dia luta contra a fragmentação da ciência. [Http://nautilus.fis.uc.pt/cec/arquivo/.../1998/19981010\\_Consiliencia.pdf](http://nautilus.fis.uc.pt/cec/arquivo/.../1998/19981010_Consiliencia.pdf)

<sup>107</sup> **Fritjof Capra** Nasceu na Áustria em 1939. Doutor em Física pela Universidade de Viena. Defende os progressos da ciência, da filosofia de forma consciente e ecológica.

<sup>108</sup> **Yves Bonnefoy** nasceu no dia 24 de junho de 1923, no interior da França. Estudou matemática e filosofia, tendo obtido o “baccaloréat” em 1941. Na Sorbonne, prosseguirá os estudos de matemática superior, história das ciências e filosofia.

Na adolescência já lia poesias. Leu Paul Valéry, Rimbaud e Mallarmé, mas particularmente Charles Baudelaire, sobre o qual fará o mestrado.

poesia deveria voltar a ser ensinada nas escolas? “Sua resposta foi direta e incisiva. Para ele, a poesia propicia a prática da liberdade para com as palavras e a vivência da responsabilidade para com os destinos comuns da nossa Terra-Pátria”. (2008:63)

Ao afirmar a pertinência da poesia, da literatura das artes como um todo, Carvalho investe no efeito duradouro das emoções provocadas pelo contato com as artes. Defende a necessidade de se aproximar das experiências artísticas, a fim de que elas abram:

*Janelas para o mundo acionam níveis de realidade não percebidos pela linguagem fria e distante de conceitos, teorias e métodos.*

*Quando se aprende um poema de cor, quando se lê um romance ou se guarda a imagem de uma pintura, eles permanecem para sempre em nossa mente, como fiéis companheiros que nos convidam a encarar a desregulação do mundo de modo menos pessimista, a perceber a realidade de forma menos linear, a descrever nos ditames da razão, a usufruir das delícias do imaginário, a adentrar nos labirintos da sabedoria. (2008:64)*

Enfatizamos a noção de transversalidade<sup>109</sup> do conhecimento por meio da afirmação de Goswami: “Importante para desenvolver um paradigma efetivo para a PAZ é o movimento de abandono das hierarquias lineares”. (2007:206)

O nosso trabalho defende o amor, a diversidade, a liberdade e incentiva ações estéticas a fim de abrir janelas para o mundo, no entanto, uma reportagem sobre o “incentivo” à leitura na Venezuela<sup>110</sup> é um exemplo contundente sobre o fechar

---

Em Paris, descobre os poetas e os pintores surrealistas, chegando a freqüentar o grupo de André Breton. A originalidade de Bonnefoy se afirma e ele será um daqueles inovadores que irão imprimir novos rumos à poesia francesa.

O sucesso da produção poética de Yves Bonnefoy se deve à sua extraordinária clarividência, às suas admiráveis faculdades de intuição e ao profundo senso poético que preside a sua vida e à sua produção artística e intelectual, à aguda visão arquitetural e de conjunto, que talvez tenha as suas raízes nos estudos matemáticos e filosóficos a que se dedicou desde a juventude. Assim, Yves Bonnefoy, como diz Jean Starobinski, “conhece por experiência o atrativo do pensamento abstrato, a alegria que a mente pode experimentar em construir o edifício dos conceitos e das relações puras e converge o pensamento conceitual e crítico. A convivência entre o pensamento conceptual científico e a “narrativa em sonho” é o que torna difícil separar, na sua produção, o que é poesia do que é ensaio. Assim, por um impulso interno que deságua na escrita, Yves Bonnefoy oscila entre o conceito e o devaneio na produção do texto.

[http://www.culturapara.art.br/opoema/yvesbonnefoy/yvesbonnefoy\\_db.htm](http://www.culturapara.art.br/opoema/yvesbonnefoy/yvesbonnefoy_db.htm)

<sup>109</sup> Ver glossário

<sup>110</sup> O estado de São Paulo Domingo, 12 de Julho de 2009 | Versão Impressa

as aberturas para o mundo. As autoridades desse país limitam as leituras às que possam contribuir para a manutenção de uma revolução à la Chaves. Se o intuito desta pesquisa é a ênfase na possibilidade da criação de novos paradigmas, como aceitar o engessamento do pensamento. A reportagem completa encontra-se no

---

### **Chávez limita compras de "livros de direita"**

Presidente faz 'revolução da leitura', mas nem clássicos chegam ao país.

Há pelo menos três livrarias no aeroporto de Caracas, mas se estiver em busca de um escritor consagrado da literatura latino-americana para passar o tempo antes do embarque, o visitante sairá frustrado de qualquer uma delas. O colombiano Gabriel García Márquez? "Não." O mexicano Carlos Fuentes ou o argentino Julio Cortázar? "Também não." O peruano Mário Vargas Llosa? "Nem pensar, só tenho esses aqui", diz a vendedora, desconcertada, apontando para uma estante quase vazia que começa com "Culinária para Crianças" e termina numa série de análises sobre o socialismo do presidente Hugo Chávez.

No centro da capital venezuelana ou em bairros de classe média a situação é a mesma. "As autoridades não estão liberando dólares para importar livros, papel ou tinta. E não adianta dizer que o problema é a crise, pois sabemos que há uma questão ideológica por trás disso: para esse governo, literatura? desengajada? não é prioridade", diz Andrés Boersner, dono da tradicional livraria Noctua.

Também estão em falta muitos clássicos, livros universitários e técnicos. "Hoje, de 50 títulos que me pedem, não tenho 45", conta Boersner. "Fiquei deprimido ao entrar numa livraria em Barcelona e ver todas as novidades literárias que não chegam mais na Venezuela."

O curioso é que a situação chegou a esse ponto apenas três meses depois de Chávez ter anunciado seu "Plano Revolucionário da Leitura", cujo objetivo é "estimular a leitura para ampliar a consciência". Mas é claro que não é qualquer leitura. Apenas a que "desenvolva uma ética socialista" e "desmonte o imaginário capitalista para dar novo contexto à história".

As bibliotecas públicas receberam caixas e caixas de obras "revolucionárias": coletâneas de discursos de Chávez, livros escritos por ministros, Cartas de Marx para Engels, o diário de Che Guevara na Bolívia e biografias de Simón Bolívar. Estão sendo organizados em bairros pobres os "Esquadrões Revolucionários de Leitura", cujo objetivo é "refletir e contribuir para a construção do socialismo do século 21".

E apesar de as editoras privadas não conseguirem importar papel, tinta e peças para seu maquinário, editoras ligadas ao governo distribuem milhares de livros a preços que não passam de US\$ 2. Mais uma vez, não são quaisquer livros. Há sim, alguns clássicos como Dom Quixote de la Mancha, de Miguel de Cervantes, mas a maior parte é o que as autoridades definem como "livros de esquerda".

### **IDEAIS SOCIALISTAS**

"Recuperamos obras que estavam esquecidas, pois antes só havia espaço para a literatura de direita", disse ao Estado Miguel Márquez, presidente da editora Los Perros y las Ranas, ligada ao governo. Ela foi criada em 2006, ao receber uma doação de Cuba, e já distribuiu 50 milhões de livros. "São livros que contribuem para humanizar nossa sociedade, ou seja, para acabar com a valorização do dinheiro, típica do capitalismo, e impulsionar o socialismo."

Enquanto isso, as obras "não revolucionárias" são cada vez mais raras. "Tradicionalmente, mais de 80% dos livros lidos na Venezuela são importados de países como México e Espanha, mas agora eles chegam a contagotas", diz Yolanda de Fernández, da Câmara Venezuelana do Livro. Ela explica que, desde 2008, o governo passou a exigir um "certificado de não produção ou produção insuficiente" para a importação de livros. Ou seja, hoje a rede que quiser comprar qualquer título precisa esperar a emissão de um documento que diga que ele não é publicado na Venezuela.

Se o processo já era complicado nos últimos meses, com a queda do petróleo pressionando as reservas de Chávez, tornou-se ainda mais lento. "Mesmo com o certificado, os dólares para importar livros simplesmente não são liberados", diz Yolanda. Como o limite para as compras externas é cada vez menor, as distribuidoras preferem, quando podem, comprar best sellers (como o brasileiro Paulo Coelho), o que reduz ainda mais a variedade de títulos em circulação no país.

O resultado desse processo é o que a oposição vem chamando de "a revolução cultural do presidente Chávez".

"As autoridades deste governo não conseguem entender, afinal, para que serve um livro de poesia ou um Dostoievski", diz Boersner. "Eles só sabem que não devem acrescentar muito à sua revolução."

rodapé, no entanto, retiramos uma afirmação que mostra o horror do pensamento dirigido e fechado às reflexões: "As autoridades deste governo não conseguem entender, afinal, para que serve um livro de poesia ou um Dostoievski", diz Boersner. "Eles só sabem que não devem acrescentar muito à sua revolução." É de conhecimento de todos nós a forma como os ditadores agem contra as artes e os intelectuais. As primeiras atitudes dos tiranos são a censura, a proibição da venda e circulação de livros e de obras de arte. Com o intuito de nos defendermos dos inúmeros "Salvadores da Pátria", aconselhamos alguns filmes que servem de alerta contra a repressão e a proibição do livre pensar: "Fahrenheit 451", "Equilibrium", "Arquitetura da Destruição", "1984", "Admirável Mundo Novo".

#### **5. 1. 4. A Criatividade Por Meio da Sensibilidade: na Sala de Aula**

Como consequência da pesquisa teórica, há a necessidade de aplicar na sala de aula a idéia de ação e de multiplicidade de visões. O início do trabalho com meus alunos é pautado pela necessidade humana da relação fraterna entre professor e aluno. O uso da sensibilidade na sala de aula passa pela conscientização da vida e do imperativo da ação na construção do futuro. Para ocorrer à conscientização é importante haver a abertura do olhar. Para tanto, utilizamos teóricos como Viktor Chklovski<sup>111</sup> e Marshall McLuhan<sup>112</sup> entre outros, que se preocupam em resgatar a curiosidade inerente as crianças. A noção de procedimento em Chklovski é fundamental para a aplicação da arte como ação, da mesma forma que as definições de Mcluhan sobre os meios, artistas e sensibilidade.

---

<sup>111</sup> **Viktor Borisovich Shklovsky** (Chklovski) nasceu em São Petersburgo em 24 de janeiro de 1893 – Moscou Rússia e morreu em 6 de Dezembro 1984. foi um crítico literário e cenógrafo russo, escritor famoso por seu conceito de estranhamento na arte, escrito em 1917.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Viktor\\_Chklovski](http://pt.wikipedia.org/wiki/Viktor_Chklovski)

<sup>112</sup> **Herbert Marshall McLuhan**, filósofo e educador. Nasceu em Edmonton, Toronto Canadá em 21 de julho de 1911 e morreu em 31 de dezembro de 1980. Reconhecido pelo pionerismo no estudo das tecnologias e seus impactos na construção da sociedade humana em suas diferentes fases.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Os\\_meios\\_de\\_comunica%C3%A7%C3%A3o\\_como\\_extens%C3%B5es\\_do\\_homem](http://pt.wikipedia.org/wiki/Os_meios_de_comunica%C3%A7%C3%A3o_como_extens%C3%B5es_do_homem)

No texto "A Arte como Procedimento", 1917, Chklovski mostra como o artista deve agir para evitar o automatismo presente na recepção. A vida agitada transforma os indivíduos em robôs, daí a necessidade da ação do artista para despertar o público. Para conseguir mudar a recepção, o artista deve investir no estranhamento e, assim, conseguir uma percepção demorada. A percepção demorada é fruto de algo novo de algo estranho e repleto de linguagem poética.

Chklovski defende dois tipos de linguagens, a prosaica e a poética. A primeira é ligada ao objetivo e as certezas, enquanto que a segunda caminha na direção do devaneio e da liberdade de produzir o novo. A linguagem poética tem como alvo criar uma percepção particular do objeto é o processo da individualização, do olhar primeiro e de descobertas, enquanto que, a linguagem prosaica é automatizada. Essa última tem como processo não investir na visão e, sim, no que já é conhecido e reconhecido. A linguagem prosaica se contenta com a mesmice e a economia da reflexão. A linguagem poética, ao contrário, remete as descobertas a percepções diferenciadas e quebra o automatismo gerado pela correria do cotidiano. A linguagem poética investe no ato de refletir e não se limita à economia de pensamento.

Os indivíduos, em virtude da velocidade da vida, perdem o olhar crítico e olham para os objetos e para a vida de forma alienada, superficial e automatizada. Chklovski aponta para o uso da linguagem poética e da ação do artista para motivar o público:

*A finalidade da arte é dar uma sensação do objecto como visão e não como reconhecimento; o processo da arte é o processo de singularização dos objectos é o processo que consiste em obscurecer a forma, em aumentar a dificuldade e a duração da percepção. O acto de percepção em arte é um fim em si e deve ser prolongado; a arte é um meio de sentir o devir do objecto, aquilo que já se 'tornou' não interessa à arte. (...) Os objectos várias vezes percebidos começam a ser percebidos por um reconhecimento: o objecto encontra-se diante de nós, nós sabemos-lo mas já não o vemos. (...) O processo de singularização em L. Tolstoi consiste no facto de ele não chamar o objecto pelo nome, mas em o descrever como se o visse pela primeira vez. (ibid., p.81-82).*

A intenção do teórico é despertar o olhar primeiro é investir na obrigação do artista em transformar o público.

Na mesma direção de Chklovski encontramos McLuhan, no livro "Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem", 1964. A definição dos meios segundo o número de uso dos sentidos é fundadora. McLuhan mostra que, em virtude da invenção da imprensa de Gutemberg<sup>113</sup>, o conhecimento se difundiu, mas, em contra partida, a comunicação ficou reduzida ao visual, à escrita, que tem a característica linear. Antes dessa invenção, o conhecimento era transmitido pela audição, que é circular. Abaixo uma explicação:

*McLuhan propõe que, até o surgimento da televisão, vivíamos na "galáxia de Gutemberg" onde todo o conhecimento era visto apenas em sua dimensão visual. Sua idéia é simples: antigamente, o conhecimento era transmitido oralmente, por lendas, histórias e tradições. Quando Gutemberg inventou a imprensa, permitiu que o conhecimento fosse mais difundido. Mas, por outro lado, reduziu a comunicação a um único aspecto, o escrito. "Antes da imprensa, o jovem aprendia ouvindo, observando, fazendo. A aprendizagem tinha lugar fora da aula", explica o autor.*

*A evolução tecnológica deixa, aqui, de ser mera coadjuvante na vida social: o que é dito é condicionado pela maneira como se diz. O próprio meio passou a ser a principal atração, a informação. Muitas das páginas que estão na internet, por exemplo, poderiam ser livros ou revistas, mas, segundo McLuhan, tornam-se interessantes justamente por que estão em um novo meio de comunicação.*

*Isso não significa, é claro, ser passivo diante da mídia. "A tarefa educativa não é fornecer, unicamente, os instrumentos básicos da percepção, mas também desenvolver a capacidade de julgamento e discriminação através da experiência social corrente", diz o autor.*

*Uma das mais curiosas idéias de McLuhan é a de que "os meios de comunicação são extensões do homem". Assim como se usa uma pinça para aumentar a precisão das mãos e uma chave de fenda para girar um parafuso, os meios de comunicação seriam, na verdade, extensões dos sentidos do homem. Os óculos, por exemplo, são extensões do olho, a roupa é uma extensão da pele, a roda do carro é uma extensão do pé. Com a internet, não deixa de ser curioso se falar em "relações virtuais", como se as máquinas fossem realmente capazes de sentir e pensar pelos seus operadores.*

---

<sup>113</sup> **João Gutenberg** (1390-1468), foi um inventor alemão que se tornou famoso pela sua contribuição para a tecnologia da impressão e tipografia.

Tradicionalmente afirma-se que teria inventado os tipos móveis - que não foram mais, no entanto, que uma melhoria dos blocos de impressão já então em uso na Europa. A sua contribuição foi a da introdução de tipos (caracteres) individuais de metal e o desenvolvimento de tintas à base de óleo para melhor usá-los. Aperfeiçoou ainda uma prensa gráfica, inspirada nas prensas utilizadas para espremer as uvas no fabrico do vinho. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Johannes\\_Gutenberg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Johannes_Gutenberg)

*Muito antes de alguém falar em "aspectos lúdicos da educação", McLuhan já dizia que o estudo deveria ser uma atividade divertida. A escola, para ele, ainda não tinha percebido essa realidade óbvia. E completa: "É ilusório supor que existe qualquer diferença básica entre entretenimento e educação. Sempre foi verdade que tudo o que agrada ensina mais eficazmente".*

(<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/m.html>)

Ao defender a força das novas tecnologias por congregarem vários sentidos, McLuhan aponta para o fato de que essas tecnologias mexem com todas as percepções humanas, não de forma específica ao novo meio descoberto, mas de um modo geral: "Qualquer extensão – seja da pele, da mão ou do pé – afeta todo o complexo psíquico e social. (1964:18) Acredita na capacidade do artista em entender as mudanças perceptivas, advindas dos efeitos das tecnologias sobre os indivíduos. Afirma que deposita no artista a esperança em ver resolvidos os problemas de desequilíbrio provocados pelo aparecimento de um novo meio: "O artista pode corrigir as relações entre os sentidos antes que o golpe da nova tecnologia adormeça os procedimentos conscientes". (1964:86)

McLuhan cita Wyndhan Lewis: "O artista está sempre empenhado em escrever a minuciosa história do futuro, porque ele é a única pessoa consciente da natureza presente!" (Lewis *apud* McLuhan.1964:85). Essa citação de Lewis sobre a função do artista vai ao encontro do que Baudelaire escreveu em "Sobre a Modernidade". Para Baudelaire, a modernidade, o ser moderno está ligado ao transitório, ao efêmero, cabendo ao artista retirar do momento caótico do presente o que se tornará antiguidade com o passar do tempo.

O nosso trabalho em sala de aula, ao chamar atenção para a visão total dos sentidos, defende a relevância da visão transdisciplinar explicada anteriormente. Realçamos que somos feitos de razão, emoção e que é preciso soltar as amarras da massificação e cultivar atitudes éticas em relação a si mesmos, aos outros e ao planeta. Desenvolvemos o gosto pela ação criativa por meio de textos, livros, músicas, filmes e poesias que falem dos homens, da vida e do amor. E principalmente apresentamos aos alunos os pensadores e artistas aqui tratados.

Não podemos esquecer, como foi exposto anteriormente, que Schiller defende a arte como instrumento de educação por reunir o sensível e o racional. As palavras de Ana Mae nos ajudam a entender:

*Queremos chamar atenção para a interculturalidade, a interdisciplinaridade e a integração das artes e dos meios como modos de produção e significação desafiadores de limites, fronteiras e territórios que reclamam uma visão rearticuladora do mundo e de nós mesmos. (...) Na escola, as artes não devem ter seu espaço específico como disciplinas no currículo, mas também lhes cabe transitar por todo o currículo, enriquecendo a aprendizagem de outros conhecimentos, as disciplinas e as atividades dos estudantes. Estamos falando do que oficialmente se designou transversalidade curricular. (...) Arte como disciplina transversal, atravessando todo o currículo, aproxima-se do que Herbert Read queria dizer em seu livro "educação através da arte". Ele falava de arte como um elemento humano agregador que, interpenetrando outras disciplinas, facilita a aprendizagem pela qualidade cognitiva dos gestos, do som, do movimento e da imagem. (2008:25)*

A intenção do professor é formar uma visão diferenciada para a criação ou a recepção de uma obra de arte, a fim de instigar à elaboração de juízos. O mundo atual é múltiplo e requer novos olhares. Ensinar requer antes de qualquer coisa fazer com que os alunos pensem por eles próprios. Encontramos no cinema uma ferramenta muito importante para nos ajudar a propiciar reflexões. Estamos convencidos que o caminho por meio de poesias, filmes, artistas e pensadores ocupam lugar de destaque na compreensão da vida.

Em relação à pertinência do cinema na formação dos indivíduos, um livro veio em nossa direção – “O Clube do Filme” que retrata o relacionamento de um pai com o filho problemático que não quer estudar. O livro versa sobre uma proposta: Diante da desorientação e da infelicidade do filho-problema, o pai faz uma oferta fora dos padrões – o garoto poderia sair da escola – ficar sem trabalhar e sem pagar aluguel – desde que assistisse semanalmente a três filmes escolhidos pelo pai. Semana a semana, lado a lado, pai e filho viam e discutiam o melhor e, ocasionalmente, o pior do cinema. O resultado pode ser visto na reportagem que se encontra no anexo.<sup>114</sup>

---

<sup>114</sup> Reportagem: “O Pai que trocou a escola do filho por filmes” O Globo - 24/05/2009 05:00:07

### 5. 1. 5. **A Criatividade Por Meio da Sensibilidade: na Participação em Exposições**

No interesse da divulgação das ações estéticas pedimos aos alunos, como trabalho artístico de conclusão do semestre, obras que sejam pertinentes: à “Carta do Cacique Seattle”, à “Carta às Futuras Gerações”, aos trabalhos de Krajcberg, à Lygia e aos filmes que investem em levar atitudes para preservar a existência.

A preocupação com o planeta e a vida é um grande foco de discussão dos artistas. Apresentamos aos alunos a exposição *Intempéries*<sup>115</sup>, na Oca de São Paulo, 2009, que serve como modelo de indiferença e inação aos problemas atuais. A exposição aborda o aquecimento global e a inércia dos homens frente aos perigos futuros.

Na Faculdade Paulista de Arte de SP, investimos na arte como ação. Montamos com meus alunos algumas exposições com o intuito de difundir, aos outros alunos da faculdade, a necessidade de se respeitar à natureza e os outros seres vivos. Confesso que as respostas dos alunos têm sido excelentes, muito além das expectativas, o que nos incita a continuar nosso trabalho. No dia 6 de maio de 2009 na exposição “Visão Aberta”, fizemos um discurso de abertura convocando todos à ação<sup>116</sup>.

---

<sup>115</sup> A arte que expressa o estranhamento do homem diante das transformações climáticas que assolam o mundo é palco de *Intempéries – O Fim do Tempo*. A mostra reúne obras de 29 artistas, de 16 nacionalidades distintas, apresentadas em grandes projeções de vídeos e fotografias. Com coordenação de Marcello Dantas, curadoria internacional de Alfons Hug e nacional de Alberto Saraiva, a exposição está estruturada a partir dos quatro elementos - fogo, água, ar e terra - que dividem os 7 mil metros quadrados da mostra nos quatro andares da Oca. A estréia foi dia 7 de março, na Oca, no Parque do Ibirapuera.

<sup>116</sup> Agradeço a Faculdade Paulista de Arte e aos alunos que participam comigo dessa pesquisa.

Vocês encontrarão nessa exposição trabalhos relacionados a certa tradição artística, mas verão, também, trabalhos que investem na preocupação com a vida e o futuro. Acho que é muita pretensão de minha parte falar em futuro, no entanto, acredito que as grandes transformações não sejam feitas por guerras, terrorismos ou ações violentas, mas por pequenas atitudes de amor.

Sempre li e ouvi que o grande diferencial da arte está em não ter uma utilidade específica.

Peço desculpas aos grandes estudiosos, pois acho que o grande objetivo da arte é, exatamente, investir na nossa maior necessidade que é a vida. E o que é a vida, senão o espelho da sensibilidade? Hoje, por coincidência no jornal, havia uma notícia sobre o livro que Augusto Boal, morto semana passada, deixou para ser publicado. No início do livro “A estética do Oprimido” Boal faz uma síntese de suas concepções sobre a arte. Ao ler fiquei emocionada, pois suas idéias vêm ao meu encontro. Assim sendo, faço minhas as palavras de Boal:

A exposição apresentou certo número de trabalhos na direção da arte mais tradicional e outros impregnados da preocupação com a vida. Os trabalhos foram diversificados. Abaixo alguns exemplos:

### **Trabalho do aluno Boni Feitosa: "Bifurcação"**

Escultura/Instalação criada com base na "Carta as Futuras Gerações" de Ilya Prigogine foi feita de folhas secas e, além do trabalho criativo, houve a preocupação de criar um todo harmônico, no qual as imagens projetadas por um pequeno DVD digital, completavam as diversas possibilidades de percursos. É um trabalho de multiplicidades e descobertas.



---

“ Sinto sincero respeito por todos que dedicam suas vidas à arte (...). Mas prefiro àqueles que dedicam sua  
Arte à Vida”

Essa reflexão é que passo aos meus alunos e espero de coração, que eles dediquem sua arte à vida por meio de sementes de amor.

## Trabalho do aluno Raphael Vasquez: "Paletó"



**Material:** Um paletó usado velho com mais de 7 bolsos, os quais continham vários recados.

- 1- Bolso de fora do paletó: Pedaco de papel escrito à mão: "Andei, li, amei, chorei, morri de rir, morri de medo. Fui alguém e decidi deixar um pouco de mim aqui."
- 2- Bolso interior: Pequeno globo terrestre preso a uma corrente para se pendurar ao pescoço com os seguintes dizeres: "É uma jóia"
- 3- Bolso interior: Foto de um casal apaixonado com os dizeres: "Ame, assim o paraíso se faz real"
- 4- Bolso interior: Foto de um garoto descabelado com os dizeres: "Às vezes, permita que o vento penteie os seus cabelos."
- 5- Bolso Interior: Relógio de pulso quebrado e com um bilhete amarrado: "Não se baseie tanto por isto."
- 6- Bolso Interior: Diversos papéis pequenos e em cada um, uma palavra que juntos formavam a frase: "O tempo passa muito rápido".
- 7- Bolso exterior: Impressão de um mapa qualquer que não revela exatamente o local e nele uma frase em destaque: "A bússola está em seu coração".

### História que acompanhava a obra - Paletó:

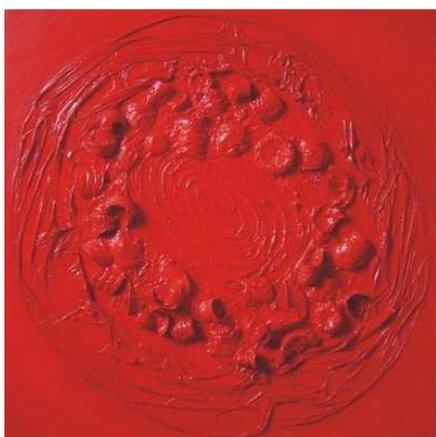
"Este paletó pertenceu a um homem e foi encontrado em uma praça no centro da cidade – pode ser qualquer cidade de qualquer estado ou país – no estado em que está, isto é, gasto pelo tempo e com esses recados nos bolsos. Os recados

indicam a maneira que seu dono viveu e pensava sobre o mundo, o tempo, o amor e servem para nos inspirar a pensar na vida.”

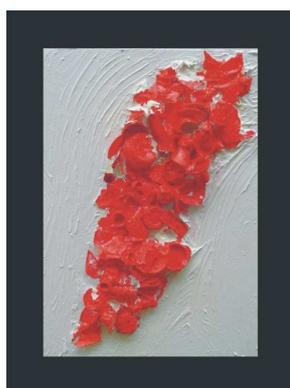
Dizeres ao lado do paletó: “Fique à vontade e vasculhe os bolsos à procura de algo que lhe possa interessar a refletir.”<sup>117</sup>

### **Trabalho do aluno Ricardo Moreira.**

#### Obras feitas com lixo – **Reciclagem artística**



*“Não quero luxo, não quero lixo, e que se lixem aqueles que acham que o lixo é apenas lixo.”*



<sup>117</sup> O Trabalho de Rafael me recordou a poesia “Ilusões da Vida” de Francisco Otaviano.<sup>117</sup>

Quem passou pela vida em brancas nuvens  
E em plácido repouso adormeceu;  
Quem não sentiu o frio da desgraça,  
Quem passou pela vida e não sofreu:  
Foi espectro de Homem, não foi Homem,  
Só passou pela vida, não viveu.

Os trabalhos de Ricardo podem ser vistos no site: <http://ricksarte.blogspot.com/>

### **Trabalhos do Aluno Vinicius Jovino:**

#### **1. Arlequim: No Gozo de Prová-lo, Na dor de perdê-lo**

#### **2. Colombina e Arlequim: O Dom de encontrar a delícia na intenção da carícia, e nunca na carícia, buscando o amor no incenso de um sonho:**

Os trabalhos plásticos surgiram a partir da leitura do livro: "As Máscaras", de Menotti Del Picchia, que conta a história de um triângulo amoroso vivenciado pelos personagens Pierrot, Colombina e Arlequim:

#### **1º. Arlequim: No Gozo de Prová-lo, Na dor de perdê-lo:**

##### **Arlequim, ironicamente místico:**

No meu lábio, no ardor desse beijo, que é todo um romance de amor!

Seduzido pela angustia da saudade:

No temor de pedi-lo e na glória de tê-lo...

No gozo de prová-lo e na dor de perdê-lo...

No contato desfeito e no rumor já mudo...

No prazer que passou... Nesse nada que é tudo:

O passado!... a lembrança... a saudade... o desejo... (Picchia.1937:28-29)

O primeiro trabalho retrata os sentimentos de Arlequim. O "tipo" de amor que é idealizado por esse personagem é carnal. Arlequim ama através da carne, aprecia o toque, o calor do corpo, é quem toma o beijo da Colombina e sofre por não tê-lo outra vez.

#### **2º. Pierrot e Colombina: O Dom de encontrar a delícia na intenção da carícia, e nunca na carícia, buscando o amor no incenso de um sonho:**

##### **PIERROT, num fio de voz:**

Ai de mim que, tristonho, trazia

à tua vida a oferta do meu sonho...

Pouca coisa, porém... Uma alma ardente e inquieta arrastando na terra um coração de poeta!

Na velha Ásia, a Jesus, em Belém, um Rei Mago, não tendo ouro, partiu através de Cartago,

atravessando a Síria, o Mar Morto infinito, a ruiva e adusta Líbia, o mundo e fulvo Egito,

as várzeas de Giséh, o Hebron fragoso e imenso,

só para lhe ofertar uns grânulos de **incenso**.

Também vim, sonhador, pela vida, tristonho,

trazer-te o meu amor no **incenso** do meu sonho. (Picchia.1937:68)

**Arlequim, escarninho:**

Esse amor tão sutil que teus nervos reclamam só se aplica aos Pierrots?

**Pierrot:**

Não! A todos os que amam!

Aos que têm esse dom de encontrar a delícia na intenção da carícia e nunca na carícia...

(Picchia.1937:35-36)

O Segundo trabalho retrata Pierrot, que ama através do sonho. O trabalho é um quebra-cabeça, onde podem ser montados dois retratos, um do Pierrot e outro da Colombina. Apesar de poder montá-los, as duas imagens jamais podem aparecer ao mesmo tempo. A única maneira dos dois amantes se encontrarem é na abstração, é no sonho de Pierrot. O trabalho é composto pelas figuras dos amantes que só se encontrarão, por meio da participação do receptor. Abaixo o processo do trabalho:



Arlequim



Pierrot e Colombina



## Trabalho da aluna Elis Regina:

Três frases durante 03 semestres de trabalhos foram sugeridas pela Professora Heloisa Leão na Faculdade Paulista de Artes, para serem refletidas, trabalhadas e respondidas:

O que você deixaria de belo para a humanidade?

Ações que podem melhorar o mundo?

Pensar na natureza como parte do mundo?

Resposta a todas elas: Ação e atitude. E pensar no belo como atitudes construtivas, ações que encham o coração de amor e que não tem preço.

Há necessidade urgente de introduzir um novo paradigma de desenvolvimento que Possua estratégias mundiais para a conservação da natureza. Este novo paradigma é a Sustentabilidade e que tem como objetivo, levar os indivíduos a pensar e agir, para preparar o mundo frente aos desafios do novo século, pois a pobreza, o subconsumo, a exclusão social, o desemprego, a chuva ácida, o efeito estufa, a destruição da camada de ozônio, o uso inadequado dos recursos naturais renováveis e não renováveis, devem ser tratados como problemas planetários e estão no cerne da nova concepção de sustentabilidade.

Sabemos que as dificuldades são muitas, mas a esperança e a confiança nos seres humanos são ainda maiores, por isso devemos aprender com aqueles que nos deixaram ensinamentos valiosos, como por exemplo a "Carta do Cacique Seattle" ao presidente dos EUA (Franklin Peirce) em 1854(5):

"Ensinai a vossos filhos, aquilo que ensinamos aos nossos: que a Terra é nossa mãe. Dizei a eles, que a respeitem, pois tudo que acontecer a Terra, acontecerá aos filhos da Terra. (...) Ao menos sabemos isso: a Terra não é do homem; o homem é que pertence à Terra. Todas as coisas são dependentes".

No dia 05 de junho último (2009) comemorou-se o Dia do Meio Ambiente, e a ONU reforçou a importância da participação de todos no combate às mudanças climáticas. Essa preocupação cabe a cada um de nós. Quando falamos de conscientização do ser humano em salvar o planeta, não podemos deixar de citar: O artista plástico Frans Krajcberg; a "**Carta** do Cacique de **Seattle**", **1854**, ao presidente dos EUA, Franklin Peirce e a "Carta às Futuras Gerações" de Ilya Prigogine.

*"Grandes realizações não são feitas por impulso, mas por uma soma de pequenas realizações."*  
[Vincent Van Gogh]

A CMMAD (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO) criou a definição de Desenvolvimento Sustentável:

“Desenvolvimento Sustentável é aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atenderem as suas próprias necessidades”.

Elis Construiu um livro com árvores em extinção que poderá ser visto no DVD que acompanha a tese. Elis e Vinicius plantaram algumas mudas de árvores na Praça Capitão Antônio do Santos - Bairro Itaquera – SP. Uma vez por semana, Elis passa para ver as plantas que já cresceram bastante. Com o seu gesto ela tem tido alegrias e tristezas. As alegrias são o fruto do exemplo dado, porque outras pessoas começaram a plantar e as tristezas remetem aos estragos feitos, por vândalos, nas plantas que crescem. A experiência é gratificante mesmo com os dissabores.

### **ÁRVORES EM EXTINÇÃO DECLARAÇÃO DO AMBIENTE**



**Ipê Rosa, plantado em novembro/08, pelos alunos Elis e Vinicius da FPA em uma praça**

### **Trabalho das Alunas Elis Regina e Iramildes Carvalho:**

Trabalho que distribuiu mudas de “Amor Perfeito” e de árvores de grande porte:

Uma tela em branco!

Uma caneta grande!

Uma muda de árvore!!!

80 pacotes da semente de amor perfeito são 500

Um compromisso com a mãe natureza!

Questões colocadas. O por que da tela? Pois quem assinasse sobre a tela sempre se lembraria que deixou sua marca, isto é uma pincelada para ajudar e embelezar o ambiente. O ato de plantar é

seguido da ação de cuidar<sup>118</sup> da pequena muda, até esta se transformar em uma robusta e centenária árvore. Além disso, atos como esses estarão compartilhando de nossa corrente de ação e atitude em favor do nosso Planeta Azul.



### **Trabalho de Renato e Cleiton**



### **Trabalho Lucia Chiba e Thatiana Sanchez**

Pensamos em fazer uma obra que estivesse ligada aos dois temas sugeridos pela professora Heloísa C. Leão: meio ambiente e como deixar o mundo belo.

Para tanto, utilizamos materiais recicláveis que descartamos todos os dias, principalmente o plástico. Desta forma, chamamos atenção para a importância da reciclagem para o meio ambiente. Reciclar é aplicar um produto da forma como ele foi concebido inicialmente, porém tratando-o de uma maneira tal que ele assuma uma configuração diferente e passe a ter uma nova função, um novo uso, um novo objetivo.

---

<sup>118</sup> A idéia de cuidar vem da frase do livro “O Pequeno Príncipe”, que defende a responsabilidade: “você é responsável por tudo aquilo que cativas.” Essa frase foi discutida durante o curso, mas o interesse dos alunos agregou o amor a natureza.

Para o nosso trabalho, criamos borboletas e flores com este material. As borboletas, simbolizando a metamorfose do lixo em algo belo, parecem sair leves e delicadas por entre os plásticos engarrafados. As flores também fazem parte desta transformação.

Isso nos mostra que o belo depende da forma com a qual olhamos o mundo. Podemos ver um monte de plásticos e imaginar que é um monte de lixo, mas com um olhar mais sensível, podemos imaginar algo belo, na forma de uma obra de arte.

O problema de lixo no Planeta é muito grave, um dos piores já enfrentados pelo homem. O lixo é gerado excessivamente a cada dia, e a cada dia se reduz o espaço para armazená-lo. A melhor maneira de se tratar o lixo é através da sua reciclagem, ou seja, seu reaproveitamento e eventual transformação em outro objeto. Grande parte do material que consideramos como lixo pode ser tratado desta maneira. E se assim o fizermos, estaremos reduzindo o impacto ambiental e aumentando a qualidade de vida no Planeta, já que economizaremos tanto matérias-primas que seriam necessárias para algum produto, como o espaço que ele ocuparia no lixo, sem necessidade.

Assim, tanto a arte quanto o meio ambiente, agradecem.

O nome da obra é "A beleza do lixo" as criadoras foram Lucia Chiba e Thatiana Sanchez.



### **Alguns trabalhos finais que não estavam na exposição:**

**Trabalhos dos alunos Brenda Cueba, Luciano Crepaldi, Rosangela B. Ballesteros, Vivian Moretti e Telma D. N. Nomura: Calendário do Tempo**



*É um álbum com fotos do passado em comparação com os dias atuais. As imagens comprovam a poluição e os detritos jogados nos rios. Exemplos: 1º. O Rio Tietê coberto com espumas de produtos indevidamente foram jogados.*

*2º. Amazônia no tempo.*

*3º. Antártica no tempo enfatizando o degelo.*

## **Trabalho dos alunos: Thalita, Rafael Vasquez e Vinicius Jovino - Sobre a preservação da natureza e o trabalho de Frans Krajcberg**

### ***A Luz alimenta a Natureza que esbanja vida e cor***

*A natureza clama por atenção dos homens, não quer mais ser devastada, corrompida, poluída e o dever da consciência só cabe a nós humanos. Os olhos do homem moderno vêem a natureza apenas como combustível para a sua máquina veloz que nos distancia da nossa própria essência, que transforma todo o ambiente num amontoado de ferro e cimento e se ergue para o céu com toda a fúria.*

*O homem não poderia criar sem matéria, sem ferramentas, e é na natureza que ele recolhe todo material que usa. Suas mãos e seu cérebro se aperfeiçoaram proporcionalmente aos desafios que encontrava na natureza e, hoje tendo a superado, constrói um novo ambiente a seu estilo.*

*O homem agora já não se recorda de onde veio e não volta os olhos para admirar, nem sequer para cuidar daquela que foi uma vez tudo o que lhe cercava e lhe dava o que precisava.*

*A natureza era abundante, mas hoje, a cada hora, mais e mais áreas são devastadas em nosso país.*

*Se pudermos voltar-nos para a beleza que transborda das árvores, flores, rios, bosques que ainda existem e admirá-la como se admira uma obra de arte poderíamos traçar um caminho mais seguro, nesse breve passar pela vida.*

*Uma bexiga presa a uma árvore não dura muito tempo cheia. O calor do sol, o vento, o atrito com os galhos provocam o seu fim, pois a faz estourar e nessa velocidade a beleza da vida se vai.*

*O artista plástico Frans Krajcberg utiliza a matéria das queimadas, da devastação em suas esculturas, revelando a bruteza de nossos atos. Isso nos inspirou a olhar a natureza como um bem maior, por isso a enfeitamos com cor e luz tentando indicar que dali brota vida, mas que assim como é a bexiga, tal vida é frágil e precisa do nosso cuidado.*

*As bexigas brancas significam a natureza pedindo PAZ*



**Trabalho dos Alunos: Maíra Lacerda, Andre Destro Xavier, Diocir J. A. Junior – Livro Ilustrado**

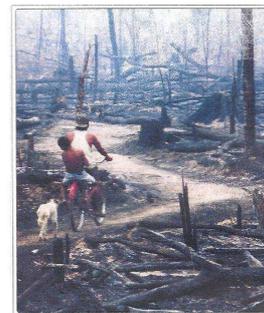
Livro de figurinhas auto-adesivas com referência as mazelas do planeta.  
Esse trabalho tem o foco nas queimadas, no aquecimento global e na fome.



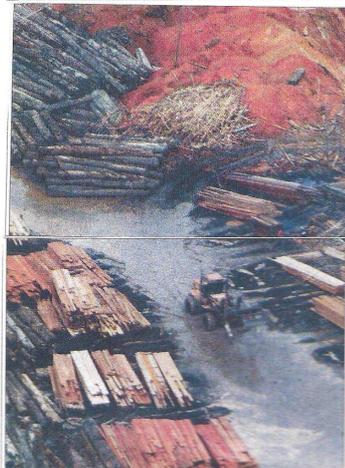
# NOSSO querido MEIO AMBIENTE



Incêndio na Flórida



Queimada no Brasil



Madeira ilegal no Brasil



Reservatório de água

## Trabalhos do Aluno Diego Miguel na Exposição "Ser Humano"

O início do projeto "Quinta Cultural" foi no dia 4 de setembro de 2008 com a Exposição "Ser Humano". É um projeto ligado a um movimento artístico itinerante composto por diversas manifestações artísticas: artes plásticas, vídeos, filmes, músicas etc. Todas as obras da exposição se interligam por meio de suas diferentes visões do Ser Humano, constituindo, assim, um ambiente acolhedor e atraente.

Na Exposição "Ser Humano" Diego apresentou alguns trabalhos, entre eles a série de esculturas (Re)ciclos I e II e a obra "Flutuação" baseada na "Carta às Futuras Gerações" de Ilya Prigogine (1917 - 2003)



As obras em sua maioria foram feitas com materiais encontrados no lixo, bastardos, e em cores fortes, a fim de provocar reflexões. Todas as ações refletem no presente e no futuro. Tudo que é feito gera energia que mais tarde refletirá na história da humanidade.

As ações individuais fazem parte do coletivo e as ações do coletivo também atuam no individual. Somos todos ligados pela mesma matéria e respiramos o mesmo ar.

Mais informações sobre Diego podem ser vistas no blog:  
[www.diegomiguelartes.blogspot.com](http://www.diegomiguelartes.blogspot.com)

### Trabalho Carolina Gutierrez: **Instalação Corpo e Alma**



### **5. 1. 6. A Criatividade Por Meio da Sensibilidade e Exemplos do Cinema**

O cinema, como outras manifestações artísticas, investe na captação de emoções. Desde o primórdio do cinema a sala escura, a introspecção, o jogo de luz e sombra, a música e a narrativa provocam no espectador o encontro da realidade e do sonho.

Morin ao falar sobre estética explica que tudo que diz respeito a esse tema tem o poder de nos tocar a alma. Caminha na direção de Schiller que entende o estético como a junção do individual no coletivo. Morin explica a abrangência da estética:

*Tudo que remete à estética penetra em nossas almas, em nossas mentes, em nossas vidas. (...)*

*Os filmes e as séries de televisão nos falam, sem parar, dos problemas da vida que são os amores, ambições, ciúmes, traições, doenças, encontros, acasos. São "evasões" que nos*

*fazem mergulhar em nossas almas e em nossas existências. (...) O atroz em nossas vidas é transfigurado num filme e nos dá a volúpia ou o deslumbramento no horror. O impossível é realizado, mais no imaginário, ou seja, sem perigo. Encontramos no cinema, ao mesmo tempo, evasão e hiper-realidade. Revela, do seu jeito, que, como dizia Franz Liszt, "as artes são o meio mais seguro de se esconder do mundo, mas também o meio mais seguro de unir-se a ele". (2005:135)*

Carvalho elucida que o cinema consegue dialogar saberes racionais e imaginários e compara o cinema a uma:

*Caverna simbólica na qual o homem se mostra como verdadeiramente é, despojado das amarras das instituições e do caráter prosaico do cotidiano, o imaginário cinematográfico fornece pistas para o entendimento da cultura contemporânea. (...) Como se operasse com mecanismos do pensamento selvagem, o cinema aproxima-se, sem medos, da intuição sensível, aberta, que sempre excede a dureza do conceito.*

*(...) O cinema é obra aberta, inacabada, presta-se a múltiplas interpretações, uma hermenêutica do sentido, uma pluralidade instável e indeterminada que, a todo tempo, cria brechas e dissipações, que propiciam ao sujeito-vidente encarar de frente os paradoxos do tempo presente, para tentar, na medida do possível, regenerar sua própria existência, direcionando-a para a busca de novos níveis de significação, sejam eles individuais, sociais e planetário.*

*(...) Com o cinema, assumimos de vez que nossa dimensão existencial é simultaneamente rubricada pelo tempo e pelos espaços reais e imaginários, locais e universais. São essas as dimensões multidimensionais da criatividade que se encontram presentes não apenas em cineastas e atores, mas em escritores, poetas e em poucos homens de ciência. (2008:133,134,140)*

Defendemos o cinema como ferramenta importante e auxiliar do professor na sala de aula. As reflexões de Morin nos ajudam e reforçam nossa empreitada: "O cinema opera uma espécie de ressurreição da visão primitiva do mundo, permite, tolera e inscreve o fantástico no real". (*apud* Carvalho. 2008:133) Vai além e defende o cinema na educação, pela capacidade que possui de trazer sentido a vida. Carvalho elogia Morin, quando esse enfatiza "que o cinema desvenda estruturas da participação e estruturas da inteligência e cita: 'O cinema, com sua linguagem de imagens, e só de imagens, converteu-se em pedagogia.'" (2008:141)

Carvalho questiona como a pedagogia do cinema pode contribuir para a criação de nova cidadania e responde: "Um bom caminho seria incluir uma programação sistemática de filmes sintonizada a currículos regulares, cujo objetivo seria estimular a criatividade, religar saberes e promover a transversalidade do conhecimento". (Carvalho, 2008:142)

Para destacar a ação do cinema como empreendedora de mudanças de hábitos. Apresentamos três filmes que investem no amor, na ação e na relação com o próximo. Mudar o tratamento entre as pessoas de agônico em hedônico é o que pretendemos mostrar. Nesses filmes, é possível constatar as visões dos pensadores elencados sobre o pensamento complexo, a transdisciplinaridade e o amor como meta.

Ao escolhermos os filmes que enfatizem a sala de aula e o amor nos deparamos com alguns que são baseados em fatos reais. O filme extraído da realidade não deve ser entendido como uma narrativa fiel ao fato acontecido. A liberdade do diretor e do roteirista possibilita vôos de imaginação quando reescrevem uma história. Carvalho explica que o diretor:

*Ao transpor para o cinema romances, fatos históricos-políticos, experiências extraterrenas, biografias, os roteiros nem sempre cumprem fielmente o conteúdo de realidade de uma obra, das vidas que nela transitam, dos fatos concretos que pretendem relatar. Omitem e adicionam fatos, transmutam situações reais, invertem e esgarçam temporalidades, superpõem planos existenciais, ordenam restos culturais sem se importar com a linearidade da história e com a irreversibilidade do tempo. (...) O cinema quebra o quadro espaço-temporal do cinematógrafo, capta objetos e situações inimagináveis, polemiza o dispositivo tecnocientífico, projeta cenários futuristas, cria utopias sociais que nenhum cientista é capaz de prever. Fábrica de sonhos incumbe-se de objetivar na grande angular uma mitologia de duplos. Fabricar um comércio de signos mediadores das relações entre indivíduo, sociedade e cosmo. (2008:134-135)*

Os filmes escolhidos, entre muitos, têm em comum a sala de aula. É a conjugação perfeita cinema e professor. Os educadores retratados pelo cinema e escolhido por nós praticam a religação dos saberes e promovem a transversalidade que é defendida por Carvalho.

O primeiro filme selecionado é "A Última Grande Lição" mostra um professor acometido de uma doença terminal que paralisa seus órgãos ao pouco. O prof. Morrie ao invés de esperar tranquilamente o dia de sua morte, ainda encontra tempo para ministrar a última lição. Esse filme vem ao encontro do nosso trabalho, pois mostra que é possível construir um futuro diferente. No qual a amizade e o amor são os responsáveis por uma nova visão de mundo.

**Título no Brasil:** A Última Grande Lição

**Título Original:** Tuesdays with Morrie

**País de origem:** EUA

**Gênero:** Drama **Duração:** 89 min

**Ano de Lançamento:** 1999

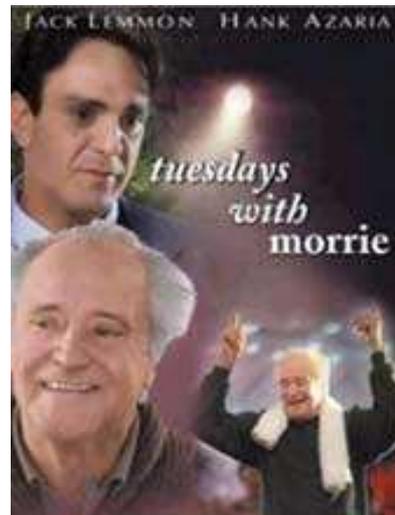
**Diretor:** Mick Jackson

**Atores:**

Jack Lemmon,

Hank Azaria,

Wendy Moniz,



No filme "A Última Grande Lição", dirigido por Mick Jackson, os conselhos do prof. Morrie a seus alunos são fundamentais para uma mudança de hábito. Esse filme foi baseado em uma história real e Mick, aluno que recebeu as lições, quis ampliar os ensinamentos do professor, transformando-os em livro e depois em filme.

Na narrativa, Mick vê, pela TV, seu professor doente, resolve procurá-lo e a partir desse momento receberá todas as terças-feiras lições valiosas de vida. O professor Morrie mesmo acometido de uma doença incurável utiliza seu tempo final para deixar ensinamentos sobre a vida e o amor ao próximo. Frases do professor Morrie importantes que são ditas sobre amor e vida:

*Quando você aprende a morrer, você aprende a viver.  
Nós precisamos amar uns aos outros, ou morremos. É muito simples.*

*A coisa mais importante na vida é aprender como dar amor, e como deixá-lo entrar.  
Às vezes você não consegue acreditar no que vê, precisa acreditar no que sente. E se você quer que outras pessoas confiem em você, você deve sentir que pode confiar nelas - mesmo que você esteja no escuro. Mesmo que você esteja caindo.*

"A Última Grande Lição" é um filme tocante e gratificante, pois investe na ação mesmo frente à morte. A partir desse filme coloquei meus alunos frente à seguinte questão: Se vocês soubessem que iriam morrer, em pouco tempo, o que

vocês deixariam para embelezar o mundo? Embelezar no sentido de uma ou diversas ações estéticas em relação a vida como um todo. Esse tema é um entre outros temas que indico para o trabalho de conclusão da disciplina.

O segundo filme selecionado é "A Corrente do Bem" porque investe no poder multiplicador das ações estéticas. O estudante Trevor tem a brilhante idéia de criar uma pirâmide composta por boas ações. A idéia de colocar o amor em movimento é gratificante. Esse filme, como o anterior, ajuda na construção de um novo futuro.

No filme "A Corrente do Bem", dirigido por Mimi Leder, um garotinho - Trevor Mckinney, motivado pelo professor de Estudos Sociais Eugene Simonet, propõe uma corrente de amor entre as pessoas. Esse garoto acredita ser possível mudar o mundo a partir da ação voluntária de cada um. Para tanto cria uma corrente, na qual defende três ações estéticas por cada favor recebido. Essa corrente multiplica as ações estéticas, a fim de modificar o mundo. Abaixo, uma imagem da pirâmide de ações e de seu poder multiplicador.



**Filme:** A Corrente do Bem

**Título Original:** Pay It

Forward

**Gênero:** Drama

**Origem/Ano:** EUA/2000

**Duração:** 122 min

**Direção:** Mimi Leder

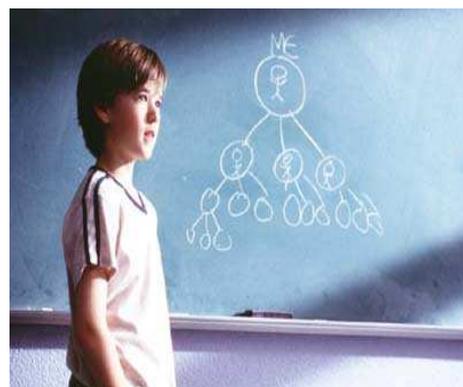
**Atores:**

Kevin Spacey - Eugene Simonet

Helen Hunt - Arlene McKinney

Haley J.Osment - Trevor

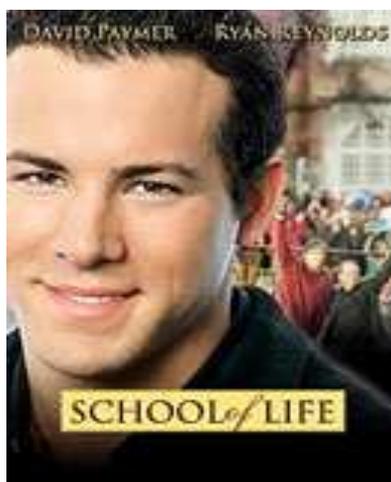
McKinney



O terceiro filme é "Escola da Vida" apresenta uma nova escola que vai ao encontro do pensamento complexo. O professor Sr. D e o prof. Matt são dois

lados distintos do ensino. O primeiro insere o aluno no aprendizado da vida e o outro faz um recorte disciplinar. Esse filme, como os outros dois, é pertinente a tese. Encontramos aqui a preocupação com a totalidade do indivíduo e com a distribuição do amor pelas ações.

O filme “Escola da Vida” dirigido por William Dear, conta a história de dois professores em uma instituição de ensino. A classificação do filme é aventura, o que discordamos, é uma história tragicômica que leva o público a reflexão. A importância do filme é mostrar um novo caminho para o ensino. A narrativa retrata dois posicionamentos distintos, o prof. Matt representa a escola linear e agônica, enquanto que, o Sr. D. a escola complexa e hedônica. Sr. D. muda as relações entre professor/aluno; aluno/aluno; aluno/consigo mesmo e todos com a vida. A metodologia dinâmica desse professor faz do dia a dia, das necessidades vitais e imediatas o foco do curso. Investe na valorização do aluno ao quebrar o espírito de competição. Os ensinamentos desse professor têm correspondência com os pensadores citados ao investir na ação com o próximo e no diálogo com a vida.



**Filme: Escola da Vida**

**Título no Brasil:** Escola da Vida

**Título Original:** School of Life

**Duração:** 122min

**País de Origem:** Canadá / EUA

**Gênero:** Aventura

**Ano de Lançamento:** 2005

**Direção:** William Dear

**Atores:**

Ryan Reynolds

David Paymer

John Astin

A ação, na sala de aula, de amor ao próximo e de ações éticas pode ser vista em alguns filmes<sup>119</sup>. Acreditamos que o cinema tenha a capacidade de mostrar atos

<sup>119</sup> “Ao Mestre com Carinho”, “O Sorriso de MonaLisa”, “Sociedade dos Poetas Mortos”, “Coast Carter Um Treino para a Vida”, “Mr. Holland”, “Os Cavaleiros do Bronx”, “Música do coração”, “O Clube do Imperador”, “Um Diretor Contra Todos”, “Vem Dançar”, “Escritores da liberdade”, “A Primavera de Uma

de amor e de divulgar ações para serem seguidas. As histórias dos filmes têm características reais e fictícias, mas isso não tem importância, pois a realidade ou a ficção são elementos primordiais na ação e na mudança de hábito. Nessa direção as palavras acima nos ajudam: "As artes são o meio mais seguro de se esconder do mundo, mas também o meio mais seguro de unir-se a ele". (Liszt *apud* Morin. 2005:135)

O cinema ao falar de amor tenta reunir esse homem dividido entre a predominância da razão em detrimento da sensibilidade. No filme "Uma Mente Brilhante" o personagem principal é John Nash matemático que vai contra as idéias defendidas por Adam Smith. Inversamente a este Nash defende a visão de grupo contra a predominância da visão individual.

Smith atesta que os melhores resultados surgem quando cada um no grupo olha pelos seus próprios interesses e Nash defende que o melhor resultado surge quando todos os elementos do grupo olham pelos seus próprios interesses e, também pelos do grupo. As idéias de Nash quebram com a frase popular "Cada um por si e Deus por todos", melhor seria se fosse dita assim: Cada um por si na luta pelo bem do grupo. "Um por todos, todos por um".

Nash em 1994, como resultado de seu trabalho com a teoria dos jogos, recebeu o Prêmio Nobel de Ciências Economicas juntamente com Reinhard Selten e John Harsanyi. Transcrevemos aqui o que foi dito por Nash, no filme, ao receber o premio:

Sempre acreditei em números, nas equações e na lógica. Mas após uma vida de demanda, pergunto... o que é, na verdade, lógico? Quem decide o que é racional? A minha busca conduziu-me do físico... ao metafísico... ao delírio... e ao regresso. E fiz a mais importante descoberta da minha carreira. A mais importante

---

Solteirona", "Mentes Perigosas", "Perfume de Mulher" não é um filme em sala de aula, mas mostra a ética entre alunos/professores. "Encontrando Forrester" é como o filme anterior, retrata relação prof./aluno.

descoberta da minha vida. **É apenas nas misteriosas equações do Amor... que alguma lógica ou razão podem ser encontradas**<sup>120</sup>.

A declaração de amor de Nash pode ter sido verdadeira ou fictícia, como já nos manifestamos anteriormente, o fato de ser real ou inventada não é o importante. O admirável é a presença desse sentimento em todos os desdobramentos da vida, e na relação do homem consigo mesmo com os outros e com seu entorno.

Na mesma direção encontramos as poesias musicadas de Renato Russo: "Monte Castelo"<sup>121</sup>; "Quando o sol bater na Janela do se Quarto e Pais e Filhos. Russo mostra seu otimismo com o futuro ao pregar o amor em toda sua plenitude e associado à ação:

*Ainda que eu falasse a língua dos homens.  
E falasse a língua dos anjos  
Sem amor eu nada seria.  
É só o amor, é só o amor  
que conhece o que é verdade".*

*Quando o sol bater na janela do teu quarto  
Por que esperar se podemos começar tudo de novo  
Agora mesmo  
A humanidade é desumana  
Mas ainda temos chance  
O Sol nasce pra todos  
Só não sabe quem não quer.*

*É preciso amar as pessoas como se  
Não houvesse amanhã.  
Porque se você parar para pensar,  
Na verdade não há.*

Russo quando fala que o amor é a verdade, não quer dizer que esta é a certeza de alguma coisa. A verdade surge como um sentimento de totalidade, pois o amor é a única totalidade, portanto, a verdade. Enfatizamos que só conseguiremos atingir a verdade, a totalidade por meio do amor.

---

<sup>120</sup> <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/cinema/dossier/mentebrilhante/momentos.htm>

<sup>121</sup> A letra da musica de Renato Russo tem recortes do Apóstolo Paulo e de Camões.

Mais um exemplo esclarecedor sobre o amor está no filme "Amor nos tempos do Cólera": Florentino Ariza, poeta, em carta a sua amada Fermina Daza escreve: Pense no amor como um estado de graça, não em um meio para se chegar a um fim. De alpha a omega um fim em si mesmo.

O cinema está repleto de citações que enfocam o amor, infelizmente, o maior número de citações diz respeito à violência e à busca por ganhar riquezas e se sair vencedor. A corrida para granjear notoriedade é uma constante nos filmes americanos em detrimento de filmes que ajudem a refletir sobre a vida e o próximo. O importante é observar que mesmo em Hollywood muitos diretores estão preocupados em difundir as relações de sentimento. O cinema quando encarna a preocupação com o outro se torna uma fonte inesgotável de propaganda de ações e de sentimentos.

## 6. Capítulo IV

### **Criatividade na Vida e nos Exemplos das Ações Estéticas – Sementes de Amor Visando o Futuro - Inconclusão para o Futuro**

"O artista tem a capacidade de lidar com as possibilidades do real e se a natureza permitiu o nascimento de artistas é porque a natureza é artística".

Jorge Vieira

"A permanência passa pela afetividade. Uma realidade bela estética apaixonante a atitude. Conhecer bem é saber amar, o amor é profundo."

Jorge Vieira

#### **Antoine de Saint-Exupéry**

"Cada um é responsável por todos. Cada um é o único responsável. Cada um é o único responsável por todos".

"É o espírito que conduz o mundo e não a inteligência".

"A grandeza de uma profissão é talvez, antes de tudo, unir os homens: não há senão um verdadeiro luxo e esse é o das relações humanas".

"Ser homem é ser responsável.

É sentir que colocando sua pedra se colabora na construção do mundo."

"Os olhos são cegos. É preciso ver com o coração..."

"O futuro não é um lugar onde estamos indo, mas um lugar que estamos criando. O caminho para ele não é encontrado, mas construído e o ato de fazê-lo muda tanto o realizador quando o destino."

"Se queremos um mundo de paz e de justiça temos que pôr decididamente a inteligência a serviço do amor."

"A inteligência apenas vale ao serviço do amor."

"É apenas com o coração que se pode ver direito; o essencial é invisível aos olhos."

"O significado das coisas não está nas coisas em si, mas sim em nossa atitude com relação a elas."

"A verdadeira solidariedade começa onde não se espera nada em troca."

Esse capítulo segue a linha dos outros três e pesquisa a criatividade e o amor nas ações estéticas do cidadão comum, que segundo Beuys é artista. Acreditamos que as mudanças operadas no homem contemporâneo, suas descobertas e avanços tecnológicos possibilitem transformações radicais nas relações homem/homem; homem/vida. A internet vem ao nosso encontro para difundir as ações estéticas e nos alertar contra a falta de ação por parte dos indivíduos.

A criatividade foi apresentada, neste trabalho, por vários pensadores e artistas. Podemos observar no nosso entorno a emergência de uma preocupação generalizada com o futuro. Os meios de comunicação oferecem múltiplos exemplos de ações de indivíduos possuidores da antropoética de Morin, da criatividade em construir o futuro de Prigogine e da busca de um ideal admirável de Peirce. Da arte como ação de Beuys. Do artista como propositor de Lygia e a defesa da vida e da natureza de Krajcberg.

A nossa intenção é mostrar que atitudes generosas podem fazer parte do nosso cotidiano. Para embasar o nosso trabalho, tiramos exemplos em reportagens de jornais e em diversas mídias. Constatamos, infelizmente, que a porcentagem de atitudes hedônicas é bem menor que as atitudes agônicas. Isso porque, nossa vida é pautada pelas competições, pelas relações de poder, pela valorização econômica e social etc. O cenário atual é predominantemente predador e imbuído da idéia de que só os fortes sobreviverão. No entanto, não podemos perder a esperança, pois a busca por um futuro diferenciado passa pela educação da sensibilidade. As atitudes estéticas são o vislumbrar de novos tempos. Os exemplos das ações estéticas, no anexo, também podem ser vistos em muitos filmes, como no apresentado acima - "A Corrente do Bem".

Nos capítulos anteriores apresentamos os anseios e medos de artistas e pensadores. Continuamos com esses anseios e oferecemos no anexo da tese reportagens de ações estéticas gratificantes.

Entre as reportagens há a de um pedreiro que reuniu livros e criou uma biblioteca em sua casa: "A casa do pedreiro virou biblioteca". O Sr. Carlos Leite, por amar os livros, arranjou uma forma de compensar seus problemas, tornando-se coletor de livros que seriam descartados. Leite movido pela curiosidade da leitura e pelas dificuldades, ao longo da vida, de ver realizado os seus sonhos cria uma biblioteca comunitária. Atualmente possui mais de 10.000 livros que enriquecem sua biblioteca. Acreditamos que atitude como essa é de uma beleza tão grande, que pode ser chamada de ação estética por estar impregnada de amor a vida e ao próximo.

Outra reportagem é sobre uma senhora coletora de remédios: "Aposentada amplia farmácia comunitária no quintal de casa". Na mesma direção da reportagem da biblioteca, essa, também, é fruto do trabalho de amor aos seus semelhantes. No anexo as reportagens nos emocionam e nos animam a tirar das atitudes mostradas, lições de vida e exemplos a serem seguidos, para trabalharmos em prol de outro futuro. Quando entendermos que todos nós somos responsáveis pelo amanhã, agiremos de forma diferente.

Inúmeros vídeos são disseminados, na internet, com o intuito de alertar as pessoas a terem novas visões e atitudes em prol da vida. No DVD anexo à tese é possível encontrar vários exemplos. Abaixo alguns sites e textos que correm na internet a fim de levar reflexão aos internautas. Depositamos muitas esperanças e acreditamos que essa nova tecnologia possa aproximar e sensibilizar as pessoas. Como afirmamos anteriormente a tecnologia é neutra, o uso dela pelos humanos é que nos preocupa.

Sites:

<http://www.youtube.com/watch?v=NNGDj9IeAuI&feature=channel>

[http://www.youtube.com/watch?v=aJUdLhsWVg4&feature=response\\_watch](http://www.youtube.com/watch?v=aJUdLhsWVg4&feature=response_watch)

<http://www.youtube.com/watch?v=N0ykm1v9xbU>

Um dos e-mails vem do Instituto de Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (não temos certeza da veracidade do remetente, mas parece de fundo científico) e serve para reflexão: Oceano de Plástico

**The Independent, Greenpeace e Mindfully**

***Ver essas coisas sempre servem para que nós repensemos nossos valores e principalmente o nosso papel frente ao meio ambiente, ou o ambiente em que vivemos.***

***Antes de Reciclar, reduza!***

**Um Oceano de plástico**

*Durabilidade, estabilidade e resistência a desintegração. As propriedades que fazem do plástico um dos produtos com maiores aplicações e utilidades ao consumidor final, também o tornam um dos maiores vilões ambientais. São produzidos anualmente cerca de 100 milhões de toneladas de plástico e cerca de 10% deste total acabam nos oceanos, sendo que 80% desta fração vem de terra firme.*

*No oceano pacífico há uma enorme camada flutuante de plástico, que já é considerada a maior concentração de lixo do mundo, com cerca de 1000 km de extensão, vai da costa da Califórnia, atravessa o Havaí e chega a meio caminho do Japão e atinge uma profundidade de mais ou menos 10 metros . Acredita-se que haja neste vórtex de lixo cerca de 100 milhões de toneladas de plásticos de todos os tipos.*

*Pedaços de redes, garrafas, tampas, bolas , bonecas, patos de borracha, tênis, isqueiros, sacolas plásticas, caiaques, malas e todo exemplar possível de ser feito com plástico. Segundo seus descobridores, a mancha de lixo, ou sopa plástica tem quase duas vezes o tamanho dos Estados Unidos.*

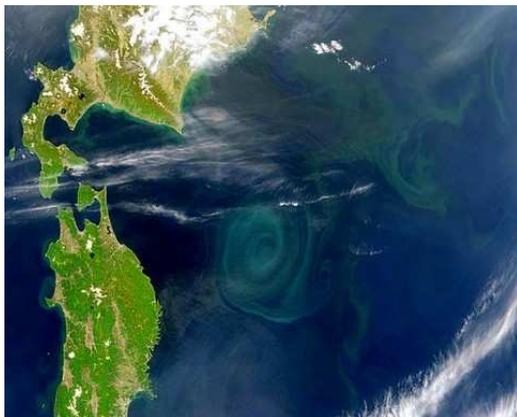
*O oceanógrafo Curtis Ebbesmeyer, que pesquisa esta mancha há 15 anos compara este vórtex a uma entidade viva, um grande animal se movimentando livremente pelo pacífico. E quando passa perto do continente, você tem praias cobertas de lixo plástico de ponta a ponta.*

*A bolha plástica atualmente está em duas grandes áreas ligadas por uma parte estreita. Referem-se a elas como bolha oriental e bolha ocidental. Um marinheiro que navegou pela área no final dos anos 90 disse que ficou atordoado com a visão do oceano de lixo plástico a sua frente. 'Como foi possível fazermos isso?' - 'Naveguei por mais de uma semana sobre todo esse lixo'.*

*Pesquisadores alertam para o fato de que toda peça plástica que foi manufaturada desde que descobrimos este material, e que não foram recicladas, ainda estão em algum lugar. E ainda há o problema das partículas decompostas deste plástico. Segundo dados de Curtis Ebbesmeyer, em algumas áreas do oceano pacífico podem se encontrar uma concentração de polímeros de até seis vezes mais do que o fitoplâncton, base da cadeia alimentar marinha*

Segundo PNUMA, o programa das nações unidas para o meio ambiente, este plástico é responsável pela morte de mais de um milhão de aves marinha todos os anos. Sem contar toda a outra fauna que vive nesta área, como tartarugas marinhas, tubarões, e centenas de espécies de peixes.

E para piorar essa sopa plástica pode funcionar como uma esponja, que concentraria todo tipo de poluentes persistentes, ou seja, qualquer animal que se alimentar nestas regiões estará ingerindo altos índices de venenos, que podem ser introduzidos, através da pesca, na cadeia alimentar humana, fechando-se o ciclo, na mais pura verdade de que o que fazemos à terra retorna à nós, seres humanos.



Pacific trash vortex animation showing drift of ocean pollution



E-mail: sobre a necessidade de se educar a sensibilidade para a vida

Essa pergunta foi a vencedora em um congresso sobre vida sustentável.

"Todo mundo 'pensando' em deixar um planeta melhor para nossos filhos... Quando é que 'pensarão' em deixar filhos melhores para o nosso planeta?"

Passe adiante!  
Precisamos começar JÁ!

Uma criança que aprende o respeito e a honra dentro de casa e recebe o exemplo vindo de seus pais, torna-se um adulto comprometido em todos os aspectos da vida, inclusive em respeitar o planeta aonde vive...

E-mail: para educar a sensibilidade adormecida e sem etiqueta de valor.

O e-mail abaixo tem o vídeo no Youtube. Chama atenção para a indiferença das pessoas quando não são informadas do valor existente em algum produto, que aqui no caso é um violinista. A sensibilidade do violinista Joshua Bell, que levou sua arte aos freqüentadores do metrô de NY. Joshua é o mesmo que foi citado no capítulo 2 – (pag.80), por ter tocado com os meninos de Heliópolis.

E-mail: QUANDO O LUXO VEM SEM ETIQUETA . . .Ninguém dá valor

Como a massa anônima é contaminada pelas aparências!!  
Não sabe sequer consumir e apreciar cultura.

Quando o luxo vem sem etiqueta...

O cara desce na estação do metrô de NY vestindo jeans, camiseta e boné, encosta-se próximo à entrada, tira o violino da caixa e começa a tocar com entusiasmo para a multidão que passa por ali, bem na hora do rush matinal.

Durante os 45 minutos que tocou, foi praticamente ignorado pelos passantes, ninguém sabia, mas o músico era **Joshua Bell**, um dos maiores violinistas do mundo, executando peças musicais consagradas num instrumento raríssimo, um Stradivarius de 1713, estimado em mais de 3 milhões de dólares.

Alguns dias antes Bell havia tocado no Symphony Hall de Boston, onde os melhores lugares custam a bagatela de 1000 dólares.

A experiência, gravada em vídeo, mostra homens e mulheres de andar ligeiro, copo de café na mão, celular no ouvido, crachá balançando no pescoço, indiferentes ao som do violino. A iniciativa realizada pelo jornal The Washington Post era a de lançar um debate sobre valor, contexto e arte.

A conclusão: estamos acostumados a dar valor às coisas quando estão num contexto.

Bell era uma obra de arte sem moldura. Um artefato de luxo sem etiqueta de grife.

O vídeo da apresentação no metrô está no YouTube:

[http://www.youtube.com/watch?v=hnOPu0\\_YWhw](http://www.youtube.com/watch?v=hnOPu0_YWhw)

E-mail: que mostra o direcionamento **errôneo** do criar.

O professor precisa investir na relação entre o olhar, o sentir e o criar de criança. Deve deixar o aluno criar livremente e não dar receitas para o ato da criação. A cada momento o olhar muda em relação ao sentir. Uma rosa em um momento pode espelhar a beleza da vida e ser maravilhosa e em outra espelhar os espinhos. O modelo serve para dar um start, não para servir de cópia. Posso olhar a rosa e ver somente o vermelho, o orvalho etc. A cópia despedaça a criação. Exemplo do que um professor de arte **NÃO** deve fazer!!!

### **Era uma vez um menino bastante pequeno**

Que contrastava com a escola bastante grande.  
Uma manhã, a professora disse: Hoje nós iremos fazer um desenho. "Que bom!"- pensou o menino. Ele gostava de desenhar leões, tigres, galinhas, vacas, trens e barcos.  
Pegou a sua caixa de lápis de cor e começou a desenhar.  
A professora então disse: Esperem, ainda não é hora de começar!  
Ela esperou até que todos estivessem prontos.  
Agora, disse a professora, nós iremos desenhar flores.  
E o menino começou a desenhar bonitas flores.  
Com seus lápis rosa, laranja e azul. A professora disse: Esperem! Vou mostrar como fazer. E a flor era vermelha com caule verde. Assim, disse a professora, agora vocês podem começar.  
O menino olhou para a flor da professora E depois olhou para sua flor.  
Gostou mais da sua flor, mas não podia dizer isso.  
Virou o papel e desenhou uma flor igual a da professora.  
Era vermelha com caule verde.  
Num outro dia, quando o menino estava em aula ao ar livre,  
A professora disse:  
Hoje iremos fazer alguma coisa com o barro.  
"Que bom"!!!, pensou o menino.  
Ele gostava de trabalhar com barro.  
Podia fazer com ele todos os tipos de coisas:  
elefantes,  
Camundongos, carros e caminhões.  
Começou a juntar e amassar a sua bola de barro.  
Então, a professora disse:  
Esperem, não é hora de começar!  
Ela esperou até que todos estivessem prontos.  
Agora, disse ela, nós iremos fazer um prato.  
Ele gostava de fazer pratos de todas as formas e tamanhos.  
A professora disse: - Esperem! Vou mostrar como se faz.  
Assim, agora vocês podem começar.  
E o prato era um prato fundo.  
O menino olhou para o prato da professora e depois parou a seu próprio prato.

Gostou mais do seu,  
mas não poderia dizer isso.  
Amassou seu barro numa grande bola novamente  
e fez um prato fundo,  
Igual ao da professora.  
E muito cedo o menininho aprendeu a esperar e a  
olhar e fazer as coisas  
Exatamente como a professora.  
E muito cedo ele não fazia coisas por si próprio.  
Então aconteceu que o menininho  
teve que mudar de escola.  
Era uma escola ainda maior que a primeira.  
Um dia a professora disse: Hoje vamos fazer um desenho.  
"Que bom!"- pensou o menininho, Esperando que a professora dissesse o que fazer.  
Ela não disse, apenas andava pela sala. Então veio até o menininho e disse: Você não quer  
desenhar? Sim, e o que nós vamos fazer? Eu não sei até que você o faça. Como eu posso fazê-lo?  
Da maneira que você gostar! E de que cor?  
Se todo mundo fizer o mesmo desenho e usar as mesmas cores, como eu posso saber o que cada  
um gosta de desenhar?  
Eu não sei...  
Então o menininho começou a desenhar uma flor vermelha Com caule verde...

E-mail que mostra a nossa preocupação em relação à ação – **Ações Estéticas** –

### **Faça a diferença**

Muitas vezes são as próprias crianças que educam os mais velhos.

Um senhor IDOSO passeava na praia e viu um menino que pegava estrelas do mar e as atirava **suavemente** de volta à água.

O velho perguntou ao menino:

- O que você está fazendo?

- O sol está subindo e a maré baixando. Se eu não devolver estas estrelas ao mar elas irão morrer, respondeu o garoto.

- Mas, meu jovem - disse o homem - há quilômetros de praias cobertos de estrelas do mar. Você não vai conseguir fazer nenhuma diferença atirando uma ou outra ao mar!

O menino curvou-se, pegou mais uma estrela e atirou-a, **carinhosamente**, de volta ao oceano, e disse:

- **FIZ A DIFERENÇA PARA ESSA AÍ!**

Todos sabemos que não podemos salvar o mundo, salvar nossa empresa, resolver todos os problemas de nossos clientes.

Todos sabemos que não podemos assumir responsabilidade por tudo.

Mas, com certeza, podemos fazer a diferença para alguém, para algum cliente, para um companheiro ou companheira e para que nosso ambiente de trabalho seja melhor e mais produtivo, para um filho, uma esposa, um amigo, e para que alguém seja mais feliz!

**Temos que fazer a diferença nem que seja para apenas uma estrela do mar!  
Fazer a diferença significa:**

**Se comprometer mais; Ajudar mais; Participar mais; Agir mais.**

Os e-mails mostrados acima são a prova que podemos agir que podemos mudar hábitos enraizados. Este trabalho poderia conter inúmeros e-mails construtivos. Escolhemos alguns entre a quantidade enorme de bobagens que circulam na internet. No entanto, esses poucos selecionados, mostram a importância da tecnologia como auxiliar na construção do futuro. O importante é a vontade de cada um de nós.

## **6. 1. Inconclusão para o Futuro**

A intenção primeira desta tese era continuar a dissertação de mestrado “O Corpo Tecnológico como Suporte Artístico no Caminho do Pós-humano”<sup>122</sup>, que aborda a relação arte/ciência e artistas/ficção científica como responsável por diversas descobertas científicas de interesse global.

À medida que a pesquisa se desenvolvia o foco da ação dos artistas mudava. Achemos que seria oportuno investir na sensibilidade, para sedimentarmos o terreno atual, visando às futuras decisões sobre o uso das tecnologias, da defesa da vida e do planeta. Ao desviarmos o percurso, em nenhum momento, abandonamos as idéias da dissertação de mestrado, na qual o artista é visto como visionário e pioneiro de descobertas. A essência do trabalho continua voltada para a ação do artista como vanguarda de proposições, ações e pensamentos. A relação arte/ciência, ou melhor, sensibilidade/descobertas tem como meta despertar sentimentos latentes que aguardam pequenos impulsos para emergir.

---

<sup>122</sup> Dissertação de mestrado defendida na PUCSP

No decurso da tese surgiram as ações estéticas<sup>123</sup>, uma possível realidade movida por desejos utópicos, a serem trabalhadas e ampliadas em prol de um mundo melhor. Os exemplos de ações estéticas, mesmo em menor número frente às violências tão comuns, não podem ser descartados pela dimensão, porque embora sejam pequenas em quantidade são enormes na qualidade. As mudanças quando ocorrem são motivadas por idéias utópicas, que se apresentam tímidas e com o tempo se desenvolvem. Como disse Madre Teresa de Calcutá: “Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.”

Defendemos a união da arte e da ciência. Acreditamos no lado positivo das grandes descobertas científicas, assim como os pensadores elencados. Confiamos na arte como instrumento de ajuda à emergência de grandes idéias e de grandes ações. O que nos atormenta não é a descoberta em si, pois as tecnologias não são nem boas e nem ruins, mas o uso que se faz delas é que mostra o problema. Estamos convictos de que é por meio das novas descobertas tecnológicas que a fome no mundo, a mortalidade infantil e a violência, entre tantos outros males, cheguem ao fim. Mas ao mesmo tempo compreendemos que falta sensibilidade econômica e política aos nossos dirigentes para que essas descobertas sejam direcionadas para um caminho diferente do atual. Em virtude do medo que nos assola preferimos dirigir nossa ação na direção dos exemplos e da educação, com ênfase no sentir, para que no futuro as atitudes dos cidadãos e as grandes decisões sociais e políticas sejam tomadas por indivíduos voltados para o bem comum.

Cornelius Castoriadis<sup>124</sup> é uma ajuda importante sobre possíveis caminhos da sociedade. Relembra a experiência traumática de Hiroshima para questionar o uso

---

<sup>123</sup> As ações de um modo geral são entendidas como éticas. Nesse trabalho o termo “ações estéticas” foi cunhado com o intuito de enfatizar a ação por meio do amor ao próximo, a espécie e ao planeta. O nome estética, no lugar de ética, reflete a beleza de que essas ações estão impregnadas. Resumindo: ação estética representa difundir amor e beleza no mundo, por meio de ações.

<sup>124</sup> **Cornelius Castoriadis.** Turco de nascimento (1922) viveu na França desde 1945 e foi considerado um dos maiores nomes da filosofia francesa do sec. XX. Morreu na França em 1997.

da tecnologia e as desculpas que foram dadas por essa tragédia: “Não queríamos isso! Não conhecíamos as suas conseqüências!”. Castoriadis questiona essas respostas:

Então por que vocês continuam a fazer agora coisas, cujas conseqüências nem vocês nem ninguém pode prever, e que são profundamente análogas a outras, cujos resultados horríveis já conhecemos?” (1992:82)

E para exemplificar a falta de rumo, utiliza-se da história de “Alice no País das Maravilhas”:

“\_\_ Por favor \_\_ disse Alice ao Gato de Cheshire \_\_, você pode me dizer que caminho eu deveria pegar daqui pra frente?

\_\_ Isso depende muito do lugar aonde você quer ir \_\_ disse o Gato.

\_\_ Pouco me importa \_\_ disse Alice.

\_\_ Então, também pouco importa saber que caminho você pega \_\_ disse o Gato.

\_\_ ...desde que eu chegue a algum lugar \_\_ acrescentou Alice, a título de explicação.

\_\_ Oh, é certo que você chegará lá \_\_ disse o Gato \_\_, só que você precisa caminhar muito tempo.” (1992:82)

Castoriadis argumenta:

Se não se sabe aonde se quer ir, como e por que escolher um caminho de preferência a outro? Quem, dentre os protagonistas da tecnociência contemporânea, sabe realmente aonde quer ir, não do ponto de vista do “puro saber”, mas quanto ao tipo de sociedade que desejaria e às vias que conduzem a ela? (1992:82)

A escolha de caminhos é uma tarefa árdua e, por isso, reafirmamos que trabalhamos com idéias utópicas e não com certezas. É impossível se saber *a priori*, e nem queremos, os resultados de nosso trabalho como artista, pesquisador e educador. Os pensadores e artistas descritos aqui, também, pregam a incerteza nas ações criativas. Os devaneios são fruto da liberdade de agir sem a certeza das respostas absolutas.

Nesse sentido, Michel Serres<sup>125</sup> afirma que sem utopia não há evolução e responde a uma pergunta sobre a utopia da globalização do conhecimento:

*Não há progresso sem utopia. A maioria das grandes descobertas ou a maioria dos progressos locais que fazemos vem, sem dúvida, do sonho de alguém que nos precedeu, como uma espécie de utopia. Acontece que, na tradição filosófica, todos os grandes*

---

<sup>125</sup> **Michel Serres** esteve no Brasil em 1999 e foi entrevistado no programa Roda-Viva da TV Cultura. A referência é o site da FAPESP, no qual a encontra-se a íntegra da reportagem. [http://www.rodaviva.fapesp.br/materia\\_busca/386/michel%20serres/entrevistados/michel\\_serres\\_1999.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/386/michel%20serres/entrevistados/michel_serres_1999.htm)

*filósofos globalizaram o saber. (...) A Enciclopédia, no sentido do Iluminismo, no século XVIII, foi também uma tentativa de globalização do saber. Então, faço parte, embora seja utópico, de tal tradição e acredito que não se pode fazer filosofia sem ter uma sólida formação enciclopédica. Um filósofo deve empreender esses trabalhos um pouco heróicos e tentar, não se consegue isso todo dia, é claro..., mas tentar, em sua vida, trazer algo como uma idéia global do saber. Sim, acredito nisso, embora seja utópico. (Serres. Roda-Viva. 1999)*

Enfatizamos que as tecnologias provocam visões diferentes na sua relação com a vida. A invenção da fotografia no início trouxe aos artistas o medo de perder suas funções, mas, ao contrário, possibilitou que captassem detalhes que o olho perdia, portanto, expandiu a visão. Michel Serres<sup>126</sup> afirma que tudo que se perde com as mudanças se ganha de forma diferente, daí ser um otimista convicto:

*Eu tinha um professor... era um homem admirável e que descrevia a maneira pela qual o homem se levantou. Ele estava de quatro e levantou. E ele nos mostrava, ficando de quatro, que as duas mãos é que sustentavam o corpo. E quando o corpo se levantou, dizia ele, as mãos perderam a função de sustentar. Perderam a função de sustentar, mas adquiriram a função de pegar, portanto, a mão apareceu. Mas, antes, quando estávamos de quatro, a boca tinha a função de pegar, já que as mãos estavam ocupadas. Portanto a boca perdeu a função de pegar, não é? Mas ganhou a função de falar. E, desde que esse professor me explicou tal fenômeno, tornei-me um homem otimista, porque ouço todo mundo dizer: "Perdemos o humanismo, perdemos os valores, perdemos a memória. Os jovens não têm mais memória, não têm mais imaginação por causa das imagens. Não têm possibilidade de fazer cálculos, porque existe a calculadora". Mas é melhor assim, não é? Porque é justamente quando se perde a função que percebem que perder a sustentação não é nada, já que os pés dão conta. Mas ganhar as mãos nos tornou uma espécie que pode ser pianista ou então cirurgião, prestidigitador. As mãos são um órgão extraordinário, portanto, se ganha muito mais do que se perde. Perder isso ou aquilo implica ganhar coisas extraordinárias, porque, de certa forma, até o cérebro perdeu algumas coisas e está livre para inventar. E, como historiador de ciências, posso testemunhar isso. É porque no Renascimento perdeu-se a memória da erudição que inventaram as ciências experimentais, porque, ao invés de copiar as ciências em livros, olhava-se apenas a realidade das coisas. Sou otimista por causa disso. (Serres. Roda Viva 1999)*

---

<sup>126</sup> **Michel Serres** nasceu em 1930, na França. A trajetória intelectual e acadêmica de Serres é multidisciplinar. O filósofo tem sólida formação em ciências exatas: matemática e física é também historiador da ciência e epistemólogo. Escreveu sobre os contatos entre as ciências exatas - ciências duras, as ciências humanas, sobre literatura, estética, antropologia e as relações do homem com a natureza. Além de tratar dos desafios da educação no mundo de hoje, preocupa-se com questões éticas suscitadas a partir da bomba atômica de Hiroshima e Nagasaki. Ele é um intelectual comprometido com o uso do saber e da comunicação na construção da paz.

Outra vertente otimista vem de Antoine de Saint-Exupéry<sup>127</sup> que aponta as reflexões que surgem aos homens no contato com as tecnologias. As invenções aparecem no início como um simples diferencial prático, mas com o tempo adquirem uma potencialidade de análise e reflexão sobre a vida. As máquinas têm a capacidade de transformar nosso olhar em relação a nós mesmos e ao mundo:

*O uso de um instrumento sábio não faz de você um técnico seco. Sempre me pareceu que as pessoas que se horrorizam muito com nossos progressos técnicos confundem o fim com o meio. (...) Sem dúvida, o avião é uma máquina – mas que instrumento de análise! Esse instrumento nos permitiu descobrir a verdadeira fisionomia da terra. (...) Se às vezes julgamos que a máquina domina o homem é talvez porque ainda não temos perspectiva bastante para julgar os efeitos de transformações tão rápidas como essas que sofremos. (1979:37)*

Se Saint-Exupéry está correto, em acreditar na possibilidade das máquinas ajudarem ao homem a se reconhecer, podemos ter esperança que no futuro as descobertas científicas permitam uma mudança nos comportamentos e no afloramento da sensibilidade. O nosso intuito é investir na prática constante da sensibilidade e do amor. Encontramos em Serres a possível resposta para nossas aflições, ao responder a seguinte pergunta: Será que a violência pode ser suprimida? Serres responde:

*Minha resposta é, infelizmente: provavelmente não. É provável que a violência nunca possa ser erradicada, mas o que temos à nossa disposição é negociar sempre a violência a fim de dirigi-la, canalizá-la e transformá-la. (...) alguns se dirigem a política, outros a religião. O que é cultura? A cultura é a negociação de nossa violência essencial. (...) A*

---

<sup>127</sup> **Antoine de Saint-Exupéry** nasceu em Lyon, França, em 29 de junho de 1900, numa família aristocrática. Primeiro livro, “Correio do sul” (1929). Segundo romance, “Vôo noturno” (1931), no qual exaltou os primeiros pilotos comerciais, que enfrentavam a morte no cumprimento do dever. Registrou suas próprias aventuras em “Terra dos homens” (1939). Na Segunda Guerra Mundial Saint-Exupéry serviu na aviação aliada e quando a França ficou em poder dos nazistas fugiu para os Estados Unidos, onde escreveu “Carta a um refém” (1943). A obra mais famosa é “O pequeno príncipe”(1943), na qual retrata um encontro com um príncipe vindo de outro planeta. O livro a Cidadela foi publicado depois da sua morte (1948), Em 1943, voltou à força aérea no norte da África e morreu em missão, em 31 de julho de 1944. Há rumores que deixou uma carta: “Eu não me preocupo se eu morrer na guerra (...) Mas se eu voltar vivo desse 'trabalho' ingrato, mas necessário, haverá apenas uma questão para mim: O que dizer da humanidade? O que dizer para a humanidade?”

*cultura é o que nos salva da violência e nós, homens, inventamos a cultura para não nos matarmos uns aos outros. (Serres. Roda Viva. 1999)*

Serres vai além e, no livro "Luzes", postula três leis para que o mundo tenha menos males. A partir do mandamento cristão "Não Matarás", Serres amplia a abrangência deste nos três postulados:

*A primeira: Não te entregarás à violência, não só contra este ou aquele indivíduo, estranho ou próximo, mas também contra a espécie humana global. A segunda: Não te entregarás à violência, não mais somente contra o que jaz ou vive na tua vizinhança, mas em relação ao planeta Terra inteiro. E, a terceira: Não te entregarás, enfim, a nenhuma violência em espírito, pois, desde que ingressa na ciência, o espírito supera a consciência ou a intenção e se torna o principal multiplicador de violência.*

*Quase nunca observada até aqui, esta última lei concerne aos cientistas, aos técnicos, aos inventores e inovadores, aos escritores e filósofos.*

*(...) Antes de organizar o bem de outrem, o que muitas vezes significa fazer-lhes violência, ou seja, mal, a obrigação **mínima** exige que se evite cuidadosamente fazer-lhe esse mal.*

*A obrigação **máxima** consistiria, antes, em amar, não só a pessoa mais próxima, como todos os conjuntos globais, indivíduos, coletivos, seres vivos e inertes: para tanto, é preciso mais do que uma moral. (Serres.1999:263-264)*

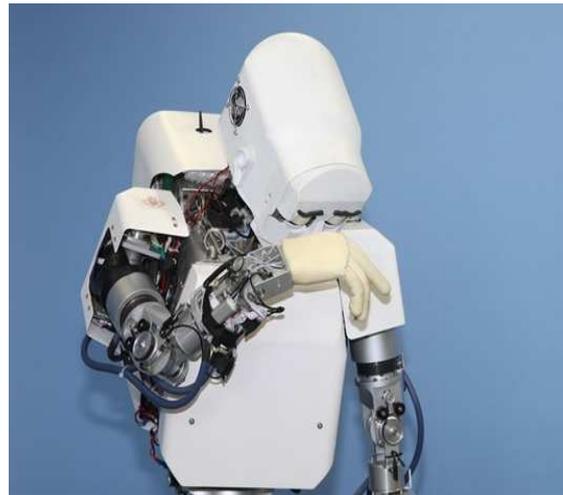
A ação do cientista é bem explicada por Serres. E na busca de minimizar as mazelas da vida depositamos nas ações estéticas o caminho. A ação na arte e na ciência podem em conjunto propiciar a difusão do amor coletivo. Saint-Exupéry ao defender novas visões pelas tecnologias nos anima. Ao vermos a reportagem: Robô - Mais emoção, na qual o humanóide Kobian<sup>128</sup> foi criado para expressar as emoções humanas como: tristeza, repulsa e surpresa, nos permite acreditar que é possível que o contato dos humanos com máquinas sentimentais possam desenvolver uma maior afetabilidade. Enfatizamos que nós humanos, nem todos, em busca de um "progresso" nos tornamos máquinas também, embora, tenhamos criado essas ferramentas como se nos olhássemos no espelho. Ao sabermos que o nosso contato com nossos inventos têm uma função recursiva, nós modificamos a sociedade por meio de novas descobertas e, essas nos transformam.

---

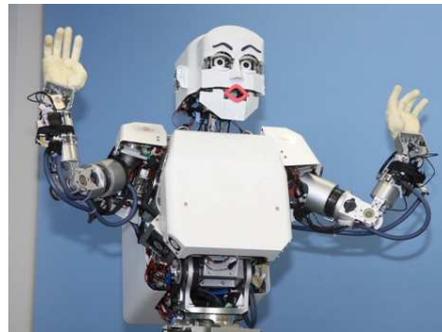
<sup>128</sup> [www.roboticsblog.org](http://www.roboticsblog.org)



**Repulsa**



**Tristeza**



**Surpresa**

O que defendemos é a possibilidade da correção de nossos defeitos em relação à falta de amor, a partir de máquinas emocionais. Quem sabe o contato dos humanos com robôs sentimentais ajude o homem a se conhecer como ser sensível!? Outro exemplo vem do filme *Inteligência Artificial*<sup>129</sup>.

*David (Haley Joel Osment) é um robô – meca-filho que é cópia fiel de uma criança humana. Esse robô é programado para servir como filho e amar incondicionalmente a mãe. O pequeno robô, ao ser ativado para amar, passa a sonhar - como Pinóquio - em se tornar humano só para ganhar o amor de sua mãe. O filme passa em um tempo futuro, em que o efeito estufa derreteu a calota polar, matou bilhões de pessoas e afundou cidades costeiras como Nova Iorque e Amsterdã. A população está dividida entre orgas - os orgânicos, e os mecas - os mecânicos, os orgas estão proibidos de procriar. A grande questão, inicialmente destacada pelo cientista, é a capacidade de um meca amar um orga, mas no decorrer do filme essa posição se inverte e trás outra questão: Será um humano capaz de amar um meca?*

<sup>129</sup> <http://www.adorocinema.com/filmes/ai/ai.asp>

Esse filme nos permite esperar que os humanos possam aprender a amar como as máquinas.

Além da possibilidade das máquinas mostrarem atitudes de amor, chamamos a atenção para as atitudes de amor ao próximo vindo dos animais. No anexo do trabalho é possível encontrar várias reportagens de ações estéticas feitas pelos seres ditos "irracionais". No entanto, uma em particular, nos chamou atenção por se tratar de uma cadela que leva seu carinho aos animais abandonados.

Em 2003, a polícia de Warwickshire, Inglaterra, abriu um galpão de um jardim e encontrou ali um cão choroso e encolhido. Ele havia sido trancado e abandonado no galpão. Estava sujo, desnutrido e claramente maltratado.

Num ato de bondade, a polícia levou o cão para um abrigo próximo, o Nuneaton Warwickshire Wildlife Sanctuary, dirigido por um homem chamado Geoff Grewcock. Lugar este conhecido como um paraíso para animais abandonados, órfãos ou com outra qualquer necessidade. Geoff e a equipe do Santuário trabalharam com dois objetivos: restaurar a completa saúde do animal, e ganhar sua confiança. Levou várias semanas, mas finalmente os dois objetivos foram alcançados.

Deram a ela o nome de Jasmine, e começaram a pensar em encontrar para ela um lar adotivo. Mas Jasmine tinha outras idéias. Ninguém se lembra como começou, mas ela passou a dar as boas vindas a todos os animais que chegavam ao Santuário. Não importava se era um cachorrinho, um filhote de raposa, um coelho ou qualquer outro animal perdido ou ferido. Jasmine se esgueirava para dentro da caixa ou gaiola e os recebia com uma lambida de boas vindas.

Geoff conta um dos primeiros incidentes: "Nós tínhamos dois cachorrinhos que foram abandonados numa linha de trem próxima. Um era um mestiço de Lakeland Terrier e o outro um mestiço de Jack Russel Doberman.

Eles eram bem pequenos quando chegaram ao centro e Jasmine aproximou-se e abocanhou um pelo cangote e colocou-o em uma almofada. "Aí ela trouxe o outro e aconchegou-se a eles, acarinhando-os".

"Mas ela é assim com todos os nossos animais, até com os coelhos. Ela os acalma e desestressa e isto os ajudam, não só a ficarem mais próximos a ela, mas também a se adaptarem ao novo ambiente"

"Ela fez o mesmo com filhotes de raposa e de texugos: ela lambe os coelhos e os porcos da Guiné e ainda deixa os pássaros empoleirarem-se em seu nariz"

Jasmine, a tímida, maltratada, pária abandonada, tornou-se a mãe substituta dos animais do Santuário, um papel para o qual ela nasceu.

A lista de jovens animais dos quais ela cuidou inclui cinco filhotes de raposa, quatro filhotes de texugo, quinze galinhas, oito porcos da Guiné, dois cachorrinhos e quinze coelhos.



E um cervo montês. O pequeno Bramble, com 11 semanas de idade, foi encontrado semi-consciente em um campo. Na chegada ao Santuário, Jasmine aconchegou-se a ele para mantê-lo aquecido e assumiu inteiramente o papel de mãe substituta. Jasmine cumula Bramble de afeição e não deixa que nada lhe falte. "Eles são inseparáveis", diz Geoff. "Bramble anda entre suas pernas e eles ficam se beijando...Eles passeiam juntos pelo Santuário. É um prazer vê-los":



Jasmine continuará cuidando de Bramble até que ele possa voltar a viver na floresta e quando isto acontecer, Jasmine não estará sozinha. Ela estará muito ocupada distribuindo amor e carinho ao próximo órfão ou a próxima vítima de abusos e maus tratos.

UM VERDADEIRO EXEMPLO DE AMOR INCONDICIONAL! VOCÊ CONHECE MUITOS SERES CAPAZES DISSO???... JASMINE ESTÁ AÍ PARA ENSINAR...

<http://muitoalmdospassarinhos.blogspot.com/>

Mais um exemplo de cena tocante com animais aconteceu na Ásia:

Um cachorro foi visto no meio de uma avenida com muito trânsito cuidando de seu amigo que foi atropelado por um carro. Usando a pata,



cachorro tentava acordar o amigo que estava morto.

Apesar do tráfego pesado, o cachorro não abandonava o amigo.



O cachorro tentava empurrar seu amigo para fora da avenida. E quando alguma pessoa tentava ajudar, ele rosnava e afugentava os que se aproximavam dele.

As pessoas ficaram impressionadas como um cachorro vira-lata podia ser tão leal!

Acreditamos que o amor entre esses dois cães passaria completamente despercebido aos olhos do público se o mundo respirasse um clima consistente de amor e compreensão. Como vivemos um momento de individualismo exacerbado o fato teve uma conotação enorme. Em virtude da aceitação calorosa da cena mostrada é que acreditamos que exemplos como esses toquem cada vez mais os corações carentes. Essa constatação de receptividade é que nos anima a acreditar que as ações estéticas possam ser efetivas para um futuro diferenciado.

As reportagens acima, para muitos, no que diz respeito à academia, seriam totalmente inúteis e fora dos padrões. No entanto, a nossa idéia é ligar a tese à vida em uma visão transdisciplinar. Utilizamos as reflexões do escritor Martin Page<sup>130</sup> que investe, por meio de seu personagem Antoine, na necessidade da academia se voltar para a curiosidade e as paixões humanas. Antoine dá sua

---

<sup>130</sup> **Martin Page** - nasceu em 1975, escritor francês, que estudou antropologia, mas não se formou por não concordar com as divisões do curso em disciplinas. Escreveu “Como me Tornei Estúpido”, no qual faz uma crítica aos valores do mundo atual e as instituições de ensino que impõe aos alunos disciplinas que são fragmentadas.

Resenha do livro feita pelo Instituto Hypnos: “Porque no acúmulo de sabedoria, acumula-se tristeza, e quem aumenta a ciência, aumenta a dor” (Eclesiastes, 1,18). É esse o mote que Antoine, um erudito cujos conhecimentos sempre interminados, que vagam da biologia à metafísica, passando por seus sólidos conhecimentos de... aramaico, arroga para sua nova empreitada: tornar-se estúpido.

Martin Page constrói um personagem memorável. Antoine é um curioso, que tem uma relação visceral com o conhecimento, para além da vida acadêmica regular. (...) O personagem é crítico, ácido e odeia o mundo das burocracias, obrigações desprazerosas e da ignorância contumaz. Entretanto, descobre-se, por isso mesmo, doente. Sofre da patologia daqueles que pensam demais e que, como diz o sábio livro da Sabedoria, têm sua dor de viver aumentada em proporção direta à sua lucidez. O autor mostra a decisão de Antoine diante desse quadro irreparável: abdicar de sua consciência e inteligência e tornar-se retumbantemente estúpido.

<http://www.institutohypnos.org.br/v4/index.php/2009/06/como-me-tornei-estupido-martin-page/>

versão do que uma tese **não** deveria ser – afirmar verdades e conter respostas absolutas. Para tanto, critica e ironiza Rodolphe seu colega e contumaz contraditor:

*Rodolphe dava um curso de filosofia intitulado "Kant ou o reino do pensamento absoluto". Típico produto do sistema educacional, Rodolphe podia obter o grau de mestre dentro de dois anos, passar a professor dentro de 7 anos e morrer completamente esquecido uns sessenta anos depois, deixando uma **obra que influenciará gerações e gerações de traças**. (2005:33)*

Antoine é o típico representante do pensamento complexo, pois prega a incerteza e a preocupação com o todo da vida. Representa a dúvida:

*O ser humano era tão vasto e tão rico que não poderia haver maior vaidade neste mundo que estar demasiado seguro de si mesmo. (...) Acreditava razoavelmente em si mesmo, esforçava-se por não acreditar demasiadamente, por não concordar facilmente com o que ele próprio pensava, pois sabia como as palavras do nosso espírito gostam de nos prestar serviço e nos reconfortar logrando-nos. (2005: 13-14)*

Rodolphe, ao contrário, é a escarneção das certezas e das verdades:

*Afirmava, como bom filósofo que era, que produzia atos e pensamentos puros pela simples operação da sua vontade todo-poderosa e do seu perfeito livre-arbítrio. Antoine zombava dele, lembrando-lhe as contingências e os múltiplos determinismos que pesam sobre os seres humanos. (2005:33)*

Antoine torna-se um crítico severo das diretrizes educacionais vigentes, em virtude, das experiências que teve no percurso acadêmico. Como aluno, Antoine assiste às aulas que o interessam como ser e não as ligadas a um programa oficial. Fica totalmente aborrecido com provas que pedem respostas como sim ou não, por achar que é uma enorme limitação das questões complexas. E questiona:

*Ser curioso, querer compreender a natureza e os homens, descobrir as artes deveria ser a tendência de todo e qualquer espírito. Mas, se assim fosse, com a atual organização do trabalho, o mundo deixaria de girar, simplesmente porque aquilo demanda tempo e desenvolve o espírito crítico. Ninguém trabalharia. (...) Não é possível viver demasiadamente consciente, demasiadamente pensante. Aliás, observemos a natureza: tudo o que vive muito e contente **não** é inteligente. As tartarugas vivem séculos, a água é imortal, e Milton Friedman<sup>131</sup> está sempre vivo. (...) A organização social das formigas, por*

---

<sup>131</sup> **Milton Friedman** nasceu em Nova York, no dia 31 de julho de 1912, sendo originário de uma família muito pobre, cujos pais emigraram da Rússia. Defensor dos princípios do liberalismo permaneceu na Universidade de Chicago de 1946 a 1977. A partir de 1977 desenvolveu seu trabalho na Hoover Institution e

*exemplo, é muito mais bem-sucedida do que jamais será a nossa e nenhuma formiga tem cátedra na Sorbonne. (...) Estou convencido de que a inteligência é uma virtude compartilhada pelo conjunto da população, sem distinção social: há igual porcentagem de pessoas inteligentes entre profs. e outras profissões<sup>132</sup> (...) Encontrar alguém inteligente e sensato não é função do diploma; não há teste de Q.I. para revelar o que se poderia chamar bom senso. (2005:58-64)*

As críticas defendidas por Antoine nos ajudam na procura por possíveis caminhos em direção ao futuro. A atualidade dos pensadores, artistas e indivíduos que se entregam às ações estéticas, nesta tese apresentados, nos permite acreditar em um novo futuro. Uma vez que presenciamos gestos, ações e pensamentos de amor que se derramam pela vida. Sonhar, imaginar, projetar: o período de guerra cedendo lugar ao de paz, a lógica da ganância cedendo lugar à lógica da partilha é a nossa utopia. E incentivar a conquista de uma consciência em que cada parte faz parte de um só todo em uma relação de interdependente responsabilidade.

A fusão da sensibilidade com a razão e os desdobramentos desta fusão estão na base das reflexões de Peirce sobre a realidade do *Ágape* - Agapismo, o terceiro modo de evolução, na doutrina peirceana. O termo significa Amor e em Peirce origina a lei do amor evolucionário. As reflexões de Ilya Prigogine sobre a liberdade e criatividade na construção do futuro, apontam na direção do amor como base construtiva de um futuro diferenciado. Também nessa direção pode surgir a função do artista como propositor de sensações diversas, atuando no retorno da unidade do homem. A pesquisa enfatiza a ação estética como um instrumento capaz de possibilitar transformações de vidas.

Vivemos em um sistema aberto, complexo, que permite a emergência da criatividade, e esta é fruto da nossa liberdade de agir. Assim, podemos esperar que o homem em contato constante com a poesia da vida, quer seja em obras de arte ou em ações estéticas, possa interferir na condução do caminho evolutivo. Na "Carta às Futuras Gerações", Prigogine defende a ação dos jovens e a esperança,

---

foi agraciado com o Prêmio Nobel em 1976, por suas realizações nos campos de análise de consumo, história e teoria monetária e por sua demonstração da complexidade da política de estabilização.

[www.cofecon.org.br/index.php?Itemid](http://www.cofecon.org.br/index.php?Itemid)

<sup>132</sup> Explicação feita na Tese para completar o raciocínio da frase.

a visão otimista e a possibilidade do Reencantamento do mundo. Peirce e Prigogine defendem a liberdade de agir e mostram a responsabilidade inerente a essa liberdade.

A liberdade de criar abre caminho para a construção de um novo futuro. Lygia ao dizer que não era artista, e sim, propositora mostra uma nova postura do artista frente ao público. Krajcberg dedica sua vida a exhibir os abusos do homem. Esses artistas, como outros, criam um novo objeto artístico, pois esse deixa de ser o resultado final – a obra – e passa a ser o próprio ato. A ação como poesia.

Visualizar a beleza na vida é uma das características de muitos artistas. Auguste Rodin<sup>133</sup> pratica a biofilia, ao explicar à Paul Gsell porque gosta de colocar suas esculturas nos jardins. “Geralmente as estátuas são colocadas num jardim para embelezá-los. Estátuas devem ser colocadas aí para serem embelezadas pelo jardim. A natureza é sempre a mestra soberana e a perfeição infinita.” (Rodin.1990:10)

É possível que as obras de arte, as ações estéticas e a preocupação com o todo da vida sejam movidas pela atração de um ideal admirável como Peirce afirmou, uma vez que elas encarnam qualidades de sentimentos. Peirce em conjunto com os artistas e pensadores citados, nos fazem acreditar que sentimento, ação e pensamento se completam. Claude Lévi-Strauss<sup>134</sup> terminou o livro “Olhar Escutar Ler” glorificando as artes:

*O único meio de a obra de arte perpetuar-se é dar origem a outras obras de arte, que, para seus contemporâneos, parecerão mais vivas do que aquelas que as precederam imediatamente.*

*Vistas na escala dos milênios, as paixões humanas se confundem. O tempo não acrescenta nem subtrai coisa alguma aos amores e aos ódios sentidos pelos homens, nem aos seus compromissos, suas lutas e suas esperanças: ontem e hoje, são sempre os mesmos. Suprimir ao acaso dez ou vinte séculos de história não afetaria de modo sensível nosso*

---

<sup>133</sup> **Auguste Rodin** escultor francês nasceu em Paris em 1840 e morreu em 1917.

<sup>134</sup> **Claude Lévi-Strauss**. Nasceu em Bruxelas em 1908, antropólogo, professor e filósofo francês. É considerado o fundador da Antropologia Estruturalista. Residiu no Brasil entre 1935 – 1939, como membro da missão universitária francesa que colaborou na criação da USP.

*conhecimento da natureza humana. A única perda insubstituível seria a das obras de arte que tais séculos teriam visto nascer. Pois os homens não diferem, e nem existem, senão por suas obras. (1997:139)*

Enfatizamos que é o sentimento de amor que nutre e contribui para a evolução do cosmos, da natureza e das pessoas. Ao gerenciar as ações, o amor, aponta para a possibilidade de ocorrer a tão esperada transição da cultura da guerra para a cultura da Paz, defendida por Prigogine. A única certeza que temos, neste trabalho, é o incentivo para as ações estéticas. O resultado dessas ações fica na esfera da incerteza no amanhã. As possíveis respostas dos acertos e dos erros da nossa pretensa utopia só o tempo responderá. Esperamos que nossa Utopia e Agathopia possam crescer indefinidamente como todo ideal inatingível. Acreditamos nas afirmações de Peirce de que a grande lei do universo, a lei da mente e da aquisição de hábitos, possa difundir idéias e afetar outras que se encontrem em relação.

As afirmações de Vieira sobre a tendência das coisas vivas em permanecer, não podem ser esquecidas. O ser vivo para permanecer precisa se adaptar ao meio e mudar conforme as necessidades, senão fenecerá. A exigência de adaptações e mudanças talvez consiga um milagre não conseguido até a presente data. Quem sabe que em nome da sobrevivência o ser humano adquira hábitos de amor ao próximo e a vida? O recurso de amor como salvação de um e de outro vai ao encontro do filme "Uma mente brilhante" quando Nash discorda da afirmação de Adam Smith<sup>135</sup>. E, no filme "Perfume de Mulher", no qual Tereza Mendonça<sup>136</sup> explica a relação aberta e não paranóica entre pai e filho, que substitui a rivalidade pela solidariedade. Essa relação como a de Nash mostra que o agir em prol de todos é uma forma de agir para si mesmo:

*Em "Perfume de Mulher", estabelece-se uma relação pai-filho entre os personagens principais, em que a salvação de um está diretamente ligada à salvação do outro, e cada*

---

<sup>135</sup> Ver pag. 140

<sup>136</sup> **Dra. Teresa Mendonça** é psicanalista, doutora em Ciências Sociais e fundadora do Instituto da Complexidade

*um salva-se a si mesmo, no momento mesmo em que pensa estar salvando o outro. (2007:206)*

Não podemos deixar de ressaltar o otimismo dos pensadores e artistas desta tese. Beuys acredita na possibilidade de qualquer pessoa ser artista por meio da ação. Lygia transforma o artista em propositor de sensações e Krajcberg mostra toda a força da ação em prol da sobrevivência da natureza. Prigogine na “Carta às Futuras Gerações” se confessa otimista e acredita no amanhã por meio dos jovens. Peirce defende a existência do amor até mesmo no mal e Morin afirma suas esperanças:

*Sabemos que as grandes mutações são invisíveis e logicamente impossíveis, antes de aparecerem. Sabemos também que elas aparecem quando os meios de que dispõe um sistema tornam-se incapazes de resolver seus problemas. (...) Além disso, a metamorfose não é impossível, mas improvável. Aqui surge um segundo princípio de esperança: freqüentemente, o improvável surge na história humana. (...) É possível, portanto, manter a esperança na desesperança. Acrescentemos a isso o apelo à vontade face à grandeza do desafio. Embora quase ninguém tenha ainda consciência, jamais existiu causa tão grande, tão nobre, tão necessária quanto a causa pela humanidade para poder, ao mesmo tempo e inseparavelmente sobreviver, viver e humanizar-se. (2003:20)*

Terminamos com as esperanças de Carvalho, de Vinicius de Moraes, de Madre Teresa de Calcutá e lançando os dados:

*A educação do futuro pode vir a ser algo prazeroso, complexo, sintonizado na incessante recriação de novas formas de entendimento para o sistema-mundo, fundadas na co-responsabilidade, na esperança planetária, na eco-alfabetização, assim como na aposta de que as futuras gerações serão as continuadoras de um longo processo civilizatório cujo fim permanecerá sempre indeterminado. (2008:68)*

“É, meu amigo, só resta uma certeza  
é preciso acabar com essa tristeza  
é preciso inventar de novo o **amor**”.<sup>137</sup>

---

<sup>137</sup> Vinicius de Moraes escreveu a letra da música “Carta ao Tom” em 1974, para lembrar o período dos dois na criação musical. A letra fala de um Rio de Janeiro feliz que existe na memória, mas não na realidade. Os amigos e parceiros sabiam que era importante defender o amor. Vinicius introduziu o amor repleto de esperanças na musica brasileira. O amor que por si só vale a pena. Tom, naquela época, já mostrava sua preocupação com a natureza. A letra completa pode ser consultada no anexo.

“Sei que o meu trabalho é uma **gota** no oceano, mas sem ele, o oceano seria menor” <sup>138</sup>

***'Alea jacta est'*** <sup>139</sup>

---

<sup>138</sup> Frase de Madre Teresa de Calcutá.

<sup>139</sup> *'Alea jacta est'* "Os dados estão lançados" - "A sorte está lançada" - foi a frase em latim supostamente proferida por Júlio César ao tomar a decisão de cruzar com suas legiões o rio Rubicão, que delimitava a divisa entre a Gália Cisalpina (Gália ao sul dos Alpes, que hoje corresponde ao território do norte da Península Itálica) e o território da Itália. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Alea\\_jacta\\_est](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alea_jacta_est)

## 7. Bibliografia:

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALBOM, Mitch. *A última grande lição o sentido da vida*. Trad. José J. Veiga. Rio de Janeiro: GMT editores, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. Interterritorialidade na arte/educação e na arte. In: In: Interterritorialidade – mídias, contextos e educação. BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (orgs.). São Paulo: SENAC, 2008.

BAUDELAIRE, Charles. Les phares. In: XIXe. Siècle Collection Littéraire Lagarde & Michard. Paris: Bordas, 1969.

\_\_\_\_\_. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CANDIDO, Mendes (org.). *Representação e Complexidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

CAPRA, Fritjof e outros. *Alfabetização ecológica a educação das crianças para um mundo sustentável*. Trad. Carmem Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, Edgard de Assis. *Polifônicas idéias antropologia e universalidade*. São Paulo: Imaginário, 1997.

\_\_\_\_\_. *Virado do avesso*. São Paulo: Selecta Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. ALMEIDA, Maria da Conceição. *Ilya Prigogine Ciência razão e paixão*. Trad. Edgard de Assis Carvalho, Isa Hetzel. Belém. Pará: Eduepa, 2001.

\_\_\_\_\_, CASTRO, Gustavo de, ALMEIDA, Maria da Conceição de (org.) *Ensaio de Complexidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_, Mendonça Terezinha (org.) *Ensaio de Complexidade 2*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

\_\_\_\_\_. *Brasil em tela cinema e poéticas do social*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ética, solidariedade e complexidade*. São Paulo: Palas Athena, 1998.

\_\_\_\_\_. *Arte-ciência, religião indispensável para a educação no século XXI*. In: Interterritorialidade – mídias, contextos e educação. BARBOSA, Ana Mãe; AMARAL, Lilian (orgs.). São Paulo: SENAC, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ética complexa e conhecimento científico*. Texto distribuído em reunião do Grupo de Estudos Complexus do Departamento de Ciências Sociais PUCSP. São Paulo, 2009. O texto fará parte de um livro no prelo na Inglaterra: Texto mimeo, a ser publicado em *Research on scientific research: a transdisciplinarity study*, (organização Mauro Maldonato/Ricardo Pietrobon), Sussex Academic Press, Sussex, UK. Kisses, E.

CASTORIADIS, Cornelius. *O mundo fragmentado – as encruzilhadas do labirinto/3*. Trad. Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

COMTE\_SPONVILLE, André. *A vida humana*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

D'AMBROSIO, Ubiratan. *A era da Consciência*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1997.

DIB, Maria Augusta Nogueira Machado. *Peirce, um filósofo lógico metafísico*. In: Comunicação apresentada 8ª Jornada do Centro de Estudos Peirceanos, novembro de 2005. Publicada no Caderno desta referida Jornada.

\_\_\_\_\_. *A Agathotopia de Charles Sanders Peirce*. TD. PUC/SP, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.

GOSWAMI, Amit. *O universo autoconsciente*. Trad. Ruy Jungmann. São Paulo: Aleph, 2007

JOHNSON, Paul. *Os criadores*. Trad. Ana Beatriz Rodriguez. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

JOHNSON, Steven. *Emergência a dinâmica de rede em formigas, cérebros cidades e softwares*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

KRAJCBERG, Frans. *Catálogo da Exposição Frans Kracjberg: Natura*. Museu de Arte Moderna de SP: 16 de outubro a 14 de dezembro de 2008.

KONDER, Leandro. *Sobre o amor*. São Paulo: Boitempo, 2007.

LEÃO, Heloisa Helena da Fonseca Carneiro. *O corpo tecnológico como suporte artístico no caminho do pós-humano*. Dissertação de mestrado PUCSP, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. *Metamorfoses da cultura liberal ética mídia empresa*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulinas, 2004.

LÉVI-STAUSS, Claude. *Olhar escutar ler*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MAGEE, Bryan. *Historia da filosofia*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 1999.

MASI, Domenico. *Criatividade e grupos criativos*. Trad. Léa Manzi, Yadyr Figueiredo. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

MENDONÇA, Teresinha; CARVALHO, Edgard (org.). *Ensaio de complexidade 2*. Porto Alegre: Sulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. *Homo-creator ética e complexidade na reprogramação da vida*. Rio de Janeiro: PUC, 2007

MILLIET, Maria Alice. *Lygia Clark: obra – trajeto*. São Paulo: Edusp, 1992

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita. pensar a reforma e reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. A necessidade de um pensamento complexo. In: MENDES, Candido (org.). *Representação e complexidade*. Trad. Marcos Demoro Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

\_\_\_\_\_. *O paradigma perdido: A natureza humana*. Trad. Hermano Neves. Portugal: Europa-America, 1973.

\_\_\_\_\_. *Ciência com consciência*. Trad. ? Portugal: Europa – América, 1982.

\_\_\_\_\_. *O problema epistemológico da complexidade*. Trad. ? Portugal: Europa - America, 1983.

\_\_\_\_\_. Da necessidade de um pensamento complexo In: *Para navegar no século XXI*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre, RS: Sulina, 1997.

\_\_\_\_\_. *Amor poesia sabedoria*. Trad. Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. *O cinema ou o homem imaginário*. Trad. António-Pedro Vasconcelos. Lisboa: Moraes editores, 1970.

MORIN, Edgar. A ética do sujeito responsável. Trad. Edgard de Assis Carvalho. In: *Ética, solidariedade e complexidade*. São Paulo: Palas Athena, 1998.

\_\_\_\_\_. *O método 5 a humanidade da humanidade*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *O método 6 ética*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *Para além da globalização e do desenvolvimento: sociedade mundo ou império mundo?* Trad. Wanda Maranhão Costa. In: CARVALHO, Edgard de Assis; MENDONÇA Terezinha (org.) *Ensaios de Complexidade 2*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

\_\_\_\_\_, CASSÉ, Michel. *Filhos do céu entre vazio, luz e matéria*. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NACHMANOVITCH, Stephen. *Ser criativo*. Trad. Eliana Rocha. São Paulo: Summus, 1993.

NOVAES, Adauto. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PAGE, Martin. *Como me tornei estúpido*. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

PAUSCH, Randy. *A lição final*. Trad. Laura Alves, Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

PEIRCE, Charles Sanders. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Vols. 1-6, Ed. By Charles Hartshorne and Paul Weiss. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1931-35. Vols. 7-8, Ed. by Arthur Burks. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1958.

\_\_\_\_\_. *Antologia filosófica*. Trad. António Machuco Rosa. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

\_\_\_\_\_. *The Evolutionary Love* – Published in *The Monist*, vol.3, pp176-200 (1893) as the lasta paper in a series of five. Specially Formatted for On-Line Presentation by Joseph Ransdell.

PENA-VEJA, Alfredo; LAPIERRE, Nicole. *Edgar Morin em foco*. Trad. Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2008.

PERRY, Ted. *A carta do Cacique Seattle*. Trad. Alice Galeffi. Rio de Janeiro: Versal editores, 2006.

PICCHIA, Menotti Del. *Mascaras*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1937.

PRIGOGINE, Ilya. *O fim da certeza*. In: MENDES, Candido (org). *Representação e complexidade*. Trad. Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

\_\_\_\_\_. *Criatividade da natureza, criatividade humana*. In: CARVALHO, Edgard de Assis e MENDONÇA, Teresinha (org). *Ensaio de complexidade 2*. Trad. Luiz Nogueira e revisão técnica Edgard de Assis Carvalho. Porto Alegre: Sulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ciência razão e paixão*. In: CARVALHO, Edgard de Assis e ALMEIDA, Maria da Conceição (org). Trad. Edgard de Assis Carvalho, Isa Hetzel. Belém, Pará: Eduepa, 2001.

\_\_\_\_\_. *A nova aliança*. Trad. Miguel Faria e Maria Joaquina Machado Trincheira. Revisão João Pedro Mendes. Brasília: UNB, 1991

\_\_\_\_\_. MORIN, Edgar e outros autores. *A sociedade em busca de valores*. Trad. Luís M. Couceiro Feio. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

\_\_\_\_\_. Le futur n'est pas donné. In. *L'homme devant l'incertain*. Paris: Editions Odile Jacob, 2001

RUELLE, David. *Os paradoxos do caos*. In: PESSIS-PASTERNAK, GUITTA. *A CIENCIA: DEUS OU DIABO?*. Trad. Edgard de Carvalho e Mariza Perassi Bosco. São Paulo: UNESP, 2001.

RODIN, Auguste. *Rodin a arte - conversas com Paul Gsell*. Trad. Anna Olga de Barros Barreto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

SAINT\_EXUPÉRY, Antoine de. *Terra dos homens*. Trad. Rubem Braga. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

SANTAELLA, Lucia. *O admirável estético e ético como ideal supremo da vida humana*. In: SILVA, Jorge Antonio e (org.). *Encontros Estéticos*. São Paulo: Caixa Econômica, 2005.

\_\_\_\_\_. *Chaves do pragmatismo peirceano nas ciências normativas*. In: *Cognitio 1 Revista de Filosofia do Centro de Estudos do Pragmatismo*. São Paulo: PUCSP: Educ. Palas Atena, 2000.

\_\_\_\_\_. *A assinatura das coisas*. Peirce e a literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

\_\_\_\_\_. O conceito de semiosfera à luz de C. S. Peirce. In: MACHADO, Irene (org.). *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: AnnaBlume, 2007.

SANT'ANNA, Renata , PRATES, Valquíria. *Frans Krajcberg a obra que não queremos ver*. São Paulo: Paulinas (coleção arte a primeira vista), 2007.

SANT'ANNA, Renata , PRATES, Valquíria. *Frans Krajcberg a obra que não queremos ver*. Caderno-ateliê. São Paulo: Paulinas (coleção arte a primeira vista), 2007.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Trad. Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2007.

SERRES, Michel. *Hominescências o começo de uma outra humanidade?* Trad. Edgard de Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ramos*. Trad. Edgard de Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. *Luzes – cinco entrevistas com Bruno Latour*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Unimarco, 1999.

\_\_\_\_\_. Roda Viva. TV Cultura. São Paulo, 1999

[http://www.rodaviva.fapesp.br/materia\\_busca/386/michel%20serres/entrevistados/michel\\_serres\\_1999.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/386/michel%20serres/entrevistados/michel_serres_1999.htm))

SILVA, Jorge Antonio e. *Friedrich Von Schiller e a educação estética do homem*. In: *Encontros Estéticos*. São Paulo: Caixa Econômica, 2005.

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa. *Em Busca dos fundamentos da universidade e da necessidade da semiótica e do pragmatismo de C. S. Peirce*. In: *Cognitio 1 - Revista de Filosofia do Centro de Estudos do Pragmatismo*, São Paulo, Educ: Palas Atena, 2000.

\_\_\_\_\_. *Curso de semiótica geral*. São Paulo: Quartier Latin, 2007.

SMITH, Roberta. *Arte conceitual*. In: STANGOS, Nikos. *Conceitos de arte moderna*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

STEVENSON, Leslie, HABERMAN, David L. Trad. Adail Ubirajara Sobral. *Dez teorias da natureza humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TCHÉKHOV, Anton. *Sem trama e sem final 99 conselhos de escrita*. Trad. Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Martins, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *Teoria da literature – I*. Lisboa /Portugal: Edições 70, 1999

UEXKULL, Thure von. *A teoria de Jakob von Uexküll*. In: Galáxia: Revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura. Programa Pós-graduado em Comunicação e Semiótica da PUC-SP – n. 7 (abril 2004) São Paulo: EDUC; Brasília: CNPq, 2003.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. *Semiótica, Sistemas e Sinais*. Tese de doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. Ciência, arte e o conceito de Umwelt. In: MEDEIROS, Maria Beatriz de (Org.). *Arte e tecnologia na cultura contemporânea*. Brasília: Dupligráfica, 2002.

\_\_\_\_\_. Semiosfera e o conceito de Umwelt. In: MACHADO, Irene (org.). *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: AnnaBlume, 2007.

\_\_\_\_\_. *Teoria do conhecimento e arte. Formas de conhecimento: arte e ciência uma visão a partir da complexidade*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ciência formas de conhecimento: arte e ciência uma visão a partir da complexidade*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. *Ontologia formas de conhecimento: arte e ciência uma visão a partir da complexidade*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.

\_\_\_\_\_, SANTAELLA, Lucia. *Metaciência como guia de pesquisa*. São Paulo: Mérito, 2008.

VITA, Luís Washington. *Introdução à Filosofia*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

WANDERLEY, Lula. *O dragão pousou no espaço – arte contemporânea, sofrimento psíquico e o objeto relacional de Lygia Clark*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

WILSON, Edward O. *A unidade do conhecimento Consiliência*. Trad. Ivo Korytowski. Rio de Janeiro, 1999.

## 8. GLOSSÁRIO

As definições encontradas neste glossário foram obtidas dos autores identificados entre os parênteses ou pelos autores da tese.

**Ações Estéticas.** Ações que transbordam de sentimento e amor ao próximo ao ambiente e a natureza e por isso estão repletas de beleza. Esse termo foi criado para tese é um neologismo.

**Agapismo** – Termo empregado por Peirce para designar a “a lei do amor evolutivo”, em virtude da qual a evolução cósmica tenderia a um incremento do amor fraterno entre os homens. (Abbagnano.2000:22)

**Agatologia** – Nome raramente usado para a doutrina do bem como parte da ética. (Abbagnano.2000:22)

**Agathopia** - Termo introduzindo no universo da Economia pelo economista James Edward Meade, em 1989, no seu artigo *Agathopia: The Economics of Partnership: A tract for the Times Addressed to All Capitalist and Socialist Who Seek to make the Best of Both Worlds* - Hume Paper Número 16- publicado pela Aberdeen University Press for the David Hume Institute, significa um bom lugar. Pensado originariamente como uma ilha experimental de um novo regime sócio-político-econômico, aos moldes da *Utopia* de Thomas More, porém com uma diferença significativa, os agathotopianos (*Agathotopians*) não são perfeitos e não buscam uma sociedade perfeita, como na ilha *Utopia*, mas são imperfeitos, em uma sociedade imperfeita, e, portanto necessitam encontrar um modelo sócio-econômico político possível de ser concretizado e suficiente à correção e aperfeiçoamento de suas imperfeições, de forma a lhe construir um Bom Lugar para viverem em uma comunidade de parcerias consideradas as características específicas de cada parte. Posteriormente este modelo arquitetado para a ilha chamada Agathotopia, adentrou o universo da economia política como um original modelo de economia onde se procura juntar o que há de melhor do modelo capitalista com o que há de melhor do modelo socialista.

Ambos pensadores criativos cunharam termos para suas respectivas ciências e que se tornaram de importância central em suas próprias doutrinas. Originários de duas próximas idéias concebidas por duas mentes individuais separadas, no espaço-tempo histórico, será a correlação entre os dois conceitos Agapismo e Agathotopia, a condição que permitirá a transposição do termo concebido por Meade na sua doutrina econômica do século XX, para a doutrina filosófica do século XIX de Peirce. O termo de um para aquele que acreditou no outro.

*Agathón*= Bem

*Tópos*= Lugar

A *Agathotopia* de Meade aparece no universo da economia política do século XX como um modelo de um Bom Lugar para se viver construído a partir das parcerias efetivadas entre as instituições. Um Bom Lugar para se viver, arquitetado ao longo da história da humanidade por Utopias diversas, e não alcançado exatamente porque buscavam o perfeito tão somente idealizado. Utopias são construções imaginárias e não possíveis de serem testadas na experiência concreta da vida cotidiana.

A tese de que é possível uma transposição do termo *Agathotopia* ao sistema de Peirce sustenta-se exatamente na diferença entre os conceitos Utopia e Agathotopia, e na diferença da conotação deste último em Meade, e em Peirce. A doutrina peirceana, original e única, não se reduz a uma ficção filosófica ou literária, nem tampouco a uma idealização de um bom lugar para se viver, ou um sistema político econômico para um Estado de Bem Estar Social, ou ainda um modelo para uma conduta de vida para a felicidade, mesmo que se colocada à prova como o modelo do economista Meade.

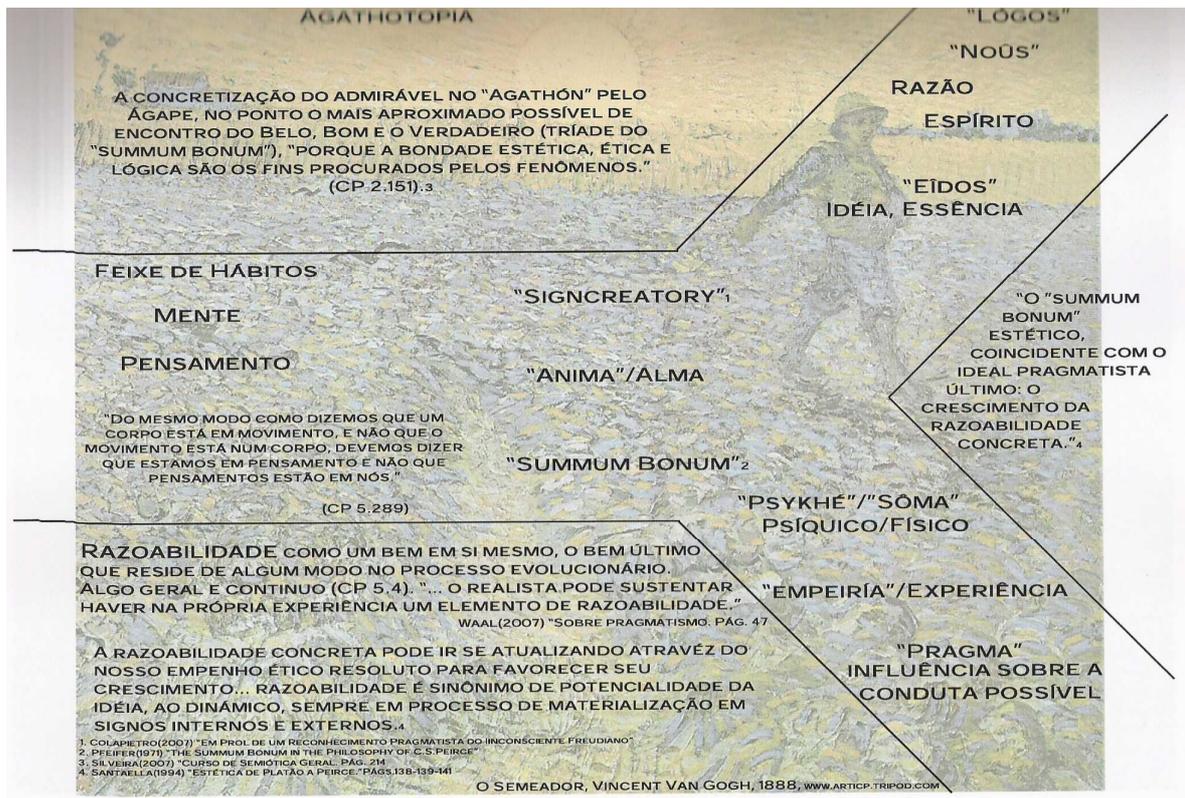
O foco realista do filósofo do século XIX nos seus princípios universais do mundo fenomenológico (doutrina das categorias), epistemológico e ontológico, conferiu-lhe uma prioridade que não esteve colocado em modelos éticos de conduta de sociedades particulares para a conquista de um bem

geral, mas exatamente em uma lei operativa de conduta ética universal com reflexos individuais, já que geral e particular fazem parte de um mesmo todo naturalmente.

Com as categorias da fenomenologia primeiridade, segundidade e terceiridade; fundamento das demais e muitas tríades da filosofia lógica-semiótica metafísica de Charles Sanders Peirce, ele rompe com todo o tipo de dicotomia até então imperante na filosofia, o que foi possível porque ele observou uma mesma lei operando na mente universal e nas mentes individuais (CP 7.46), em *continuum* movimento evolucionário, A lei do Amor Agápico Evolucionário Criativo.

Não nos sendo possível reproduzir todo o percurso por nós identificado ao longo da pesquisa de muitos textos dos estudiosos do filósofo Peirce, e dos seus próprios aos quais tivemos acesso, e que escreveu mais do que podemos lê-lo na totalidade, mas que sua escritura quase que em cada parte fala do seu todo, selecionamos em dois capítulos centrais aqueles pontuais que nos conduziram ao centro do seu labirinto com nossos mapas nas mãos, como que brincando de "seguir o mestre". Iniciado no seu Agapismo e por ele conduzido ao que se nos apresentou como o que estamos defendendo como sua Agathotopia, passando pelo seu Pragmaticismo e seu sistema realista sinequista evolucionário. (DIB. 2008:4-5)

### Esquema da *Agathotopia*



(DIB. 2008)

**Agônico** – Relativo ou próprio da agonia. (<http://www.portoeditora.pt/dol/default.asp?param=08010100>)

**Ambiente** – Trata-se de um sistema que envolve um determinado sistema. Para que sejam efetivados os mecanismos de produção de sistemas pela termodinâmica universal, é necessário que os sistemas sejam abertos, ou seja, troquem matéria, energia e informação com outros; o mais imediato desses costuma ser o seu ambiente. É através dessa interação que um sistema é gerenciado pela evolução universal. (Vieira, 2000:6)

**Auto-organização 1** – Está embebida do conceito de semiose, que é a ação do signo.

**Auto-organização 2** – Organização espontânea da matéria. (Rosnay, 1997:409)

**BAUDELAIRE, Charles** - Nasceu em 1821 e morreu em 1867. Poeta e teórico de arte francês. É considerado um dos precursores do Simbolismo. Sua obra teórica influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX. A importante definição de Modernidade no livro "Sobre a modernidade" é fundamental, pois para Baudelaire o verdadeiro artista procura sempre a modernidade. E para conseguir ser moderno ele precisa captar, no momento presente, os traços diferentes e transitórios, que apontam para o eterno. "Trata-se, para ele, (o artista) de tirar da moda o que esta pode conter de poético no histórico, de extrair o eterno do transitório. (...) A modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável". (Baudelaire, 1996: 24 - 25)

**Biofilia** – é o amor (philia) à natureza (bio).

**Caos** – Comportamento imprevisível de certos sistemas que, no entanto, são regidos por leis deterministas. (Rosnay, 1997:410)

**Caos Determinista** – É um fenômeno que se apresenta nas evoluções temporais deterministas: a condição inicial determina o que vai se produzir em seguida, e essa previsibilidade a priori não exclui uma imprevisibilidade real, resultante do fato de a condição inicial não ser jamais conhecida com absoluta certeza. (Ruelle.2001:40)

**Ciência Cognitiva** – Estudo do funcionamento mental (humano ou não) que toma como modelo o computador. A Ciência Cognitiva é essencialmente interdisciplinar, reunindo, na tentativa de fazer uma ciência da mente, disciplinas como a Psicologia, a Linguística, a Ciência da Computação, as ciências do Cérebro e a Filosofia. (Teixeira, 1998:166)

**CLARK, Lygia**. Nasceu em 1920 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Mudou-se para o Rio de Janeiro e participou do Grupo Frente, liderado por Ivan Serpa e formado por Hélio Oiticica, Lygia Pape, Aluísio Carvão, Décio Vieira, Franz Weissmann e Abraham Palatnik, entre outros, foi, também, uma das fundadoras do Grupo Neoconcreto. Lygia Clark morreu em 1988 no Rio de Janeiro.

([http://www.itaucultural.org.br/AplicExternas/Enciclopedia/artes\\_visuais/index](http://www.itaucultural.org.br/AplicExternas/Enciclopedia/artes_visuais/index))

**Co-evolução** – Evolução conjunta de sistemas biológicos, técnicos ou sociais associados entre si e influenciando-se mutuamente. (Rosnay, 1997:411)

**Complexidade** – Quando podemos observar um crescendo na dificuldade de definir com rigor lógico os parâmetros sistêmicos. (Vieira, 2000: 8)

**Complexidade 2** - é um tecido de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. A complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal. Mas então a complexidade, apresenta-se com os traços inquietantes da confusão, do inextricável, da desordem, da ambigüidade, da incerteza... Daí a necessidade, para o conhecimento, de pôr em ordem nos fenômenos ao rejeitar a desordem, de afastar o incerto, isto é, de selecionar os elementos de ordem e de certeza, de retirar a ambigüidade, de clarificar, de distinguir, de hierarquizar... (Morin.2001:20).

**Consiliência** – Edward O. Wilson recupera um termo que já não existe nos dicionários para explicar a união dos conhecimentos. Afiança que o propósito da mente foi e será sempre a tentativa de ligação das ciências com a humanidade. “A fragmentação constante do conhecimento e o caos resultante na filosofia não são reflexos do mundo real, mas artefatos da erudição. (...) A Consiliência é a chave para a unificação.” (1999:7)

**Continuum 1** – Em obediência ao princípio, ou máxima de continuidade, segundo o qual devemos imaginar as coisas contínuas na medida em que o possamos, realce-se que devemos supor uma continuidade entre caracteres da mente e da matéria, tal que a matéria nada seria senão mente que teve seus hábitos cristalizados, fazendo-a agir com um alto e peculiar grau de regularidade mecânica ou rotina. (Peirce *apud* Ibri, 1992:62)

**Continuum 2** – Diz respeito a continuidade. O que, então, vem a ser continuidade? Peirce (*apud* Ibri, 1992:62) “Todos nós temos alguma idéia de continuidade. Continuidade é fluidez, a fusão de partes em partes”. Antevê-se que continuidade se refere à generalidade e não a pluralidade de individuais, numa provisória interpretação do que possa ser fusão de partes, identificando-a com um sistema de relações e afeita, assim, à terceiridade. (Ibri, 1992:62)

**Egóico** – Que se refere ao ego.

**Evolução** – Teoria metafísica do desenvolvimento progressivo do universo em sua totalidade, que é uma hipótese admitida e pressuposta por muitas doutrinas filosóficas modernas e contemporâneas. (Abbagnano, 2000:393)

**Feedback** – Realimentação. (Ferreira, 1975:618) Ver também recursivo.

**Ficcionalismo** – Da escola de Vaihinger mostra que muito do conhecimento humano é construído de maneira puramente ficcional e além do mais de maneira consciente. “Hans Vaihinger, declara que o seu objetivo é responder à pergunta de como podemos formular pensamentos corretos sobre a realidade à base de representações conscientemente falsas”. (Vita, 1965: 94)

**Hedônica** – Relativo ao hedonismo.  
(<http://www.portoeditora.pt/dol/default.asp?param=08010100>)

**Hedonismo** - Sistema moral que considera o prazer como o supremo bem que a vontade deve atingir. (<http://www.portoeditora.pt/dol/default.asp?param=08010100>)

**Heterogênese ou Heterogonia** dos Fins – definição de W. Wundt, da observação não muito original de que os fins que a história realiza não são os mesmos que os indivíduos ou as comunidades se propõem, mas resultam da combinação, da correlação e do conflito das vontades humanas entre si e com as condições objetivas. (Abbagnano, 2000:498)

**Hierarquia dos níveis** – Organização de sistemas complexos por encaixamento sucessivo de blocos de construção (átomos, células, sociedades) que acabam formando níveis hierárquicos sobrepostos. (Rosnay, 1997:413)

**Interface 1** – Em seu sentido mais simples, a palavra se refere a softwares que dão forma à interação entre usuário e computador. A interface atua como uma espécie de tradutor, mediando entre as duas partes, tornando uma sensível para a outra. (Johnson, 2001:17)

**Interface 2** – Meio que conecta dois meios diferentes, mediação (signo). O *Umwelt* é uma interface e é responsável pela tradução intersemiótica do sistema indivíduo com o sistema externo. (Vieira, 2002: apontamentos de aula)

**Frans Krajcberg** – 12 de abril de 1921 - é pintor, escultor, gravador e fotógrafo, nasceu na Polônia e se naturalizou brasileiro. Fugiu da guerra e Chegou ao Brasil em 1948. Participou da primeira Bienal de São Paulo, em 1951. Em 1964, executou as suas primeiras esculturas com troncos de árvores mortas, tendo realizado diversas viagens à Amazônia e ao Pantanal Matogrossense, para fotografar e documentar os desmatamentos. O material destruído pelas queimadas passou a ser recolhido pelo artista e transformado em obras, como raízes e troncos calcinados. É um dos maiores defensores da natureza e sempre questiona o próprio trabalho: "Se é arte ou não, é assunto para outros. Não me interessa se as pessoas gostam ou não do que faço... O meu trabalho é a única maneira de me expressar. Se começo a gritar na rua, me botam num hospital de doidos". (Frans Krajcberg)

**Macroorganismo** – Organismo vivo composto por um grande numero de agentes individuais (seres vivos e máquinas) (Rosnay, 1997:414)

**Macroscópio** – Método e ferramenta de observação do infinitamente complexo. Graças ao seu poder de simulação, o computador tornou-se um macroscópio. (Rosnay, 1997:414)

**Objetivismo** - filosofia criada por Ayn Rand pode ser resumida e quatro palavras:

1 - **A realidade** existe independentemente da observação do homem, de seus sentimentos, desejos, esperanças ou medos.

2 - **A razão** é o único meio do homem para perceber a realidade, sua única fonte de conhecimento, seu único guia de ação e seu meio básico de sobrevivência.

3 - **O homem**, cada homem, é um fim em si mesmo e não um meio para o fim de outros homens. Deve existir em função de seus próprios propósitos, não se sacrificando por outros nem sacrificando outros por ele.

4 - **A liberdade**, num sistema político onde os homens se tratam como negociantes livres, em trocas voluntárias, com mútuo benefício e nunca como vítimas e executores, senhores e escravos.  
<http://br.geocities.com/objetivismobr/resumo.htm>

**Organização** – Esse termo vem do grego *organon*, que significa instrumento e remete à funcionalidade ou papel que cabe à uma parte no todo. A organização fala das relações que definem o sistema como um todo e refere-se à Coerência sistêmica. (Vieira, 2000: 8)

**Paradigma** – Modo de pensamento que faz referência a princípios fundamentais compartilhados por uma comunidade. A mudança de paradigma resulta da emergência de novos modos de pensamento e de referência. (Rosnay, 1997:415)

**Permanência** – Vem da pergunta ontológica e cosmológica: o que são as coisas e por que são no tempo? E pode ser expressa com a ajuda de um enunciado na forma de um princípio: "Todas as coisas tendem a permanecer." (Vieira, 2000: 5)

**Pragmatismo 1** – Pragmatismo Metodológico não pretende definir a verdade ou realidade, mas apenas um procedimento para determinar o significado. O princípio dessa regra metodológica é que a função do pensamento é produzir hábitos de ação, crenças. A regra proposta por Peirce era, portanto, sugerida pela exigência de achar um procedimento experimental ou científico para fixar as crenças. (Abbagnano, 2000:784)

**Pragmatismo 2** – A essência do Pragmatismo reside na harmônica correspondência entre fenômeno e conceito, de tal modo que os erros desta correspondência, configurando uma pseudo-harmonia, serão corrigidos pelo transcurso da experiência no tempo, para o qual se tensiona o *esse in futuro* que caracteriza o continuum da significação.

(...) A relação entre teoria e experimento, exige que se resgate, sempre que *teoria não é mera salvação das aparências, mas a representação de um objeto real*. Por conseguinte, da teoria que engendra as conseqüências experienciáveis ao objeto real representado que se faz ato para uma consciência experienciadora, *há o veio comum da relação entre o geral e o particular*. (Ibri, 1992:106,110)

**Pragmatismo 3** – (...) uma concepção, isto é, o teor racional de uma palavra ou de outra expressão, reside exclusivamente em suas influências concebíveis sobre a conduta de vida: assim, desde que obviamente nada, que pudesse resultar do experimento, possa exercer qualquer influência direta sobre a conduta, se se puder definir precisamente todos os fenômenos experimentais concebíveis que a afirmação ou negação de um conceito poderia implicar, ter-se-á, então, uma completa definição do conceito, e nele não há absolutamente mais nada. (Peirce *apud* Ibri, 1992:106)

**Pragmatismo 4** – Na filosofia de Hans Vaihinger, ele afirma o caráter fictício de todo conhecimento e o caráter biológico da preferência por um conhecimento e não por outro. (Abbagnano, 2000:785)

**Recursivo 1** - Propriedade do que pode ser repetido. (Ferreira. 2004:1714)

**Representação** – Relação triádica entre o signo, o objeto e o interpretante, isso pelo simples fato que tanto o objeto quanto o interpretante são partes constitutivas do signo ou do processo de representação. O signo só pode ser definido na relação com o objeto e o interpretante. (Santaella, 2000:61-62)

**Semiose** – Ação do signo, quando sistemas sónicos evoluem no tempo. (Vieira, 2002: apontamentos de aula)

**Signo** – Um signo, ou *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. (Peirce, 1999: 46)

**Simbiose** – Associação entre espécies vivas que se realiza em benefício mútuo dos parceiros. Por extensão: associação entre espécies vivas e sistemas ou organizações macrobiológicas, incluindo máquinas. (Rosnay, 1997:416)

**Sistema** – ou seja, um agregado (m) de coisas (qualquer que seja sua natureza) será um sistema S quando por definição df existir um conjunto de relações R entre os elementos do agregado de tal forma que venham a partilhar propriedades P.

(m) S = df [ R (m) ] P

A vantagem dessa definição é que nos permite uma leitura direta da noção de sistema a partir de um de seus parâmetros mais simples, a idéia de *composição*, como expressa pela notação (m), o agregado que formará o sistema, além de explicitar a emergência do todo, a partir de P. (Vieira, 2000: 4)

**Sistema complexo** – Um sistema complexo caracteriza-se pelo número dos elementos que o constituem, pela natureza das interações entre esses elementos e pela diversidade das ligações

que unem esses elementos entre si. Exemplos de sistemas complexos: a célula, uma cidade, um ecossistema. (Rosnay, 1997:416)

**Sistêmica** – Nova abordagem que permite organizar o conhecimento com o objetivo de conseguir uma eficácia maior da ação. A sistêmica relaciona-se com o estudo dos sistemas e da respectiva evolução no tempo. (Rosnay, 1997:416)

**Subjetivismo** - Sistema filosófico que só admite a realidade do sujeito pensante. / Propensão para o que é subjetivo; tendência a considerar e avaliar as coisas de um ponto de vista meramente pessoal; individualismo. <http://www.hostdime.com.br/dicionario/subjetivismo.html>

**Summum Bonum** – ideal admirável da vida. Santaella explica Peirce: O ideal deve ser evolutivo, estando seu significado pleno apenas num futuro distante sempre concretamente adiado. Um futuro idealmente pensável, mas materialmente inatingível, porque só aproximável assintoticamente. O pragmatismo havia descoberto que, no processo de evolução, aquilo que existe vai, mais e mais, dando corpo a certas classes de ideais que, no curso do desenvolvimento, se mostram razoáveis. Esse ideal foi caracterizado como o crescimento contínuo da corporificação da potencialidade da idéia.

Para haver o crescimento da potencialidade da idéia, sua corporificação deve se dar não apenas através de símbolos, mas também através de ações, hábitos e mudanças de hábitos. Ora, na potencialidade há possibilidade, na corporificação há existência e, na idéia há continuidade. Os três juntos compõem o que Peirce passou a considerar como o *summum bonum* estético. (...) O ideal estético é nutrido pelo cultivo de hábitos de sentimento. Sendo as obras de arte aquelas coisas que encarnam qualidades de sentimento, os hábitos de sentimento só podem ser cultivados através da exposição de nossa sensibilidade às obras de arte. (...) As obras de arte não são apenas ambíguas encarnações de qualidades de sentimento, mas são formas de sabedoria, de um tipo que fala à sensibilidade, ao mesmo tempo em que convida a razão a se integrar ludicamente ao sentir. (2005:126;130;131)

**Transdisciplinaridade:** tem várias definições nos dias atuais. Neste trabalho usaremos a definição do prof. Dr. Ubiratan D'Ambrosio: A disciplinaridade, resultado do reducionismo cartesiano, desenvolveu métodos e objetos de estudo específicos. A multidisciplinaridade, já antecipada no discurso de Fontenelle na Académie des Sciences de Paris, no final do século XVII, que é a reunião de conhecimentos obtidos no quadro das disciplinas, logo se mostrou insuficiente para tratar problemas mais complexos. No curso do século XIX a interdisciplinaridade começa a se mostrar importante no ataque a fenômenos complexos e na própria formulação de novas visões da realidade. Mas igualmente, a crítica gerada pela própria interdisciplinaridade desde o início do século XX, estimulado pela mecânica quântica e por desenvolvimentos da biologia e por uma visão mais abrangente e universal da história do conhecimento, mostrou a necessidade de um novo enfoque ao conhecimento. A transdisciplinaridade é uma resposta a essa necessidade. O método de pesquisa transdisciplinar é holística, abordando todo o ciclo do conhecimento, desde sua geração, organização intelectual e social, e difusão, comparativamente nas várias culturas do passado e do presente. A transdisciplinaridade se utiliza de todos os instrumentos materiais e intelectuais disponíveis. [http://www.cfh.ufsc.br/~aped/ubiratan\\_d.htm](http://www.cfh.ufsc.br/~aped/ubiratan_d.htm)

**Transversalidade:** A transversalidade diz respeito à possibilidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). A escola vista por esse enfoque, deve possuir uma visão mais ampla, acabando com a fragmentação do conhecimento, pois somente assim se apossará de uma cultura interdisciplinar. A transversalidade e a interdisciplinaridade são modos de trabalhar o conhecimento que buscam reintegração de procedimentos acadêmicos, que ficaram isolados uns dos outros pelo método disciplinar. Necessário se torna uma visão mais adequada e abrangente da realidade, que muitas vezes se nos apresenta de maneira fragmentada. Através dessa ênfase poderemos intervir na realidade para transformá-la.

Quando nos referimos aos temas transversais nos os colocamos como um eixo unificador da ação educativa, em torno do qual organizam-se as disciplinas.  
<http://www.educador.brasilecola.com/trabalho-docente/o-principio-da-interdisciplinaridade-transversalidade.htm>

***Umwelt*** - O Mundo em volta ou o Universo particular de uma espécie. A Interface que o sistema cognitivo tem com o real. (Vieira, 2002: apontamentos de aula)

**Utopia 1** - termo cunhado por Thomas More no livro Utopia que é uma espécie de romance filosófico. Utopia é o nome de uma ilha onde não há propriedade privada e nem intolerância religiosa. Com o tempo esse termo "passou a designar não só qualquer tentativa análoga, (...) mas também qualquer ideal político, social ou religioso de realização difícil ou impossível. (Abbagnano.2000:987)

**Utopia 2** – Projeto irrealizável: quimera; fantasia. (Ferreira. 2004:2028)

## **ANEXO 1**

## ANEXO 1

### OS FARÓIS - Charles Baudelaire

Rubens, rio do olvido, jardim da preguiça,  
Divã de carne tenra onde amar é proibido,  
Mas onde a vida flui e eternamente viça,  
Como o ar no céu e o mar dentro do mar contido;

Da Vinci, espelho tão sombrio quão profundo,  
Onde anjos cândidos, sorrindo com carinho  
Submersos em mistério, irradiam-se ao fundo  
Dos gelos e pinhais que lhes selam o ninho;

Rembrandt, triste hospital repleto de lamentos,  
Por um só crucifixo imenso decorado,  
Onde a oração é um pranto em meio aos excrementos,  
E por um sol de inverno súbito cruzado;

Miguel Ângelo, espaço ambíguo em que vagueiam  
Cristo e Hércules, e onde se erguem dos ossários  
Fantasmas colossais que à tibia luz se arqueiam  
E cujos dedos hirtos rasgam seus sudários;

Impudências de fauno, iras de boxeador,  
Tu que de graça aureolaste os desgraçados,  
Coração orgulhoso, homem fraco e sem cor,  
Puget, imperador soturno dos forçados;

Watteau, um carnaval de corações ilustres,  
Quais borboletas a pulsar por entre os lírios,  
Cenários leves inflamados pelos lustres  
Que à insânia incitam este baile de delírios;

Goya, lúgubre sonho de obscuras vertigens,  
De fetos cuja carne cresta os sabás,  
De velhas ao espelho e seminuas virgens,  
Que a meia ajustam e seduzem Satanás;

Delacroix, lago onde anjos maus banham-se em sangue,  
Na orla de um bosque cujas cores não se apagam  
E onde entranhas fanfarras, sob um céu exangue,  
Como um sopro de Weber entre os ramos vagam;

Essas blasfêmias e lamentos indistintos,  
Esses Te Deum, essas desgraças, esses ais  
São como um eco a percorrerem mil labirintos,  
E um ópio sacrossanto aos corações mortais!

É um grito expresso por milhões de sentinelas,

Uma ordem dada por milhões de porta-vozes;  
É um farol a clarear milhões de cidadelas,  
Um caçador a uivar entre animais ferozes!

Sem dúvida, Senhor, jamais o homem vos dera  
Testemunho melhor de sua dignidade  
Do que esse atroz soluço que erra de era em era  
E vem morrer aos pés de vossa eternidade!

<http://br.geocities.com/edterranova/baudelapoe06.htm>

### **Parábola da Complexidade**

A questão da complexidade está na moda, mas no sentido em que vou utilizá-la, ela é antiga. Lichtenberg, que vivia no século XVIII, já a tinha colocado na forma de uma parábola, num texto que o põe em cena como químico sonhando (Lichtenberg era a um só tempo químico, escritor, físico, crítico literário, etc.) . Lichtenberg-químico sonha que um Ser sobrenatural, ao qual ele não dá nome mas que é evidentemente Deus criador, lhe confia uma bola mineral. Pede-lhe para analisá-la e lhe designa um laboratório bem equipado. Lichtenberg pensa que esta é a oportunidade de sua vida: ele vai descobrir um corpo desconhecido, com propriedades surpreendentes. Começa a trabalhar... A bola está com um pouco de poeira e ele a sopra; ela está úmida, ele a enxuga; testa suas propriedades em relação à eletricidade friccionando-a. Nada de particular, não é âmbar. Depois ele a analisa quimicamente e não encontra nada interessante, nada senão compostos conhecidos... Decepção. O Ser sobrenatural reaparece e pergunta: "analisou?", e Lichtenberg, perplexo, atônito, lhe dá a lista dos constituintes. "Você sabe o que analisou, mortal? Esta bola é o globo terrestre" (é um sonho; devemos imaginar uma terra sem âmago ardente, evidentemente). E o Ser sobrenatural descreve para o químico como, desde as primeiras operações, desde que se "apropriou" da bola soprando-a, enxugando-a com seu lenço, ele suprimiu tudo o que na terra tem de interessante, de singular. Os oceanos foram "soprados", os Andes são essa poeira que está ainda agarrada em seu lenço, etc... O primeiro gesto de Lichtenberg, que ele acreditava ser neutro, insignificante, que fez sem pensar, e que era realmente o gesto de apropriação, reduziu a terra a um composto mineral qualquer. No final do sonho, Lichtenberg, ainda químico, mas jurando tomar todas as precauções possíveis e imagináveis, pede uma nova chance. O Ser sobrenatural lhe concede a nova chance e lhe diz: "Analise quimicamente o que encontrar nesse saco". Lichtenberg abre o saco e cai de joelhos para pedir perdão, enquanto químico, por sua arrogância. Dentro do saco há um livro, e ele sabe que poderá analisá-lo sem que, evidentemente, a análise química lhe permita dizer o que quer que seja de interessante.

O sonho de Lichtenberg é a própria parábola da complexidade: a maneira pela qual abordamos aquilo com que lidamos é pertinente relativamente ao problema que nos é colocado por aquilo com que lidamos?" (p.151, 152)

PRIGOGINE, I. & STENGERS, I., 1991.: Quinto dia: Da complexidade (Outras Histórias para a ciência), In: *A Nova Aliança*. - Brasília: Universidade de Brasília.

## Carta às Futuras Gerações Ilya Prigogine

***Ilya Prigogine*** é cientista de origem russa, nascido em Moscou, em 1917. Vive na Bélgica desde os 12 anos. Em 1977, recebeu o Prêmio Nobel de Química. É autor de ***O Fim das certezas*** (Ed. Unesp e A Nova Aliança (Ed. UnB), entre outros.

Escrevo esta carta na mais completa humildade. Meu trabalho é no domínio da ciência. Não me dá qualquer qualificação especial para falar sobre o futuro da humanidade. As moléculas obedecem a "leis". As decisões humanas dependem das lembranças do passado e das expectativas para o futuro. A perspectiva sob a qual vejo o problema da transição da cultura da guerra para uma cultura de paz - para usar a expressão de Federico Mayor - se obscureceu nos últimos anos, mas continuo otimista.

De qualquer forma, como poderia um homem da minha geração - nasci em 1917- não ser otimista? Não vimos o fim de monstros como Hitler e Stalin? Não testemunhamos a miraculosa vitória das democracias na Segunda Guerra Mundial? No final da guerra, todos nós acreditávamos que a História recomeçaria do zero, e os acontecimentos justificaram esse otimismo.

Os marcos da era incluem a fundação da Organização das Nações Unidas e da Unesco, a proclamação dos direitos do homem e a descolonização. Em termos mais gerais, houve o reconhecimento das culturas não europeias, do qual derivou uma queda do eurocentrismo e da suposta desigualdade entre os povos "civilizados e os "não-civilizados". Houve também uma redução na distância entre as classes sociais, pelo menos nos países ocidentais.

Esse progresso foi conquistado sob a ameaça da Guerra Fria. No momento da queda do Muro de Berlim, começamos a acreditar que enfim seria realizada a transição da cultura da guerra para a cultura da paz. No entanto a década que se seguiu não tomou esse rumo. Testemunhamos a persistência, e até mesmo a ampliação, dos conflitos locais, quer sejam na África, quer nos Bálcãs. Isso pode ser considerado, ainda, como um resultado da sobrevivência do passado no presente. No entanto, além da ameaça nuclear sempre presente, novas sombras apareceram: o progresso tecnológico agora torna possível guerras travadas premindo botões, semelhantes de alguma forma a um jogo eletrônico.

Sou uma das pessoas que ajudaram a formular as políticas científicas da União Européia. A ciência une os povos. Criou uma linguagem universal. Muitas outras disciplinas, como a economia e a ecologia, também requerem cooperação internacional. Fico, por isso, ainda mais atônito quando percebo que os governos estão tentando criar um exército europeu como expressão da unidade da Europa. Um exército contra quem? Onde está o inimigo? Por que esse crescimento constante nos orçamentos militares, quer na Europa, quer nos Estados Unidos? Cabe às futuras gerações tomar uma posição sobre isso. Na nossa era, e isso será cada vez mais verdade no futuro, as coisas estão mudando a uma velocidade jamais vista. Vou usar um exemplo científico.

Quarenta anos atrás, o número de cientistas interessados na física de estado sólido e na tecnologia da informação não passava de umas poucas centenas. Era uma "flutuação", quando comparado às ciências como um todo. Hoje, essas disciplinas se tornaram tão importantes que têm conseqüências decisivas para a história da humanidade.

Crescimento exponencial foi registrado no número de pesquisadores envolvidos nesse setor da ciência. E um fenômeno de proporção sem precedentes, que deixou muito para trás o crescimento do budismo e do cristianismo.

Em minha mensagem às futuras gerações, gostaria de propor argumentos com o objetivo de lutar contra os sentimentos de resignação ou impotência. As recentes ciências da complexidade negam o determinismo; insistem na criatividade em todos os níveis da natureza. O futuro não é dado.

O grande historiador francês Fernand Braudel escreveu: "Eventos são poeira". Isso é verdade? O que é um evento? Uma analogia com "bifurcações", estudadas na física do não equilíbrio, surge imediatamente. Essas bifurcações aparecem em pontos especiais nos quais a trajetória seguida por um sistema se subdivide em ramos". Todos os ramos são possíveis, mas só um deles será seguido. No geral não se vê apenas uma bifurcação. Elas tendem a surgir em sucessão. Isso significa que até mesmo nas ciências fundamentais há um elemento temporal, narrativo, e isso constitui o "fim da certeza", o título do meu último livro. O mundo está em construção e todos podemos participar dela.

**Metáforas úteis** Como escreveu Immanuel Wallerstein: "É possível - possível, mas não certo - criar ou construir um mundo mais humano e igualitário, melhor ancorado no racionalismo material". Flutuações do nível microscópico decidem que ramo emergirá em cada ponto de bifurcação, e portanto que evento acontecerá. O apelo às ciências da complexidade não significa que estejamos sugerindo que as ciências humanas sejam "reduzidas" à física. Nossa empreitada não é de redução, mas de reconciliação. Conceitos introduzidos das ciências da complexidade podem servir como metáforas muito mais úteis do que o tradicional apelo a metáforas newtonianas.

As ciências da complexidade, assim, conduzem a uma metáfora que pode ser aplicada à sociedade: um evento é a aparição de uma nova estrutura social depois de uma bifurcação; flutuações São o resultado de ações individuais.

Todo evento tem uma "microestrutura". Tomemos um exemplo histórico a Revolução Russa de 1917. O fim do regime czarista poderia ter tomado diferentes formas, e o ramo seguido resultou de diversos fatores, tais como a falta de previsão do czar, a impopularidade de sua mulher, a debilidade de Kerensky, a violência de Lênin. Foi essa microestrutura, essa flutuação, que determinou o desfecho da crise e, assim, os eventos que a ela se seguiram.

Desse ponto de vista, a história é uma sucessão de bifurcações. Um exemplo fascinante de como isso transcorre é a transição da era paleolítica para a neolítica, que aconteceu praticamente no mesmo período em todo o mundo (esse fato é ainda mais surpreendente dada a longa duração da era paleolítica). A transição parece ter sido uma bifurcação ligada a uma exploração mais sistemática dos recursos minerais e vegetais. Muitos ramos emergiram dessa bifurcação: o período neolítico chinês, com sua visão cósmica, por

exemplo, o neolítico egípcio, com sua confiança nos deuses, ou o ansioso período neolítico do mundo pré-colombiano.

Toda bifurcação tem beneficiários e vítimas. A transição para a era neolítica trouxe a ascensão de sociedades hierárquicas. A divisão do trabalho implicou em desigualdade. A escravidão foi estabelecida e continuou a existir até o século 19. Ainda que o faraó tivesse uma pirâmide como tumba, seu povo era enterrado em valas comuns.

O século 19, da mesma forma que o 20, apresentou uma série de bifurcações. A cada vez que novos materiais eram descobertos - carvão, petróleo ou novas formas de energia utilizável-, a sociedade se transformava. Será que não se poderia dizer que, tomadas como um todo, essas bifurcações conduziram a uma maior participação da população na cultura' e que de lá por diante as desigualdades entre as classes sociais nascidas na era neolítica começaram a diminuir?

**Homem e natureza** No geral, bifurcações são a um só tempo um sinal de instabilidade e um sinal de vitalidade em uma dada sociedade. Elas expressam também o desejo por uma sociedade mais justa. Mesmo fora das ciências sociais, o Ocidente preserva um espetáculo surpreendente de bifurcações sucessivas. A música e a arte, por exemplo, mudam a cada 50 anos. O homem continuamente explora novas possibilidades, concebe utopias que podem conduzi-lo a uma relação mais harmoniosa entre homem e homem e homem e natureza. E esses são temas que ressurgem constantemente nas pesquisas de opinião sobre o caráter do século 21.

A que ponto chegamos? Estou convencido de que estamos nos aproximando de uma bifurcação conectada ao progresso da tecnologia da informação e a tudo que a ela se associa como a multimídia, robótica e inteligência artificial. Essa é a "sociedade de rede", com seus sonhos de aldeia global.

Mas qual será o resultado dessa bifurcação? Em qual de seus ramos nos encontraremos? A palavra "globalização" cobre uma grande variedade de situações diferentes? É possível que os imperadores romanos já estivessem sonhando com globalização, uma cultura única dominando o mundo. A preservação do pluralismo cultural e o respeito pelo outro exigirá toda a atenção das gerações futuras. Mas há outros riscos no horizonte.

Cerca de 12 mil espécies de formigas são conhecidas hoje. Suas colônias variam de algumas centenas a muitos milhões de indivíduos. É interessante notar que o comportamento das formigas depende do tamanho da colônia. Em colônias pequenas, a formiga se comporta de forma individualista, procurando comida e a levando de volta ao ninho. Quando a colônia é grande, porém, a situação muda e a coordenação de atividades se torna essencial. Estruturas coletivas surgem espontaneamente, então, como resultado de reações autocatalíticas entre formigas que produzem trocas de informação medidas quimicamente.

Não é coincidência que nas grandes colônias de formigas ou térmitas os insetos individuais se tomem cegos. O crescimento populacional transfere a iniciativa do indivíduo para a coletividade.

Por analogia, podemos nos perguntar qual será o efeito da sociedade da informação sobre nossa criatividade individual. Há vantagens óbvias nesse tipo de sociedade - basta

pensar na medicina ou na economia. Mas existe informação e desinformação. Como diferenciá-las? Claramente, isso requer cada vez mais conhecimento e um senso crítico desenvolvido. O verdadeiro precisa ser distinguido do falso, o possível do impossível. O desenvolvimento da informação significa que estamos legando uma tarefa pesada às futuras gerações. Não devemos permitir que surjam novas divisões resultando da "sociedade de redes" baseada na tecnologia da informação. Mas é preciso igualmente examinar questões mais fundamentais.

Em sentido geral será que a bifurcação reduzirá a distância entre os países ricos e os pobres? A globalização será caracterizada pela paz e democracia ou por violência, aberta ou disfarçada? Cabe às futuras gerações criar as flutuações que determinarão o rumo do evento correspondente à chegada da sociedade da informação.

Minha mensagem às futuras gerações, portanto, é de que os dados não foram lançados e que o caminho a ser percorrido depois das bifurcações ainda não foi escolhido. Estamos em um período de flutuação no qual as ações individuais continuam a ser essenciais.

Quanto mais a ciência avança, mais nos espantamos com ela. Fomos da idéia geocêntrica de um sistema solar para a heliocêntrica, e de lá para a idéia das galáxias e, por fim, para a dos múltiplos universos. Todos já ouviram falar do Big Bang. Para a ciência, não existe um evento único, e isso conduziu à idéia de que múltiplos universos podem existir. Por outro lado, o homem é até agora a única criatura viva consciente do espantoso universo que o criou e que ele, por sua vez, pode alterar. A condição humana consiste em aprender a lidar com essa ambiguidade. Minha esperança é de que as gerações futuras aprendam a conviver com o espanto e com a ambiguidade.

A cada ano, nossos químicos produzem milhares de novas substâncias, muitas das quais derivadas de produtos naturais - um exemplo da criatividade humana no seio da criatividade natural como um todo. Esse espanto nos leva a respeitar os outros. Ninguém é dono da verdade absoluta, se é que essa expressão significa alguma coisa. Acredito que Richard Tarnes esteja certo:

*"A paixão mais profunda da alma ocidental é redescobrir a unidade com as raízes de seu ser".*

Essa paixão leva à afirmação prometéica do poder da razão, mas a razão pode também conduzir à alienação, a uma negação daquilo que dá valor e significado ávida. Cabe às futuras gerações construir uma nova coerência que incorpore tanto os valores humanos quanto a ciência, algo que ponha fim às profecias quanto ao "fim da ciência", "fim da história" ou quanto ao advento da "pós-humanidade".

Estamos apenas no começo da ciência, e muito distantes do tempo em que se acreditava possível descrever todo o universo em termos de algumas poucas leis fundamentais. Encontramos o complexo e o irreversível no domínio microscópico (tal como associado às partículas elementares), no domínio macroscópico que nos cerca e no domínio da astrofísica. Cabe às futuras gerações construir uma nova ciência que incorpore todos esses aspectos, porque, por enquanto, a ciência continua em sua infância.

Da mesma forma, o fim da história poderia ser o fim das bifurcações e a realização das visões de pesadelo de Orwell ou Huxley quanto a uma sociedade atemporal que perdeu

sua memória. Cabe às futuras gerações manterem-se vigilantes para garantir que isso jamais aconteça. Um sinal de esperança é o de que o interesse pela natureza e o desejo de participar da vida cultural jamais foi maior do que hoje. Não precisamos de nenhum tipo de pós-humanidade. Cabe ao homem tal qual é hoje, com seus problemas, dores e alegrias, garantir que sobreviva no futuro. A tarefa é encontrar a estreita via entre a globalização e a preservação do pluralismo cultural, entre a violência e a política, e entre a cultura da guerra e a da razão. São responsabilidades pesadas.

Uma carta às gerações futuras é sempre e necessariamente escrita de uma posição de incerteza, de uma extrapolação arriscada do passado. No entanto, continuo otimista. O papel dos pilotos britânicos foi crucial para decidir o desfecho da Segunda Guerra Mundial. Foi, para repetir uma palavra que usei com frequência nesse texto, uma "flutuação". Confio em que flutuações como essa surgirão sempre, para que possamos navegar seguros entre os perigos que hoje percebemos. É com essa nota de otimismo que eu gostaria de encerrar minha mensagem.

*Cabe às futuras gerações construir uma nova coerência que incorpore tanto os valores humanos quanto a ciência, algo que ponha fim às profecias quanto ao "fim da ciência", "fim da história" ou até quanto ao advento da pós-humanidade*

**Ilya Prigogine** é cientista de origem russa, nascido em Moscou, em 1917. Vive na Bélgica desde os 12 anos. Em 1977, recebeu o Prêmio Nobel de Química. É autor de **O Fim das certezas** (Ed. Unesp e A Nova Aliança (Ed. UnB), entre outros. artigo de Ilya Prigogine, para o Caderno Mais!, da FSP, de 30/01/2000

### ***A Carta do Chefe Indígena Seattle (1854)***

*Resposta do cacique Seattle ao Presidente Americano F. Pierce, que tentava comprar as suas terras. Um exemplo sublime de consciência Holística e Ecológica. Uma denúncia à ganância do homem branco, cioso de seu intelecto. Um grito contra a injustiça dos que pensam ter o direito sobre a terra, excluindo seus semelhantes e outros seres vivos. Um apelo ao humanismo:*

"O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro: o animal, a árvore, o homem, todos compartilham o mesmo sopro. Parece que o homem branco não sente o ar que respira. Como um homem agonizante há vários dias, é insensível ao [seu próprio] mau cheiro. (...)

"Portanto, vamos meditar sobre sua oferta de comprar nossa terra. Se nós a decidirmos aceitar, imporei uma condição: *O homem branco deve tratar os animais desta terra como seus irmãos.*

"O que é o homem sem os animais? Se os animais se fossem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Pois o que ocorre com os animais, breve acontece com o homem. Há uma lição em tudo. Tudo está ligado.

"Vocês devem ensinar às suas crianças que o solo a seus pés é a cinza de nossos avós. Para que respeitem a terra, digam a seus filhos que ela foi enriquecida com a vida de nosso povo. *Ensinem às suas crianças o que ensinamos às nossas: que a terra é nossa mãe. Tudo o que acontecer à Terra, acontecerá também aos filhos da terra. Se os homens cospem no solo, estão cuspidos em si mesmos.*

*"Disto nós sabemos: a terra não pertence ao homem; o homem é que pertence à terra. Distos sabemos: todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo.*

*"O que ocorre com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não teceu a teia da vida: ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizermos ao tecido, fará o homem a si mesmo.*

"Mesmo o homem branco, cujo Deus caminha e fala como ele de amigo para amigo, não pode estar isento do destino comum. É possível que sejamos irmãos, apesar de tudo. Veremos. De uma coisa estamos certos (e o homem branco poderá vir a descobrir um dia): Deus é um Só, qualquer que seja o nome que lhe dêem. Vocês podem pensar que O possuem, como desejam possuir nossa terra; mas não é possível. Ele é o Deus do homem e sua compaixão é igual para o homem branco e para o homem vermelho. A terra lhe é preciosa e feri-la é desprezar o seu Criador. Os homens brancos também passarão; talvez mais cedo do que todas as outras tribos. Contaminem suas camas, e uma noite serão sufocados pelos próprios dejetos.

"Mas quando de sua desapareção, vocês brilharão intensamente, iluminados pela força do Deus que os trouxe a esta terra e por alguma razão especial lhes deu o domínio sobre a terra e sobre o homem vermelho. *Esse destino é um mistério para nós, pois não compreendemos que todos os búfalos sejam exterminados, os cavalos bravios sejam todos domados, os recantos secretos das florestas densa impregnados do cheiro de muitos homens, e a visão dos morros obstruídas por fios que falam. Onde está o arvoredo? Desapareceu. Onde está a água? Desapareceu. É o final da vida e o início da sobrevivência.*

*"Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Essa Idéia nos parece um pouco estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los.*

"Cada pedaço de terra é sagrado para meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência do meu povo. A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho...

"Essa água brilhante que escorre nos riachos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. *Se lhes vendermos a terra, vocês devem lembrar-se de que ela é sagrada*, e devem ensinar às suas crianças que ela é sagrada e que cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida do meu povo. O murmúrio das águas é a voz dos meus ancestrais.

*"Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede. Os rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar e*

*ensinar para seus filhos que os rios são nossos irmãos e seus também. E, portanto, vocês devem, dar aos rios a bondade que dedicariam a qualquer irmão.*

*"Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção de terra, para ele, tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem à noite e extrai da terra tudo que necessita. A terra, para ele, não é sua irmã, mas sua inimiga e, quando ele a conquista, extraíndo dela o que deseja, prossegue seu caminho. Deixa para traz os túmulos de seus antepassados e não se incomoda. Rapta da terra aquilo que seria de seus filhos e não se importa... Seu apetite devorará a terra, deixando somente um deserto.*

"Eu não sei... *nossos costumes são diferentes dos seus.* A visão de suas cidades fere os olhos do homem vermelho. Talvez porque o homem vermelho seja um selvagem e não compreenda.

"Não há um lugar quieto nas cidades do homem branco. Nenhum lugar onde se possa ouvir o desabrochar de folhas na primavera ou o bater de asas de um inseto. Mas talvez seja porque eu sou um selvagem e não compreendo. O ruído parece somente insultar os ouvidos. E o que resta de um homem, se não pode ouvir o choro solitário de uma ave ou o debate dos sapos ao redor de uma lagoa, à noite? Eu sou um homem vermelho e não compreendo. O índio prefere o suave murmuro do vento encrespando a face do lago, e o próprio vento, limpo por uma chuva diurna ou perfumado pelos pinheiros. "

fonte: " **EDUCAÇÃO AMBIENTAL - Princípios e Práticas** " Genebaldo Freire Dias - Editora GAIA 1993

#### **Carta ao Tom 74**

Rua Nascimento Silva 107  
você ensinando pra Elizete  
as canções de "Canção do Amor Demais"  
lembra que tempo feliz, ai, que saudade  
Ipanema era só felicidade,  
era como se o amor doesse em paz  
Nossa famosa garota nem sabia  
a que ponto a cidade turvaria  
esse Rio de amor que se perdeu  
Mesmo a tristeza da gente era mais bela e, além disso, se via da janela  
um cantinho de céu e o Redentor  
É, meu amigo, só resta uma certeza  
é preciso acabar com essa tristeza  
é preciso inventar de novo o amor

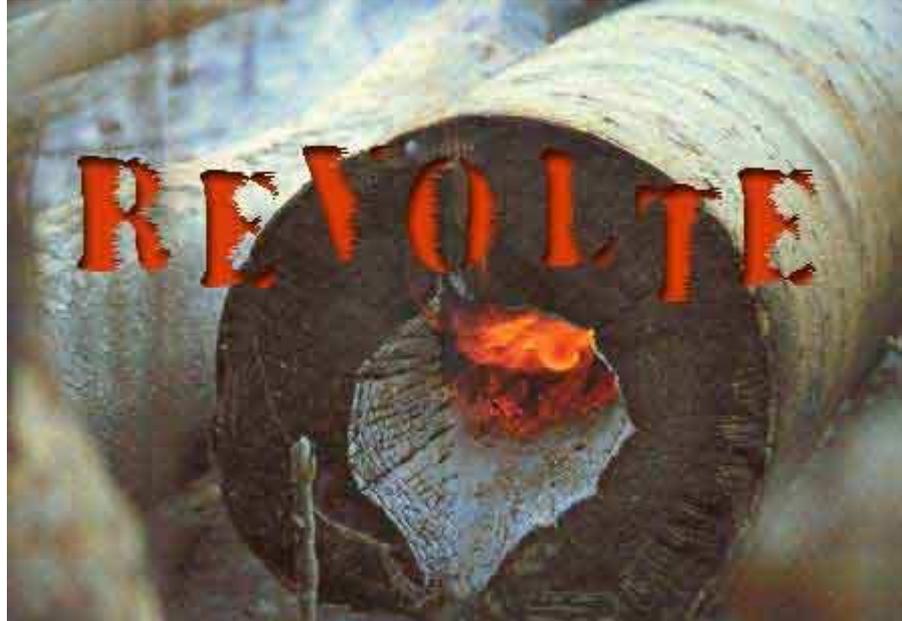
A brincadeira de Tom Jobim à letra de Vinicius

Rua Nascimento Silva 107  
Eu saio correndo do pivete  
Tentando alcançar o elevador  
Minha janela não passa de um quadrado  
a gente só vê cimento armado  
onde antes se via o Redentor  
É meu amigo só resta uma certeza  
É preciso acabar com a natureza  
É melhor lotear o nosso amor

## Frans KRAJCBERG

<http://www.krajcberg.vertical.fr/>

**"Meus trabalhos são meu manifesto. O fogo é a morte, o abismo. Ele me acompanha desde sempre. A destruição tem formas. Eu procuro imagens para meu grito de revolta."**



### O MANIFESTO DO RIO NEGRO



Amazônia constitui hoje, sobre o nosso planeta, o "último reservatório", refúgio da natureza integral.

Que tipo de arte, qual sistema de linguagem pode suscitar uma tal ambiência - excepcional sob todos os pontos de vista, exorbitante em relação ao senso comum? Um naturalismo do tipo essencialista e fundamental, que se opõe ao realismo e à própria continuidade da tradição realista, do espírito realista, além da sucessão de seus estilos e de suas formas. O espírito do realismo em toda a história da arte não é o espírito da pura constatação, o testemunho da disponibilidade afetiva. O espírito do realismo é a metáfora; o realismo é, na verdade, a metáfora do poder: poder religioso, poder do dinheiro na época da

Renascença, em seguida poder político, realismo burguês, realismo socialista, poder da sociedade de consumo com a pop-art.

O naturalismo não é metafórico. Não traduz nenhuma vontade de poder, mas sim um outro estado de sensibilidade, uma maior abertura de consciência. A tendência à objetividade do "constatado" traduz uma disciplina da percepção, uma plena disponibilidade para a mensagem direta e espontânea dos dados imediatos da consciência. Como no jornalismo, mas sendo este transferido ao domínio da sensibilidade pura, "o naturalismo é a informação sensível sobre a natureza". Praticar esta disponibilidade ante o natural concedido é admitir a modéstia da percepção humana e suas próprias limitações, em relação a um todo que é um fim em si. Essa disciplina na conscientização de seus próprios limites é a qualidade primeira do bom repórter: é assim que ele pode transmitir aquilo que vê - "desnaturando" o menos possível os fatos.

O naturalismo assim concebido implica não somente maior disciplina da percepção, mas também maior na abertura humana. No final das contas a natureza é, e ela nos ultrapassa dentro da percepção de sua própria duração. Porém, no espaço-tempo da vida de um homem, a natureza é a medida de sua consciência e de sua sensibilidade.

O naturalismo integral é alérgico a todo tipo de poder ou de metáfora de poder. O único poder que ele reconhece é o, poder purificador e catártico da imaginação a serviço da sensibilidade, e jamais o poder abusivo da sociedade.

Este naturalismo é de ordem individual. A opção naturalista oposta à opção realista é fruto de uma escolha que engaja a totalidade da consciência individual. Essa opção não é somente crítica, ela não se limite a exprimir o medo do homem frente ao perigo que corre a natureza pelo excesso de civilização industrial e a consciência planetária. Ela traduz o advento de um estado global da percepção, a passagem individual para a consciência planetária. Nos vivemos uma época de balanço dobrado. Ao final do século se junta o final do milênio, com todas as transferências de tabus e da paranóia coletiva que esta concorrência temporal implica - a começar pela transferência do medo do ano 1000 sobre o medo do ano 2000, o átomo no lugar da peste.

Vivemos, assim, uma época de balanço. Balanço do nosso passado aberto sobre nosso futuro. Nosso Primeiro Milênio deve anunciar o Segundo. Nossa civilização judaico-cristã deve preparar sua Segunda Renascença. A volta do idealismo em pleno século XX supermaterialista, a volta de interesse pela história das religiões e a tradição do ocultismo, a procura cada vez maior por novas iconografias simbolistas: todos esses sintomas são consequência de um processo de desmaterialização do objeto, iniciado em 1966, e que é o fenômeno maior da história da arte contemporânea no Ocidente.

Após séculos de "tirania do objeto" e seu clímax na apoteose da aventura do objeto como linguagem sintética da sociedade de consumo - a arte duvida de sua justificação material, ela se desmaterializa, se conceitua. Os andamentos conceituais da arte contemporânea só têm sentido se examinados através dessa ótica autocrítica. A arte é ela mesma colocada numa posição crítica. Ela se questiona sobre sua imanência, sua necessidade, sua função.

O naturalismo integral é uma resposta. E justamente por sua virtude de integracionista, de generalização e extremismo da estrutura da percepção, ou seja, da planetarização da

consciência, hoje ela se apresenta como uma opção aberta - um fio diretor dentro do caos da arte atual. Autocrítica, desmaterialização, tentação idealista, percursos subterrâneos simbolistas e ocultistas: essa aparente confusão se organizará talvez um dia, a partir da noção do naturalismo - expressão da consciência planetária.

Esta reestruturação perceptiva refere-se á uma real mudança e a desmaterialização do objeto de arte, sua interpretação idealista, a volta ao sentido oculto das coisas e sua simbologia constituem um conjunto de fenômenos que se inscrevem como um preâmbulo operacional à nossa Segunda Renascença - etapa necessária para uma mutação antropológica final.

Hoje, vivemos dois sentidos da natureza: aquele ancestral, do "concedido" planetário, e aquele moderno, do "adquirido" industrial e urbano. Pode-se optar por um ou outro, negar um em proveito do outro; o importante é que esses dois sentidos da natureza sejam vividos e assumidos na integridade de sua estrutura antológica, dentro da perspectiva de uma universalização da consciência perceptiva - o Eu abraçando o mundo, fazendo dele um uno, dentro de um acordo e uma harmonia da emoção assumida como a única realidade da linguagem humana.

O naturalismo como disciplina de pensamento e da consciência perceptiva é um programa ambicioso e exigente que ultrapassa de longe as balbuciantes perspectivas ecológicas de hoje. Trata-se de lutar muito mais contra a poluição subjetiva do que contra a poluição objetiva - a poluição dos sentidos e do cérebro contra a queda do ar e da água.

Um contexto tão excepcional como o do Amazonas suscita a idéia de um retorno à natureza original. A natureza original deve ser exaltada como uma higiene da percepção e um oxigênio mental: um naturalismo integral, gigantesco catalisador e acelerador das nossas faculdades de sentir, pensar e agir.

Pierre Restany

Alto Rio Negro, quinta-feira, 3 de agosto de 1978.

Na presença de Sepp Baendereck e Frans Krajcberg.

<http://www.krajcberg.vertical.fr/fkmanifestoportugues.html>

## **Ode à Alegria**

Letra de Friedrich von Schiller

Ode à Alegria de Friedrich Von Schiller, tradução do original, tal como se canta na Nona Sinfonia de Ludwig Van Beethoven.

Oh amigos, mudemos de tom!  
Entoemos algo mais prazeroso  
E mais alegre!

Alegre, formosa centelha divina,  
Filha do Elíseo,  
Ébrios de fogo entramos  
Em teu santuário celeste!  
Tua magia volta a unir  
O que o costume rigorosamente dividiu.  
Todos os homens se irmanam  
Ali onde teu doce vôo se detém.  
**Quem já conseguiu o maior tesouro**  
**De ser o amigo de um amigo,**  
Quem já conquistou uma mulher amável  
**Rejubile-se conosco!**

Sim, mesmo se alguém conquistar apenas uma alma,  
Uma única em todo o mundo.  
Mas aquele que falhou nisso  
Que fique chorando sozinho!  
**Alegria bebem todos os seres**  
**No seio da Natureza:**  
Todos os bons, todos os maus,  
Seguem seu rastro de rosas.  
**Ela nos deu beijos** e vinho e  
**Um amigo leal** até a morte;  
Deu força para a vida aos mais humildes  
E ao querubim que se ergue diante de **Deus!**

Alegremente, como seus sóis corram  
**Através do esplêndido espaço celeste**  
Se expressem, irmãos, em seus caminhos,  
Alegremente como o herói diante da vitória.

Alegre, formosa centelha divina,  
Filha do Elíseo,  
Ébrios de fogo entramos  
Em teu santuário celeste!  
**Abracem-se milhões!**  
**Enviem este beijo para todo o mundo!**  
Irmãos, além do céu estrelado  
Mora um Pai Amado.  
Milhões se deprimem diante Dele?  
Mundo, você percebe seu **Criador?**  
Procure-o mais acima do céu estrelado!  
Sobre as estrelas onde Ele mora.

<http://www.starnews2001.com.br/odeschiller.html>

**Projeto transforma lixo em estufa de flores**

O cultivo de flores está mudando a vida de vinte famílias que viviam de catar lixo em um aterro em Guarulhos, na Grande São Paulo.

Desde agosto do ano passado, eles estão produzindo gérberas, crisântemos e amarelos para melhorar sua qualidade de vida e transformar o antigo lugar de trabalho.

Por meio do projeto Do Lixo às Flores, eles aprenderam técnicas de cultivo de plantas e montaram no lixão uma estufa de flores.

Hoje todos têm carteira assinada, recebem R\$300 por mês, mais cesta básica, vale transporte e vale alimentação para trabalhar na estufa. Já produziram 32 mil flores.

"É uma obra 100% social. O projeto está mudando totalmente o aterro e o pensamento dos participantes", diz Leandro Vieira D'Ambrosio, encarregado do projeto da estufa. Ele conta que só o fato de não ter mais que conviver com os urubus devolve um pouco da dignidade das famílias.

A idéia de transformar lixão e aterro sanitário em jardim foi do carnavalesco Joãosinho Trinta, inspirado no profeta Gentileza - que pregava a gentileza e distribuía flores no Rio de Janeiro dizendo: "Meus filhos, não usem problemas, usem gentileza".

Trinta, juntamente com a empresa coletora de lixo Quitauna, a empresa de consultoria e treinamento Flortec e com apoio da Prefeitura de Guarulhos, pretende ampliar a iniciativa para beneficiar mais pessoas.

"Por enquanto, nós não estamos fazendo compostagem para utilizar o lixo orgânico como adubo, mas será um próximo passo", explica D'Ambrosio.

[http://www2.uol.com.br/aprendiz/n\\_noticias/fazendo\\_diferenca/id300401.htm](http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_noticias/fazendo_diferenca/id300401.htm)

## **A Arte das Flores**

19/12/2007 ÀS 19:29

[http://planetasustentavel.abril.com.br/blog/redacao/20071219\\_1st\\_assuntos.shtml](http://planetasustentavel.abril.com.br/blog/redacao/20071219_1st_assuntos.shtml)

A arte das flores

A arte pode ser criada usando diversas ferramentas. Um artista francês usa a pá e o ancinho para compor as suas obras. Jean Paul Ganem faz o que se denomina de LandScape Art, uma vertente que cria novas paisagens utilizando a jardinagem. Em outras palavras, ele desenha, esquematiza e planta diversas espécies para que o conjunto crie imagens e cores específicas.

A importância desse trabalho, porém, não está no fato de se usar a vegetação para criar imagens, mas pelo caráter sustentável que alguns dos projetos de Ganem têm. Em Montreal, no Canadá, o artista fez parcerias com Ongs e moradores da região para fazer um jardim onde ficava um lixão. Eles tiraram o entulho, descontaminaram a terra,

aprenderam a cuidar do jardim e plantaram as espécies. Infelizmente, devido à liberação de gás metano pelo lixo soterrado, o solo cedeu e as plantas tiveram que ser removidas. Para não perder as mudas, porém, elas foram distribuídas entre as escolas da região. O artista também fez projetos para aeroportos do mundo, como o de Paris (imagem abaixo). Segundo ele, os passageiros de aviões sempre olham para a janela na decolagem e no pouso, por causa da angústia de que algum acidente possa acontecer. Para tentar melhorar a viagem, Ganem redesenhou as áreas onde havia grama no aeroporto e projetou algumas mudas de flores. Os passageiros, em vez de se preocuparem com possíveis acidentes, contemplariam um jardim desenhado e com bonitas cores.



Ganem se inspirou no que os artistas das décadas de 1960 e 1970 faziam, quando surgiu o movimento "land art". A natureza, para eles, era mais do que um simples ambiente, mas fazia parte da obra. O objetivo era que a sociedade, que começava a usufruir dos avanços tecnológicos, percebesse que a natureza também é algo a ser admirado. Nas imagens abaixo, Ganem plantou girassóis para pintar o desenho de um sol.



O artista está com projetos para mudar lixões e paisagens aqui do Brasil. O único empecilho é encontrar um patrocinador para financiar toda a reformulação da área. A primeira cidade poderá ser São Paulo.

[http://planetasustentavel.abril.uol.com.br/blog/redacao/20071219\\_1st\\_assuntos.shtml](http://planetasustentavel.abril.uol.com.br/blog/redacao/20071219_1st_assuntos.shtml)

**Domingo, 17 de Maio de 2009**

**"Enterros..." - "Burial..." INSTRUÇÃO**

"Enterro": instante de passagem

Este vídeo documenta o primeiro enterro realizado na calçada em frente ao SESC e Casa das Rosas - Avenida Paulista São Paulo.

Como o primeiro exercício de documentação desta ação, não possui caráter de exposição, sendo apenas um entre os muitos registros que se encontram em fase de pós-produção.

PROJETO

**Participação em obra de arte por instrução de artista.**

Pessoas que estão em diferentes lugares, realizam uma ação por instrução e com isso, participam do evento :

**Enterro de obra de arte na Av. Paulista - São Paulo, Brasil.**

A ação aconteceu no momento único em que a Avenida estava tendo suas calçadas reconstruídas e o seu chão - terra, estava exposto ( 2007-2008).

Localização dos enterros realizados : em frente ao Instituto Itaú Cultural, Casa das Rosas, SESC AV. Paulista, Metrô Brigadeiro e MASP ( Museu de Arte de São Paulo).

Obra enterrada: instalação cerâmica "Flores", exposta publicamente em 2003.

As fotografias-registros destes eventos-enterros na Av. Paulista, estão sendo enviadas pela internet e as pessoas "enterram" agora as imagens, produzindo um novo evento vinculado ao anterior.

A ação do participante será  
realizar e documentar o "enterro" da imagem,  
que documenta o evento-anterior, marcando os lugares e datas da ação.

Instrução ao Participante

- 1- Imprimir a imagem (registro) aqui enviada em tamanho qualquer, importa que se possa reconhecê-la na documentação do evento.
- 2- escolher um **espaço** para produzir a ação.
- 3- fotografar (ou filmar) a **ação de "enterrar" a imagem.**
- 4- **Reenviar as fotos** do momento-evento produzido, com **anotações da data, local, ...observações.**

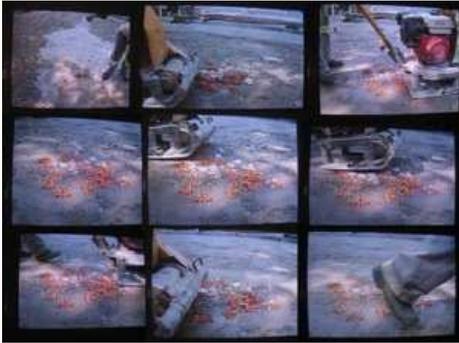
? "Enterrar" ? é de livre interpretação

Cada local, cada vivência requer uma estratégia. Você decide o formato ....

**Para a continuidade do trabalho**, fica a documentação visual, do deslocamento do objeto - arte (agora inacessível) para sua imagem.

Deslocamento este, que também ocorre no **ato de "enterrar"**, marcando o momento da mudança, da passagem para outra configuração, outra dimensão.

**"Enterros" na Avenida Paulista - "Burial" on Av. Paulista - São Paulo, Brasil. 2007-2008**



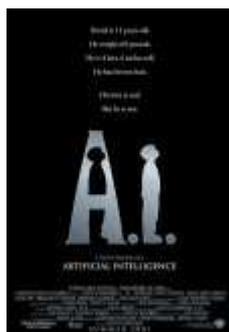
<http://www.rebecalenizestumm.com/>

## **ANEXO 2**

### **Reportagens**

## Filme Inteligência Artificial

A.I. - Inteligência Artificial



Num futuro onde as calotas polares derreteram, uma nova forma de inteligência artificial auxilia a humanidade em sua saga sobre o planeta Terra. É neste contexto que um garoto irá passar por uma jornada emocional inesquecível. Dirigido por Steven Spielberg (Jurassic Park) e com Jude Law, William Hurt e Haley Joel Osment no elenco. Recebeu 2 indicações ao Oscar.

### Sinopse

Na metade do século XXI, o efeito estufa derreteu uma grande parte das colatas polares da Terra, fazendo com que boa parte das cidades litorâneas do planeta fiquem parcialmente submersas. Para controlar este desastre ambiental a humanidade conta com o auxílio de uma nova forma de computador independente, com inteligência artificial, conhecido como A.I. É neste contexto que vive o garoto David Swinton (Haley Joel Osment), que irá passar por uma jornada emocional inesquecível.

### Ficha Técnica

*Título Original:* Artificial Intelligence: A.I.

*Gênero:* Ficção Científica

*Tempo de Duração:* 146 minutos

*Ano de Lançamento (EUA):* 2001

*Site Oficial:* [www.aimovie.com](http://www.aimovie.com)

*Estúdio:* DreamWorks SKG / Warner Bros. / Stanley Kubrick Productions

*Distribuição:* DreamWorks Distribution L.L.C. / Warner Bros.

*Direção:* Steven Spielberg

*Roteiro:* Steven Spielberg, baseado em conto de Brian Aldriss

*Produção:* Bonnie Curtis

*Música:* John Williams

*Direção de Fotografia:* Janusz Kaminski

*Desenho de Produção:* Rick Carter

*Direção de Arte:* Tom Valentine

*Figurino:* Bob Ringwood

*Edição:* Michael Kahn

*Efeitos Especiais:* Industrial Light & Magic

O termo inteligência artificial foi cunhado em 1956 pelo pesquisador americano John McCarthy durante o primeiro evento dedicado ao assunto, a Conferência de Dartmouth, nos EUA. Em 1985, o americano Marvin Minsky publicou o livro "The Society of Mind", que relaciona a inteligência artificial ao desenvolvimento de uma criança. Mas os avanços se revelaram mais lentos que o teorizado nos livros.

- *A.I. Inteligência Artificial* foi á distribuído nos Estados Unidos pela Warner Bros. e no restante do planeta pela DreamWorks.

<http://www.adorocinema.com/filmes/ai/ai05.jpg>

O filme é baseado no conto *Supertoys Last All Day Long* (escrito por Brian Aldiss) e se passará no meio do século XXI, quando o efeito estufa derreteu boa parte das calotas polares e, conseqüentemente, as águas cobriram boa parte das cidades costeiras ao redor de todo o planeta. Para lidar com este desastre ambiental, a humanidade conta com o fundamental auxílio de um novo tipo de computador, cuja inteligência artificial o torna independente e consciente de sua própria existência. A história segue a o relacionamento entre um garoto e o tal computador dotado de I.A. (a "inteligência artificial" do título).

<http://www.cinepop.com.br/filmes/inteligenciaartificial.htm>



Aqui, lemos o depoimento de quem assistiu ao filme e ressalta não o futurismo do filme ou os efeitos da tecnologia, mas o amor:

"Este filme é o amor incondicional posto a prova! Você observar o menino querendo ser gente para ser amado! E ele perdendo tudo a sua volta pelo simples fato de querer amor! E ele não consegue! Ele não conheceu a verdadeira tranqüilidade e alegria! Como aquele filme é triste. Principalmente a cena em que ele fita os olhos da Fada Madrinha esperando ser transformado em um menino de verdade. E a parte em que ele é posto junto a mãe ressuscitada por apenas um dia!"<sup>140</sup>

---

140

[http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://3.bp.blogspot.com/\\_fiGDx05rpU/SaLRcbf1egI/AAAAAAAAABn8/a7hUb0trx0w/s400/david.jpg&imgrefurl=http://ciniro.blogspot.com/&usg=\\_\\_t8FBhOoGaLBOZNzdxjdwENTPjk=&h=317&w=400&sz=13&hl=pt-BR&start=15&tbnid=5Z8B-NHBpYqRLM:&tbnh=98&tbnw=124&prev=/images%3Fq%3Dfilme%2Binteligencia%2Bartificial%26gbv%3D2%26hl%3Dpt-BR](http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://3.bp.blogspot.com/_fiGDx05rpU/SaLRcbf1egI/AAAAAAAAABn8/a7hUb0trx0w/s400/david.jpg&imgrefurl=http://ciniro.blogspot.com/&usg=__t8FBhOoGaLBOZNzdxjdwENTPjk=&h=317&w=400&sz=13&hl=pt-BR&start=15&tbnid=5Z8B-NHBpYqRLM:&tbnh=98&tbnw=124&prev=/images%3Fq%3Dfilme%2Binteligencia%2Bartificial%26gbv%3D2%26hl%3Dpt-BR)

## Paul Newman era mais do que um grande ator

SEG, 29/09/08

POR PAULO MOREIRA LEITE |



Passei o fim de semana lembrando velhos filhos de Paul Newman. Ouvei entrevistas e vi análises. Poucos anos antes de morrer, ele contou que trabalhava cada vez menos, descansava cada vez mais. Já não conseguia fazer muita coisa, disse. Perguntaram se estava cansado de tudo. Ele deu uma resposta para guardar: "Não dá para se aposentar da vida."

Eu acho que a lição de vida Paul Newman é muito mais do que uma ótima aula de interpretação, disponível em filmes inesquecíveis como "Gata em Teto de Zinco Quente", "Ausência de Malícia" e "Butch Cassidy e Sundance Kid", para ficar em três exemplos.

Ele era um grande ator — mas vamos lembrar que Hollywood teve outros grandes atores. Também era considerado um ator bonito — vamos lembrar, de novo, que não era o único em sua geração.

Eu acho que Paul Newman usava seus filmes para demonstrar que a vida era mais importante que o cinema. Defendia seu trabalho como parte de sua integridade. Se a indústria do cinema procura transformar atores e atrizes em operários embrutecidos numa fábrica de futilidades milionárias, ele tinha uma postura de resistência.

Fazia questão de escolher papéis e só fez um filme que era uma operação caça níquel descarada, um certo "Inferno na Torre" — catástrofe na época dos filmes-catástrofe.

Falando sobre seu método para aceitar uma oferta de trabalho e rejeitar outra, contou que no início da carreira procurava personagens que pudessem lhe ensinar alguma coisa. E que, mais tarde, acontecia o inverso: procurava personagens aos quais pudesse transmitir algum complemento.

Na verdade, eram dois caminhos para chegar ao mesmo lugar: entender a condição humana, contribuir para aperfeiçoá-la. Encarnou bêbados, derrotados e desajustados, representou frustrações profundas e lutas difíceis, dando rosto e voz para dramas e tragédias de nosso tempo. Seus melhores filmes não tinham um final feliz. Retratavam impasses, dúvidas, pontos de interrogação em velhas convicções da sociedade contemporânea. Alguns atores representam personagens. Newman era capaz de se expressar através deles.

Como ensinou aquele filósofo, nada do que era humano lhe era estranho. E é dessa forma que se entende sua generosidade, que o levou a montar uma fábrica de alimentos orgânicos que não deixava uma única nota de 1 dólar — e a gastar 250 milhões de dólares em ações de solidariedade sem fazer disso um projeto de auto-marketing.

Paul Newman não teve uma carreira construiu uma obra — ele próprio, o personagem mais difícil na vida de cada ser humano. Encontrou um lugar e soube defendê-lo. Deixou de ser um ator para tornar-se uma referência da cultura e uma consciência da sociedade americana de seu tempo.

Paulo Moreira Leite <http://colunas.epoca.globo.com/paulomoreiraleite/2008/09/29/o-ator-que-era-mais-do-que-um-grande-ator/>

## REPORTAGENS

**Licença para falar de amor**

Fórum Nacional, que discutiu economia durante a semana, termina de modo inédito

Fotos de Custódio Coimbra

Carolina Isabel Novaes e Liana Melo

● O XX Fórum Nacional, que começou a semana debatendo temas como os 200 anos de independência econômica do país, terminou ontem falando de amor. Houve até choro emocionado da escritora Maria Adelaide Amaral e exibição de uma foto de Stella e Dorival Caymmi — 68 anos de casados — se beijando. Em 20 anos de Fórum Nacional, foi a primeira vez em que se discutiu este assunto.

Segundo o ex-ministro do Planejamento João Paulo dos Reis Velloso, organizador do evento, a intenção era pensar o amor em tempos de guerra, trazer um tópico novo à pauta e terminar com um *gran finale*. Os seis convidados a discursar — além de Maria Adelaide, a teóloga Maria Clara Bingemer, o psicanalista Renato Mezan, os filósofos Danilo Marcondes e Gilberto de Mello Kujawski e a professora de letras Miriam Nunes — falaram durante três horas sobre grandes amores universais, o Rio da bossa-nova, o amor à pátria e o amor em escala universal, por exemplo, sem

Na platéia, uma ouvinte cativa: Izabel, casada há 33 anos com o ex-ministro. Ela também foi ao Fórum na abertura, segunda-feira. Ontem, vestindo uma blusa de seda estampada inspirada nos desenhos do espanhol Joan Miró — um dos preferidos de Reis Velloso —, Izabel ouviu atentamente a palestra "O amor em tempos de desamor", que encerrou o encontro, no prédio do BNDES. Quando alguém perguntava por ela, Reis Velloso apontava: — É aquela, com a blusa bonita.

Maria Adelaide disse que gosta de falar de casais reais, como Abelardo e

Heloísa, e chorou ao ler um trecho de "Carta a D", de André Gôz. Kujawski fez rir a platéia: — Argentinos e mexicanos são dramáticos em relação à sua identidade, para eles é pátria ou *muerte*.

Miriam fechou o debate referindo-se ao escritor inglês John Donne: "Nunca pergunte por quem os sinos doam... eles dobram por você".

Sobrou tempo para discutir a criação de Brasília — para Reis Velloso, "poesia e solidão"; para Maria Adelaide, autora de uma minissérie sobre Juscelino Kubitschek, foi "um feito e tanto".

— Numa época em que o Rio está com auto-estima em baixa, é bom lembrar que a bossa-nova é carioca — disse Maria Clara.

— Mas o Rio está muito mal, obrigado. É preciso não se satisfazer com esse amor ao Rio — disse Reis Velloso.

Perguntado por que o tema não foi discutido na presença do presidente Lula, na segunda-feira, Reis Velloso explicou: — Quería que o povo ouvisse sobre o amor, não ministros e autoridades. Mas eles não deveriam ouvir? — É, poderiam. São filhos de Deus.

REIS VELLOSO e Maria Clara Bingemer com foto de Stella e Dorival Caymmi

A ESCRITORA Maria Adelaide Amaral chora após falar de amor

### O Pai que trocou a escola do filho por filmes (OGlobo - 24/05/2009 05:00:07)

Escritor canadense conta como passou a se relacionar melhor com jovem ao organizar sessões de cinema.

Eduardo Fradkin

Oex-crítico de cinema e escritor canadense David Gilmour (homônimo do guitarrista do Pink Floyd) estava prestes a fazer um livro sobre como superar decepções amorosas com mulheres e já tinha até uma editora para lançá-lo, quando seu filho Jesse abriu-lhe os olhos.

- Ele me disse: "Ninguém vai ler isso. Não é para o público feminino, e os homens não compram livros desse tipo. Por que você não escreve sobre os três anos que passamos vendo filmes?" - relata Gilmour, em entrevista por telefone.

O pai seguiu o conselho, e o resultado é "O clube do filme", sucesso mundial que será lançado no Brasil amanhã pela editora Intrínseca. A obra narra uma história real: Jesse, aos 16 anos, estava sem rumo na vida, reprovado em várias matérias na escola. David, então, fez-lhe uma proposta singular. O garoto poderia deixar a escola e não precisaria arranjar trabalho. Poderia dormir até tarde e fazer o que quisesse, mas teria que assistir a três filmes com David por semana e debatê-los.

- Ele realmente odiava a escola. Eu acredito muito na educação, sou professor universitário em Toronto. Mas Jesse era um caso especial. Algo na personalidade dele fazia com que lhe fosse penoso ficar horas sentado na sala de aula. Era algo fisicamente doloroso. Isso se tornou um problema entre nós, porque eu queria que ele terminasse a escola, então ficava cobrando os deveres dele. Nossa relação se tornou uma briga constante. Percebi que, no fim das contas, eu não poderia forçar um moleque de 1,93 metro a fazer o que era necessário para concluir o ensino médio. Tudo o que eu conseguiria era destruir nossa relação e levá-lo a sair de casa. Em seis meses, é o que teria acontecido. Eu o teria perdido - alega David.

O escritor ressalta que aparentemente nada havia de errado na personalidade do filho:

- Ele não tinha problemas comportamentais ou intelectuais. Era sociável, falante. Apenas odiava a escola.

Garoto-problema se tornou roteirista e estuda atuação

Hoje, Jesse está com 23 anos. O que anda fazendo?

- Para a surpresa de todos, ele acaba de escrever e estrear seu primeiro curta-metragem, de dez minutos, e também escreveu o roteiro de um longa que será filmado em algum momento durante o ano. Um famoso produtor canadense o leu e gostou do texto. Foi uma surpresa para mim e a mãe dele, pois não esperávamos que ele se interessasse por atuar ou escrever roteiros. Há mais ou menos um ano, ele decidiu que era o que queria fazer.

No fim do livro, Jesse resolve voltar para a escola e faz um curso intensivo de três meses para prestar um teste de admissão. Ele passa. David diz o que aconteceu depois disso:

- Ele entrou na Universidade de Toronto e ficou um ano estudando lá. Mostrou a todos que podia ser um universitário, mas disse que descobriu o que queria fazer, que era escrever um roteiro, e abandonaria a universidade para realizar aquilo. Foi para a Tailândia e três meses depois apareceu com o roteiro. Outra surpresa é que Jesse se revelou um bom ator. A mãe dele é atriz e o preparou para o curta de dez minutos. Ela me disse que ele tem um dom natural para atuar. Ele vai fazer isso no próprio filme. Está começando a tomar aulas de atuação.

Todavia, David não atribui ao cinema a ligação afetiva construída com o filho.

- Nós não nos aproximamos por causa dos filmes. Nós já nos adorávamos. A escola era o problema. No momento em que eu disse para ele que não precisava mais ir à escola, ficou tudo bem. Jesse precisava de duas coisas. Precisava de tempo para se tornar quem ele seria. Tinha só 16 anos. Nessa idade, nenhum garoto sabe o que quer. Também precisava de uma figura exemplar para a vida no mundo adulto. Se eu não servisse de modelo, ele o encontraria no seu grupo de amigos, e isso poderia ser uma encrenca. A tendência dos jovens é escolher como modelo o garoto com a personalidade mais forte, que pode vir a ser um delinquente ou um traficante. Eu acredito que adolescentes precisam de seus pais muito mais do que admitem - afirma David.

Todos os filmes vistos por Jesse dos 16 aos 19 anos foram escolhidos por David, com base em dois critérios: ele os tinha adorado em algum momento da vida, e deviam ser de todos os gêneros. Para que o filho não se tornasse esnobe, ele lhe mostrava com o mesmo entusiasmo "Cidadão Kane" ou "Instinto selvagem". As reações, às vezes, o surpreenderam.

- Mostrei "Os reis do iê iê iê" achando que ele ia adorar, mas ele detestou. Mostrei "Ran", de Akira Kurosawa, pensando que o entediaria, e ele adorou. Acho que é porque há algo nesse filme que sugere a solidão da natureza humana, algo que todos sentimos. Até ver esse filme, Jesse devia achar que era a única pessoa que tinha esse sentimento de estar só no mundo. Ele tinha estudado "Rei Lear" na escola e tinha odiado a peça de Shakespeare. O filme é a mesma história adaptada ao Japão do século XVI. Outro filme que me surpreendeu foi "Amores expressos". Na época, achei que era porque tinha uma chinesa bonita nele, e Jesse tinha acabado de perder uma namorada chinesa e estava de coração partido. Mas hoje vejo que o motivo era outro. Esse é o tipo de filme que inspira jovens cineastas, porque parece que qualquer um poderia fazê-lo - arrisca o autor.

© 2006 Todos os direitos reservados a Infoglobo S/A. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem prévia autorização da Agência O Globo

O Estado de São Paulo – Metropole - Sexta-Feira, 19 de Junho de 2009 | **Versão Imprensa**

### **No ônibus, peça de boas maneiras**

Apresentação em veículos da EMTU ?incomoda? e faz usuário rever hábitos

Fernanda Aranda, SÃO PAULO

O nome da dupla não é dos dez mais sofisticados, mas é a parceria entre Escovão e Touquinha que tem levado aulas de etiqueta para dentro dos ônibus de São Paulo. De segunda a sexta-feira, os atores avançam pela catraca e começam a "incomodar" os passageiros de todas as formas possíveis. Falam alto, escutam música no último volume, jogam papel no chão, não dão lugar para idosos e esquecem até das grávidas. Em minutos, viram "espelho" de alguns usuários que ocupam papel de plateia. "É a tentativa de disseminar gentileza entre os pontos de parada", resume Escovão, identidade assumida por Aliu Coelho, de 31 anos, ator há nove anos.

Todo dia, durante no mínimo seis viagens dentro dos veículos da Empresa Metropolitana de Transporte Urbano (Emtu), a dupla parte sempre ou do Terminal Jabaquara, na zona sul, ou de São Mateus, na zona leste, para espalhar o manual do "passageiro ideal". "Você não vale nada, mas eu gosto de você", hit da novela Caminho das Índias, é a trilha que inicia o espetáculo. "Temos o intervalo de quatro pontos em média para representar as situações do cotidiano dos ônibus e passar uma mensagem", conta César Augustos Fihana, de 28 anos, o Touquinha, uma espécie de office-boy mal educado que consegue, em menos de 2 m<sup>2</sup> no corredor do coletivo, infringir todas as regras de respeito ao próximo, com um toque de bom humor.

A iniciativa é da EMTU, começou de forma experimental em março, mas ganhou o público. Antes, o teatro a bordo dos ônibus só acontecia de segunda a quarta-feira. Agora, foi expandido para todos os dias úteis. O trajeto é variado, sempre com destino às cidades da Grande São Paulo, como São Bernardo do Campo e Ferraz. As peças de boas maneiras são oferecidas por uma dupla de atores da companhia de Fernando Lyra.

A reportagem acompanhou uma dessas viagens teatrais e registrou as reações. Assim que Escovão e Touquinha passavam a disparar peraltices, os olhos constrangidos tentavam disfarçar que cometem os mesmos pecados da dupla. Desligavam o som alto, tiravam a mochila das costas para facilitar a passagem dentro do ônibus, jogavam lixo no lixo e até olhavam para ver se alguém da terceira idade não precisava sentar. "Esse aí é bem mal-educado, mas eu convivo com piores", afirmava Cecília Kottke, de 68 anos, que pega ônibus todos os dias para ir ao curso de literatura. "Adorei essa história de teatro educativo", vibrava.

O teatro nos ônibus já tem próximas missões. Vai abordar dicas de segurança e reciclagem. Os roteiristas são os próprios motoristas, que, com ajuda de Lyra, levam as demandas para definir os temas. Uma das principais virtudes do espetáculo, contam os atores, é que os espectadores podem até estar acostumados com os pecados apresentados, mas muitos assistem a uma peça pela primeira vez. "Isso é o maior barato", dizem Escovão e Touquinha.

[http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090619/not\\_imp389731,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090619/not_imp389731,0.php)

Domingo, 13 de Julho de 2008 | Golobo on line Versão Impressa

### **Para fazer de Cubatão um pomar, mudas em pet**

O pescador Josuel de Abreu recolheu garrafas plásticas e terra, investiu R\$ 200 e montou um viveiro com diversas espécies de árvores frutíferas

Rejane Lima

O pescador Josuel Ferraz de Abreu, de 33 anos, há 12 morador da Vila dos Pescadores, em Cubatão, na Baixada Santista, montou entre as palafitas um canteiro com mais de 2 mil mudas de árvores frutíferas, todas plantadas em garrafas pet, recolhidas do estuário.

Feito com telhas e tijolos, o viveiro de 18 metros tem camadas de cascalho e terra, recolhida do outro lado do rio. Foi construído grudado à parede do barraco vizinho, que ganhou calhas para que a chuva não alague o plantio.

Pintor afastado por acidente de trabalho, Abreu investiu cerca de R\$ 200 em seu projeto. A idéia veio há nove meses, durante uma visita à escola de seu filho Jefferson, de 8 anos. "Percebi que lá tinha muito espaço vazio e nenhuma árvore. Conversei com a diretora e ela falou que não plantava porque não tinha mudas. Pretendo mudar isso, quero doar mudas para as escolas e toda a cidade", diz. Migrante nordestino, Abreu vivia em um sítio no interior de Pernambuco. "Lá eu plantava muito, mas essa terra aqui é boa demais, eu pego do aterro do antigo lixão de Santos. O bom de plantar na garrafa pet é que você transporta junto, leva para onde quiser. É fácil de manusear."

As centenas de garrafas retiradas do estuário e doadas por vizinhos acumulam-se na casa do pescador e já causaram algumas brigas. "Primeiro eu não gostei, porque fazia sujeira em casa, mas agora que está dando certo. Aprovei e quero que ele faça uma horta para eu

plantar alface, coentro e rabanete", afirma a mulher de Abreu, a dona de casa Luciana.

Por enquanto, o canteiro tem apenas árvores frutíferas e chuchu. São mudas de laranja, acerola, mexerica, carambola, abacate, jabuticaba, jaca, maracujá, pinha, goiaba, manga, tamarindo, cambuci e pinha. Abreu está esperando as plantas atingirem um metro de altura para replantá-las por toda Cubatão. "Quero mudar a cara da cidade, que só tem uma avenida com árvores frutíferas", planeja.

"Em um ano quero ter 10 mil mudas. Em cada metro quadrado de pet dá para plantar cem árvores", contabiliza. Ele comprou os tambores para o novo canteiro, que pretende erguer onde havia alguns barracos, destruídos num incêndio.

Assim como a família de Abreu, cerca de 9.800 pessoas moram na Vila dos Pescadores, área invadida à margem da rodovia Anchieta, do Rio Casqueiro - e da sociedade. No local, paga-se um taxa simbólica pela eletricidade (não há relógios individuais). Há rede de água encanada.

Já o esgoto é despejado sem nenhum tratamento no mangue. O forte cheiro ruim contrasta com a delicadeza das futuras árvores de Abreu.

03/07/2008 - 07h37 O Globo

## **Aposentado constrói muro de garrafas pet**

Mais de 3,6 mil unidades foram utilizadas na construção. Ele diz que está feliz por contribuir com a preservação do meio ambiente.



Do G1, em São Paulo, com informações da TV Gazeta de Vitória  
Aposentado constrói muro de garrafas pet (Foto: Reprodução/TV Gazeta de Vitória)

Um morador do município de Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, construiu um muro usando como material apenas garrafas pet. Com criatividade, o aposentado Luiz Carlos Temporim tenta despertar a consciência ambiental de outras pessoas.

"A minha intenção era tirar o plástico do lixo. Depois, eu notei que dava certo, que não entra animal nenhum no terreno", afirma Temporim, que usou mais de 3,6 mil garrafas para construir o muro.

O aposentado levou cerca de um ano para erguer a estrutura e chegou a dedicar uma hora por dia ao trabalho. Com o esforço, ele conseguiu chamar a atenção também dos vizinhos.

Ele disse que está feliz por contribuir com a preservação do meio ambiente. “A gente vê nos rios uma quantidade imensa de garrafas. Se a gente não cuidar do meio ambiente, ninguém sabe como será nosso futuro”, afirma.

## **O ESTADO DE SÃO PAULO**

Quarta-feira, 5 de Outubro de 2005

Caderno – Metrópole pág. C10

<http://txt.estado.com.br/editorias/2005/10/05/cid028.html>

### **A casa do pedreiro virou biblioteca**

Morador de São Gonçalo, no Rio, bateu de porta em porta para receber livros

**Henry Chu**

**Los Angeles Times**

SÃO GONÇALO - Carlos Leite mal consegue ler, mas os livros mudaram vida. Dois anos atrás, ele fazia uma construção para uma pessoa que ia se desfazer de seis volumes de uma enciclopédia. Leite pediu para ficar com eles. Assim, nasceu um sonho.

Ele decidiu bater de porta em porta na cidade da Baixada Fluminense, pedindo livros indesejados às pessoas. Nenhuma contribuição era pequena demais. Amigos foram convencidos a ajudá-lo. A biblioteca, que abriu as portas em março de 2004, tem 10 mil volumes de todo tipo.

Para Leite, porém, os livros são um mistério. De família pobre, ele abandonou a escola no terceiro ano e hoje, aos 51, é analfabeto funcional. Mas sabe a importância dos livros. "Pode ser tarde para mim, um pedreiro, mas não para outros."

Assim floresceu a paixão que tem consumido seu tempo livre e transformou sua casa numa biblioteca pública, gratuita e aberta à vizinhança pobre neste subúrbio do Rio. Quem visita a casa de Leite encontra garotos fazendo lição no que era seu quarto. Adultos folheiam títulos no que era a sala. Um festival de brochuras e livros sobre quase todo assunto imaginável, alguns em estado lamentável, cobre todo espaço disponível das paredes.

O espaço para os livros é tão precioso que Leite e a companheira, Maria da Penha, se mudaram para um quatinho nos fundos. "Este é o único espaço que temos para dormir. Os livros nos chutaram para fora. Se não tomarmos cuidado, vão nos chutar para fora deste quatinho também".

Um grande cartaz pintado à mão no telhado da casa anuncia: Biblioteca Comunitária, Rua 18. O que Maria da Penha e Leite fizeram é notável quando se considera o desafio que é criar o hábito da ler num país com um dos níveis mais baixos de leitura do mundo. O americano e o inglês médios lêem 5 livros por ano. Na França, 7. No Brasil, menos de 2.

Os brasileiros são prejudicados pela falta de acesso. Autoridades dizem que quase 1 mil dos 5.500 municípios do País não têm biblioteca pública. Um estudo de 2001 estima que 16% da população tem 75% de todos os livros no Brasil. Além disso, o analfabetismo continua alto, com 16 milhões de brasileiros com mais de 15 anos incapazes de ler ou escrever.

O governo brasileiro lançou uma série de iniciativas para melhorar a situação, inclusive com redução de impostos e campanha para criar bibliotecas. Mas Leite e Maria da Penha não quiseram esperar.

**O GLOBO 15 de outubro de 2008 – O País pag. 13**

Ministro da Cultura visita biblioteca que poeta criou na palafita onde vive.

**Ministro da Cultura visita biblioteca que poeta criou na palafita onde vive**

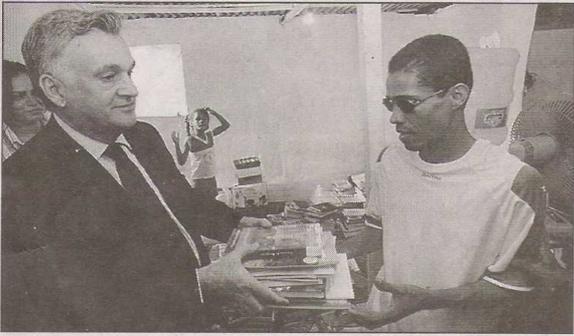
Morador de favela de Recife não aceita transferir a 'livroteca' de lugar

Hans von Manteuffel

Leticia Lins

• RECIFE. "A dor é aqui. Não adianta levar analgésico para outra rua não. A livroteca tem que ficar na palafita mesmo." Foi com essas frases curtas que Ricardo Gomes Ferraz, o Kcal Gomes, reagiu à oferta de ajuda do ministro da Cultura, Juca Ferreira, para que a livroteca Os guardiões fosse transferida de uma palafita na beira do mangue para uma casa que não oferecesse risco aos frequentadores.

O encontro aconteceu ontem à tarde. De um lado, o ministro. Do outro, o morador da favela que, por conta própria, transformou a palafita em que morava numa biblioteca informal para seus vizinhos, no Bode, comunidade localizada no bairro do Pina, que oferece um futuro som-



O MINISTRO da Cultura faz uma doação ao poeta "traficante de livros"

...bri para suas crianças e adolescentes devido à violência.

A saga do "traficante de livros", como Kcal prefere se definir, foi revelada no "Jornal do Commercio", de Recife, e no GLOBO. A divulgação do trabalho do voluntário terminou motivando novas doações de livros, que já somam mais de mil. Um acervo que começa a ficar pequeno para caber na palafita tão precária, que ontem impôs um limite à comitiva oficial: por medida de segurança, foram poucas as autoridades que tiveram acesso à biblioteca. ■

# O jumento que leva livros a crianças

Charrete da Leitura socializa biblioteca em cidades de Pernambuco

Letícia Lins

Enviada especial

● SÃO JOSÉ DA COROA GRANDE (PE). Livro com jerico. A receita pode parecer inusitada, mas é isso o que está acontecendo no município de São José da Coroa Grande, onde a Charrete da Leitura, puxada pelo jumento Traquino, tem feito a festa da criançada da rede pública de ensino. Pouco a pouco, seja nas praças ou nas salas de aula, elas começam a despertar para a importância e o prazer de ler um livro. Tudo por causa da iniciativa da Escola Municipal João Francisco de Melo, que está socializando seu acervo de 3.200 volumes com as outras unidades do município, onde, das 17 oficiais, apenas quatro têm biblioteca (três municipais e uma estadual).

Para levar os livros até as outras escolas, no entanto, é preciso transporte. Foi escolhido o mais barato, no caso o jumentinho, que custa apenas R\$ 50 mensais em "combustível" (capim) à prefeitura. Por mês são dez viagens, animadas pelo palhaço Leiturinha (o aluno Girlan de Oliveira Souza, de 16 anos), por 20 alunos que se deslocam até outras escolas e pela professora Mônica Oliveira, há 20 anos ensinando no litoral sul do estado e há quatro como gestora do colégio. Professora de língua portuguesa e amante da literatura, ela vivia preocupada com a falta de motivação para a leitura não só entre os estudantes, mas até mesmo no meio das colegas.

— Eu sempre achei que tinha que haver uma forma diferenciada de fazer o livro andar, fosse um baúzinho no bagageiro de uma bicicleta ou em um cestinho. Mas, quando eu estava pensando nisso, passou uma carroça

puxada por um jumento, e achei que a solução era aquela. Pedimos ajuda à prefeitura, que resolveu bancar o projeto ajudando nos custos do animal. Hoje, quando paramos em uma escola e levamos as crianças à praça, elas se deleitam. Tiram os livros da charrete, folheiam, lêem — conta Mônica, enquanto Leiturinha motiva duas turmas para a leitura na Escola Municipal Ruy Aires Belo.

Pequeno, o prédio tem apenas quatro salas e 182 alunos. Não há como ampliar a escola, onde não há biblioteca.

Depois de motivadas, as crianças vão às ruas, acompanhando Traquino e a caravana de animadores culturais.

— É por isso que cada vez gosto mais desse projeto. Quanto mais os alunos se interessam pela leitura, melhor fica a aprendizagem — conta Juliana Maria do Nascimento, gestora do colégio.

"Au, au, au, a leitura é legal", conclama Leiturinha, conversando com as crianças e chamando-as para a praça, onde elas poderão ter acesso ao livro que quiserem. O sol está causticante, mas o fascínio pelos livros é tão grande

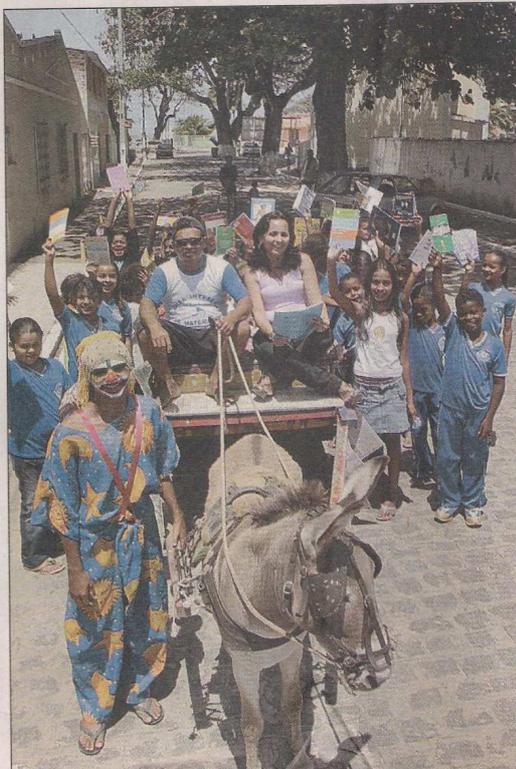
que as crianças não reclamam do calor. Adultos começam a se aproximar e pedem revistas. Doadas mensalmente pelo Sesi, elas são distribuídas como brindes, enquanto os alunos discutem os livros uns com os outros.

Mônica afirma que não fez estudos para avaliar o resultado da iniciativa. Mas enumera as mudanças. Crianças que muitas vezes passavam o ano apenas com os livros didáticos agora não param de ler. Há até as que, motivadas, começaram a escrever. Foi o que aconteceu com Maria Taísa de Lima e Silva, de 12 anos, e Ajenice da Rocha Wanderley, de 11. Taísa já leu 14 livros este ano, e Ajenice dobrou a quantidade que lia antes. As duas despertaram o gosto pelos versos e já são consideradas na João Francisco de Melo como duas pequenas poetisas.

— Sempre gostei de ler. Com a charrete da leitura desenvolvi mais, comecei a ler mais do que antes — diz Ajenice, que cursa a 4ª série.

Taísa é filha de pai com pouca leitura e mãe totalmente analfabeta.

— Acho que a charrete é um grande incentivo. Eu passei a ler mais depois dela.



Hans von Manteuffel

A CHARRETE usada por Mônica para levar livros às crianças

O Globo – O País – 16/09/2007

O Estado de São Paulo – Metrópole – 12/10/2007

## Crianças que querem fazer a diferença

Elas pensam em política e solidariedade

Marici Capitelli e Fernanda Aranda, SÃO PAULO

Eles são diferentes. Ou melhor, fazem a diferença na comunidade em que vivem. São crianças que, como as demais, gostam de brincar e fantasiar. Só que, além disso, também fazem por vontade própria ações para transformar a sociedade. Costumam surpreender os pais com suas preocupações sociais.

“Estou convencendo as minhas amigas que precisamos pintar as paredes da escola que estão sujas e horríveis. Dá vergonha de estudar lá.” Quem está mobilizando a turma para a limpeza de uma escola estadual no centro é Nathália Rodrigues Abreu. A idade da organizadora: 7 anos. Um dos seus assuntos favoritos é política. “Gostaria de conversar com o José Serra para investir mais em educação.” O presidente Lula não escapa: “Ele diz que governa para pobres. Mas quantas crianças estão nas ruas?”

Já às terças nem adianta convidar Gregório Camacho Marin, de 12 anos, para a pelada de futebol. O dia está reservado para o trabalho voluntário que o garoto realiza há dois anos na creche Miguel Franchini Neto, Zona Sul. “Eu venho aqui e me divirto tanto! Brinco com eles e o meu maior prêmio é ver tantos sorrisos estampados ao mesmo tempo.” Gregório estuda no colégio particular Magno e foi lá que foi convidado a destinar uma parte da sua semana para fazer o bem.

Enquanto a maioria das crianças passa horas na frente da TV ou do computador, Gabriela Moura, de 9 anos, faz algo bem diferente: é militante dos direitos dos animais. Ela recolhe assinaturas para que a Organização das Nações Unidas (ONU) reconheça os direitos dos bichos, frequenta feiras de adoção de cães e gatos e cuida da bicharada que resgata da rua. Na escola, onde cursa a 3ª série, ainda causa polêmica. Em discussões sobre rodeios, faz questão de mostrar aos amigos que não é justo divertir-se às custas do sofrimento dos animais.

## SOCIEDADE



NOVAS INSTALAÇÕES - Ondina Rodrigues diante das estantes de aço doadas

EPITÁCIO PESSOA/AE

# Aposentada amplia farmácia comunitária no quintal de casa

## Demanda e exigências da Vigilância levaram à reforma

**D**epois que a iniciativa da aposentada Ondina Terezinha Maneli Rodrigues, de 73 anos, de juntar sobras de remédios para atender quem precisasse, foi publicada pelo **Estado**, no final do ano passado, ela passou a receber doações até pelos Correios e a clientela cresceu - em agosto, 484 pes-

soas foram a sua casa, na periferia de Sorocaba, em busca de remédios de graça. Cresceu tanto que a Vigilância Sanitária exigiu dela uma readequação da antiga farmacinha no fundo do quintal. Com novas instalações, a iniciativa comunitária virou modelo para outras cidades.

"Veio muita gente visitar e fui franca: é preciso dedicação e, às vezes, pôr a mão no pró-

prio bolso." Ela agora levanta às 5 da manhã, faz as tarefas de casa e, uma hora depois, está de plantão ao lado do telefone. A clientela - idosos, aposentados, mulheres com crianças, trazendo à mão uma ou mais receitas - começa a chegar antes das 7.

Ondina atravessa a rua e vai chamar a vizinha Adriana Feitosa, farmacêutica voluntária. O aposentado Durvalino Lourenço-

ni, de 68 anos, tomou três ônibus para chegar. Conseguiu 5 caixas de remédio para o coração - 60 comprimidos que custariam pelo menos R\$ 125, muito para a aposentadoria de R\$ 830. "Deus te abençoe!", agradece, comovido.

Tadeu Dorival Celestino, de 54 anos, sofre de problemas no coração e no pulmão. Aposentado por invalidez, recebe meio salário mínimo de pensão. "Rodei a cidade toda e, nada. Na farmácia da Faculdade de Medicina, falaram da dona Ondina." Ele traz um calhamaço de receitas. A farmacêutica ajuda a separar os remédios. "Que graça a senhora vai receber no céu!", exclama. "Não faço pensando no céu, mas nos que estão aqui na Terra", responde ela.

Há 20 anos, Ondina junta e distribui sobras de remédios. Com as exigências da Vigilância, pensou em parar. Mas saiu em busca de ajuda. O Sindicato dos Condutores de Sorocaba bancou a reforma e um empresário deu as estantes de aço. Duas pessoas se ofereceram como voluntárias para recolher doações. A farmacêutica organizou os remédios nas estantes. Ondina atende até à noite e clientes de outras cidades. Só pede que telefonem antes para checar se tem o remédio no estoque. O telefone é (xx15) 3233-7446. ●

**José Maria Tomazela**  
SOROCABA

**O estado de São Paulo A14 08/09/2007**

**Mostra canadense abre as portas da percepção**

Inside, no Paço das Artes, usa eletrônica para ativar sentidos

Antonio Gonçalves Filho

É a primeira parceria do Paço das Artes com o grupo canadense Molior, de Montreal, e já vem na contramão da recente mania de transformar exposições em espetáculos. A mostra Inside, aberta hoje ao público, reúne oito artistas pesquisadores de mídias

eletrônicas que assinam seis instalações nada espetaculares. Ao contrário. Há até uma delas, Data, que opera com nanotecnologia e microscópios eletrônicos em busca do infinitesimal. Numa sociedade em que imagens eletrônicas servem à indústria de entretenimento ou ao controle policial de seus cidadãos, a exposição propõe um olhar interiorizado, distante da superficialidade de telões eletrônicos em espaços públicos. Ou, como diz a curadora canadense Sylvie Parent, tudo o que esses oito artistas querem é provocar a participação interativa do público preservando seu espaço íntimo.

De fato, todas as seis instalações pedem um "interator" disposto a uma experiência de autoconsciência, a começar pela instalação criada por Alexandre Castonguay, Digitale, em que uma antiga máquina fotográfica, adaptada para registrar imagens em vídeo (exibidas numa tela tátil), leva o espectador a um estado de estupefação diante de sua silhueta em preto-e-branco, que desaparece gradualmente diante de seus olhos. Funciona mais ou menos como um "fade-out" da memória, apagando os vestígios dessa imagem como num cérebro que morre .

Após esse choque, o espectador estará apto a ver a instalação Perversely Interactive System, da dupla formada por Lynn Hughes e Simon Laroche. Nela, entra-se em contato com um ser virtual graças a um dispositivo de biofeedback. Uma interface sensível ao toque mede a resistência elétrica da pele do espectador que, dependendo de seu nível de estresse, estará ou não habilitado a integrar com o "outro" virtual - uma mulher que se aproxima ou se afasta da superfície da tela atraída pela descontração do operador. Lynn Hughes é ligada à área de humanas (literatura, filosofia), o que explica essa referência às questões filosóficas da ficção de Philip K. Dick e sua associação com o designer interativo Simon Laroche, colaborador habitual de diretores teatrais e cineastas do Canadá.

O "interator" pode, ainda, transformar-se numa torre móvel de captação e transmissão de imagens na mostra Inside. Basta entrar na instalação Habitgram, de uma artista conhecida apenas como "beewoo" (com minúscula, como o poeta e.e. cummings). Concebido como um casaco que traz embutidas minicâmeras de vídeo, o Habitgram leva o espectador a um delírio labiríntico ao se ver cercado por projeções do ambiente real em que está imerso, tentando redefinir o que vê à frente.

"As obras da exposição usam meios que afirmam o espaço interior como um espaço inviolável, mas elas não se referem apenas à espacialidade", observa a curadora, destacando a experiência temporal desse processo de interiorização, particularmente em instalações como RedTV, de Bradd Todd. Nela, um sinal de transmissão televisiva, mal captado pelos sentidos, dá origem a um programa de imagens evasivas. Figuras se movem e desaparecem nessa fantasmagoria produzida por um desvio de percepção. Ele é produto do confronto entre o tempo real de projeção e os rastros deixados pelo desenho computadorizado. Proustiano até a medula.

Se a instalação de Brad Todd conduz a um jogo de memória baseado em combinações telemáticas, o professor de Artes Visuais da Universidade de Quebec, Jean Dubois, propõe, com sua instalação interativa Tact, que o espectador entre em contato com um personagem virtual anônimo por meio do toque. O efeito lembra muito o do menino que, no filme Persona, de Bergman, tenta alcançar a imagem projetada da mãe, com a diferença que, aqui, o espectador tem total controle sobre o personagem, pagando por isso o preço de ver

sua imagem refletida num espelho circular. Detalhe: ele registra todas as nuances do seu comportamento.

Finalmente, em Data, da dupla Gisèle Trudel e Stéphane Claude, imagens obtidas por meio de microscópios eletrônicos levam o espectador a explorar a matéria, a exemplo dos clássicos de ficção. Como contraponto da exposição, o mesmo Paço abre hoje a mostra Oidaradio, em que artistas visuais criam obras para serem ouvidas.

#### Serviço

Inside. Oidaradio. 14 h/18 h (fecha aos sábados e domingos). Grátis. Até 30/5Paço das Artes. Cidade Universitária. Av. da Universidade, 1. tel. 3814-4832 3.ª a 6.ª, 11h30/19 h (sáb., dom. e feriados, 12h30 às 17h30). Grátis. Até 20/7.

### **FERREIRA GULLAR FSP 20-04-08**

#### O cachorro como obra de arte

A arte de vanguarda, que nasceu contra a institucionalização, é refém da instituição

Em 2007, um costarrriquenho, que se diz artista e se chama Guillermo Habacuc Vargas, pegou na rua um cão vira-lata, amarrou-o numa corda e o prendeu à parede de uma galeria de arte, onde o animal ficou definhando até morrer de fome.

Tratava-

se, segundo ele, de uma "instalação perecível", uma obra de vanguarda. Pois bem, para o espanto das pessoas que já se tinham revoltado com a crueldade de Habacuc, a Bienal de Arte Centro-Americana de Honduras acaba de convidá-lo para dela participar com a referida

"obra" e concorrer a um dos prêmios do certame.

Será tudo isso verdade ou apenas uma "pegadinha"? Custa crer que o dono de uma galeria de arte permita que um exibicionista pirado amarre ali um pobre cão e o deixe morrer de inanição. Como se deu a coisa? O animal urinava e cagava preso à parede, ganindo desesperado? As pessoas iam assistir a esse espetáculo de sadismo e ninguém se revoltou nem nenhuma sociedade protetora dos animais protestou? A possibilidade de ter o cão morrido sem que ninguém tenha sabido está fora de questão, uma vez que o objetivo desse tipo de "autor" é precisamente chamar a atenção sobre si, já que nenhum outro propósito pode ser considerado. Mais surpresa causa ainda a notícia de que a Bienal de Honduras o tenha convidado a repetir, nela, aquele mesmo espetáculo de crueldade e sadismo.

Não obstante, essa informação está em vários sites, e surgiu até um movimento de protesto -um abaixo-assinado- para impedir que a Bienal mantenha o convite. Se o que Habacuc queria era escandalizar e ganhar notoriedade, conseguiu, ainda que a notoriedade própria aos torturadores e carrascos.

Não obstante, apesar da repercussão que o cerca, esse fato não é tão novo assim. Sem a mesma dose de cocô e urina nem a mesma animalidade, outras "obras" e atitudes ocorridas antes são reveladoras do impasse a que chegaram a arte dita de vanguarda e as instituições que a exibem, particularmente as Bienais. Uns poucos anos atrás, um gaiato enviou para a Bienal de São Paulo, como sua obra, a seguinte proposta: abrir uma segunda porta na

exposição por onde as pessoas entrariam sem pagar. Não podia ser aceita, pois implicaria sério prejuízo ao certame, mas também não poderia ser rejeitada, porque, sendo a Bienal "de vanguarda", tal rejeição comprometeria sua imagem.

Em face disso, adotou-se a seguinte solução: improvisar, nos fundos do prédio, uma portinha meio secreta, garantida por um guarda que a manteria aberta por apenas uma hora e só permitiria a entrada de dez visitantes, no máximo. E assim as coisas se acomodaram, salvando-se a audácia do artista e o caráter vanguardista da instituição. Pode ser que me engane, mas a impressão que tenho é de uma luta farsesca entre falsos inimigos que necessitam um do outro para existir: sem o espaço institucional (galeria, museu, Bienal), não

existe a vanguarda e, sem a vanguarda, não existem tais instituições. E a gente se pergunta: mas a vanguarda não nasceu contra a arte institucionalizada? Pois é...

Voltemos ao cachorro. O tal Habacuc pegou o cachorro na rua e o levou para a galeria de arte a fim de fazer dele uma "instalação perecível", ou seja, uma obra de arte. Se o tivesse levado para um galpão qualquer e o deixasse lá morrendo de fome, ele não passaria de um pobre vira-lata vítima de um maluco. Mas, como o Habacuc é artista -ou se diz-, levou-o para uma galeria de arte e aí o pobre cão, de cão virou instalação, por obra e graça do espaço em que o puseram para morrer. Esse é um dado que os críticos de arte (também de vanguarda) teimam em ignorar, ou seja, que, nessa concepção estética, é o espaço institucional que faz a obra: por exemplo, um urinol igualzinho ao de Duchamp, se estiver no

Pompidou, é arte; se estiver no banheiro de um boteco, é urinol mesmo, pode-se mijar nele à vontade.

É, portanto, diferente da Mona Lisa, que depois de roubada do Louvre, em 1911, e levada para um quarto de hotel na Itália, continuou a obra-prima que sempre foi. É que a chamada arte conceitual dispensa o fazer artístico e afirma que será arte tudo o que se disser que é arte, mas desde que o ponham numa galeria ou numa Bienal.

Ou seja, a essência da arte de vanguarda, que nasceu contra a institucionalização da arte, é contraditoriamente, a instituição; não está nas obras e, sim, no espaço institucionalizado em

que ela é posta. Talvez por isso, a próxima Bienal de São Paulo não terá obras de arte: exibirá apenas o espaço institucional vazio, que as dispensa.

## **O Estado de São Paulo**

### **Silêncio feito de denúncia e indignação**

Reisewitz usa a fotografia para apontar a barbárie e o descaso com a natureza

Maria Hirszman

Paradoxais, as fotografias de Caio Reisewitz aliam forças antagônicas para tratar de questões do mundo das artes e do mundo dos homens. Ao mesmo tempo que são profundamente silenciosas, negam a velocidade e a potência significativa do fragrante, elas destilam uma profunda indignação contra a barbárie econômica e o descaso em relação ao nosso patrimônio natural. Atemporais, elas denunciam, por meio do título e das imagens registradas, o local preciso em que se deu aquele encontro entre o olhar do fotógrafo e a natureza - preservada ou devastada -, num jogo de interessante e instável equilíbrio. Como define o artista, estas "não são fotografias de oportunidade".

Não há diferença no tratamento da cena. Seja na bucólica e irreal Goiânia Golf Club ou na trágica imagem aérea da represa de Guarapiranga, temos diante dos olhos imagens de grande requinte técnico. Feitas com câmaras de grande formato e negativos de chapa, essas fotografias são resultado de um grande esforço compositivo. E, no entanto, primam por uma grande neutralidade. "Procuro deixar o objeto falar por si só, sem inventar perspectivas malucas", afirma o artista, acrescentando que essa busca de neutralidade, de atemporalidade, a exploração de uma luz e de um enquadramento cuidadosamente "neutro" acaba adquirindo muitas vezes um caráter provocativo. "Tem gente que se irrita porque não vê minha ação", conta. Outros buscam pistas de um processo de trucaagem com o computador, que não existe.

A qualidade impecável da imagem, o caráter muitas vezes sublime das composições, o respeito aos cânones do gênero da paisagem contribuem para esse estranhamento, para essa sensação de irrealidade provocada pelas imagens, expressões simultâneas da cena cotidiana do século 21 e da tradição da representação idílica da natureza, típica da pintura romântica do século 18 e 19. "Sou um artista que trabalha com fotografia", explica Reisewitz, enfatizando dessa forma a importância da tradição pictórica, em especial do gênero paisagístico, em sua produção. Um exemplo bastante interessante desse embate entre a escola européia, mais melancólica, e a realidade brasileira, é a tela *Mata Reduzida a Carvão*, pintada por Felix Émile Taunay em 1830, na qual vemos o avançar da destruição da mata virgem, a ação civilizatória e economicamente predatória.

Reisewitz propõe quase que uma releitura desse confronto, isolando de maneira mais radical os elementos em jogo. O fato de não haver pessoas nas cenas de Reisewitz é algo bastante significativo. A ausência dos personagens dessa história só faz reforçar a melancolia e o efeito de distanciamento, que ao mesmo tempo atenua e consolida a denúncia. Afinal, se o autor da destruição não está lá, não podemos transferir ao outro a culpa pelo estado de coisas, só nos restando questionar a nós mesmos. Trata-se, assim, de imagens que falam de gente sem mostrar gente, composições que eliminam os ruídos a ponto de excluir qualquer luz mais intensa ou qualquer referente mais explícito dando forma a um vazio eloquente.

#### Serviço

Caio Reisewitz. Galeria Brito Cimino. Rua Gomes de Carvalho, 842, Vila Olímpia, telefone 3842-0635. Terça a sexta, das 10 horas às 19 horas; sábado, das 11 horas às 17 horas. Até 31/5. Abertura prevista para hoje, às 19 horas

Os colecionadores que estão pensando em comprar uma obra do jovem artista plástico Caio Reisewitz, é melhor se apressarem. A estrela do rapaz sobe a grande velocidade. Sua agenda para os próximos dias e meses é a seguinte: amanhã, ele abre a individual *Você Não Está Sozinho*, na Galeria Brito em São Paulo; na quinta, abre a mostra *Alegoria Barroca* na Arte Contemporânea, no CCBB do Rio. Em seguida parte para a Bienal de Veneza, que será aberta em junho, com seis importantes trabalhos da série *Utopias Ameaçadas* que vão dividir o pavilhão brasileiro no Centro dos Giardini com as obras do grupo *Chelpa Ferro*. Depois, Milão, Frankfurt, Recife e Buenos Aires no Museu de Belas Artes. Ou seja...

Jornal O Estado de São Paulo - 22/5, Caderno 2 – Coluna Persona (Cesar Giobbi).

## Biografia

Caio Christian Reisewitz (São Paulo SP 1967). Fotógrafo. Forma-se em comunicação visual na Faap em 1989. No início dos anos 90 vai para Alemanha, onde frequenta a Escola Superior de Artes de Darmstadt. Entre 1992 e 1997, estuda artes plásticas pela Universidade de Mainz, Alemanha, especializando-se em fotografia. Realiza, em 2001, Workshop na Oficina Cultural Oswald de Andrade.

Informações detalhadas sobre a vida e obra do artista estão publicadas em diferentes sites.

Atualmente, Caio expõe seus trabalhos na **51ª Bienal de Veneza.- Pavilhão do Brasil.**

Veja detalhes clicando no link.

<http://www.goethe.de/br/rio/prpbienalvенеza.htm>



Works 2003

### **Minas cria rede de escolas sobre meio ambiente**

### **Unesco e Conselho Mundial das Águas apóiam projeto que começa com 30 unidades em locais estratégicos**

*João Domingos, BRASÍLIA*

O Estado de Minas dará início amanhã a um projeto que pretende instalar 30 escolas de educação ambiental, num primeiro momento, e 55 até o fim deste ano. “Queremos que as escolas sejam frequentadas por pessoas de todas as idades”, explica o subsecretário estadual de Ciência e Tecnologia, Otávio Elízio.

Cada uma das escolas ambientais terá capacidade para atender até 300 alunos, que terão ensino à distância e também na presença do professor, sempre um técnico selecionado de algum órgão que trabalhe com o meio ambiente.

A idéia recebeu o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e do Conselho Mundial de Águas, que está lançando a campanha “Água para a paz e para a vida”, com o objetivo de resolver conflitos entre países que disputam as mesmas fontes aquíferas.

Há um mês, cerca de 400 cientistas que participaram da segunda parte do relatório do

Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), em Bruxelas, concluíram que mais de 1 bilhão de pessoas poderão sofrer com a falta de água em um futuro próximo e que as populações mais pobres do mundo serão as mais afetadas pelo aquecimento global.

## **BACIAS HIDROGRÁFICAS**

A Rede Mineira de Educação Ambiental prevê a criação de centros de educação em meio ambiente nas localidades próximas às diferentes bacias hidrográficas de Minas. A princípio, pretende oferecer aos alunos de qualquer idade noções de preservação do meio ambiente como fator de melhoria das condições sociais. Em seguida, de acordo com Otávio Elízio, com a experiência que tiverem adquirido, os alunos poderão trabalhar em projetos produtivos que se sustentem a longo prazo e sem que o meio ambiente seja degradado.

Na primeira fase de implantação do projeto de escolas ambientais, o governo de Minas pretende usar também a rede de universidades federais, estaduais e particulares, além de autarquias como a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-MG), a Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) e a Companhia de Saneamento do Estado (Copasa), informa Elízio.

Segundo os idealizadores do programa, esses prédios públicos e privados têm condições de oferecer a infra-estrutura para as escolas, pois boa parte das aulas será feita por videoconferência.

## **NO CURRÍCULO ESCOLAR**

Como o tema ambiental hoje ganhou grande importância no Brasil e no mundo, a Câmara dos Deputados poderá votar projeto de lei que tornará obrigatória em todo o País a educação ambiental. De acordo com o vice-presidente da Câmara, Narcio Rodrigues (PSDB-MG), a Mesa Diretora da Casa já decidiu encomendar estudos sobre a mudança.

Assim, é provável que dentro de dois ou três anos os alunos do ensino básico e fundamental já venham a estudar matérias sobre meio ambiente.

A Câmara pretende, ela mesma, ter maior participação no tema ambiental. No mês passado, Rodrigues foi enviado a Moscou e a Paris para encontros com Mikhail Gorbachev, ex-presidente da extinta União Soviética (URSS), que hoje preside a Green Cross, uma entidade voltada para temas de meio ambiente, e com Bertrand Charrier, dirigente do Conselho Mundial de Águas.

Rodrigues, que é ligado politicamente ao governador de Minas, Aécio Neves (PSDB), aproveitou para falar do projeto de criação das escolas ambientais, além de recolher, com os dois dirigentes, experiências implantadas em outros países que possam ser utilizadas no Brasil.

“O mundo todo tem grande interesse no Brasil e na América Latina por causa, principalmente, da Amazônia e da grande quantidade de água que há por aqui”, diz o

deputado.

Segundo ele, numa dessas reuniões, um dirigente lhe disse que a Unesco tem trabalhado em uma estratégia especial para a América Latina, visto que na região está 26% da água potável do globo, mas apenas 6% da população mundial.

## **O Estado de São Paulo – Caderno 2 - 07/06/2007** **Pensar com os sentidos e sentir com a mente**

### **Esse é o tema genérico da 52.<sup>a</sup> Bienal de Veneza, que a partir desta semana vai apresentar a arte do presente**

*Camila Molina*

Pense com os Sentidos, Sinta com a Mente. Sob esse tema genérico, com o subtítulo A Arte do Presente, a 52<sup>a</sup> Bienal Internacional de Arte de Veneza, a mostra mais tradicional do mundo, começa hoje a ser inaugurada - até sábado para os convidados e no domingo para o grande público (nesse dia, pela manhã, ocorrerá a cerimônia de entrega do Leão de Ouro para o fotógrafo africano Malick Sidibé). 'Acho muito conveniente falar do presente, tão vertiginoso no âmbito cultural', diz o artista carioca Waltercio Caldas, que participa da exposição como um dos artistas convidados pelo curador-geral da 52<sup>a</sup> Bienal de Veneza, o americano Robert Storr. 'Ele quis enfatizar uma arte feita para um momento essencial, não a feita para o futuro nem para o passado. É uma curadoria que me interessa porque faço uma diferença entre arte e cultura: arte produz um tempo, a cultura sofre o tempo', continua o artista, um dos principais nomes da arte contemporânea brasileira.

A 52<sup>a</sup> Bienal de Veneza conserva seu modelo tradicional: é formada por uma mostra central, com curadoria de Robert Storr, que ocupa o Pavilhão Itália e o Arsenale, e pelas representações nacionais nos Giardini - 77 países fizeram suas próprias escolhas de representantes, inclusive o Brasil, pela Fundação Bienal de São Paulo. No Pavilhão Brasil estarão as obras do carioca José Damasceno e da dupla de gaúchos que vive em Paris Angela Detanico e Rafael Lain, selecionados por Jacopo Crivelli Visconti, da Fundação Bienal de São Paulo, instituição que desde 1983 faz a curadoria da representação brasileira em Veneza.

Ainda dentro do projeto curatorial de Storr estão a inclusão do Pavilhão Turquia e a realização da mostra sobre arte contemporânea africana Check List Luanda Pop, com obras da Coleção Sindika Dokolo, de Luanda, Angola, selecionadas por curadores convidados. Robert Storr, que entre 1990 e 2002 foi responsável pelo departamento de pinturas e esculturas do Museu de Arte Moderna de Nova York ( MoMA), é o primeiro americano a assinar a curadoria da Bienal de Veneza, que na sua edição anterior, teve pela primeira vez, também, uma novidade: uma curadoria assinada por duas mulheres, as espanholas Maria de Corral e Rosa Martinez.

Há mais de 15 dias Waltercio Caldas chegou à cidade italiana para preparar a obra Half Mirror Sharp (Meio Espelho Sustenido), seu trabalho inédito para a 52<sup>a</sup> Bienal de Veneza, instalado no Pavilhão Itália. O 'ambiente' - e não instalação - de Waltercio é formado por

cinco esculturas 'relacionadas como uma seqüência de partitura musical', como diz o artista. Segundo Waltercio, os intervalos entre os elementos da obra - feitos com vidros, aço inox, fios de lã, pedras e adesivos, nas cores vermelho, abóbora, bege, preto, verde e azul -, suas distâncias que, na verdade, se transformam em 'intervalos óticos' nessa 'música para os olhos', também são considerados materiais. O trabalho se faz da relação entre todos - como numa composição musical de notas e intervalos para o espectador 'sentir-se envolvido'.

Para Waltercio Caldas, que participou também da 47ª Bienal de Veneza, em 1997, 'a principal função do artista é melhorar a qualidade do desconhecido', o que está implícito no tema desta edição da mostra: unir o pensamento e o sentimento ('não a sentimentalidade').

Para o paulista Iran do Espírito Santo, também entre os artistas convidados de Storr para o evento, mesmo 'com todos os problemas da instituição e com a crise das bienais, a Bienal de Veneza é certamente a que tem maior público e que provoca mais debate', isso possibilitado pela extensa duração da mostra, que vai até 21 de novembro. Iran exhibe em uma sala do Pavilhão Itália um desenho e uma pintura de grandes dimensões, feitas sobre as paredes, e quatro esculturas de granito, que 'representam sucessivamente uma cerca de alambrado, um muro e vidros quebrados'. 'A relação do meu trabalho com a idéia da mostra creio ser bastante clara. Apesar de meu trabalho ter uma verve bastante racional, a origem dele sempre se dá de maneira intuitiva e sensível', afirma o artista. 'Outra questão é a de que esta bienal é bastante 'visual', o que retoma, a meu ver, a razão de ser da arte.'

## **HOMENAGEM**

'Com um punhado de exceções, todos os artistas incluídos estão vivos e ativos. Diferentes em origem e em pontos de vista temporais, são eles que conjugam o presente da arte um para o outro - e para nós', escreve Robert Storr em texto de apresentação. Mas o curador criou uma seção especial como homenagem a artistas que tiveram morte prematura e inesperada, embora tenham deixado uma obra viva na atualidade, e dentro desse sentido o brasileiro Leonilson (1957-1993) foi selecionado para ser representado ao lado do cubano-americano Felix Gonzalez-Torres, do alemão Martin Kippenberger e do francês Philippe Thomas. 'A nossa escolha ficou com trabalhos que, de alguma forma, aludiam ao auto-retrato. O curador acabou por optar por quatro obras em que o texto e a figura estão evidentes', conta Ricardo Resende, que faz parte do Projeto Leonilson, com sede em São Paulo.

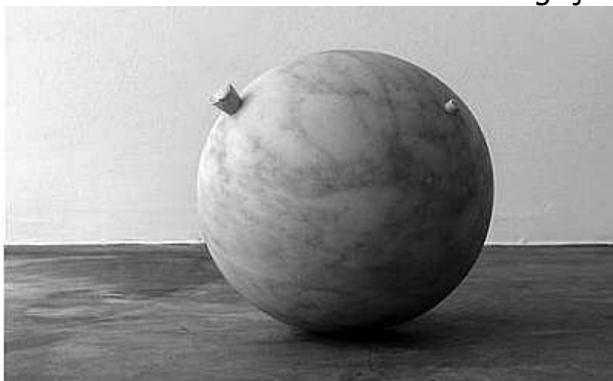
Ao mesmo tempo, na mesma 52ª Bienal de Veneza em que participam nomes de destaque do cenário mundial, como Louise Bourgeois, Daniel Buren, León Ferrari, Jenny Holzer, Ilya e Emilia Kabakov, Sol LeWitt (1928-2007), Bruce Nauman, Sigmar Polke e Gerhard Richter, ainda conta com os brasileiros Elaine Tedesco, Paula Trope e os meninos do Grupo do Morrinho, do Rio.

06 de junho de 2007 - 17:48

Bienal de Veneza apresenta sua arte do presente  
Começa nesta quinta-feira, para convidados, com o tema genérico *Pense com os Sentidos, Sinta com a Mente*, a 52.ª edição da mostra mais tradicional do mundo

**Camila Molina**

Divulgação



Escultura *Viagem à Lua*, de José Damasceno

**Veja também**

☒ [Galeria de fotos](#)

*SÃO PAULO - Pense com os Sentidos, Sinta com a Mente. Sob esse tema genérico, com o subtítulo A Arte do Presente, a 52.ª Bienal Internacional de Arte de Veneza, a mostra mais tradicional do mundo, começa nesta quinta-feira, 7, a ser inaugurada - até sábado para os convidados e no domingo para o grande público (nesse dia, pela manhã, ocorrerá a cerimônia de entrega do Leão de Ouro para o fotógrafo africano Malick Sidibé). "Acho muito conveniente falar do presente, tão vertiginoso no âmbito cultural", diz o artista carioca Waltercio Caldas, que participa da exposição como um dos artistas convidados pelo curador-geral da 52.ª Bienal de Veneza, o americano Robert Storr. "Ele quis enfatizar uma arte feita para um momento essencial, não a feita para o futuro nem para o passado. É uma curadoria que me interessa porque faço uma diferença entre arte e cultura: arte produz um tempo, a cultura sofre o tempo", continua o artista, um dos principais nomes da arte contemporânea brasileira.*

*A 52.ª Bienal de Veneza conserva seu modelo tradicional: é formada por uma mostra central, com curadoria de Robert Storr, que ocupa o Pavilhão Itália e o Arsenale, e pelas representações nacionais nos Giardini - 77 países fizeram suas próprias escolhas de representantes, inclusive o Brasil, pela Fundação Bienal de São Paulo. No Pavilhão Brasil estarão as obras do carioca José Damasceno e da dupla de gaúchos que vive em Paris Angela Detanico e Rafael Lain, selecionados por Jacopo Crivelli Visconti, da Fundação Bienal de São Paulo, instituição que desde 1983 faz a curadoria da representação brasileira em Veneza.*

*Ainda dentro do projeto curatorial de Storr estão a inclusão do Pavilhão Turquia e a realização da mostra sobre arte contemporânea africana Check List Luanda Pop, com obras da Coleção Sindika Dokolo, de Luanda, Angola, selecionadas por curadores convidados. Robert Storr, que entre 1990 e 2002 foi responsável pelo departamento de pinturas e esculturas do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), é o primeiro americano a assinar a curadoria da Bienal de Veneza, que na sua edição anterior, teve pela primeira vez, também, uma novidade: uma curadoria assinada por duas mulheres, as espanholas Maria de Corral e Rosa Martinez.*

*Há mais de 15 dias Waltercio Caldas chegou à cidade italiana para preparar a obra Half Mirror Sharp (Meio Espelho Sustenido), seu trabalho inédito para a 52.ª Bienal de Veneza, instalado no Pavilhão Itália. O "ambiente" - e não instalação - de Waltercio é formado por cinco esculturas "relacionadas como uma seqüência de partitura musical", como diz o artista. Segundo Waltercio, os intervalos entre os elementos da obra - feitos com vidros, aço inox, fios de lã, pedras e*

*adesivos, nas cores vermelho, abóbora, bege, preto, verde e azul -, suas distâncias que, na verdade, se transformam em "intervalos óticos" nessa "música para os olhos", também são considerados materiais. O trabalho se faz da relação entre todos - como numa composição musical de notas e intervalos para o espectador "sentir-se envolvido".*

*Para Waltercio Caldas, que participou também da 47.<sup>a</sup> Bienal de Veneza, em 1997, "a principal função do artista é melhorar a qualidade do desconhecido", o que está implícito no tema desta edição da mostra: unir o pensamento e o sentimento ("não a sentimentalidade").*

*Para o paulista Iran do Espírito Santo, também entre os artistas convidados de Storr para o evento, mesmo "com todos os problemas da instituição e com a crise das bienais, a Bienal de Veneza é certamente a que tem maior público e que provoca mais debate", isso possibilitado pela extensa duração da mostra, que vai até 21 de novembro. Iran exhibe em uma sala do Pavilhão Itália um desenho e uma pintura de grandes dimensões, feitas sobre as paredes, e quatro esculturas de granito, que "representam sucessivamente uma cerca de alambrado, um muro e vidros quebrados". "A relação do meu trabalho com a idéia da mostra creio ser bastante clara. Apesar de meu trabalho ter uma verve bastante racional, a origem dele sempre se dá de maneira intuitiva e sensível", afirma o artista. "Outra questão é a de que esta bienal é bastante 'visual', o que retoma, a meu ver, a razão de ser da arte."*

#### *Homenagem*

*"Com um punhado de exceções, todos os artistas incluídos estão vivos e ativos. Diferentes em origem e em pontos de vista temporais, são eles que conjugam o presente da arte um para o outro - e para nós", escreve Robert Storr em texto de apresentação. Mas o curador criou uma seção especial como homenagem a artistas que tiveram morte prematura e inesperada, embora tenham deixado uma obra viva na atualidade, e dentro desse sentido o brasileiro Leonilson (1957-1993) foi selecionado para ser representado ao lado do cubano-americano Felix Gonzalez-Torres, do alemão Martin Kippenberger e do francês Philippe Thomas. "A nossa escolha ficou com trabalhos que, de alguma forma, aludiam ao auto-retrato. O curador acabou por optar por quatro obras em que o texto e a figura estão evidentes", conta Ricardo Resende, que faz parte do Projeto Leonilson, com sede em São Paulo.*

*Ao mesmo tempo, na mesma 52.<sup>a</sup> Bienal de Veneza em que participam nomes de destaque do cenário mundial, como Louise Bourgeois, Daniel Buren, León Ferrari, Jenny Holzer, Ilya e Emilia Kabakov, Sol LeWitt (1928-2007), Bruce Nauman, Sigmar Polke e Gerhard Richter, ainda conta com os brasileiros Elaine Tedesco, Paula Trope e os meninos do Grupo do Morrinho, do Rio.*

Por enquanto, dois brasileiros na 12.<sup>a</sup> Documenta

Lista de Kassel ainda não foi anunciada, mas já se sabe que Ricardo Basbaum e Iole de Freitas estão nela

Para as artes visuais, 2007 é um ano privilegiado, quando as duas maiores e mais importantes mostras de arte do mundo ocorrem quase ao mesmo tempo. Além da 52.<sup>a</sup> Bienal Internacional de Veneza, a ser inaugurada para o público já no domingo, a 12.<sup>a</sup> Documenta de Kassel, na Alemanha, tem na próxima sexta-feira, dia 15, sua festa de abertura, e, no sábado, a inauguração para os visitantes em geral. A Documenta, iniciada em 1955, ocorre apenas a cada cinco anos, daí a feliz coincidência.

No ano passado foi anunciado que o brasileiro Ricardo Basbaum tinha sido convidado a participar desta edição da Documenta, cujo diretor artístico é alemão Roger M. Buergel. Além dele, também estará a escultora mineira Iole de Freitas, convidada em março. A lista oficial dos artistas será apenas revelada pouco antes da abertura da exposição - como nas edições de 1997 e 2002.

Também já foram anunciados como participantes o polonês Artur Zmijewski, a inglesa Imogen Stidworthy e, curiosamente, o famoso chef de cozinha espanhol Ferran Adriá.

A Documenta 12, que ficará em cartaz até 23 de setembro, tem três leitmotifs, ou questões complexas que norteiam a sua concepção curatorial: A modernidade é nossa antiguidade? ; O que é vida nua? ; e O que pode ser feito? Já em dezembro de 2005 Buerger explicou cada uma das perguntas - segundo ele, faz-se uma mostra para descobrir algo - em texto publicado no [site oficial da Documenta](#). 'Os artistas se educam para trabalhar forma e tema; o público se educa para experimentar coisas esteticamente. Como mediar o conteúdo particular ou formal das obras sem sacrificar sua particularidade é um dos grandes desafios de uma exposição como a Documenta. Hoje, a educação parece oferecer uma alternativa viável ao demônio (didatismo, academia) e o profundo mar azul (fetichismo da mercadoria)', sugere o curador. Como indica, essa pode ser uma mostra com inovações, entre elas, o projeto Documenta 12 Magazines, trabalho colaborativo entre publicações impressas e eletrônicas sobre arte contemporânea de todo o mundo, inclusive brasileiras.

A participação de Ricardo Basbaum, artista, mas também crítico e curador, foi anunciada há tempos porque seu trabalho é feito em colaboração com o público. Foi o primeiro projeto iniciado pela Documenta e todo ele foi desenvolvido usando como ferramenta a internet.

Objetos produzidos com funcionários de empresas alemãs circularam pelas casas de pessoas que se interessaram em participar da obra - uma relação intensa de público e privado. Os objetos/ferramentas foram colocados em pontos de Kassel e também enviados para São Paulo, Rio e Buenos Aires. As experiências foram documentadas pelos participantes e apresentadas no site [www.nbp.pro.br](http://www.nbp.pro.br), onde o material é acessível ao público em geral. Agora, na mostra, tudo será mostrado em uma instalação criada por Basbaum.

quarta-feira, 18 de julho de 2007, 17:14 | O Estado de São Paulo Online

## **Fotógrafo quer registrar nus no gelo contra o aquecimento**

**Spencer Tunick, famoso por reunir milhares de pessoas sem roupa, fará sessão em gelo suíço**



Reuters

Tunick espera reunir centenas de pessoas sem roupa alguma em uma calota de gelo na Suíça

MADRI - O fotógrafo nova-iorquino Spencer Tunick, famoso por imortalizar com sua lente milhares de pessoas nuas em diferentes cidade do planeta, agora quer chegar às geleiras suíças, onde retratará voluntários para um protesto contra o aquecimento global, informou nesta quarta-feira, 18, o jornal *El País*.

A sessão de fotos, claro, contará com "modelos" nus. A organização Greenpeace já iniciou as buscas pelas pessoas dispostas a tirar a roupa. A campanha pretende simbolizar a vulnerabilidade do gelo e a fragilidade do corpo humano.

Um porta-voz afirmou que o grupo está otimista e espera recrutar centenas de pessoas.

Segundo a reportagem do jornal espanhol, ainda não foi decidido o local exato de onde serão feitas as fotos. Contudo, a data é certa: 18 e 19 de agosto.

Em seu comunicado, o Greenpeace destaca que as fotografias com geleiras é um claro alerta às mudanças que o planeta está sofrendo e que, "caso o aquecimento continue no ritmo atual, antes de 2080 a maioria das calotas de gelo serão substituídos por campos de cascalho".

Spencer Tunick é famoso por exposições públicas de nu. Sua última sessão de fotos foi realizada na Cidade do México, em uma das maiores praças do planeta, que contou com a participação de 20 mil pessoas e teve custo de aproximadamente 85 mil euros.

O globo 11/05/2007 - 10h22 - Atualizado em 11/05/2007 - 11h03

### **Bulldog francês adota filhote de tigre-de-bengala órfão no Japão**

*A cadela cuida do tigre como se ele fosse seu filho.*

*Funcionários do zoológico dizem que eles passam o dia juntos.*



AMPLIAR 

Reuters

Este Bulldog francês ficou sensibilizado com a situação de um filhote de tigre-de-bengala que foi rejeitado pela mãe. Segundo os funcionários do zoológico de Shirotori, no sul do Japão, o cachorro está cuidando do tigre como se ele fosse seu filho (Foto: Yuriko Nakao/Reuters)



AMPLIAR 

Reuters

O solidário cão francês não apenas alimenta o tigre, mas também o limpa e brinca com ele durante todo o dia (Foto: Yuriko Nakao/Reuters)



AMPLIAR 

Reuters

'Mãe e filho' também comem juntos (Foto: Yuriko Nakao/Reuters)

13/05/2007 - 11h34 - Atualizado em 13/05/2007 - 11h35

### **Gata adota sete pintinhos órfãos na Jordânia**

*Galinha morreu faz um mês.*

*Pintinhos e filhotes da gata vivem em harmonia.*



AMPLIAR 

Reuters

Na hora de mamar, a mãe gata, chamada de Nimra, encontra canto para dar calor aos sete pintinhos, que ficaram órfãos há um mês, na Jordânia (Foto: Ali Jarekji/Reuters)

AMPLIAR 

Reuters

Homem segura a mãe-gata e um dos sete pintinhos (Foto: Ali Jarekji/Reuters)